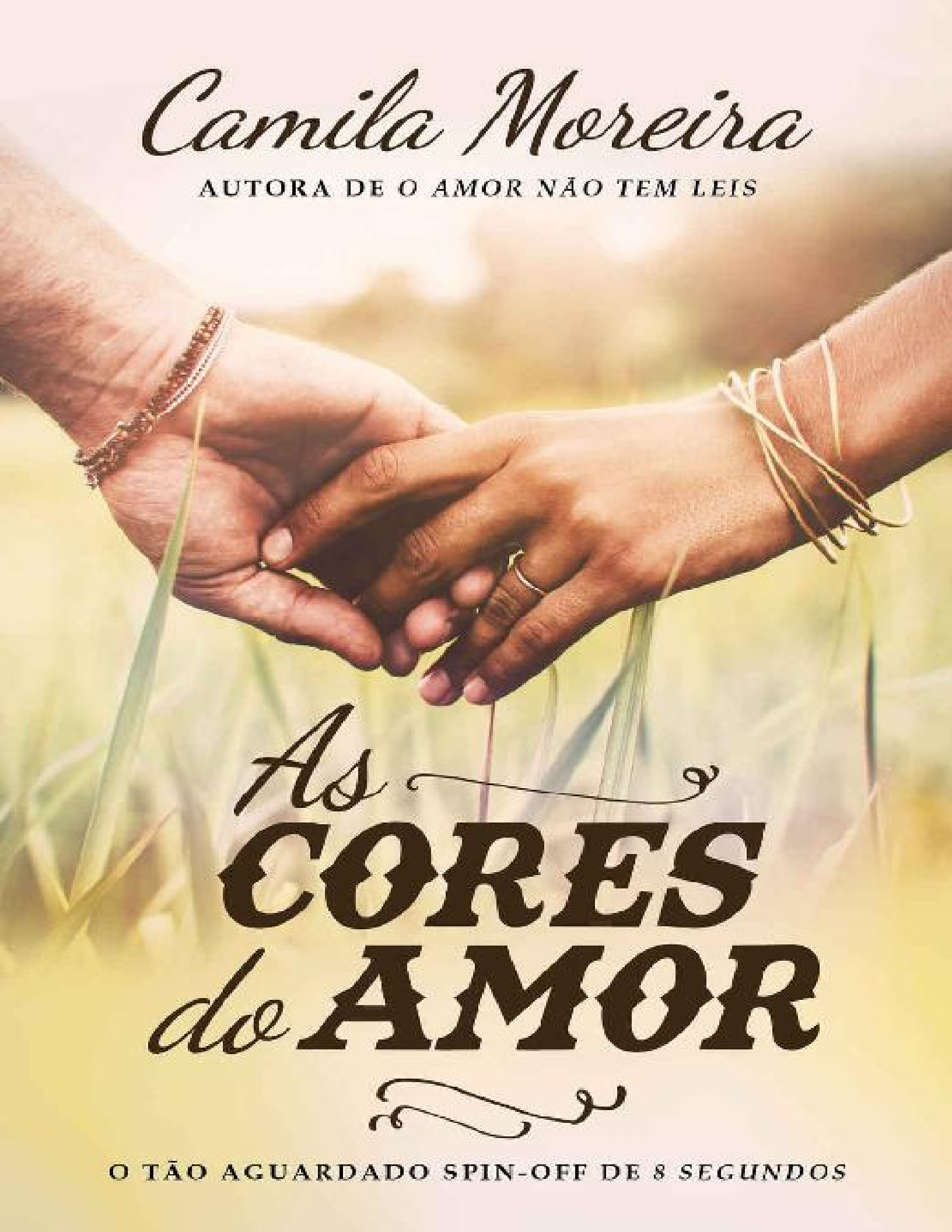


The background of the entire cover is a soft-focus photograph of two hands clasped together. The hands are positioned in the center, with fingers interlaced. The person on the left wears a thin, beaded bracelet, while the person on the right wears several thin, white string bracelets. They are holding hands in a field of tall, green grass. The background is a bright, hazy sky, suggesting a warm, sunny day. The overall mood is romantic and intimate.

Camila Moreira

AUTORA DE O AMOR NÃO TEM LEIS

As
CORES
do **AMOR**

O TÃO AGUARDADO SPIN-OFF DE 8 SEGUNDOS



Camila Moreira

As
CORES
do **AMOR**
~

2018

*Para Apollo.
Te amarei até depois
que meu coração parar de bater.*

Sumário

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.

Nelson Mandela

Prólogo

INFÂNCIA

“Papai! Papai!”

Meu pai quase nunca me buscava, por isso fiquei muito feliz quando o vi estacionando a caminhonete na porta da escola.

Assim que ele desceu do carro, corri para mostrar o desenho que tinha feito. Tivemos aula de artes, e a pintura que fiz foi escolhida a segunda mais bonita. Só a da Luiza ficou melhor que a minha, mas a tia disse que mesmo assim a minha estava muito boa.

Ele me esperava no portão. Usava um chapéu grande e uma camisa preta. Corri até ele e o abracei, agarrando suas pernas.

Meu pai não me olhou.

Ele não parecia muito feliz. Talvez, se eu mostrasse a minha pintura, ele sorrisse para mim.

“Olha meu desenho. A tia disse que é um dos mais lindos da sala.”

Ele pegou a folha da minha mão com tanta força que quase a rasgou.

“Só duas estrelinhas?”, perguntou, um pouco bravo. Não entendia por que ele estava com tanta raiva.

Abaixei a cabeça, envergonhado. Talvez assim ele não brigasse muito comigo.

“O da Luiza foi melhor que o meu”, respondi, explicando por que eu não tinha ganhado três estrelas.

Apontei para minha coleguinha e meu pai me puxou pelo braço. Doeu um pouco.

“Aquela pretinha ali?”, perguntou.

Papai fez uma careta, e eu sabia que era por causa da cor da Luiza; ele sempre fazia isso com as pessoas de cor diferente. Mas eu nunca entendia por quê.

Balancei a cabeça, só que ele não viu. Meu pai parecia tão bravo que escondi o desenho na mochila. Tive medo de apanhar de novo. No dia anterior ele havia me batido porque eu estava brincando no quintal do seu Joaquim. Ele disse que eu não podia ficar com as pessoas que não tinham a mesma cor que a minha, mas seu Joaquim era bonzinho e sempre me dava picolé. Eu gostava dele.

“Você deixou uma pretinha ganhar de você, Henrique? Você é muito fraco mesmo, nem parece meu filho.”

Queria chorar, mas também não podia, porque homem não chora. Nunca.

“Mas eu sou seu filho.”

Suas palavras me deixaram triste, então virei o rosto para que ele não me visse chorando.

Ele apertou meu braço novamente e me puxou para entrar na caminhonete.

“Ainda tenho minhas dúvidas. Vamos logo, já fiquei tempo demais nessa senzala.”

Pela janela, fiquei olhando Luiza se divertindo com as outras crianças na porta da escola. Eu nunca entendia por que só eu não podia brincar com elas.

Meu pai me proibia de fazer um monte de coisas, e eu sempre obedecia. E estava sempre tão bravo comigo que um dia perguntei a minha mãe por que ele não me amava. Mamãe respondeu que aquele era o jeito dele, mas que eu era seu único filho e ele me amava muito.

Olhei para o lado e vi o rosto dele. Fiquei com muito medo. Papai sempre tinha razão quando brigava comigo: não sou um bom garoto.

Acho que a mamãe mentiu para mim!

1

HENRIQUE

20 anos depois

— Quem é aquela dançando com a Pietra e a Mari? — perguntei ao Pedro, sem desviar os olhos da bela mulher na minha frente. Algo nela me atraía de uma forma singular. Passei a observá-la com atenção. Tinha um sorriso encantador. Dançava de forma sensual, totalmente livre, no meio de dezenas de pessoas que pareciam insignificantes à sua volta. Seus movimentos me deixaram louco para desvendá-la, para despi-la e, talvez, saciá-la. O vestido amarelo esvoaçante ia até os joelhos e contrastava com a cor da pele, como se fosse o sol iluminando a noite.

Pedro seguiu meu olhar e sorriu ao ver a Mariana. O babaca nem sequer me respondeu. E eu pensando que ele ficaria menos idiota depois do casamento. Ledo engano. Pedro era o exemplo de como um homem não se transforma por uma mulher. Apaixonado pela Mariana desde que a garota tinha treze anos, ele passou muito tempo tentando esconder esse amor, já que a menina era quase uma irmã para Lucas, mas não deu certo. No fim, os dois acabaram ficando juntos.

— Aquela é a Sílvia, colega de faculdade da Pietra. Você não viu no altar, cara? Ela era uma das madrinhas.

Enfim alguém com um pouco mais de sanidade resolvera me

responder. Se bem que o Lucas estava indo pelo mesmo caminho do amigo.

Neguei, porque não tinha reparado nas madrinhas da Pietra. Apesar de ter caído de paraquedas no altar, gostei de presenciar a aposentadoria de um dos maiores pegadores que já conheci: sobrariam mais mulheres para mim.

Olhei de novo para a pista e fui pego em flagrante. Ela também me encarava, mas desviou no momento em que nossos olhares se cruzaram. Parecia envergonhada.

A mulher era gostosa, eu tinha que admitir. Nunca havia me interessado por alguém como ela, mas não podia negar: a garota tinha me atraído. Alta, corpão, do jeito que eu gostava. Boca carnuda e seios que me fizeram passar a língua pelos lábios. Olhos expressivos, sorriso encantador. Tinha um *porém*: a garota era negra. Para mim não tinha problema algum, mas nem pensar em apresentar ao meu pai, ou o barraco estaria armado.

Desde criança nunca me misturava com *pessoas de cor*. Exigências do sr. Enzo Montolvani. E assim eu cresci: vivendo no mundo perfeito que fora criado para mim. Inconscientemente, acabei levando para a vida as regras do coronel. Mas a Sílvia havia chamado minha atenção, e eu seria muito otário se perdesse uma oportunidade como aquela.

Pedro se afastou e eu troquei algumas palavras com o Lucas. Conversamos sobre o futuro e sobre como ele estava animado com um projeto da Pietra. Até tentou me explicar o que a esposa vinha aprontando, mas minha cabeça estava em outro lugar. Em outra mulher, para ser mais específico.

No passado, eu e Lucas não íamos um com a cara do outro. Por ser um dos poucos veterinários da região, era muito conhecido. Além disso, sempre cultivou uma fama invejável

entre o sexo feminino. Acho que no fundo existia uma rixa para ver quem pegava mais mulheres na cidade, por isso nossos santos não batiam. Mas, assim que Pietra chegou por essas bandas, tudo mudou. No início nossa relação ficou ainda pior, por culpa do ciúme dele, porém, depois do acidente que quase o deixou paraplégico, começamos a nos dar bem.

Fiquei desesperado naquele dia.

Lucas montou em um touro na fazenda do meu pai, mas não conseguiu se segurar em cima do animal e acabou caindo. Ele não sentia as pernas; todo mundo estava muito aflito, inclusive eu. Tudo o que eu queria era ajudá-lo para que as consequências do acidente não fossem ainda piores.

Fiz um curso de primeiros socorros assim que instalei a arena de treinos na fazenda, há alguns anos, por isso fui o primeiro a socorrê-lo. Desde então, temos mantido uma relação saudável, posso até dizer que hoje somos amigos. Lucas e Pietra passaram a fazer parte da minha vida.

Ainda pensava em tudo o que havia acontecido nos últimos anos quando Pietra chamou Lucas. Ele se despediu com um tapinha nas minhas costas e partiu na direção da esposa. Não desviaram o olhar enquanto se aproximavam. E, quando enfim se encontraram, sorriram um para o outro. Em seguida, ela segurou no pescoço dele e o beijou. O gesto dos dois foi interrompido por um fotógrafo, e, ao se afastar, Pietra piscou para mim com cumplicidade, agradecendo minha ajuda para laçar o Lucas.

A lembrança me fez sorrir.

Pouco tempo depois que chegou à cidade, Pietra pôs na cabeça que queria o Lucas. Eu achava que ela merecia coisa melhor, como eu, por exemplo, mas ela se mostrou

determinada. Foi quando descobri que a patricinha tinha uma personalidade forte e decidida. Pietra me chamou para fazer parte do plano “segura peão”, uma estratégia para amarrar o Lucas. Fingi ser seu namorado por um tempo. Acho que deu certo — ou não, depende do ponto de vista, já que eu não era o cara mais indicado para falar de relacionamentos.

Casamento! Uma palavra que com certeza estava riscada do meu vocabulário. Não me via no lugar do Lucas ou do Pedro. Na verdade, eu nem sabia se um dia seria capaz de formar uma família. Não levava jeito para isso, mas também não me considerava um cafajeste sem escrúpulos, ou um galinha, como muitas mulheres me chamavam.

Minhas relações amorosas eram superficiais porque as mulheres com quem costumava me envolver eram assim. Engana-se quem pensa que mulher também não vê o homem como objeto. Várias vezes me senti não muito mais que um pedaço de carne usado para satisfazer os desejos femininos. Mas não me importava muito, cada um tem que aproveitar as qualidades que possui. E eu não tinha do que reclamar.

O problema era quando elas queriam mais. Quando alguma delas, depois de saber onde tinha se metido, resolvia que estava apaixonada. Bem, aí já era tarde demais. Estava acostumado a apenas foder, e não desejava de forma nenhuma ser o fodido da história. Porque relacionamentos não significavam nada para mim. Durante anos eu testemunhara a bosta que era o casamento doentio dos meus pais.

Um movimento na pista de dança chamou a minha atenção. Quando vi a garota que eu queria se afastando das meninas, disfarçadamente segui seus passos.

Admirei a beleza do lugar, nem parecia que era no meio do

mato. Estávamos na fazenda Girassol comemorando o “enforcamento” do Lucas. O cara se deixara laçar pela menina da cidade grande, e isso me rendia um sermão por dia, todos vindos do meu pai, que repetia como Lucas tinha sido esperto em ficar com a Pietra. Como faria um bom casamento. Que eu deveria ter ficado com a Pietra. Que ela faria de mim o homem mais rico da região. E *blá-blá-blá...*

Pietra é a única herdeira de Roberto Braga. Além disso, a Girassol é uma das fazendas mais extensas que conheço, perde apenas para a do meu pai. Acontece que ele não entende que eu e Pietra nunca tivemos nada, a não ser o pequeno romance de mentira, que funcionou muito bem para ela. Lucas pensou que perderia a garota e acabou aceitando o que todos já sabiam: que o peão e a patricinha ficariam juntos.

Todos, menos meu pai.

Quando Pietra chegou, ele achou que ela seria a grande oportunidade para aumentar seu império. Não bastava ser o maior fazendeiro da região — meu pai queria sempre mais. Como sou seu único filho, sempre acabo fazendo suas vontades. Mas não daquela vez. Pietra era do Lucas e eu não compraria uma briga só para satisfazer o velho. Resultado: mais uma vez ele tinha se decepcionado comigo, e não perdia a oportunidade de esfregar esse fracasso na minha cara.

Enquanto divagava sobre as paranoias do meu pai, uma voz chamou minha atenção.

— Procurando alguém?

Nem precisei me virar, já sabia quem era. Não sei como, mas sabia. Era como se já a conhecesse. A voz delicada me causou arrepios, daqueles que em geral antecedem uma deliciosa foda. A garota fez a pergunta de forma maliciosa, porque sabia

exatamente quem eu estava procurando. Ela me parecia familiar, o que era impossível — eu jamais esqueceria uma mulher tão linda.

— Não sei... Me diz você — respondi à pergunta com uma pitada de sarcasmo.

Virei e prendi a respiração. Ela mordia o lábio inferior e me encarava como se eu fosse a última coca-cola do deserto. Passou as mãos pelos cabelos, e eu observei seus movimentos. Os cabelos eram curtos, pretos e cacheados. O sorriso era largo, com os dentes brancos contrastando com a pele escura. O corpo era escultural, cheio de curvas, e tive vontade de desvendar cada uma delas, como se fossem o verdadeiro caminho da perdição.

Da minha perdição!

— Prazer, Sílvia, mas pode me chamar de Sil...

A garota estendeu a mão e me cumprimentou. Na certa tomou a iniciativa porque eu estava parado como um palerma na sua frente.

— Muito prazer... — disse a última palavra bem devagar, pois queria que ela soubesse que era mesmo um prazer conhecê-la.
— Meu nome é Henrique.

Ela me olhou de cima a baixo, analisando, e fiz o mesmo. Era uma jogadora, assim como eu. Gosto de garotas com personalidade e que sabem o que querem. E Sílvia me queria.
Isso era fato!

— Então, Henrique. Que tal cortar o papo furado e ir ao que interessa? Por que veio atrás de mim? — perguntou, com ar de superioridade.

Ops! Por essa eu não esperava.

Certo, a situação me agradava, mas confesso que a atitude dela me fez retroceder um pouco. Não estava acostumado a ser

confrontado, muito menos por uma mulher. As rédeas sempre ficavam nas minhas mãos, era eu quem geralmente controlava a situação. Resolvi abrir mão disso, pelo menos naquela noite. Queria ver até onde a audácia dela iria.

— Você é muito observadora. — Sorri. — Como descobriu que estou atrás de você?

Resolvi jogar limpo. A tensão entre nós era palpável, a energia que nos envolvia era capaz de iluminar a festa. Eu precisava sentir seus lábios colados aos meus. Acho que nunca ansiara tanto por um beijo como naquele momento.

Diminuí a distância entre nós e achei que aquela mulher, com uma personalidade tão peculiar, iria se afastar de mim. Mas estava errado: ela se manteve imóvel. E mais uma vez eu gostei. Primeiro porque eu não precisaria me esforçar muito. Segundo, como era óbvio que Sílvia estava receptiva, a noite terminaria bem. De preferência comigo enterrado no meio das pernas dela.

— Porque estou te observando desde que você subiu no altar.

Depois de responder, deu dois passos na minha direção, eliminando toda a distância entre nós.

Sua declaração foi uma surpresa, e eu fiquei pensando onde estava com a cabeça que não a vira no altar. Mas isso não importava, porque Sílvia me encarava com desejo. Eu reconhecia muito bem o que ela queria, ansiávamos pela mesma coisa: sexo.

— Quero te beijar — confessei de cara, já cansado daquela brincadeira.

— E por que eu beijaria um estranho? — questionou, ainda mais atrevida.

Enlacei sua cintura com uma das mãos, levei a outra em

direção à nuca e trouxe seu corpo tentador para junto do meu. Os olhos de Sílvia se arregalaram e um brilho diferente surgiu em seu olhar, como se labaredas enfeitassem as pupilas. Desejei que todo o corpo fosse tão quente quanto o que os olhos transpareciam.

— Porque não existe maneira melhor de me conhecer.

Foi a última frase que pronunciei antes de me entregar a um dos melhores beijos da minha vida.

2

HENRIQUE

— Não quero saber das suas desculpas, Henrique! Está na hora de você assumir o que te pertence. Você precisa crescer e entender que nossa família lutou por cada pedaço de terra que temos hoje.

Muito irritado, meu pai usava todos os argumentos que tinha para me convencer. As veias saltavam na testa, em meio às rugas que a idade lhe trouxera, revelando toda a raiva que sentia de mim. Sempre achei que me odiasse, mas me aturava por eu ser seu único filho.

— Chega! — gritei. Não aguentaria ouvir mais uma vez o quanto minha família havia lutado para conquistar o que tínhamos hoje. — Não adianta contar toda essa história de novo. Eu sei de cor e salteado o quanto seu avô lutou pra conseguir suas terras quando chegou da Itália e o que meu avô passou pra manter tudo isso, mas essa vida não é pra mim.

Tentava mais uma vez convencer meu pai de que ser fazendeiro e cuidar das terras da família não era a minha praia. Eu olhava para todos aqueles papéis em cima da mesa, no escritório da fazenda, e me sentia deslocado. Aquelas paredes, aquelas pastas, aquele lugar, tudo me sufocava. O velho não entendia que me obrigar a administrar sua fortuna era o mesmo que me matar aos poucos.

— E vai fazer o quê? Viver às minhas custas o resto da vida?

— disse, com a arrogância de sempre.

Toda vez que brigávamos era a mesma coisa. Meu pai jogava na minha cara que eu era um sanguessuga, o que me deixava ainda mais irritado. Eu sabia que não era verdade, mas ele fazia questão de deturpar minhas escolhas e jogá-las contra mim.

— Isso não é verdade, e você sabe disso. O senhor que me obrigou a voltar, pai. Eu sempre detestei isto aqui. Sempre odiei esta fazenda. E depois que minha mãe...

Engoli em seco, sem querer falar dela.

Estávamos em pé, na sala. À nossa volta, os móveis rústicos de madeira entalhada deixavam o ambiente pesado, pelo menos para mim, já que traziam lembranças da minha infância e adolescência. Meu pai ostentava com orgulho cada cadeira que enfeitava o lugar, o que aumentava ainda mais o meu ódio por aquela fazenda, porque ele dava mais valor a ela do que a qualquer coisa na vida.

O único local que me trazia boas recordações era o jardim, lugar em que minha mãe passava a maior parte do dia. E onde ouvia suas histórias sem que meu pai soubesse. Ele ficaria louco se descobrisse que ela “enfiava caraminholas na minha cabeça”, como dizia.

Afastei a lembrança da minha mãe e voltei à realidade.

Meu pai ainda me encarava. Não nos movemos enquanto discutíamos. Ambos com a postura firme, de quem não cederia. Ele era um cabeça-dura, mas eu conseguia ser ainda mais teimoso. Acho que esse era o motivo de nossas brigas constantes. Meu pai sempre dizia que eu era um projeto que deu errado. Isso não me magoava, não mais. Quando eu era criança, sim. Sofria muito. Nada que eu fizesse era bom o bastante. Se tirava um nove, ele queria um dez. Se tirava um

dez, ele desdenhava da minha capacidade. Implicava com tudo que eu aprendia, me ridicularizava e me humilhava sem parar. Enzo dizia que assim eu aprenderia a ser um homem de verdade.

Na adolescência, eu me sentia rejeitado. Ele nunca estava em casa e, quando chegava, o único assunto que tinha comigo era sobre o herdeiro da fazenda vizinha, que conseguia cuidar do gado ou dirigir as máquinas da lavoura, enquanto eu jogava futebol e estudava para um vestibular que nunca cheguei a prestar, porque ele não deixou. Ele nunca admitiria um filho engenheiro. Eu tinha três opções: veterinária, agronomia ou administração. Nenhuma me agradava, pois eu sabia que me levariam a uma vida que não queria. Era um caminho sem volta, mas na época não tive escolha — eu nunca tive. Então, cursei administração com Rodrigo, meu melhor amigo, que também fez para agradar ao pai. Éramos dois fodidos, sem controle sobre nossas vidas. Mas havia me acostumado com aquela situação, já que meu pai me submetia a suas vontades desde que eu me entendia por gente. Nada era feito sem sua aprovação: o que eu lia, os brinquedos que tinha, os programas de TV a que assistia, os amigos que fazia, os lugares que visitava. Tudo tinha que passar pelo rígido controle do coronel.

Na faculdade, eu me rebelei. Estava fazendo algo contra minha vontade e levei os quatro anos de curso nas coxas. Rodrigo se empenhou mais, se adaptou e até passou a gostar do curso, embora sua grande paixão fosse o rodeio. Ele sonhava em rodar o país em cima de um touro. Enquanto Rodrigo fazia os trabalhos por nós dois, eu farreava. Bebia e transava como se não houvesse amanhã. Peguei tanta mulher que nem conseguia mais me lembrar do rosto de todas. Nomes, então, fora de

cogitação. Era só dar mole que eu comia mesmo. *Era o que eu queria, era o que elas queriam*, então tudo funcionava bem.

Levei essa vidinha medíocre durante os quatro anos de faculdade, mas tudo ficou pior com a morte da minha mãe. Aconteceu no ano em que me formei. Apesar de ser submissa por completo ao velho, ela se arriscava para me defender. Eu sentia nas suas pequenas demonstrações de carinho o quanto me amava. Ela era linda com os cabelos grisalhos, uma beleza natural. Os olhos brilhavam sempre que sorria. Infelizmente, era sempre anulada pelo meu pai. Não tinha vida, vivia para ele, para atender aos caprichos e aos desejos do marido. Existia para servir o velho. Enquanto viveu, foi quase uma empregada. Ele a exibia como um troféu. Ele a mantinha sob seu poder.

Lembro que sempre íamos à missa aos domingos. Nossos lugares na pequena capela da cidade nunca estavam ocupados, mesmo quando ela estava cheia. Meu pai dava grandes contribuições para as obras da igreja e todos olhavam nossa família como se fôssemos um exemplo. Minha mãe, sempre impecável, sorria para todos, simulando uma felicidade que não sentia. Eu sempre estava vestido como o pequeno herdeiro que era, ao lado do meu pai, que afirmava a autoridade perante toda a comunidade.

Minha mãe morreu dormindo, um ataque cardíaco fulminante. Acho que seu coração não suportou tanta tristeza. Ela dizia que, no início, amava meu pai. Era apaixonada pela perseverança e pela paixão que trazia nos olhos. Mas, aos poucos, ele passou a ignorar a mulher que tinha, e minha mãe foi murchando, como uma flor que não é regada. Ela entregou seu amor ao velho e acabou com o coração partido. Assim, aprendi a não acreditar nesse sentimento, a não entregar minha

felicidade nas mãos de outra pessoa, não depender de alguém para sorrir.

Sofri muito com sua partida e me senti ainda mais perdido e sem rumo.

Meu pai seguiu impassível, como se não tivesse acabado de perder a esposa, a mãe do seu único filho e aquela que o serviu em silêncio até o último segundo da sua vida. E isso me deixava com ainda mais ódio dele. O desgraçado nem sequer parou de trabalhar no dia do velório. Fez transações e negociações assim que chegamos do enterro. Tive vontade de explodir e quebrar a cara dele, mas lembrei que acima de tudo era meu pai e, mesmo que não merecesse, eu teria que respeitá-lo. Fora criado para isso.

Eu estava no meu limite. Suas insinuações me deixavam louco.

— Não vivo às suas custas. Sobrevivo com a herança que minha mãe me deixou e tenho um trabalho.

Minha tentativa de esclarecer foi em vão. A cara de desprezo do meu pai quando falei do meu trabalho era exatamente o que eu não queria ver, por isso me mantinha longe. Apesar de tudo, ainda tinha esperança de que ele me aceitasse, mas ela se esvaía a cada briga.

Terminei a faculdade e voltei para casa, mas não consegui viver muito tempo sob o mesmo teto que o meu pai. Então me mudei para a antiga casa dos meus avós maternos. Se já era ruim demais viver na mesma cidade, morar sob o mesmo teto tinha sido um inferno. Minha mudança gerou ainda mais problemas: o filho do barão da soja vivendo em um casebre, quando tinha uma mansão a seu dispor.

Tentei desviar do meu pai para chegar até a porta, mas ele se

meteu na minha frente. Ficou parado, olhando com altivez, prepotência, tentando me fazer recuar, como fazia quando eu era criança, quando conseguia tudo de mim apenas com um olhar... *Menos o meu sorriso.*

— Quer dizer que lavar carros agora é emprego? Faça-me o favor, Henrique. Você não é mais um moleque pra esse tipo de brincadeiras.

Ele sorriu com sarcasmo ao falar do meu trabalho, confirmando o que eu já desconfiava. O coronel havia descoberto sobre o meu emprego. Seu comentário não me atingia; diminuir tudo o que eu fazia e as pessoas com quem me relacionava era sua especialidade. Ele queria escolher até os meus amigos, que deveriam ser os filhos exemplares dos seus aliados, os fazendeiros ricos e coronéis das cidades vizinhas. Afastava todos que não se encaixavam em seu mundo perfeito.

Desviei do meu pai, caminhei até a porta e a abri, pronto para ir embora. Minha caminhonete estava estacionada em frente à casa. Ouvi os passos acelerados, as botas batendo no chão e a respiração pesada atrás de mim. Parecia um touro pronto para destruir tudo o que estivesse na frente, mas a verdade era que eu já estava destruído. Não havia mais nada para ser quebrado. Meu pai me deixara em pedaços havia muito tempo. Cada gesto negativo que recebi... cada humilhação que ouvi... cada tapa que ardeu no meu rosto... cada lágrima que queimou nos meus olhos construíram o Henrique que sou hoje. Totalmente fodido e sem perspectiva de nada. Vejo as pessoas planejando o futuro, realizando sonhos, enquanto tudo o que desejo é viver mais um dia sem ter que dar satisfação a ninguém.

Meu pai segurou meu braço e me fez parar. Olhei nos seus olhos e desejei que percebesse o que fazia comigo, que

entendesse o quanto essas discussões me tiravam do sério.

Desde criança eu sempre tentara agradá-lo, ainda que fosse impossível satisfazê-lo por completo. Fazia de tudo para chamar a sua atenção, para receber um elogio, algo quase impossível de acontecer. Com o tempo, a raiva passou a me dominar e comecei a ignorá-lo, já que bater de frente com o velho era impossível. Nos últimos anos, vinha tentando deixar a mágoa de lado e fazê-lo entender que tudo o que temos é um ao outro. Mas não conseguia, toda tentativa de aproximação terminava em briga.

Fiz questão de levar meu pai ao casamento do Lucas, não queria que ele se sentisse excluído. Eu era a única família que ele tinha, e isso não iria mudar. *Mas, porra*, era assim que ele me agradecia?! Com mais cobranças, mais insultos e mais chantagens?! Estava cansado dessa merda! Tinha ido à fazenda só para dar uma carona pra ele e, como sempre, acabamos discutindo.

— Eu não lavo carros, eu conserto, se o senhor não sabe a diferença. E faço isso muito bem. Por que você não consegue me escutar? Por que não me deixa fazer o que gosto? Para de se meter na minha vida!

Apesar de todos me verem como um filhinho de papai, eu não era. Nem de longe. Pelo menos não mais. Na época da faculdade, sim, aproveitei bastante o dinheiro dele. Cansei de dar festas regadas a muita bebida e sexo no meu apartamento. Experimentei várias drogas e fiz muita besteira. Sorte que Rodrigo me ajudou a sair dessa vida antes que eu enlouquecesse por completo. Sempre serei grato a ele por isso. Revoltado como estava, com certeza acabaria em uma vala qualquer, com um tiro no meio da testa.

Quando terminei a faculdade e me recusei a administrar a fazenda, meu pai cortou minha mesada. Então passei a usar o dinheiro que minha mãe me deixara. Foi aí que consegui um bico para trabalhar com minha paixão: carros. Adorava tudo que se relacionava a motores e passei a ajudar na única oficina da cidade. Poucas pessoas sabiam disso, talvez só Carlito, o proprietário da oficina, Rodrigo e mais uns dois amigos. O salário era péssimo, não dava para nada, mas no interior eu não precisava de muito, conseguia me virar.

No fundo, odiava tudo: as discussões com meu pai, aquela cidade e, sobretudo, a vida que levava. Só não ia embora porque o maldito me chantageava com sua doença.

Fazia dois anos que meu pai vinha tratando um câncer no pâncreas, e eu permaneci ao seu lado. Mas, nos últimos meses, o tumor que achávamos ter desaparecido voltou. A quimioterapia não fazia mais o efeito de antes, e a expectativa de vida dele havia caído de forma drástica. Não sabíamos mais quanto tempo ele viveria, e era esse o motivo de suas implicâncias terem aumentado muito ultimamente. E era também a única razão para eu não ter jogado tudo pelos ares e ido embora.

— Eu vou morrer! E o que vai ser disso tudo? — Ele abriu os braços no ar, apontando as terras à nossa volta. — Você é meu único filho, Henrique. Você tem que assumir o que é seu.

Suspirei alto. Apesar de não querer mais olhar para a cara do coronel ditador, não podia abandoná-lo quando ele mais precisava de mim. Meu pai havia tentado de tudo, mas descobriu que nem toda a fortuna que tinha era capaz de trazer sua saúde de volta. Éramos só nós dois. Então, mais uma vez, eu cedi.

— Vou pensar, o.k.?! Não prometo nada — disse, sem convicção.

Enquanto eu entrava na caminhonete, vi o sorriso de vitória em seu rosto.

No caminho de volta para a cidade, pensei na minha vida. Eu representava bem o papel de playboy perdido na cidadezinha do interior, embora, no fundo, ninguém soubesse o que eu passava todos os dias. Por fora, eu era a imagem do homem perfeito: bonito, rico, desejado e conquistador. Mas por dentro eu não era nada, não tinha sonhos ou objetivos.

Antes de ir para casa, passei no Taurus. Estava vazio. Raquel tinha ido ao casamento, então provavelmente precisou abrir o bar um pouco mais tarde. O lugar era legal, um dos únicos que valia a pena frequentar naquele fim de mundo.

Quando cheguei, cumprimentei algumas pessoas, mas não dei muita conversa para ninguém. Sentei no bar e Raquel veio me servir.

— Uma cerveja pro padrinho? — perguntou, sorridente.

Eu ainda estava com a roupa do casamento, mas sem o paletó e a gravata.

— Sim, por favor. Achei que não abriria hoje.

O salão estava sendo tomado por casais. Como sempre, o sertanejo predominava no ambiente. Era gostoso de ouvir, mas de vez em quando eu sentia falta do rock da época da faculdade.

— Por que não? — Deu de ombros. — Não é porque o Ranger está casando que eu tenho que parar minha vida — disse, com naturalidade, mas pude sentir uma pitada de tristeza em sua voz.

Ela me entregou uma garrafa de cerveja e, com um guardanapo, secou as gotas que caíram e molharam o balcão.

Encarei-a, era evidente que não estava tão feliz como de costume. Não costumava me intrometer muito na vida dos outros, por isso fiquei surpreso com a vontade que senti de consolá-la.

— Como você tá? — perguntei. Sabia que ela e Lucas haviam mantido uma relação por anos, apesar de nenhum dos dois assumir nada. Acho que era algo como foda marcada... Sexo sem compromisso... Amizade colorida...

— Vou sobreviver — respondeu, abrindo um sorriso. — Nem se eu quisesse conseguiria competir com a patricinha. Eles foram feitos um pro outro.

Apesar de querer parecer forte, era fácil notar que estava triste. Mas eu concordava com a Raquel. Se acreditasse nessa baboseira de almas gêmeas, diria que Lucas tinha encontrado a sua. De um jeito inusitado, Pietra o completava.

— E você, como andam as coisas? Muita pegação?

Raquel não tinha papas na língua e sempre falava o que dava na telha, mesmo quando o assunto era sexo. Por isso era fácil trocar ideias com ela. Nas poucas vezes em que conversamos, o papo fluíu como se eu estivesse falando com um dos meus amigos.

— O de sempre. Elas não resistem a mim. Não tenho culpa — brinquei.

Raquel sorriu. Apoiei os cotovelos no balcão e observei enquanto atendia alguns clientes. Era muito bonita. Do tipo mulherão, sabe?! Cabelos cacheados, pele morena, corpo torneado, alta e muito sensual. O fato de gerenciar um bar a deixava ainda mais sexy. Quase todos os homens da cidade tiveram uma queda por Raquel quando ela chegou, mas, depois de um tempo, perceberam que ela não era mulher para a

maioria deles.

Observando a morena, minha mente foi inundada pela lembrança do beijo que dei na madrinha da Pietra.

Sílvia... Era esse o seu nome.

Depois do beijo delicioso, fomos chamados para tirar fotos com os noivos. Acabei perdendo-a de vista e fui embora sem me despedir. Melhor assim, a situação com meu pai já estava insustentável e, se aparecesse com a Sílvia, ficaria ainda pior.

Terminei a cerveja e decidi não beber mais. Paguei a conta e me despedi da Raquel com um aceno. O bar começava a encher e eu não estava em um bom dia para socializar.

Precisava decidir que rumo dar à minha vida. Faria a vontade do velho e me anularia, assim como minha mãe fizera? Ou deixaria tudo para trás, carregando para sempre a culpa que ele insistia em jogar em cima de mim?

Estava confuso. E tinha medo de não ser capaz de escrever minha própria história.

— Quem foi que contou pra ele, Carlito?

Eu estava tentando arrancar a verdade do dono da oficina. Ele era um homem de uns cinquenta anos, cabelos brancos, que sempre mantinha uma expressão bem séria.

Assim que cheguei à cidade, ajudei a consertar minha própria caminhonete, já que Carlito estava sem funcionários. Uma semana mais tarde, depois de uma briga com meu pai, corri para a oficina e perguntei se tinha algo em que eu pudesse descarregar minha raiva. Nesse dia, pus um Fusca antigo para rodar. Fiquei orgulhoso de mim, mesmo que não pudesse contar a ninguém. Nas semanas seguintes, trabalhei em um Chevette, depois em uma Saveiro. Assim passei vários dias dos últimos anos, escondido no barracão atrás da oficina.

Carlito cuspiu no chão e secou as mãos em um pano encardido que tirou do bolso.

— Não sei quem contou, mas eu não podia negar. — Ele se desculpava com o olhar. — Porra, cara, é o coronel! — concluiu, como se aquilo explicasse tudo.

E talvez explicasse mesmo, porque meu pai era tratado como coronel e estava acostumado a saber de tudo o que lhe interessava.

— Ele te aperreou muito? — perguntou, preocupado.

— O mesmo de sempre.

Eu me deitei no carrinho e forcei os pés para ir até debaixo de uma caminhonete D-20. Enquanto trabalhava nela, escutava a voz do Carlito.

— E você vai parar?

— Não. Não vou dar esse gostinho a ele.

A oficina estava silenciosa e só se ouvia o cacarejo de algumas galinhas. Sons do interior, estava acostumado com eles.

Apertei algumas porcas, colocando as peças de volta no carro, e deslizei para fora. Carlito ainda me encarava, e eu sabia o que temia: perder seu melhor ajudante. Mais ainda: o único.

— Se eu fizer isso, vou entregar as rédeas pra ele. Meu pai sabe que não teria outra opção a não ser assumir a fazenda. Ele quer me encurralar, me deixar sem emprego pra me forçar a fazer o que ele quer — expliquei, mas Carlito coçou a cabeça como quem não estava entendendo nem um pouco.

— Não vejo como isso pode ser ruim. Você é um dos caras mais ricos que tem na cidade. Aliás, até hoje me pergunto o que tá fazendo aqui se sujando de graxa pra ganhar míseros trocados — desabafou.

Seu comentário não me espantava.

— Você realmente não entenderia.

Aos olhos de muitos, assumir um império seria maravilhoso. Mas não para mim. Tudo o que meu pai possui custou muito caro. Minha infância, minha adolescência, minha liberdade. A beleza, a juventude e, por fim, a vida da minha mãe. Não estava disposto a dar mais nada a ele.

Como se pressentisse que estava falando naquele assunto, o celular tocou e, para meu azar, o nome do coronel piscou na tela do aparelho. Levantei para atender a ligação.

— Fala, pai — cumprimentei, sem conseguir esconder a raiva que sentia por saber que ele bisbilhotava minha vida.

— *Fala, pai?* Cadê seus modos? A educação que sua mãe te deu? Isso é jeito de falar comigo, seu moleque insolente?

Sério? Hoje ele tinha começado cedo, não era nem meio-dia.

Eu me afastei para que Carlito não ouvisse mais do que deveria. Respirei fundo algumas vezes para não mandar meu pai à merda e, depois de longos segundos tentando me acalmar, respondi.

— Desculpa. Posso ajudá-lo?

Encostei a testa na parede, abri e fechei os dedos da mão várias vezes, na tentativa de manter o controle. Já esperava pela próxima ordem, porque ele nunca fazia um pedido. Só sabia mandar.

— Bem melhor — respondeu, satisfeito. — Preciso ir a um leilão. Esteja pronto em vinte minutos. Não estou em condições de dirigir.

— O senhor tá brincando, né?

Que porra é essa? Dessa vez, a ordem veio com hora marcada.

— Não, não estou. Vinte minutos, Henrique.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, o telefone ficou

mudo. Olhei incrédulo para o visor do celular, que piscava “chamada finalizada”, e fiquei ainda mais puto.

Andei de um lado para o outro dentro da oficina, pensando se iria ou não levá-lo. Estava estressado demais com aquela situação e não via como me livrar dela.

Peguei as chaves sobre o balcão e me despedi do Carlito. Entrei na caminhonete e soquei o volante com toda a raiva. Estava perdendo as forças para lutar, e tudo indicava que me daria por vencido naquela batalha.

Precisava de algo que mudasse a minha vida por completo.

3

SÍLVIA

— E aí, você vai ou não trabalhar comigo?

Mais uma vez a Pietra me colocava contra a parede.

Eu a conheci na faculdade e nos aproximamos depois de um trabalho que fizemos juntas no primeiro ano. Pietra decidiu casar com Lucas no último semestre do curso. Achei uma loucura, porque era o período mais puxado: trabalhos, provas, estágios. Mas isso não a impediu. Na verdade, nada a impediria de ficar perto do seu peão. Lucas era perfeito para Pietra, e vice-versa. Uma história de amor que tinha tudo para dar errado, mas que se tornou um exemplo de vida, não só pelo amor que os unia, mas pela transformação que esse sentimento causou em ambos. Um sentimento capaz de transformar o presente, esquecer o passado e construir o futuro.

Depois de pedi-lo em casamento — sim, foi ela quem fez o pedido, em uma arena de rodeio, cena mais doida impossível —, Pietra me convidou para ser sua madrinha. Aceitei na hora e fiquei muito feliz por saber que nossa amizade havia crescido tão lindamente a ponto de ela me querer ao seu lado no altar, para compartilhar aquele dia tão especial.

Depois desse laço, que nos uniu mais ainda, minha amiga decidiu que faria de tudo para me ver envolvida em seu projeto.

— Já disse que vou pensar, amiga. Tenha paciência, a gente nem colou grau ainda.

Não queria magoá-la ou fazer uma desfeita diante de um convite tão incrível, porém não me sentia segura para fazer parte de um projeto tão grandioso quanto o Centro de Reabilitação Girassol. A ideia em si já me emocionava: revelava toda a generosidade de uma mulher que pensei que fosse fútil e mimada, mas cuja história de vida fascinante havia lhe trazido caráter, dignidade e humildade, como descobri depois.

O projeto da Pietra era construir um haras de reabilitação para crianças e adolescentes com síndrome de Down. Ela ficara impressionada com um dos nossos estágios, que consistia na aplicação de exercícios fisioterápicos usando animais. Desde então, não tirou isso da cabeça. Quando Pietra me contou sobre sua ideia, achei uma loucura, porque era de uma grandiosidade sem tamanho, e ainda nem havíamos terminado a faculdade. Mas então ela recebeu de presente de casamento do pai todo o apoio para tirar o sonho do papel. Pietra irradiava felicidade, e eu me sentia muito bem em vê-la assim. Quando a conheci, era fechada, distante e fria. Foi difícil me aproximar, só que algo me dizia que o esforço valeria a pena. E valeu. Ganhei uma grande amiga, quase uma irmã.

Enquanto pensava na primeira vez em que puxei conversa com a patricinha, ouvi Pietra soltar um palavrão por causa da minha resposta evasiva. Lucas gargalhou antes de me dar um aviso.

— Acredite, Sil, ela ainda vai te convencer. — Ele piscou, e eu também sorri. — Mais cedo ou mais tarde a Pietra sempre consegue o que quer.

Lucas a olhou de forma carinhosa. Era quase palpável o sentimento que os unia. Presenciar tanto amor me deixava encantada — logo a mim, que tinha desistido de acreditar nesse

sentimento.

Deixei a mala no chão e andei em direção à minha amiga. Troquei um longo abraço com ela. Mesmo contra minha vontade, era hora de me despedir. Aproveitei ao máximo a estadia de uma semana na Girassol. Gostei muito da fazenda e de todos, fui recebida tão bem que sentia um leve aperto no coração em ter que voltar para a cidade, onde a correria do dia a dia não nos deixa aproveitar os pequenos prazeres da vida. No fim, acho que Lucas estava certo: Pietra acabaria me convencendo, e eu não acharia ruim me mudar para a fazenda. Talvez tivesse sido feita para a vida no campo.

Pietra já tinha transferido a matrícula para uma faculdade mais perto de lá, mas eu precisava voltar para as provas finais. De repente, uma sensação de vazio tomou conta de mim. Depois de quase cinco anos de amizade, eu sentiria falta daquela patricinha, que já fazia parte da minha vida. Pietra demonstrava mais do que eu, já tinha chorado duas vezes antes da nossa despedida. No entanto, o fato de eu não derramar lágrimas não significava que não sentia a nossa separação tanto quanto ela, que se tornara muito mais que uma amiga para mim.

Mas eu tinha que voltar para casa. Não podia me dar o luxo de ir mal nas provas, minha bolsa não permitia isso.

Meus pais sempre tiveram uma situação financeira difícil, e desde pequena ajudei como pude, trabalhando fora ou em casa, cuidando da Fabiana, minha irmã mais nova. Tudo piorou quando papai morreu. Senti que minha mãe se perdeu. Ela quase não falava, tornou-se distante, e eu aos poucos assumi o papel de chefe da família.

— Obrigada por ter vindo — disse Pietra gentilmente.

Segurei suas mãos e encarei os olhos brilhantes. Talvez

pudesse ser verdade essa coisa toda de que o amor faz bem. Nunca tinha visto Pietra tão radiante. Seus cabelos castanhos brilhavam com a luz do sol, e as bochechas coradas e as pequenas sardas enfeitavam seu lindo rosto. Parecia uma boneca.

— Obrigada *você* por ter me dado a oportunidade de fazer parte do seu momento único. — Soltei sua mão e me dirigi ao Lucas. — Cuida dela, peão.

Ele assentiu e me abraçou também de forma carinhosa. Pietra me trouxe bons amigos, e Lucas era uma pessoa de caráter sem igual. Achei que não existissem homens assim, e descobri que eles estavam por aí, mas eram raros e talvez nunca cruzassem o meu caminho. Lucas era a prova de que amor, amizade, fé, caráter e humildade ainda existiam. Além de tudo, era lindo, é claro.

— Com a minha vida.

Lucas respondeu ao meu pedido e eu sabia que falava a mais pura verdade. Ele olhava para Pietra como se pudesse *pegar um touro à unha*, caso fosse preciso. Sorri ao pensar nessa expressão. É, talvez eu devesse vir morar na fazenda.

— Pensa com carinho, amiga. Preciso de você aqui comigo, me ajudando nesse projeto — Pietra me pediu mais uma vez e eu assenti, porque a filha da mãe me olhava com uma cara de coitada que desmorraria as barreiras de qualquer um. O Ranger estava ferrado.

— Prometo. Assim que estiver preparada, te digo minha decisão — respondi, dando esperança a ela.

Lucas me ajudou a carregar a mala até o carro, enquanto eu conversava com Pietra sobre Pedro e Mariana. Não tive tempo de me despedir dos dois e não queria sair sem antes deixar um

abraço para o casal mais fofo que já conheci. Se Lucas e Pietra eram doces juntos, Mari e Pedro eram puro melado. Nunca vi cumplicidade igual. Não sei qual água esses homens bebiam ali, mas pensaria seriamente em engarrafá-la. O mundo precisa de mais Pedros e Lucas.

Despedi-me dos meus amigos e peguei a estrada em direção à cidade. Pelo retrovisor, vi Lucas abraçar Pietra por trás enquanto ela acenava para mim. Pus minha mão para fora da janela e devolvi o gesto. Sintonizei a estação de rádio e uma música começou a tocar. Sertanejo, é claro. Já estava me acostumando com a trilha sonora do interior.

*O que temos pra hoje é saudade
Mas qual de nós vai procurar
Um pretexto, um motivo pra voltar**

Cantarolei animada até chegar ao posto de gasolina. Desci do carro e entreguei a chave ao frentista. Enfrentaria uma viagem de cinco horas de carro. Pietra insistiu que eu viesse de avião, mas adorava dirigir meu velho carrinho, herança do meu avô, que me levava para onde eu precisasse e nunca me deixava na mão. A estrada era uma paixão antiga e, se não fosse a Fabiana, eu já tinha caído nela há muito tempo.

Ao me lembrar da minha irmã, resolvi saber o que aquela pentelha estava aprontando. Afastei-me um pouco do carro e liguei para ela.

— E aí, pirralha, tudo bem? — provoquei, assim que ela atendeu a ligação.

— Sil, se toca. Eu tenho vinte e dois anos. — Ela odiava que eu ainda a tratasse como criança, mas eu não resistia. Sempre senti que era mais que uma irmã para ela, quase uma mãe.

Depois que nossa mãe nos deixou, alguns anos atrás, ficamos

ainda mais unidas. Não, minha mãe não morreu. Ela simplesmente não suportou a morte do nosso pai, caindo em depressão profunda. Foram anos de silêncio e solidão, mesmo com a nossa presença. Então, um dia, desapareceu. Eu e Fabi saímos para ir à escola e, quando voltamos, ela tinha sumido. Fez uma pequena mala e nunca mais deu notícias.

Por mais que tenha ficado arrasada, eu engoli as lágrimas, o sofrimento e minha própria decepção para ser o alicerce que sustentaria a minha irmã. Fabi tinha apenas quinze anos, eu tinha dezoito. No início, os vizinhos ajudaram, já que não tínhamos outros familiares, mas logo assumi toda a responsabilidade. Agradei por estar no último ano do colegial, pois pude me formar. Consegui um emprego na cantina da faculdade e assim passei dois anos trabalhando e cuidando de uma adolescente.

Para a minha sorte, Fabiana não se comportou como as garotas da sua idade. Sempre me ajudava como podia, e seu maior sonho se tornou realidade dois anos depois, quando passou no vestibular para cursar farmácia. Minha irmã se mudou para o campus da universidade e eu pude, por fim, seguir com a minha vida. Consegui uma bolsa e comecei a cursar fisioterapia.

— Como está a faculdade? — continuei a conversa.

— Ótima, mana. As provas foram puxadas, mas d. Beth me liberou pra estudar, então acho que fui bem.

Mesmo estudando em uma universidade pública, Fabiana precisava trabalhar. Ela estudava de manhã e trabalhava como vendedora em um shopping à tarde. Eu tinha muito orgulho dela e ajudava sempre que podia.

— Como foi o casamento? Aposto que a patricinha estava

linda.

No começo, minha irmã não foi com a cara da minha amiga, achava que era antipática e metida, mas, depois que a conheceu melhor, caiu de amores por ela, assim como eu.

— Foi lindo, Fabi. Tava tudo perfeito.

Sorri ao me lembrar de Lucas cantando e tocando violão enquanto Pietra entrava na igreja. De vestido de noiva e botas, estava uma verdadeira *potranca*, como ele a chamava. O casamento tinha mesmo sido perfeito em todos os detalhes.

— Perfeito é aquele peão dela. Vai ser gostoso assim...

— Ei! Tá louca? — repreendi minha irmã por falar daquela forma.

— Desculpa, mana — disse, um pouco envergonhada. — Não resisti.

Sacudi a cabeça, sorrindo, e o frentista chamou minha atenção, entregando as chaves do carro.

— Tenho que ir. Quando chegar em casa eu te ligo.

— Cuidado com essa lata velha. Vai com Deus.

Encerrei a ligação com um sorriso plantado no rosto.

Antes de entrar no carro, olhei mais uma vez para a paisagem que aprendi a admirar. Por todos os lados, a soja predominava. Uma imensidão de verde que não tinha fim. Respirei fundo, fechando os olhos e inalando o ar puro. Assim que os abri, cruzei com um rosto conhecido. Não só o rosto, mas também a boca gostosa, que eu tinha beijado na festa do casamento. Pena que conversamos pouco tempo e logo nos desencontramos. Quando o procurei depois das fotos, descobri que já tinha ido embora. Fiquei chateada, porque me parecia um cara bacana, e tudo o que eu sabia sobre ele era seu nome.

— Henrique — murmurei.

Notei o exato momento em que ele me viu. Um sorriso iluminou seu rosto perfeito e os olhos me buscaram. Um homem lindo, de pele clara, cabelos escuros e lábios macios que tive o prazer de provar. Braços musculosos, mas não muito. Olhos castanhos que me faziam suspirar. Eles tinham um brilho diferente e me encantaram desde o momento em que ele deu o primeiro passo em direção ao altar. *Fala sério!* De terno, no casamento, estava perfeito. Mas assim, com a calça jeans apertada — que me lembrava as que o Lucas usava — e a camiseta branca colada no corpo, estava mais ainda.

Ainda mais comestível. Irresistível!

Henrique olhava confuso, e eu comecei a pensar que, apesar do sorriso, não havia me reconhecido. *Impossível!* Vendo sua confusão, resolvi ir até ele, para que pudéssemos trocar telefones e manter contato caso eu voltasse para Girassol um dia. Eu realmente tinha ficado interessada.

Quando me aproximei, reparei que havia um homem bem mais velho ao seu lado. Talvez fosse o pai, pois as feições eram bem parecidas.

— Ei, não lembra de mim? — perguntei enquanto ele se afastava, dando as costas.

Os dois viraram, e eu recebi do velho um olhar ao qual já estava acostumada, mas que nunca aceitaria. Ele não disfarçou a cara de nojo enquanto me encarava. Tive que me manter firme mais uma vez, como fizera por toda a minha vida. O homem me olhava como se eu tivesse uma doença contagiosa. Henrique não me respondeu, pálido e desconfortável. Eu meio que sabia o que viria a seguir, mas confesso que não estava preparada. Achei que toda a sua naturalidade ao me beijar, no dia anterior, fizesse dele um cara diferente. Estava enganada. Ele era igual a

todos os outros.

— Desculpa, mas acho que você me confundiu com alguém.

Sua boca me dizia aquilo, mas seus olhos quase imploravam por desculpas. Henrique olhou para o homem ao seu lado, que suspirou aliviado com a resposta. Respirei fundo e tentei me recuperar da pancada, mas o gosto era amargo e cruel. No entanto, eu já tinha caído tantas vezes por causa de racismo que sabia o caminho de volta.

— Óbvio que sim. Pensei que você fosse um cara bacana que conheci no casamento de uma amiga, mas me enganei. Você com certeza não é ele — respondi, tentando não transparecer o quanto sua atitude me magoara.

Não deixaria que ele saísse por cima e percebi o momento em que seus olhos me encararam com pena. Eu não precisava de pena, precisava de respeito. Algo que esse moleque não fazia ideia do que era.

Entrei no carro e, pelo retrovisor, olhei mais uma vez o babaca que ficava para trás.

— Até parece que você não aprende, Sílvia — murmurei sozinha enquanto ligava o carro. — Contos de fadas não existem. E, se existem, não vão acontecer com você.

Aprendi a duras penas que a realidade tem que ser vivida e não sonhada. E eu não tinha tempo para sonhar.

* “Cê que sabe”, Cristiano Araújo.

HENRIQUE

— Henrique?

Lucas atendeu o telefone com voz de sono. Pensei muito se deveria ou não ligar para ele, mas a angústia tomou conta de mim e não consegui deixar aquela história para lá.

Por medo de uma represália do meu pai, acabei fingindo que não tinha reconhecido a Sílvia. Na hora, não sei o que me deu, mas sabia que ele a destrataria se descobrisse que nos conhecíamos. Minha atitude podia ser vista como egoísta e preconceituosa, mas eu apenas a protegi de ser humilhada em público. Conhecia muito bem o velho, e ele não media esforços quando queria pisar em alguém. Eu sabia, porque o tinha visto fazer isso milhares de vezes.

— Foi mal, cara. Sei que você tá em lua de mel, mas, como não viajou, me atrevi a ligar pra pedir ajuda.

Pedi desculpas, porque ainda era muito cedo.

Passei toda a tarde e a noite do dia anterior com a lembrança da Sílvia me encarando. Me senti um merda tão grande que nem consegui dormir. Então, mal o dia amanheceu, resolvi ligar para perguntar sobre ela. Talvez pudesse encontrá-la para pedir desculpa e me redimir. Era o mínimo depois do meu papelão. Isso mesmo: eu ligaria e marcaria um encontro. Parecia uma ótima ideia.

— Algum problema? — perguntou Lucas, preocupado.

Levantei da cama e caminhei pelo quarto. O tempo estava nublado, o céu bem escuro, apesar de o relógio já marcar sete da manhã.

— Queria falar com a Sílvia. Ela tá por aí?

Sabia que ele estranharia a pergunta, mas não tinha um jeito mais sutil de fazê-la.

— Sílvia? Madrinha da Pietra? — disse, confuso, como eu havia previsto.

Passei a mão pelo cabelo, nervoso. Não sabia como explicar ao Lucas o que tinha acontecido. Tinha certeza de que ele não entenderia minha atitude e me recriminaria, então resolvi omitir essa parte da história, inventando uma desculpa.

— Nós conversamos um pouco na festa, mas acontece que eu não peguei o telefone dela e queria chamar a Sílvia pra sair.

Fechei os olhos esperando sua resposta. Se não conseguisse o telefone dela com o Lucas, não sei como faria para encontrá-la.

— Ranger? — chamei sua atenção, porque a ligação tinha ficado muda.

— Cara, não fode com a Sil. A Pietra te mata se fizer isso e me mata junto se descobrir que te ajudei. Acabei de casar, camarada.

Ele soava sério, e eu não duvidava nem um pouco dos instintos assassinos da Pietra.

— Pode deixar. Eu sei o que faço.

Tentei transparecer a confiança de sempre, mas na verdade estava nervoso com a situação. Nunca tinha passado por isso, até porque nunca tinha me interessado por alguém como ela. Então, pedir desculpa seria novidade para mim.

— Quem não te conhece que te compre, Henrique — ele me repreendeu mais uma vez. Sacudi a cabeça, pois sabia que a

minha fama era aquela. — De qualquer forma, a Sílvia foi embora ontem. Teve que voltar pra cidade por causa da faculdade. Ela e a Pietra faziam fisioterapia juntas antes da Cristal pedir transferência.

Sorri ao me perguntar de onde viera aquele apelido ridículo da Pietra. Mas meu sorriso sumiu quando me concentrei na notícia que acabara de receber. O fato de Sílvia ter partido me deixou chateado. Ela provavelmente queria se despedir de mim quando se aproximou, e eu a enxotei como a um cão sarnento. Podia ter despistado meu pai e falado com ela, mas não. Mais uma vez tinha sido um merda de um covarde.

— Cara, como eu faço pra falar com ela?

Não queria soar desesperado. No entanto, era assim que me sentia. Louco para explicar minha atitude antes que Sílvia pensasse que eu era um idiota. O que não era mentira. Eu era um grande idiota.

Sentei na cama. Olhei para o chão e vi roupas e sapatos espalhados por todos os cantos. Digamos que eu não era o cara mais organizado do mundo. Mas foda-se, essa era a vantagem de morar sozinho: não ter que dar explicações para ninguém.

— Vou te mandar o número dela. Mas, Henrique, juro que você é um homem morto se sobrar pro meu lado.

— Cara, eu já te falei.

— Henrique, tô falando sério. Não me fode. — Ouvi a voz da Pietra ao fundo e, depois de alguns segundos, a voz abafada do Ranger. — Vou te mandar o número por mensagem, e não esquece...

— Tá! Já sei. Não vou te foder, *Sheila*.

Não contive o sorriso ao me lembrar do dia em que vi Lucas de vestido dourado. Não sei que porra era aquela, mas foi a

visão do inferno. Ele deu azar de eu estar passando na rua quando chegou em casa usando o tal vestido. Até hoje não sei o que aconteceu, mas como ele e Pietra viviam em pé de guerra naquela época meio que deduzi que a patricinha tinha aprontado uma com ele. Sorte a minha, pois aquilo era suficiente para provocá-lo por um bom tempo.

— Você nunca vai esquecer isso, né, playboy? — sussurrou.

— Não enquanto eu viver.

— Filho da puta!

Ele encerrou a ligação me xingando. Na verdade, ofendendo minha pobre mãe. *Que Deus a tenha*. Assim que deixei o celular sobre o criado-mudo, ele piscou com a mensagem de Lucas. Não sei por que, mas meu coração disparou no instante em que li “Sílvia”, seguido do número dela. Fiquei nervoso, minhas mãos suavam. Porra, Henrique! *É apenas o telefone de uma mulher qualquer*. Eu tentava me convencer, mas o corpo não entendia, continuava a se comportar de maneira estranha.

Respirei fundo algumas vezes e resolvi ligar. O máximo que poderia receber em troca do meu pedido de desculpa era um “vai se foder”, e, para falar a verdade, não acreditava que Sílvia fosse capaz de tamanha grosseria. Ela me parecia muito educada para se rebaixar a esse nível. Apertei o botão verde e o telefone começou a chamar.

— Alô? — Puta merda! Sua voz fez todos os pelos do meu braço se arrepiarem. Uma voz grave e firme, mas que ao mesmo tempo era doce. Se ela conseguia me arrepiar só com um “alô”, imagina se gozasse gritando “Henrique” no meu ouvido? Ia me deixar louco. Olhei para baixo e vi que mais alguém tinha acordado com aquela ligação. Era só o que me faltava: ficar duro apenas imaginando algo que provavelmente nunca iria

acontecer.

— Alô? Quem tá falando? — disse, um pouco alterada pelo meu silêncio.

— Oi — consegui gaguejar. — Quem fala? — Sabia que era ela. Nunca esqueceria sua voz, mas queria confirmar.

— Você me ligou, então deveria saber — respondeu, ríspida.

Eu começava a mudar de ideia em relação a sua delicadeza. Só tinha recebido coice até aquele momento e ainda nem tinha começado a me desculpar.

— Perdão. Eu gostaria de falar com a Sílvia — pedi, antes que ela desligasse na minha cara, o que não duvidaria que fizesse. — É o Henrique — me identifiquei.

Por um momento, a ligação ficou muda e olhei o visor para ter certeza de que ela não tinha feito o que eu imaginara poucos segundos antes. Mas não, eu ainda a tinha na linha.

— Henrique... que Henrique? — Pude sentir a confusão estampada na sua voz e fiquei imaginando se estava fazendo de propósito e me castigando pelo que eu havia feito no posto de gasolina, ou se de fato não sabia quem eu era. Antes que eu respondesse, ela se pronunciou. — Ah, o Henrique da Girassol? — Não estava fingindo, ficou bem evidente a surpresa ao se dar conta de quem era. Fiquei decepcionado.

Quantas merdas de Henrique ela conhecia?

— O próprio — sorri ao dizer, mas não obtive resposta. — Queria te pedir desculpas. Pode até parecer que fui um babaca, mas posso explicar o motivo do meu comportamento.

Sem querer prolongar muito a conversa, resolvi ser sincero. Sílvia não merecia ser enrolada, já bastava ter sido ignorada por mim.

— Não quero saber — respondeu, seca, cortando a conversa.

— Eu sei muito bem qual foi o motivo e, vai por mim, nada do que você diga vai justificar o que fez. Mas não se preocupa, isso não me abala mais. Não precisava ter gastado seu precioso tempo me ligando pra pedir desculpa. Algumas coisas devem ser ignoradas. Ficar remoendo é pior, e sua atitude é uma das coisas que quero esquecer. Quando eu era criança, ficava imaginando por que eu era diferente, mas hoje sei que sou normal, e diferentes são aqueles que me tratam com desrespeito por causa da cor da minha pele. Eu sou assim: absorvo o que me faz bem e ignoro o que não me acrescenta. E você, Henrique, não tá na lista das pessoas que fazem a diferença na minha vida.

Uau!

Engoli em seco e agradei por estar sentado. Minha cama acabava de me livrar de uma queda vergonhosa. Sílvia tinha toda a razão. Ela falava com a experiência de quem já havia passado por aquilo mais vezes do que eu poderia imaginar, e isso fez com que eu me sentisse um lixo. Eu sabia que não seria fácil, mas também não esperava receber uma lição de moral antes das oito da manhã de uma garota que eu tinha visto apenas duas vezes na vida. Mas Sílvia estava certa: nada do que eu dissesse justificaria minha covardia. Talvez para mim, mas não para ela.

— O.k. Você tá coberta de razão. Não vou mais pedir desculpas, sei que não adianta, mas também não sou esse monstro que você tá pintando. Queria também que reconsiderasse a parte sobre não fazer diferença na sua vida. Podemos começar de novo?

— Por que isso é tão importante pra você?

— Não sei. Só gostei do nosso beijo.

Torci para que aceitasse minhas desculpas. Mesmo dizendo que não eram necessárias, sabia que o fato de me dar mais uma chance era como me perdoar.

— Tudo bem — respondeu, um pouco distante, como se quisesse apenas me despachar e encerrar a ligação. — Preciso entrar pra aula. Tenho uma prova final em dez minutos.

Bem, pelo menos ninguém poderia dizer que eu não entendia a mente feminina, pois ela acabara de me despachar, como eu havia previsto.

— Posso te ligar de novo? Você vai atender? — perguntei, inseguro.

Não sei por que, mas sentia que nunca mais falaria com ela. E só Deus sabe como eu queria estar errado.

— Por que não tenta a sorte, branquinho? — respondeu, rindo, e desligou antes da minha resposta.

Fiquei sem reação, até que tive uma ideia. Digitei rápido uma mensagem no WhatsApp e enviei.

Eu: *Branquinho?*

Sílvia: *Também pode ser Galego. Combina com você (=*

Eu: *Se você diz, minha linda.*

Sílvia: *Minha linda?*

Eu: *Um homem pode sonhar ;)*

Não me respondeu mais. A prova devia ter começado. Se é que aquilo era verdade, é claro. Levantei o rosto e me olhei no espelho que estava bem à frente. O Henrique era o mesmo, mas Sílvia trouxe um brilho novo para a imagem que eu via, e eu ainda não sabia por quê.

SÍLVIA

Ele é um filho da mãe, Sílvia. Põe isso na sua cabeça. Não presta, e você sabe disso. Não seja idiota de cair no papinho de “quero fazer parte da sua vida”. Você já passou por isso e sabe o quanto dói.

— O que achou da prova? Aposto que tirou de letra, como sempre... Sílvia?

Uma voz chamou minha atenção e, quando levantei os olhos do celular, meu professor estava sentado de frente para mim. Eu relia as mensagens que trocara com Henrique e não sabia por quanto tempo Jorge tinha estado ali.

A cantina ficou lotada depressa, já que estávamos em semana de prova. Alunos se espalhavam por todos os lugares, e o barulho era ensurdecedor. Eu chegara cedo, tinha feito a prova em menos de quarenta minutos. Por isso consegui sentar sozinha em uma mesa mais afastada.

— Desculpa, professor. O que o senhor disse? — perguntei, tentando recuperar meus pensamentos, que estavam em certo galego de olhos brilhantes. Aposto que estava falando sozinha, sou mestra em fazer isso. *Que vergonha!*

Jorge sorriu e meu fôlego se foi. Não era à toa que onze entre dez mulheres na faculdade o desejavam. Ele era alto, moreno, de cabelos desalinhados e olhos azuis. O traje oficial para lecionar era um terno escuro. Ele ficava um charme vestido assim. A metros de distância dava para observar seus músculos rígidos

por baixo da roupa. Nas poucas vezes em que se vestiu de forma despojada, de camiseta e jeans, ficou ainda mais impressionante. Era um dos homens mais atraentes que eu já tinha visto. Ou seja, juntando a beleza, o charme e a inteligência, Jorge era o sonho molhado de quase todas as mulheres. E eu não estava imune a ele. Confesso que algumas vezes também sonhei em tirar seus óculos para analisar melhor o rosto. A barba sempre bem-feita o deixava com um ar elegante, era um homem de beleza clássica. Fantasiei por diversas vezes sentir meus dedos entre os seus cabelos, só para constatar se eram mesmo tão sedosos quanto pareciam. Sua boca hipnotizava: poderia passar a aula toda encarando os lábios se moverem.

Desviei o olhar, não deveria ter pensamentos pecaminosos com o meu professor. Jorge era muito profissional, e, apesar de ter certeza de que ele sabia da sua fama, nunca o vi com uma aluna. Era sempre educado, gentil e atencioso, mas não passava disso.

Ele sorriu, o que me fez admirá-lo ainda mais, mas o gesto me deixou sem graça, pois indicava que sabia a verdade: eu não havia prestado atenção em nenhuma palavra que ele havia dito.

— Esquece. Não é nada demais — respondeu, sem nenhum constrangimento por eu tê-lo ignorado. Já eu me sentia uma idiota com a situação.

Por mais que Jorge estivesse na minha frente, eu não conseguia tirar Henrique da cabeça. Podíamos ter trocado apenas algumas mensagens, mas as palavras dele mexeram comigo. *Um homem pode sonhar.*

O que ele queria dizer com isso? Não me parecia a mesma pessoa que encontrei no posto de gasolina. Isso me intrigava, porque eu não sabia nada sobre ele.

— Pelo visto hoje você está no mundo da lua. Isso é amor? — Olhei para Jorge sem saber o que responder, e ele se mexeu desconfortável na cadeira. — Desculpe, não queria ser indiscreto. Foi só uma brincadeira — concluiu, arrependido do comentário.

Sacudi a cabeça, negando. Ele não tinha falado nada de mais, e com certeza minha resposta à sua pergunta seria *não*, então não teria problemas em responder.

— Não chegou nem perto — brinquei, para aliviar o clima. — Tô pensando na proposta que a Pietra me fez. Falta só um mês pra eu me formar e não sei se aceito a oferta de emprego. O senhor ouviu falar do centro de reabilitação?

Não pude deixar de sentir orgulho da minha amiga. Ficava feliz em saber que ela me queria ao seu lado naquele projeto maravilhoso.

— Sim, fiquei sabendo. Recebi um e-mail dela essa semana pedindo indicações de alguns profissionais. — Jorge coçou a cabeça de maneira nervosa, e o gesto seguinte foi o de ajeitar os óculos no rosto. *Muito sexy!* — Estou cogitando a possibilidade de me candidatar à vaga de fisioterapeuta chefe. Acho que lecionar já deu para mim.

— Mas o senhor é o melhor professor do curso! — comentei, surpresa.

Com certeza o corpo docente perderia bastante com sua saída, mas ele acrescentaria muito ao projeto da Pietra, era muito competente.

— Obrigado pelo carinho — disse ele, gentilmente. — Mas estou cansado disso tudo. Quero um pouco de paz. Ao mesmo tempo, quero algo que me desafie. Tenho certeza de que o centro de reabilitação me trará isso.

Não consegui questioná-lo. Concordava que o haras era um projeto que necessitaria de muita dedicação. Sentia-me da mesma forma que Jorge, apesar de achar que seria muita responsabilidade. Mas não conseguia imaginá-lo na fazenda de forma alguma. Acho que não se adaptaria ao lugar. Ele me parecia um cara da cidade, sempre antenado às novas tecnologias, e era viajado, um homem sofisticado. Todos sabíamos que era filho de um dos mais renomados cirurgiões ortopédicos do país, e a família tinha muito dinheiro. Era difícil pensar que topasse morar quase no fim do mundo.

— Seu café, professor. — A garçonete nos interrompeu e entregou a ele a xícara com o líquido fumegante. Virou-se para mim, mas não antes de piscar para Jorge. — Seu suco — disse, e deixou o copo de forma grosseira na minha frente, respingando um pouco na mesa.

Olhei para ela pronta para armar um barraco daqueles, mas senti uma mão sobre a minha. Já havia tido alguns problemas na faculdade, em especial com os funcionários da cantina, e também tinha sido confundida com a faxineira pelos alunos. Isso acontecia com uma frequência difícil de acreditar. Mas acho que, naquele momento, o motivo da raiva gratuita da garçonete era porque a garota negra tinha recebido atenção de um dos homens mais influentes da faculdade.

— Não vale a pena — disse Jorge, com ternura no olhar e carinho na voz. — Tem gente que não enxerga o valor das pessoas. Confia em mim, você é melhor do que isso.

Recebi suas palavras com surpresa, e algo acendeu dentro de mim. Ele nunca havia me tratado daquela forma e, mesmo que tenha falado só para me confortar, eu me senti muito bem. Já tinha sido hostilizada tantas vezes na faculdade, mas aquelas

palavras conseguiram mesmo me acalmar. Acenei com a cabeça, concordando, mas não consegui pronunciar nenhuma palavra. Estava estática, porque sua mão ainda repousava sobre a minha. A cena fez meu coração se acelerar, e minha mente girava tentando imaginar o que estava acontecendo. Apesar de ele ser um homem atraente, nunca havíamos tido qualquer tipo de intimidade, qualquer contato físico, mesmo que fosse apenas um toque sutil e sem malícia. Aquilo era novo para mim. Aliás, o dia estava sendo um dos mais agitados. Primeiro a ligação do Henrique, depois a demonstração de carinho do Jorge.

O que estava acontecendo com o mundo?

Jorge fitou nossas mãos e senti que todo o seu corpo enrijeceu quando se deu conta do que tinha feito. Piscou freneticamente e logo se levantou.

— Preciso ir. — Ele deixou uma nota de dez reais sobre a mesa e saiu sobressaltado. Não se despediu nem olhou para trás, e me deixou com o queixo caído e milhões de borboletas voando no estômago, mesmo contra a minha vontade.

— Que porra foi essa?! — murmurei sozinha.

Olhei em volta e quase todos na cantina tinham parado suas vidas para me encarar. Os homens me observavam com curiosidade e as mulheres cochichavam entre si, enquanto me encaravam com desdém. Sabia que tudo isso era ocasionado pela minha cor e pela presença do Jorge na minha mesa. Apesar de não deixar eles me atingirem com seus preconceitos idiotas, essa foi uma das poucas vezes em que me senti inferior de verdade, porque às vezes me desanimava a luta por um respeito que é meu por direito. *Um leão por dia* — um dos conselhos dados pela minha mãe antes de tudo desmoronar. Eu lutava com bravura para combater as feras destinadas a mim, mas o

cansaço ocasional era inevitável. Estava em um desses momentos, em que tudo que queria era me esconder do mundo. *É, Sílvia, não dá pra ser forte o tempo inteiro.*

Peguei minha bolsa depressa e saí. Continuei sendo o centro das atenções até passar pela porta. Desejei ser invisível, só daquela vez.

Tem gente que não enxerga o valor das pessoas. Confia em mim, você é melhor do que isso.

Depois de uma manhã de merda na faculdade, não parei minha vida. Saí do campus e dirigi direto para o trabalho. Era secretária em uma clínica de estética. Não tinha nada a ver com o que eu estudava, mas foi a única coisa que consegui conciliar com os horários da faculdade. O dinheiro não era muito, mas era o suficiente, já que eu tinha bolsa integral e a Fabiana se virava sozinha. Também recebia uma bolsa de monitoria: eu ajudava os alunos com dificuldades em algumas matérias, aos sábados. Foi assim que consegui chegar ao final do curso. Estágios em horários alternados, faculdade pela manhã e trabalho à tarde e aos sábados.

— Sílvia, não se esqueça, é hoje que Abigail Prestes vai visitar a nossa clínica. Tudo tem que sair perfeito. Precisamos conseguir a capa dessa revista.

Sorri para a dra. Ester, pois fazia semanas que ela planejava aquela entrevista. Meu trabalho era receber a nova editora da revista *Saúde e Boa Forma* como se ela fosse a rainha da Inglaterra. Não fazia ideia de quem ela era, mas sabia que esta era a revista mais importante do segmento.

— Vai dar tudo certo — disse, tentando tranquilizá-la.

A dra. Ester voltou para sua sala e eu recepcionei as pacientes que seriam atendidas por outra profissional. A clínica era de

médio porte e atendia mulheres da alta sociedade.

Eu verificava a agenda da semana quando um pigarrear chamou minha atenção. Assim que levantei os olhos e vi Joice, meu sorriso morreu. Estudávamos na mesma turma, mas não nos dávamos muito bem. Pelo contrário, ela não suportava minha presença e vivia jogando indiretas para que eu me colocasse no meu lugar. Não aceitava me ver no mesmo ambiente que ela. E muito menos ter que lidar com meu desempenho nas aulas. Nada daquilo me importava, o que ela dizia entrava por um ouvido e saía pelo outro, mas ela era linda, eu não podia negar. Loira, olhos verdes, cabelos longos e corpo escultural. O sonho de qualquer homem.

Havia uma mulher a seu lado. Tão linda quanto Joice. Vestia-se de forma elegante, maquiagem e cabelo perfeitos. Nada estava fora do lugar, tudo impecável.

— Sou a nova editora da *Saúde e Boa Forma*. Chame a Ester, por favor — disse ela, seca.

Até aquele momento, não imaginava que a dona da revista que a dra. Ester tanto aguardava era a mãe da Joice. Mas tudo ficou claro assim que as duas chegaram, porque Joice era uma cópia perfeita da mulher ao seu lado, e não só na beleza. Ambas tinham o mesmo nariz em pé e o mesmo ar de superioridade.

— Nossa, mãe! Essa clínica já foi melhor — disse Joice, enquanto eu ligava para minha chefe. — Principalmente no quesito funcionários — continuou, em alto e bom som.

Todos na recepção a encaravam, e eu fiquei estática. Não podia revidar ou colocaria meu emprego em risco. Faltava pouco para terminar a faculdade, não podia me dar ao luxo de ficar desempregada. Por isso, estampeei de novo o sorriso no rosto e ignorei Joice, como se não fosse eu o alvo de sua língua

venenosa.

A dra. Ester recebeu as duas com toda a pompa e circunstância que havia planejado. Assim que Abigail entrou, sentei em frente ao computador. Joice cruzou os braços sobre o balcão e me encarou.

— Aqui é um pouco longe da favela, não acha? — Fiquei olhando de um lado para o outro, sem saber o que fazer. — Não devia se misturar tanto. As pessoas aqui não têm medo de você? — continuou alfinetando.

— Aqui é o meu local de trabalho, Joice.

— Vi você na cafeteria com o Jorge. Uma cena patética, digna de obra de caridade. — Respirei fundo tentando conter as palavras que já dançavam na ponta da língua. — O quê? Você não acha que ele tá interessado em você, né? — Desviei os olhos para a tela do computador. — Oh, meu Deus, você acha mesmo. A pretinha tá ficando atrevida.

— Chega! — gritei, sem aguentar suas provocações. Todas as clientes me encararam, assustadas com minha atitude. — Por favor, Joice. Aqui é o meu local de trabalho. Dá pra parar de me provocar?!

Tentei manter a postura, mas era mais difícil do que eu poderia imaginar. Estava no meu limite havia algum tempo.

— Sua vadia. — Ela não fazia questão de conter os xingamentos. — Acha que eu devo respeitar uma putinha como você? Tenho certeza que abre as pernas em troca de boas notas, não é mesmo? Até mesmo por dinheiro.

Não suportei suas palavras maldosas. Não pensei em mais nada.

Apenas fechei os olhos e deixei o instinto me levar.

Sabia que sofreria as consequências, mas não deixaria

ninguém manchar as conquistas que alcancei com tanto esforço.

Sem dizer nenhuma palavra, eu voei em Joice e agarrei o máximo de cabelo que minhas mãos conseguiram. Segurei a loira e a fiz se contorcer para me olhar.

— Não sou como você, sua vadia. Não tenho sobrenome influente e muito menos venho de família rica. Se algum dia eu abri as pernas pra alguém, não foi pra conseguir algo, muito menos uma boa nota. Sou plenamente capaz, ao contrário de você! — Eu vociferei cada palavra, como se descontasse em Joice todas as humilhações que passei durante a faculdade.

— Sua louca! Socorro — gritava ela desesperada, enquanto tentava se afastar de mim. — Mãe! Mãe!

As mulheres à nossa volta não esboçavam reação, petrificadas diante da cena que protagonizávamos. Naquele momento eu me arrependi do que fizera, mas já era tarde, pois a dra. Ester e Abigail me encaravam como se eu fosse uma criminosa.

— Me solta, sua louca. Favelada imbecil — gritou Joice.

Então, eu a soltei.

— O que aconteceu aqui, Sílvia?! — perguntou a dra. Ester, indignada.

Não sabia como explicar minha atitude. Por mais que Joice tivesse me tirado do sério, eu nunca poderia ter aceitado suas provocações, muito menos ter partido para a agressão física.

— Que tipo de ser humano age assim? — questionou Abigail, acolhendo a filha em seus braços. As lágrimas que desciam dos olhos de Joice eram merecedoras do Oscar, de tão falsas. Uma verdadeira atriz.

Respirei fundo e decidi manter a postura. A merda já tinha sido feita e eu teria que aceitar as consequências dos meus atos

impulsivos.

— Tivemos uma discussão.

— Uma discussão? — questionou Abigail, indignada. — Você é um bicho, isso sim. Olha só para a minha filha.

Joice estava vermelha e havia alguns arranhões em seu rosto.

Olhei para os lados e vi que ninguém se pronunciava sobre as ofensas ditas por aquela mulher. Minha chefe se mantinha muda, apenas observando. Sabia que ninguém me defenderia. Era minha palavra contra a dela, e eu sabia muito bem em quem acreditariam.

Joice sorria vitoriosa diante do silêncio, o que fez renascer minha raiva.

— A senhora não conhece a filha que tem. Ela é dissimulada e maldosa. Trata as pessoas como se fossem lixo. Estou cansada de ser vítima do preconceito dela.

Abigail me olhou de cima a baixo com desdém. Percebi que estava errada, ela conhecia a filha que tinha, pois me olhava com a mesma expressão de nojo que Joice tinha ostentado durante cinco anos.

Quase todas as clientes tinham deixado a clínica, poucas ainda aguardavam o desfecho da história.

Abigail desviou os olhos de mim e caminhou com a filha em direção à porta.

— Por favor, e a entrevista? Quando terminamos?

As palavras da minha chefe me deram nojo. Depois de tudo que presenciara, a dra. Ester estava apenas preocupada com a maldita matéria.

— Nunca — Abigail foi enfática. — Aliás, farei questão de ter o nome desta espelunca estampado na lista das dez clínicas que nunca devem ser visitadas. Tudo isso ainda é pouco diante da

audácia que sua empregadinha teve ao agredir minha filha.

As duas saíram, mas não antes de Joice olhar para trás e sorrir para mim. Às vezes o ser humano pode ser o mais cruel dos animais.

— Meninas, me deem só um minuto. — Ouvi a voz trêmula da dra. Ester. — Sílvia, na minha sala, por favor.

Ela não me esperou responder. Caminhou na minha frente em direção ao consultório e eu a segui. Quando sentei na cadeira, já sabia o meu destino. Aprendi ao longo dos anos que a corda sempre arrebenta do lado mais fraco. E, por uma infeliz coincidência do destino, esse era o lado em que eu costumava estar.

A dra. Ester cruzou as mãos sobre a mesa e notei que seu rosto tinha se contorcido pela raiva. As sobrancelhas estavam franzidas, os lábios comprimidos e os olhos fixos em mim. Tudo indicava que ela não tinha a menor intenção de me ouvir.

— Poupe seu tempo. Estou pedindo demissão — anunciei.

Minha chefe não mudou a postura, mas resolveu falar:

— Que bom. Assim não preciso despedi-la por justa causa.

— Justa causa? — perguntei perplexa.

— Você agrediu uma cliente dentro da clínica, Sílvia. Isso e o fato de ter levado o meu nome para a lama, nome que levei anos pra consolidar no mercado, são requisitos mais que suficientes pra sua dispensa por justa causa, além de um processo por danos morais.

Fiquei horrorizada. A dra. Ester falava aquilo de uma forma que me causava arrepios. Sempre soube que ela era uma mulher fútil, mas nunca achei que chegaria a tanto.

Inclinei-me para a frente na cadeira, levantei a cabeça e mostrei que não cederia diante dela.

— Se alguém vai processar alguém aqui, esse alguém sou eu. Suas clientes arrogantes por racismo e você por compactuar com esse crime. Passar bem, dra. Ester.

Ela ficou em silêncio diante das minhas palavras e eu levantei, pronta para deixar um pedaço da minha vida para trás. Não via a hora de sair daquele lugar e respirar um pouco de ar puro, pois até o oxigênio daquela clínica era contaminado pelo preconceito.

Antes de sair, olhei para cada mulher que estava na recepção.

— Sejam humanas. Tenham empatia. Só assim conseguiremos sobreviver. — Nenhuma delas esboçou reação. — Quer saber? Tirem os seus preconceitos do caminho, porque eu estou passando!

*

Saí da clínica e deixei que o ar frio daquele dia tocasse meu corpo. Olhei para o céu nublado e observei os raios serpentearem o céu. Uma tempestade estava por vir, mas ela não seria grande o suficiente para lavar a dor que eu sentia. Tirei o celular da bolsa e disquei o número de uma das únicas pessoas em quem eu confiava.

— Alô, Sílvia! — Pietra atendeu no segundo toque.

— Eu aceito, amiga. Me mudo pra fazenda em um mês. Preciso ficar com vocês por um tempo, até encontrar um lugar pra morar na cidade.

— O que aconteceu?

Fiquei pensando se deveria relatar tudo que havia acontecido. Tenho certeza de que Pietra me ouviria com toda a atenção do mundo, mas a dor era tanta que só o fato de pronunciar as palavras me rasgaria ainda mais. Fiquei muda e Pietra entendeu que eu precisava de um tempo.

— Seja bem-vinda, Sílvia. Estamos te esperando de braços abertos.

HENRIQUE

— Henrique? Tá pensando na morte da bezerra, rapaz? — Carlito chamava minha atenção. Guardei o celular no bolso com um sorriso idiota no rosto. Ficava assim toda vez que trocava uma mensagem com a Sílvia. Fazia duas semanas que nos falávamos quase todos os dias. Sílvia era divertida, alto-astral, e eu adorava conversar com ela.

— Quase isso, Carlito — respondi, brincando. Caminhei até o carro, pronto para começar a trabalhar.

— Aposto que tem algum rabo de saia nessa história — afirmou, tirando sarro.

— É. Pode se dizer que sim — respondi, sem dar muitos detalhes. — Agora vamos deixar de fofoca e trabalhar.

Passei a manhã inteira na oficina trabalhando em uma velha Brasília — que não era amarela. Sorri ao pensar nisso, pois seria impossível não lembrar da música irreverente que fez sucesso na minha adolescência. Carlito saiu para buscar algumas peças que havia encomendado e eu fiquei sozinho na oficina.

Liguei o celular e coloquei uma *playlist* de rock para tocar, tentando dar um tempo no sertanejo. Aerosmith ressoou e eu me vi absorto na letra da música.

*I go crazy, crazy, baby, I go crazy
You turn it on, then you're gone*

*Yeah, you drive me crazy, crazy, crazy for you baby
What can I do, honey? I feel like the color blue**

Quando percebi, já estava quase na hora do almoço e o restante do trabalho poderia ficar para mais tarde.

Não conseguia tirar Sílvia da cabeça. Nossa última conversa tinha ficado um pouco quente. Foi a primeira vez que falamos do beijo que trocamos, e confesso que se ela não tivesse encerrado a ligação, seria a primeira vez em que eu faria sexo pelo telefone. Ao ouvir sua voz doce dizendo que adorou o beijo, e tudo o que faria comigo quando nos víssemos, meu pau ficou mais animado do que pinto no lixo. Resultado: nem banho frio resolveu e, como eu não estava com vontade de ir à caça, acabei usando o velho método cinco contra um. Decepcionante, eu sei, mas foi a maneira que encontrei para me aliviar.

Sem conseguir resistir, mandei uma mensagem para Sílvia informando o que a malvada tinha feito comigo. Sua resposta? Mais provocações, é óbvio.

Sílvia: *Será que ele é tão branquinho quanto você, meu Galego?*

Quando li a mensagem, um sorriso despontou no meu rosto. Ela insistia em me chamar de Galego e eu não me importava. Fiquei surpreso e feliz por ter usado o pronome possessivo “meu” antes do apelido.

Não sei o que estava acontecendo, mas Sílvia, mesmo de longe, era um frescor para os meus dias. Além disso, eu também ganhara uma folga do meu pai, que passou uma semana sem me ligar. Confesso que estava ficando até um pouco preocupado, apesar de sempre me manter informado sobre sua saúde. Quando eu não ligava direto para ele, pedia

notícias ao Conrado, um funcionário da fazenda.

Da última vez em que nos falamos, ele disse que meu pai estava bem, mas o sumiço do velho me deixava com um pé atrás. Meu pai quieto demais significava chumbo-grosso chegando. Ele nunca se dava por vencido em relação a nada, e eu não seria sua primeira derrota.

— Carlito?

Escutei uma voz vindo da entrada da oficina e no mesmo momento meu corpo se enrijeceu. Eu nunca ficava na parte da frente, onde Carlito recebia os carros. Sempre trabalhava nos fundos e mantinha a porta fechada quando estava sozinho. Não queria que ninguém soubesse que eu estava ali. E isso incluía Lucas Ranger. Mas não tive tempo de me esconder.

— Porra, Henrique! Tá fazendo o que aqui?

A expressão de espanto no rosto do Lucas era visível. Eu estava muito ferrado.

— Vou arrancar as bolas gordas do Carlito por ter deixado a porta aberta. Falei mil vezes pra trancar antes de sair — disse, chateado, porque não sabia como sair daquela situação sem contar a verdade para o Lucas.

Afastei-me dele sem nem o cumprimentar, fiquei totalmente sem ação diante da situação. Voltei a enfiar a cabeça dentro do motor da Brasília. Ouvi seus passos se aproximando e mais uma vez amaldiçoei o Carlito.

— Tá fazendo o que aqui, Ranger? — perguntei, um pouco ríspido.

Sabia que ele não tinha culpa de eu ter que me esconder, mas talvez se fosse grosso com ele, conseguiria despachá-lo mais rápido, quem sabe até sem perguntas sobre minha presença na oficina.

— Eu é que pergunto — disse Lucas, em um tom de voz mais alto. — O que você tá fazendo consertando esse carro, Henrique? Na verdade, que porra você tá fazendo aqui na oficina no Carlito?!

É, não funcionou...

As perguntas vieram e eu não sabia como me desvencilhar.

— Acho que o casamento te deixou idiota. — Tentei brincar com a situação, mas Lucas não entrou no meu jogo. — Você mesmo respondeu sua pergunta. Estou consertando um carro — disse, sem me virar para olhá-lo.

Sabia que Lucas ainda estava parado ao meu lado, pois ele batia uma chave na lataria do veículo.

— A Jabiraca está com problemas. É a terceira vez essa semana. Não dá partida! Eu tentei resolver as primeiras vezes e até consegui, mas agora acho que ela morreu de vez — explicou Lucas.

Levantei e sequei as mãos em uma toalha.

— Já passou da hora de aposentar aquela sua lata velha, Ranger! Ou acha que aquilo vai durar pra sempre? — Sorri nervoso e, quando me virei, Lucas estava parado à minha frente.

— Não seja um filho da puta, Henrique! Sei que nunca fomos os melhores amigos, mas te considero pra caramba, ainda mais depois do meu acidente. Então abre a porra da boca e desembucha o que tá acontecendo. Por que você tá trabalhando aqui?!

Suspirei derrotado, sem saída. Puxei um caixote de debaixo da mesa e sentei. Lucas fez o mesmo, aguardando minha resposta. Pensei no que falar e resolvi dizer a verdade. Ele era confiável e eu precisava mesmo conversar com alguém.

— Meu pai quer que eu assuma a fazenda, mas eu nunca vou

conseguir me encaixar nesse mundo. Tentei explicar mil vezes que não é a vida que eu quero. Não tenho outra opção a não ser me esconder, porque ele acabaria com qualquer emprego meu. Acho que ele compraria qualquer empresa em que eu trabalhasse só pra me demitir.

— Cara, eu sempre soube que essa vida no interior não era pra você. Mas não entendo por que você não mete o pé e vaza daqui.

— Meu pai tá doente, Ranger. Ninguém sabe, mas já tem dois anos que ele vem lutando contra um câncer. Eu não posso abandonar ele agora, sou a única família que ele tem — expliquei. Lucas sacudiu a cabeça.

— Porra, que merda! Sinto muito! Só falta explicar o que tá fazendo trabalhando como mecânico do Carlito...

— Sou apaixonado por carros. — Apontei para a Brasília que alguns minutos antes eu consertava. — Como recusei administrar a fazenda, meu pai cortou a grana. Então, dei o meu jeito — confessei, dando de ombros.

— Henrique, eu nem sei o que te dizer — Lucas parecia absorver tudo o que eu lhe contara. — Nunca imaginei que você tivesse passando por tantos problemas.

Era por isso que eu mantinha a outra imagem, a de filhinho de papai mimado e playboy riquinho. Preferia ser tratado assim a sentir a pena que eu via nos olhos do Lucas. Isso me deixava puto.

— Cara, isso não importa. — Levantei, irritado. — Como eu disse, sua caminhonete tem que ser aposentada. Pensa nisso. Agora você precisa sair. Vou fechar pro almoço.

Peguei as chaves para sair, mas Lucas me parou, segurando meu ombro. Seus olhos travaram nos meus e eu me afastei,

tentando dar o assunto por encerrado, mas ele insistiu.

— Nem de longe passei pelo que você tá vivendo, cara. Por isso não posso te ajudar, ainda mais quando envolve família. Eu coloco a minha acima de qualquer coisa. Imagino o nó que tá na sua cabeça... Só quero dizer que tô aqui se precisar de mim...

— Lucas ajeitou o chapéu, um pouco desconfortável. — O.k.! Isso foi meio gay, mas era o que eu queria dizer: *companheiro é companheiro, filho da puta é filho da puta*.

— É, você tem razão. — Pensei por alguns minutos em suas palavras. — Isso foi muito gay — finalizei, brincando, para descontraír o clima.

Dei um soco de brincadeira no braço do Lucas e ele me seguiu até a porta, rindo. Do lado de fora, conversamos sobre a fazenda e o seu trabalho. Lucas percebeu que meu pai era um assunto delicado para mim e não o mencionou mais. Fiquei agradecido.

— Quer dizer que a Pietra vai transformar a Girassol em um centro de reabilitação pra crianças deficientes? — perguntei, estupefato com a notícia que ele tinha me contado. Na verdade, já tinha ouvido alguns boatos a respeito do projeto. Sabe como é, cidade pequena, todo mundo sabe de tudo, mas eu ainda não acreditava que a patricinha pudesse planejar algo tão grande. As aparências enganam mesmo. E eu que achava que assim que se casasse, ela iria levar a vida bem longe desse fim de mundo, ao lado do seu peão.

— Cara, eu nunca vi a Pietra tão animada! Mesmo antes de terminar a faculdade ela já começou a pôr o projeto em prática. Agora que a Sílvia tá chegando pra trabalhar com ela, então, minha potranca tá nas nuvens.

Virei a cabeça bruscamente, quase como a menina do filme O

Exorcista.

— Ela vem morar aqui? — perguntei, surpreso.

Lucas levantou uma sobrancelha e um sorriso despontou em seu rosto. O desgraçado já tinha sacado tudo.

— Desde o dia em que você me ligou eu tô curioso com o seu súbito interesse na Sílvia. Você comeu ela, né, seu vagabundo? — Apesar do linguajar, ele não estava sendo desrespeitoso, era seu jeito de falar.

— Mais ou menos — respondi, mas logo fechei a cara.

— Cara, não existe meia foda. Comeu ou não?

O sorriso não sumia e eu queria partir sua cara, mas digamos que nunca ganhei uma briga com o Ranger. Então era melhor não arriscar.

— Não que seja da sua conta, mas trocamos um beijo no casamento. Mas nem começa, porque foi só isso.

Lucas caiu na gargalhada e eu fiquei tentando imaginar o que era tão engraçado. Olhei para ele, sério, mas o desgraçado não parava de rir, apontando para mim. *É sério isso?! Repreendi com o olhar.*

— Henrique... — Ele segurou meu ombro para me encarar, me deu dois tapas e depois soltou. — Você acha que a Pietra é uma mulher difícil, de personalidade forte?

Balancei a cabeça, confirmando. Pietra era osso duro de roer. Lucas tinha sofrido como um condenado nas suas mãos, até que os dois por fim se acertaram.

— Então se prepara, meu amigo. A Sílvia vai te comer no café da manhã!

Depois do alerta, Lucas entrou no carro para ir embora, e me deixou confuso e assustado com aquela hipótese. Mas antes que ele partisse, resolvi dar o troco.

— Cuidado na estrada com esse carro de mulherzinha, Sheila — provoquei, e Lucas me lançou um olhar de ódio, erguendo o dedo do meio. Pude ouvi-lo me mandar tomar naquele lugar, enquanto o Kia Soul tomava a estrada.

Rapidamente, tirei o celular do bolso. Sílvia devia estar na faculdade, mas não me importei e mandei uma mensagem. Ela teria que me explicar tudo nos mínimos detalhes. Em especial a parte que me escondera sobre a mudança.

Eu: Que história é essa de se mudar para a Girassol e não me contar?

Sei que ela não me devia satisfação, mas estava muito puto por Sílvia ter omitido esse pequeno detalhe. Porra, estávamos nos falando todos os dias fazia duas semanas! Acho que eu merecia saber.

Esperei alguns minutos e nada de ela me responder. Entrei na caminhonete e fui para casa. Tomei um banho rápido e meu estômago começou a rosar de fome. Abri a geladeira e fiz uma careta diante do que vi. Na verdade, diante do que eu não vi: só tinha cerveja e água.

Voltei para o quarto e vesti uma calça jeans, camiseta e tênis. Passei as mãos pelos cabelos para ajeitá-los e estava pronto. O jeito era comer um lanche na padaria.

Assim que cheguei, encontrei com a Carol, a namorada do Rodrigo. Ela trabalhava na padaria fazia muito tempo e acabara de assumir o cargo de supervisora.

— Ei, sumido. — Ela me cumprimentou com dois beijos no rosto. Devolvi o gesto, sorrindo com gentileza. Carol era meio doidinha, mas fazia o Rodrigo feliz, então estava tudo bem para mim.

— E aí, o Rodrigo volta quando? — perguntei, pois fazia duas semanas que ele estava na estrada. Até que enfim ele tinha

conseguido o que tanto queria: montar profissionalmente. O pai dele fez um escândalo monstruoso quando descobriu o sonho do filho, mas o Rodrigo foi firme e não desistiu. Por um momento, enquanto ele me contava o que tinha decidido, senti inveja. Não de sair pelo Brasil montando touros, mas de poder enfrentar o pai sem se importar com mais nada, como ele fez.

Carol bufou irritada e levantou as mãos para o alto, nervosa.

— Nem me fala disso, Henrique. Ele tá em Americana! Sabe como são as mulheres de lá?! Tudo Maria Breteira. Mas eu juro que se ficar sabendo de qualquer coisa, seu amigo vai fazer a próxima montaria sem as bolas. — Fez um gesto ameaçador, como se estivesse com uma faca na mão, e eu entrei em pânico pelo Rodrigo. A Carol estava decidida a encerrar a curta carreira dele, bem como as esperanças de um dia ser pai, caso ele não se comportasse. Desejei que meu amigo estivesse mantendo o pau dentro das calças, senão a coisa ficaria séria para o lado dele.

— Deixa de besteira, Carol, o Rodrigo tá na sua — tentei tranquilizá-la.

— Na minha até o primeiro rabo de saia abrir as pernas. — Cruzou os braços e bateu o pé no chão, impaciente. — Vai me dizer que não é assim, garanhão?

Passei o braço pelo ombro da Carol e saímos andando em direção à lanchonete da padaria.

— Pode até ser pra mim, mas te garanto que o Rodrigo, assim como o Pedro e o Ranger, se aposentou. Não sei que feitiço vocês fizeram, mas tiraram de circulação os maiores pegadores da cidade. Só sobrou eu! — Pisquei para ela e me sentei.

— Vou rir muito quando você cair do cavalo, Henrique. — Jogou um beijo no ar na minha direção e saiu, rindo.

Suas palavras não me atingiram nem um pouco. Eu sabia que

estava longe de pendurar as chuteiras, apesar de andar meio desanimado nos últimos tempos. A única mulher com quem vinha conversando era a Sílvia. Lembrando dela, peguei o celular no bolso e vi sua mensagem.

Sílvia: *Quem foi o língua frouxa?*

Digitei a resposta depressa.

Eu: *Isso importa?!*

Sílvia: *Não que seja da sua conta, mas eu ainda estava me organizando. Por isso não te contei.*

Eu: *Porra, minha linda! Achei que estávamos nos dando bem.*

Sílvia: *À noite eu explico tudo. Preciso ir. Beijos, meu Galego.*

Sério que ainda teria que esperar por uma explicação da Sílvia? Por que escondeu que se mudaria para a cidade? Balancei a cabeça para o celular e o larguei sobre a mesa.

— Filha da mãe — murmurei.

— Falando sozinho, Henrique? — Uma voz chamou minha atenção e levantei o olhar. Raquel estava linda usando uma camiseta soltinha no corpo e um microshort que deixava à mostra suas pernas.

— Tudo bem, Raquel? — Desviei os olhos do corpo para o rosto.

— Seu sanduíche tá pronto, Henrique.

Antes que ela me respondesse, fui buscar o prato que estava sobre o balcão.

— Valeu, Júnior — agradei e voltei para a mesa.

— Não me diga que é isso que vai almoçar? — Raquel olhou para o meu queijo quente com ovo, fazendo uma linda careta. Concluí que tinha uma queda — não, um verdadeiro tombo — pelas morenas.

— Aceita? — Ofereci por educação, mas esperava que ela respondesse que não. Estava morto de fome.

Ela sacudiu a cabeça, negando, e puxou meu braço, fazendo com que o sanduíche caísse no prato.

— Nem morta que vou te deixar comer isso. Vem, hoje você é meu convidado e almoça comigo!

Saiu me puxando e eu não reagi, apenas a acompanhei.

— Não precisa, Raquel, tô acostumado. — Finalmente acordei do transe e tentei convencê-la. — Eu nem tô com tanta fome assim. Era só uma boquinha mesmo.

Meu estômago traidor escolheu aquele exato momento para roncar como um leão enjaulado. Raquel riu e apontou a caminhonete estacionada em frente à padaria. Indiquei a minha, que estava logo atrás, mostrando que também estava de carro.

— Você sabe onde eu moro. Te espero lá em casa!

— Mas...

— Nem mas, nem meio mas! Você almoça comigo e ponto final.

Depois do seu ultimato, não pude recusar o convite. Raquel nem esperou eu responder e arrancou com o carro, sumindo de vista. Como não me deu alternativa, entrei na caminhonete e a segui.

Era muito perto, menos de cinco minutos até sua casa. Assim como todas as outras casas da cidade, inclusive a minha, era simples, mas muito bem cuidada. Raquel abriu a porta e eu fiz questão de tirar o tênis para entrar. Segui-a, sentei em uma banqueta próxima à bancada que separava a sala da cozinha e a observei.

— Quer ajuda? — ofereci, apesar de ser uma negação cozinhando.

— Você não me parece o tipo de cara que cozinha — disse, com ironia.

— Não mesmo — respondi, sincero.

— Não se preocupa, gato. Risoto de camarão e salada de folhas verdes.

Eu não resisti e acabei soltando um suspiro involuntário. Raquel se virou e me encarou preocupada.

— Algum problema? Posso mudar o cardápio se não gostar de risoto.

— Você tá brincando, né? — Tentei parecer sério, mas foi em vão. — Há tempos não como nada tão espetacular! — Raquel sorriu, gentil, e voltou a mexer nas panelas.

A todo momento eu tentava não olhar para sua bela bunda, mas ficava cada vez mais difícil. Era um espetáculo!

— Tem cerveja na geladeira e vinho branco. Eu vou de vinho. *Graças a Deus!* Um motivo para me levantar.

— Vou te acompanhar.

Caminhei até a geladeira e peguei a garrafa. Raquel secou as mãos em uma toalha e retirou duas taças do armário. Abri o vinho com o saca-rolhas que ela me passou e servi. Raquel sentou de frente para mim, do outro lado do balcão.

— Então, por que o filho do coronel estava comendo um lanche barato na padaria da cidade?

Ajeitei-me desconfortável na banquetta. Já não bastava o Lucas com o bombardeio de perguntas.

— É uma longa história. — Levei a taça à boca e saboreei a bebida, tentando evitar o assunto. — Mas não quero falar sobre isso.

Raquel me encarou um pouco mais e seus lábios se ergueram em um sorriso tímido. Ela também bebericava o vinho, mas de

uma forma que me lembrava sexo. *Acho que estava há muito tempo na seca.*

— Entendo. — Ela encerrou o assunto. — Todo mundo tem segredos, não se preocupa.

Raquel e eu passamos um tempo excelente juntos. Como eu já sabia, ela tinha uma boca bem suja e conversamos sobre tudo. Desde futebol até sexo. O almoço estava de comer de joelhos e eu não cansava de elogiá-la. Acabamos tomando toda a garrafa de vinho, e confesso que o ambiente estava ficando mais quente do que o necessário. Os olhares, toques e palavras me deixavam cada vez mais excitado, e tenho certeza de que Raquel sentia o mesmo.

Estávamos sentados no sofá quando meu celular tocou e vi que era o Carlito. Não atendi, mas levantei para me despedir e ir embora. Quando fui lhe dar um beijo, Raquel virou o rosto e acabamos trocando um selinho. Nossos olhos se cruzaram e fiquei dividido: queria beijá-la, mas ao mesmo tempo não achava certo, talvez porque ela tenha tido um caso de anos com o Lucas.

— Obrigado. Tava ótimo. — Resolvi me manter em terreno seguro e me afastei.

Raquel não pareceu se incomodar com a minha rejeição. Abriu a porta, dando espaço para que eu passasse.

— Não por isso, gato — piscou, atrevida. A mulher era um vulcão. — Sempre que quiser.

Entrei na caminhonete, mas não parti sem antes vê-la fechar a porta. *Caralho! Que porra tinha acontecido comigo?* Em outra época eu teria partido para cima da gostosa em dois tempos.

Como uma resposta às minhas perguntas, o celular vibrou. Daquela vez não era o Carlito.

Sílvia: *Sem pressão. Só não achei que tava na hora de te contar.*

Sem pressão? Do que a Sílvia tinha medo?

Como se uma pedra caísse na minha cabeça, lembrei do que disse a ela no posto de gasolina. É claro que ela ainda não tinha me perdoado, apesar das nossas conversas, e eu precisava contar logo o que de fato tinha acontecido, e também sobre como meu pai poderia interferir na minha vida.

* Vou enlouquecer, enlouquecer, baby, eu vou enlouquecer/ Você apronta, depois vai embora/ Você me deixa enlouquecer, enlouquecer, baby, enlouquecer por você/ O que eu posso fazer, querida? Eu estou triste (“Crazy”, Aerosmith).

HENRIQUE

Troquei de camiseta três vezes e nada do que eu vestia me parecia adequado. Finalmente reencontraria Sílvia e descobriria o que tanto me ligava a ela. Duas semanas haviam se passado desde que descobrira que ela se mudaria para a Girassol. Não gostei muito de ela não ter me contado, muito menos de suas desculpas, mas no fim acabei deixando para lá.

Sílvia alegou motivos que mostravam que tinha medo de tudo que estávamos vivendo. Disse que não queria apressar as coisas, já que ainda estava organizando a mudança. Eu sabia o que ela sentia, porque estava sentindo o mesmo. Porém, pelo menos daquela vez, conseguira me abrir mais, e Sílvia era a responsável por isso. Quando não nos falávamos pelo telefone, quando não recebia o seu “bom dia”, ou quando não ouvia sua voz antes de dormir, era como se meu dia não tivesse sido completo. Apesar da distância física, ela estava presente em minha vida. Compartilhamos tudo naquele mês, das pequenas conquistas às frustrações do dia a dia.

Sílvia tinha o dom de me fazer esquecer tudo enquanto nos falávamos. Ela me acalmava e me deixava mais relaxado, mais distante do mundo em que vivia e mais perto de algo que muitos chamavam de felicidade.

Ainda não a tinha visto. Queria ter ido à fazenda, mas Sílvia me impediu, dizendo que precisava organizar toda a mudança.

Concordei, mas tive vontade de reconsiderar minha decisão algumas vezes. Não foi fácil. Focar no trabalho foi impossível sabendo que ela estava tão perto. Tive um autocontrole do cão para não ir sequer espiá-la.

Entrei na caminhonete algumas vezes, decidido a procurá-la. Era mais forte do que eu a vontade que sentia de vê-la, de descobrir se ela despertaria tantos sentimentos em mim pessoalmente quanto fazia pelo telefone. Até que Ranger me ligou avisando que todos estariam no Taurus à noite. Fiquei apreensivo e pensando no porquê de ele ter me avisado. Cogitei a possibilidade de ligar para a Sílvia e questioná-la, mas então a realidade de que eu não sabia porra nenhuma do que estava acontecendo me abateu. Sílvia não me devia satisfação, não éramos nada um do outro e muito menos mantínhamos uma relação. Apenas trocávamos mensagens e nos falávamos pelo telefone.

Passei algumas horas em profunda agonia e, como se soubesse o que eu estava sentindo, Sílvia enviou uma mensagem dizendo que queria me ver à noite. Sorri como um idiota e respondi que não via a hora de estar com ela.

Depois de ler a mensagem, passei o resto do dia lembrando do beijo que havíamos trocado no dia do casamento. Já tinha beijado muitas mulheres, tantas que perdi a conta, mas Sílvia deixou, com aquele beijo, um pedaço dela marcado em mim. Toda vez que pensava nos seus lábios tocando os meus, sentia uma parte dela comigo. Era estranhamente assustador, mas, ao mesmo tempo, sentia que era o que eu precisava na minha vida. Sílvia me revigorou, trouxe motivos para lutar por alguém. Para acreditar em sentimentos bons. Até então, nenhum deles envolvia o coração e o corpo de uma mulher em uma mesma

equação. Eu queria tudo dela. Desejava seu corpo com urgência, mas também não abria mão da Sílvia que conheci em nossas conversas. A mulher inteligente, decidida e bem-humorada.

Olhei no relógio e percebi que estava atrasado.

— Droga! — xinguei. Não queria perder mais nenhum minuto. Peguei as chaves, a carteira, parei em frente ao espelho e passei as mãos pelo cabelo. Estava com uma camisa xadrez, jeans e botas. — Gato! — Pisquei para o reflexo e ensaiei meu sorriso mais charmoso. Não estava me achando, era mais como uma constatação.

Mandeí uma mensagem dizendo que estava saindo de casa. Cheguei ao Taurus meia hora depois do combinado, pensei que estava atrasado, mas Sílvia tinha me respondido dizendo que eles haviam acabado de chegar.

Era noite de sexta-feira e todos os jovens da redondeza estavam no bar, animado pela música ao vivo.

Entrei e já dei de cara com alguns conhecidos, que um a um foram me cumprimentando. Carlinhos, um companheiro de farra, foi logo me puxando e enfiando uma cerveja na minha mão.

— Cara, adivinha quem tá cantando? — perguntou, todo animado. De onde eu estava não podia ver o palco. Pela voz eu sabia que era mulher, mas não conseguia identificá-la. Concentrei-me na letra da música.

*É deserto onde eu te encontrei
Você me viu passar
Correndo só
Nem pude ver que o tempo é maior
Olhei pra mim
Me vi assim*

*Tão perto de chegar
Onde você não está.**

— Não reconheceu? É a gata do terceiro ano, aquela... Henrique, você tem que me dizer se aqueles peitos são de verdade. — Pôs as mãos em conchas sobre o peito e botou a língua para fora, como se fosse lambe-los.

— Fecha a boca, idiota. Não sei de quem você tá falando.

Ele se surpreendeu pela forma como o repreendi, mas continuou a falar da cantora. Carlinhos passou a mão pelos meus ombros e me levou alguns passos para a esquerda, de onde se podia ver o palco. Então vi a loira em quem dei uns pegas quando éramos adolescentes. Ela já não parecia tão interessante. Desviei o olhar para uma mesa perto do palco e senti todos os pelos do meu corpo se arrepiarem. Era Sílvia.

Meu Deus, o que tá acontecendo comigo?

O coração disparou e eu não conseguia fazer as pernas caminharem até ela. Desvencilhei-me do Carlinhos e juntei toda a minha coragem para, enfim, reencontrá-la.

Quando me aproximei, percebi que todos os meus amigos estavam lá: Ranger e Pietra, Rodrigo e Carol, Pedro e Mariana... *Mas, peraí, quem era aquele cara que estava ao lado da Sílvia?* Nunca o tinha visto na cidade antes. Eles estavam sentados lado a lado e sorriam, cúmplices. *Que porra era aquela?*

— Chega mais, Henrique — disse Lucas. — E aí, camarada? — Ele levantou para me cumprimentar, apertando minha mão. Rodrigo e Pedro fizeram o mesmo.

Cumprimentei as meninas com um beijo no rosto de cada uma.

— Oi, Galego.

Sílvia sussurrou assim que eu a abracei. Sua voz chegou

como uma explosão em meus ouvidos. Não queria soltá-la. Queria prendê-la em meus braços até me impregnar com seu cheiro. Olhei em seus olhos e tive a certeza de que a queria. Eu precisava tê-la. Nós nos encaramos por alguns segundos, e todos os sentimentos que vivera nas semanas anteriores se elevaram à quinta potência. Estava quase em êxtase diante dela.

— Henrique, esse é o Jorge. Ele foi nosso professor na faculdade e agora é o gerente de projetos no Centro de Reabilitação. — Pietra me apresentou o homem que estava sentado ao lado da Sílvia. — Jorge, esse é o Henrique, um grande amigo e meu padrinho de casamento.

Nosso aperto de mão foi forte.

O tal professor fechou a cara, transformando-se por completo depois da minha chegada. Acho que ele percebeu minha troca de olhares com a Sílvia e fez questão de se fazer presente. Não recuei e, com certeza, ele entendeu que eu também a queria. Ficou bem claro que ambos estávamos ali pela mesma mulher.

Puxei uma cadeira. Sentei ao lado do Rodrigo e de frente para a Sílvia, para não tirar os olhos dela. Isso parecia agradá-la, já que retribuía o meu olhar, sorrindo disfarçadamente, para raiva do professorzinho.

Estava linda, com uma calça jeans e um top tomara que caia, mostrando o lindo colo cor de chocolate. Uma corrente descia pelo pescoço e um pingente de coração pendia entre os seios. Ergui o olhar e parei em sua boca. As lembranças do nosso beijo mais uma vez me invadiram. Senti vontade de tocar seus lábios quentes e macios de novo.

— Caralho!

Senti uma dor enorme em minha canela e não contive o grito quando alguém me chutou. Pietra estava ao lado da Sílvia, e me

encarava como se fosse me matar. Estreitei os olhos para examiná-la, tentando entender o que se passava em sua cabeça. Pietra já me conhecia. Sabia que eu estava interessado na Sílvia, mas sua atitude deixava bem claro que ela não estava de acordo com meus olhares para sua amiga. Dei um meio sorriso, um daqueles de cafajeste, e ela revirou os olhos, reprovando. E, então, como se fosse outra pessoa, pôs um sorriso no rosto e se virou para conversar com o tal professorzinho.

Observei Sílvia e ela sorria com a troca silenciosa de farpas entre a Pietra e eu. Dei de ombros, indicando que nada me impediria de estar com ela, muito menos a patricinha.

Passei a conversar com o Rodrigo, que estava ao meu lado, mas sempre que podia roubava um olhar da Sílvia. Apesar de conversar com a Pietra ela também não parava de me observar, o que me deixava imensamente feliz.

A noite estava agradável e só não era melhor porque o filho da puta estava em volta da minha garota. *Minha sim!* Passei várias semanas ao telefone com ela e podia dizer que, naquela cidade, naquela noite, naquele momento, Sílvia era minha.

— Jorge, o que te fez escolher a fisioterapia? — perguntou Pedro, chamando a atenção de todos.

O desgraçado sorriu, mostrando todos os seus dentes brancos, e passou a mão pelos cabelos. *Droga!* Ele sabia como atrair os olhares das meninas, pois as quatro que estavam na mesa quase babavam por ele.

— Eu me formei em medicina primeiro, mas me apaixonei pela fisioterapia e acabei cursando mais uma faculdade. Fui voluntário no Haiti e fiz o meu doutorado na França antes de me tornar professor — explicou.

De repente, fiquei com uma vontade enorme de bater a

minha própria cabeça na mesa até ficar irreconhecível. O cara era perfeito. *Como eu poderia competir?!*

— E as francesas? — Rodrigo perguntou, provocando a ira da Carol. Ao perceber que iria apanhar da namorada, tratou de consertar a situação. — Quer dizer... o francês, foi difícil aprender a língua? — Coitado do meu amigo, ele pagaria caro por aquele comentário.

— Na verdade, francês é uma das línguas que falo desde criança.

— Uma das? — perguntei com desdém.

— Sim, também falo inglês e alemão. E você, o que faz?

Levou a garrafa de cerveja à boca depois de fazer a pergunta. Sílvia me encarava ansiosa, aguardando minha resposta. Bufeí, não tinha como ser pior para mim. Nem morto eu diria que trabalhava como mecânico. Não diante do senhor perfeitinho.

— Administro as fazendas do meu pai. Sabe como é? Sou o maior produtor de soja do estado. — Menti descaradamente, tentando tornar aquilo mais importante do que era.

Rodrigo engasgou com a cerveja e Ranger me olhou, surpreso. As meninas não se espantaram, pois todas pensavam que era verdade. Olhei de soslaio para a Sílvia e vi como sorria orgulhosa para mim.

— Vamos ao banheiro? — disse Mariana. E, assim como previ, Pietra, Carol e Sílvia a acompanharam. *O que tem as mulheres e o banheiro feminino?* Deve ser o QG onde confabulam e planejam contra os homens, é a única explicação!

— Vou pegar mais algumas cervejas.

O almofadinha se levantou em direção ao bar.

— Eu te ajudo. — Pedro saiu com ele.

Então me vi alvo de dois pares de olhos que me encaravam

com descrença.

— Por que mentiu, Henrique? A garota tá na sua. — Rodrigo foi o primeiro a falar, recriminando minha pequena encenação.

— Por quê? — Olhei para ele tentando entender se era burro ou estava de sacanagem com a minha cara. — Porque eu sou um mecânico fodido e deserdado pelo pai! E aquele cara — aponte para o balcão onde Jorge estava — é a porra de um médico que foi voluntário no Haiti, fala três línguas e fez doutorado na França. Até eu, se fosse mulher, dava pra ele.

Não tinha como competir.

— Besteira, cara. — Ranger começou a falar. — Te garanto que a Sílvia não liga pra isso. Ela é diferente, Henrique. E posso te afirmar que mentir não vai ajudar em nada. Desde que eles chegaram eu percebi que o Jorge tá interessado nela. Mas foi de você que ela quis saber notícias assim que chegou.

O fato de Sílvia ter perguntado sobre mim me reanimou. E me encheu de esperança.

Ela sentia o mesmo que eu. Saber que preferia a mim me fez querer dançar como uma criança que tinha ganhado uma aposta.

— E o que você disse?

Lucas sorriu.

— Que você é um filho da puta mulherengo que come qualquer uma que pesa mais de vinte quilos e mija sentada.

— Você tá de brincadeira comigo?! — respondi, quase gritando com ele. Lucas e Rodrigo caíram na gargalhada. Não acreditava que até um dos meus melhores amigos estava me zoando junto com o Ranger.

— Relaxa, meu irmão. Eu disse que você era um cara do bem, e só. — Deu de ombros e eu me endireitei na cadeira. Estava

com todo o corpo contraído. Quando levantei a cabeça para um ponto atrás do Lucas, percebi as meninas chegando. Todas elas riam e eu não me segurei. Levantei depressa e segurei a mão da Sílvia.

— Dança comigo? — pedi, e ela ficou em silêncio por alguns segundos.

— Claro — respondeu, um pouco surpresa com meu convite.

Pietra e Mari me fuzilaram com o olhar e Carol se afastou, levantando as mãos e sorrindo.

— Você é um cafajeste, Henrique. E eu vou te matar se aprontar com a Sílvia — Pietra enfim se pronunciou. Ela achava, assim como a Mari, que eu queria apenas me aproveitar da sua amiga, mas estava completamente enganada.

— Serei um verdadeiro anjo.

— Um verdadeiro idiota, isso sim — disse Pietra, mais descontraída. Deu um sorriso para a Sílvia e se afastou.

Saímos em direção à pista no momento em que Jorge voltava do bar. Ele não ficou muito feliz ao ver Sílvia em meus braços e fiz questão de sorrir vitorioso enquanto a conduzia, pousando a mão em suas costas.

Chegando à pista, segurei a cintura da Sílvia com uma das mãos e a puxei para mim, enquanto com a outra entrelacei nossos dedos. “Jeito carinhoso” começou a tocar e eu joguei a cabeça para trás, sorrindo e agradecendo o destino. Não teria como ser mais perfeito. Comecei a me movimentar, conduzindo Sílvia ao ritmo do arrocha sertanejo.

Dançamos por todo o salão, dando dois passos para cada lado, ao compasso da música. Minha linda não decepcionou. O quadril rebolava em minhas mãos e os seios roçavam minha camisa, de tão colados que estávamos. Comecei a sentir minha

ereção ganhar forma. Era tentador demais tê-la tão perto e não poder fazer tudo o que tinha sonhado nas últimas semanas.

— Não me provoca — adverti, sussurrando em seu ouvido.
— Tô por um triz aqui. Não vai querer que eu perca a cabeça.

Foi o mesmo que ter dito *faça o que quiser comigo*. Sílvia adorava um desafio, e minhas palavras soaram como uma aposta para ela. Não me respondeu, mas o que começou a fazer foi ainda pior. Mordeu o lábio inferior e depois deslizou a língua, umedecendo a boca. Sílvia abriu mais as pernas e ficou parada. Minha coxa direita deslizou para a frente, deixando-a quase montada em mim. Foi quando começou a rebolar e se esfregar em mim no ritmo da música. *Desgraçada, ela ia me pagar.*

Como eu quero

De novo um beijo seu muito gostoso

Do jeito que 'cê faz é carinhoso

*Por isso eu quero suas mãos em mim***

— E se tudo que eu mais quero for te provocar? Te ver perdendo a cabeça, a compostura e as roupas? Ah, meu Galego...

— Afastou-se para olhar em meus olhos depois de pronunciar as malditas palavras em meu ouvido. A mão desceu discreta entre nós e apertou meu membro por cima do jeans. *Safada*. Sabia que ela era como eu! Pode acreditar, quando uma mulher pega no seu pau em público, significa que você é a porra do homem mais sortudo do mundo.

As labaredas que vi no dia do nosso primeiro beijo tornaram a tomar conta dos seus olhos. Era puro desejo. Nossos corpos se encaixaram e voltamos a nos movimentar no salão.

— Tô louco pra dar uns tapas nessa sua bunda por me provocar desse jeito. Não vejo a hora de fazer isso e te foder

depois, bem devagar e gostoso. — Quando falei as últimas palavras, fiz questão de me esfregar nela, fazendo com que Sílvia sentisse meu pau totalmente ereto. Chegava a doer, tamanho era o meu tesão por aquela mulher. — Vou te comer como nunca foi comida na sua vida. Você vai implorar para que eu pare e, nesse momento, vou voltar a meter, forte e duro. Até seu corpo desfalecer na minha cama, nas minhas mãos. Vou te deixar tão louca que toda vez que pensar no meu pau te fodendo, vai ficar toda molhadinha.

Sílvia gemeu com as minhas palavras, o som que ela emitia era muito sexy!

— Vamos sair daqui. Agora! — Comecei a arrastá-la, mas senti meu braço sendo puxado para trás.

— Não posso ir com você — disse Sílvia, tentando se afastar. — Preciso voltar pra casa com a Pietra.

Tive vontade de rir, tamanho era seu engano. Nem morto e enterrado eu ficaria longe dela naquela noite.

Aproveitei que estávamos afastados das pessoas conhecidas e puxei Sílvia para os meus braços. Fiz o que tive vontade de fazer desde que a vira. Beijeí sua boca deliciosa. Sílvia retribuiu com o mesmo ardor. Éramos de uma urgência incontável. Suas mãos puxavam meu pescoço para mais perto e eu a girava, pressionando-a em uma parede próxima a nós. Segurei sua cintura e subi uma das mãos até a curva dos seus seios, enquanto lambia o canto da sua boca. Foi quando me toquei de onde estávamos. Não poderia expô-la daquela forma e, pela maneira como Sílvia reagia às minhas carícias, ela pouco se importaria se eu a fodesse ali mesmo.

— Aquele tal de Jorge te quer. — Ela abriu a boca para me responder, mas pousei meu indicador nos seus lábios, fazendo

com que se calasse. — Nem morto vou deixar você voltar pra casa com aquele idiota. Ainda mais excitada desse jeito.

— E quem disse que eu tô excitada?

— As labaredas — respondi.

Seguimos em direção à saída de emergência.

— As o quê?! — perguntou Sílvia, confusa.

— As labaredas nos seus olhos. — Já estávamos fora do bar, no estacionamento. Abri a porta da caminhonete e ela entrou.

— Seus olhos dizem tudo. Você me quer tanto quanto eu te desejo. — Puxei seu pescoço e dei um beijo de tirar o fôlego antes de fechar a porta.

Entrei no carro e respirei fundo. Estava muito ofegante, com o corpo tremendo. Meu pau doía e tive que ajeitá-lo na calça jeans, antes que o zíper deixasse uma marca permanente nele.

— Não sei se consigo chegar em casa. — Suspirei, derrotado pelo tesão e pela ideia de que Sílvia, em poucos minutos, estaria nua na minha cama.

— E por que esperar? — Mais uma vez ela me surpreendeu. — Podemos dar uma rapidinha aqui mesmo — completou, sem nenhum pudor.

Balancei a cabeça, sorrindo. Liguei a caminhonete, determinado a não me importar com mais nada.

— Você não me conhece, Sílvia. Não sou homem de rapidinhas. Quando fodo, é pra valer. E hoje, gostosa, você vai descobrir quem é Henrique Montolvani.

* “Catedral”, Zélia Duncan.

** “Jeito carinhoso”, Jads e Jadson.

HENRIQUE

— Vira. Você tá linda nessa blusa, mas eu preciso que fique nua pra mim — ordenei, e Sílvia obedeceu, ficando de costas. Encaixei-me nela e, antes de tirar sua roupa, esfreguei o pau na sua bunda deliciosa.

Nossa, que tesão!

Mal entramos em casa e já estávamos nos pegando, na sala mesmo. E não sei se chegaríamos ao quarto. Pelo jeito, tudo aconteceria ali mesmo. Estava louco por aquela mulher e Sílvia fazia questão de me provocar. Foram poucos minutos para chegar até em casa, mas suas carícias, enquanto eu dirigia, quase me fizeram causar um acidente. Segurei sua cintura com força e passei o nariz por seu pescoço. Absorvi o cheiro que não saía das minhas narinas desde que o sentira pela primeira vez: um aroma doce e delicado. Tudo nela era especial. O primeiro beijo que trocamos me marcou para sempre. Nunca o havia esquecido, nunca esquecera Sílvia e, finalmente, ela estava na minha casa, em meus braços. Seria minha, pelo menos por uma noite.

— Por favor, Henrique, não me provoca... Quero tanto você que tô entrando em combustão.

Enquanto eu beijava seu pescoço, Sílvia jogou a cabeça para trás, apoiando-se em meu ombro e sussurrando palavras que me deixaram com um tesão inexplicável, estava quase

explodindo. Eu também a queria com uma intensidade que nunca havia sentido. Não sabia decifrar o que Sílvia causava em mim. Era um desespero irremediável.

Virei-a e encarei seus olhos. Queria ver as labaredas de novo. E as vi, queimando como nunca.

— O que você fez comigo? — perguntei, beijando seus lábios de leve. — Por que eu não paro de te desejar?

Sílvia tirou as mãos do meu pescoço e começou a desabotoar a minha camisa. Quando suas mãos tocaram a pele do meu quadril, estremei. Parecia um adolescente se preparando para a primeira transa. Ela tirou minha camisa e continuou na mesma posição, de frente para mim, encarando-me. Olhei para o meu jeans, mas como Sílvia não se movia, fiquei preocupado.

— Acha que estamos indo rápido demais? — perguntei, e pedi a Deus que ela dissesse que não, senão eu explodiria de tesão.

Sílvia apenas sorriu e levou as mãos às costas. Ouvi o zíper se abrindo e logo seu top estava no chão.

— Nada na minha vida é rápido demais. Se tá acontecendo agora, é porque eu quis assim. Se eu tô aqui, nua na sua frente, é porque meu corpo te deseja, assim como você me quer. Nunca me arrependo do que faço. Quando você entrou naquele bar e meus olhos encontraram os seus, tive certeza de que a nossa noite não poderia ser diferente: teria que ser com você enterrado fundo em mim.

Enquanto Sílvia falava, suas mãos desciam até a calça jeans que vestia. E eu permaneci imóvel, salivando pela deusa à minha frente.

— Ganhei na loteria — disse, sorrindo com malícia.

— E que tal vir buscar seu prêmio? — Sílvia foi se afastando

enquanto me chamava, fazendo sinal com o indicador.

Eu fui, sem pestanejar. Era o que queria, era o que aguardara por semanas. Sílvia sentou no sofá e abriu as pernas, e por um momento eu tive que parar para recuperar o ar. A calcinha era de renda, transparente, estilo shortinho.

Deus! E eu que achava que fio-dental era sexy.

— Porra de mulher gostosa! — praguejei.

Tirei depressa os sapatos e, quando me livre do cinto, pronto para tirar as calças, a voz dela me parou.

— Não! Não! — Balançou o dedo fazendo um sinal negativo. — Primeiro você me faz gozar e só depois, se conseguir me satisfazer, terá o que quer.

Sua calcinha estava molhada, o que me deixou ainda mais louco. Seu desafio não me preocupou — se tinha uma coisa que eu sabia, era usar a língua. E usaria sem ressalvas.

— Tem certeza? — Eu me aproximei do sofá, já descalço e só de calça jeans. — Será que você tá preparada pra sentir todo o prazer que eu sou capaz de te dar? — desafiei, e ganhei de volta um sorriso encantador. Abaixei-me devagar e fiquei de joelhos na sua frente.

Meu primeiro movimento foi abrir ainda mais suas pernas, apoiando os pés no sofá. Sílvia arfou assim que toquei seu centro por cima do tecido fino e delicado, mas fiz questão de me demorar em sua pele, beijando e acariciando cada centímetro das coxas nuas.

— Ah! — Ela gemeu e eu me delicieei. Sua respiração já estava entrecortada. — Henrique! — Então, passei a língua por toda a extensão, ainda por cima do tecido. Sílvia tentou fechar as pernas, mas a segurei. Voltei a lambê-la e mais uma vez ela se arqueou. Podia sentir o pontinho duro, mesmo com a calcinha

entre a minha língua e o clitóris. Deliciava-me com sua boceta. Sua cor, sua doçura, seu gosto inebriante. Minha sobremesa preferida, minha musse de chocolate.

— Quer gozar, Morena? Diz pro seu Galego o que você quer.
— Sílvia não me respondeu e chamei sua atenção dando um tapinha de leve no clitóris, o que a fez pular em minhas mãos.
— Diz, gata, o que você quer que eu faça?

— Me chupa, Henrique. — Sílvia suplicou o que tanto desejava que eu fizesse. Tomando a iniciativa, ela começou a tirar a calcinha. Deixei que se despisse para mim e apenas observei. Depois peguei a calcinha e inalei o puro aroma de sexo.

— Cheiro de quem quer ser comida. Você quer que eu te foda, Sílvia?

Alisei suas coxas e minhas mãos chegaram até a boceta bem devagar. Estiquei o indicador e comecei a brincar em sua entrada. Enfiei o dedo devagar e logo recuei, deixando-a com um olhar de frustração. Gemi alto ao perceber o quanto estava molhada. Sílvia não brincava em serviço e eu estava louco para mostrar o que era capaz de fazer.

Resolvi parar de provocar e começar a jogar como gente grande. Abaixei, e minha boca encontrou os lábios da boceta, sedentos por mim. Lambi com vontade, assim como havia feito antes, nada me impedia de sentir a carne em meus lábios, lisa e toda aberta para mim, implorando pela minha língua, meu dedo, meu pau. Forcei a língua e enfiei nela, fodendo-a sem piedade. Sílvia se descontrolou e passou a puxar os meus cabelos, enterrando-me cada vez mais em seu corpo.

— E essa bocetinha gulosa? Não sabia que você era tão safada assim. Só as mais safadas ficam tão molhadas. E acho que

encontrei uma.

Afastei a boca só para provocá-la dizendo sacanagens. Enterrei o primeiro dedo em sua boceta, encarando seus olhos. Em seguida, preenchi-a com outro dedo.

Putá merda! Ela era puro fogo.

Com a outra mão eu acariciava o seio. Torcia o mamilo entre os meus dedos, enquanto a fodia implacavelmente.

— Vai, mostra pra mim o quanto você tá gostando.

Sílvia passou a gemer ainda mais alto e sua bunda levantava e descia em minha mão. Comandava o ritmo e meus dedos a fodiam como ela queria. Continuei a massagear os seios. Eram na medida certa, nem grandes, nem pequenos. Cabiam inteiros nas minhas mãos e a cor única me chamava atenção. O contorno dos mamilos tinha a mesma tonalidade de uma ameixa.

Caralho! Precisava comê-la.

Desci a boca de novo e capturei o clitóris entre os dentes. Trabalhei assim, com a boca em seu ponto mais que sensível, o dedo enterrado nela e o seio preso em minha mão. *Estava no paraíso.*

Senti Sílvia se contrair ainda mais. O corpo inteiro saiu do sofá e senti quando o orgasmo dela chegou, forte e arrebatador.

— Henrique... Henrique... Porra! — gritou ela, no exato momento em que bebi do seu gozo.

Inebriante.

Afastei-me depressa e retirei a carteira do bolso para pegar o preservativo. Assim que voltei, Sílvia estava de joelhos de frente para mim. Seus olhos encaravam o zíper da minha calça e eu percebi o que ela queria fazer, mas infelizmente ficaria para a próxima rodada. Precisava estar dentro dela ou enlouqueceria.

Tirei a calça rapidamente.

— Vem aqui. — Segurei sua cintura e beijei sua boca enquanto a conduzia até a mesa. Perdia-me em seus lábios quentes e saborosos.

— Deita as costas na mesa e abre as pernas pra mim, Morena. Ela fez o que mandei e eu desci minha cueca boxer.

Put a que pariu.

Olhei para baixo e meu pau saltava livre, ereto e vermelho. A cabeça estava a ponto de explodir, as veias pulsavam e eu podia ver o sangue fluir dentro delas.

— Porra, Henrique. Você é tão... tão... gostoso. — Ela também encarava o meu membro. Sorri com o elogio, mas não parei. Vesti a maldita camisinha que eu tanto detestava, mas que era necessária, e peguei Sílvia desprevenida.

Penetrei-a com um só golpe. Ela arregalou os olhos e vi as pupilas dilatarem, deixando-os ainda maiores. Enquanto ela gemia e se contorcia comigo enfiado entre suas pernas, brinquei mais uma vez com os seios, esperando que se acostumasse com o meu pau.

— Caralho, estão tão durinhos pra mim.

— Quer calar a merda da boca e me foder?

É. Pelo jeito ela já tinha se acostumado.

— Seu desejo é uma ordem, minha Morena.

Puxei Sílvia para a borda da mesa e levantei uma de suas pernas até o meu ombro, apoiando-a ali. Assim chegaria ainda mais fundo. Meti sem piedade. O corpo de Sílvia se chocava contra a madeira fria e eu estocava cada vez mais rápido e forte. *Como ela é quente... e molhada... e gostosa.*

Mais uma vez Sílvia tomou a iniciativa, sem nenhum pudor. Levantou a perna que estava sobre a mesa e a levou para junto

da outra. Assim meu pau se enfiava ainda mais na boceta apertada.

— Morena... — gemi, descontrolado. — Assim eu não aguento, gata. Vou explodir. — Senti meu abdômen se contrair avisando que a porra precisava sair. Tentei me segurar o máximo possível, mas já estava na seca havia um mês, masturbação no banheiro não contava. Não estava sabendo como lidar com uma mulher gostosa pra caralho nas minhas mãos.

— Não é pra aguentar.

Mesmo com seu pedido, não poderia apenas pensar em mim naquele momento. Sílvia era muito gostosa sim, mas isso não era desculpa para gozar tão rápido quanto um adolescente virgem.

— Então desce. Vou fazer isso gostoso pra nós dois. — Saí de dentro dela, mas assim que Sílvia se ajeitou para descer da mesa, enfiei de novo. — Gostosa.

Ela então desceu e eu a virei, fazendo com que seus seios ficassem sobre a mesa e a bunda arrebitada para mim. Forcei minha mão em seu traseiro liso e macio.

— Que rabo gostoso. — Mordi sua pele, antes de me ajeitar. Dobrei os joelhos e tornei a comê-la. — Vamos lá, Morena, me dá tudo, goza pra mim. — Alcancei seu clitóris e fiz movimentos de vaivém. Sílvia começou a gritar meu nome e tenho certeza que a dona Rosa, minha vizinha, estava com o ouvido grudado na parede. Ela sempre fazia isso. Parei de pensar na minha vizinha de setenta anos e foquei na bunda que balançava na minha frente.

— Eu vou gozar, Henrique. Continua, não para.

— Nem sonhando — disse entredentes. Contraí a mandíbula

e fechei os olhos. Senti que estava por um fio, quase gozando antes dela. Meti forte, mais rápido, exigindo tudo dela. Sua entrega, seu orgasmo...

— Isso... Ah... Delícia. Henrique...

Oh céus! Amém!

Deixei meu corpo cair sobre o dela e alcancei seu ouvido. Passei a dizer um monte de palavras obscenas, buscando seus gemidos. Ela ainda estava sensível, mas não dei descanso e continuei a acariciar seu clitóris.

— Minha vez. — Segurei seu quadril e passei a estocar fundo e rápido, com urgência. — Caralho... Porra... *Cazzo* — gemi, xinguei e gritei quase todos os palavrões que sabia, inclusive alguns em italiano. E então gozei. Uma onda de eletricidade, forte e arrebatadora, tomou todo o meu corpo. Ficamos parados, derramados um sobre o outro por alguns segundos que pareceram horas. Nossas respirações foram se acalmando, voltando ao normal. Queria aproveitar cada momento que tinha ao lado daquela mulher maravilhosa.

— Seja bem-vinda à minha cidade, Morena. Espero que se sinta em casa. — Brinquei antes de beijar sua pele suada.

— Eu não poderia ter recepção melhor.

Tenho certeza de que acordei com um sorriso idiota nos lábios. A noite foi muito mais do que eu esperava. Se na mesa da sala Sílvia quase me levou à loucura, eu não sabia o que me esperava quando chegássemos na cama.

Enlouquecedora era a palavra capaz de definir Sílvia. Algo extraordinário, que abalou todas as células do meu corpo. Minha Morena era um vulcão em erupção, e agradei a Deus por ainda ter vinte e sete anos — se fosse mais velho, não teria conseguido acompanhá-la. Sílvia era insaciável, arranhou

minhas costas com as unhas afiadas e meu couro cabeludo estava dolorido de tanto ela puxar meus cabelos. Um verdadeiro vulcão!

Tateei a cama, procurando a responsável pelo meu estado deplorável naquela manhã, mas me virei depressa quando encontrei apenas o colchão. Sentei e passei as mãos pelo rosto, tentando despertar.

— Morena? — chamei por ela.

Na noite anterior passara a chamá-la de *minha Morena*. Morena e Galego, uma combinação explosiva e que se mostrou perfeita quando nossos corpos se encaixaram. Várias vezes eu admirei o contraste da sua pele com a minha. A imagem que se formara na minha mente era única.

— Sílvia, você tá na cozinha? — Vesti depressa a cueca e saí à sua procura. Primeiro verifiquei o banheiro e, como ela não estava lá, passei pela sala e caminhei em direção à cozinha. Sílvia devia estar preparando o café. Sorri, feliz com esse pensamento. Poderia até me acostumar com aquilo: comer e depois comê-la. *Hummm!*

Mas não a encontrei em nenhum canto da casa. O silêncio e o vazio indicavam que a filha da mãe tinha partido sem se despedir. Procurei por um bilhete nos locais mais prováveis e mais uma vez fiquei de mãos abanando.

— Descarada! — xinguei, antes de procurar o celular. Liguei para ela, já irritado com a situação.

— Boa tarde, meu Galego. — A cínica atendeu como se não tivesse passado a noite transando comigo e me deixado sozinho pela manhã.

— Boa tarde, meu Galego? — perguntei, incrédulo com sua cara de pau. — Por que você não ficou? Ou me acordou pra se

despedir?

— Eu tenho muita coisa pra fazer aqui na fazenda. Tinha uma reunião bem cedo com a Pietra e o Jorge. Eu disse que não podia ficar pra dormir.

É, ela disse, mas eu não contava que ela sairia sem se despedir e, muito menos, que teria reunião com o almofadinha.

— Por que não deixou um bilhete? — retruquei meio manhoso, confesso.

— Henrique, você já transou com uma mulher e saiu no meio da noite sem dar explicações?

Repassei mentalmente metade da minha vida sexual, pois completa seria impossível, e confesso que já tinha feito isso mais vezes do que me lembrava. Não queria perguntas de quando seria o próximo encontro ou até mesmo questionamentos sobre um possível relacionamento, então a saída pela tangente era o caminho mais fácil para me livrar desse tipo de chatice. Sim, já tinha feito, e muito.

— Claro. — Não sabia muito bem onde ela queria chegar. Na verdade, sabia, mas não queria ouvir.

— O.k. Então, você sabe a resposta pra sua pergunta. Agora tenho que ir. Beijos, Galego.

Fiquei estático por alguns segundos depois que a Sílvia desligou o telefone. Depois da sua atitude, só consegui murmurar um “tchau”. *Porra de mulher complicada.*

Guardei o celular e tentei esquecer que havia acabado de provar do meu próprio veneno. Precisava ir até a oficina, então comi um sanduíche e fui a pé mesmo. Passei em frente aos Correios e, se meu dia já estava ruim, acabava de azedar de vez.

— E aí, Henrique? — Fiquei frente a frente com o Jorge, que tinha acabado de sair dos Correios, carregando uma pequena

caixa.

— Beleza, cara... — Estendi a mão para cumprimentá-lo. — Desculpa, esqueci seu nome. — Tinha esquecido porra nenhuma, mas não ia dar esse gostinho a ele.

— Jorge — disse, apertando a minha mão.

— Ah, é... Jorge. É que não sou bom com nomes. — Inventei uma desculpa e seu sorriso amarelo indicou que ele não caiu. — A gente se esbarra por aí. — Eu me despedi e dei três passos antes de ser parado por sua mão em meu ombro.

— Eu quero a Sílvia, não vou abrir mão dela. Você não a conhece, não sabe do que ela precisa.

Sacudi meu ombro de forma abrupta, fazendo com que sua mão caísse no vazio.

— E você, sabe?! É claro, como não percebi isso? — ironizei. *Quem esse idiota pensava que era?* — Você é o príncipe com cavalo branco e tudo, não é mesmo?

Já sabia que ele estava interessado na Sílvia, mas naquele momento deixou bem claro que estava disposto a comprar briga por ela.

— É um aviso, esperei tempo demais para ter uma chance com a Sílvia, e não vai ser um moleque metido a mauricinho que vai me impedir.

Ah! Era tudo que eu precisava.

Encarei-o com o corpo ereto. Não partiria para a agressão, a não ser que ele fizesse mais alguma insinuação a meu respeito, mas também não iria me rebaixar ou me encolher diante do senhor perfeito.

— Você não me conhece e não sabe nada da minha vida, e isso aqui não é a sua cidade, então, baixa a bola antes de fazer qualquer tipo de suposição sobre mim.

Jorge se afastou e sorriu com sarcasmo. Esse cara já estava me dando nos nervos.

— Eu vou lutar e espero que esteja preparado para fazer o mesmo. Está preparado, Henrique?

Ele deixou a pergunta no ar e ela passou a martelar na minha cabeça, fazendo meu cérebro entrar em curto.

Está preparado, Henrique?

SÍLVIA

— Sílvia. — Ouço a voz da Pietra me chamando.

— Oi, desculpa, não te ouvi.

Droga, mais uma vez eu estava pensando no Henrique.

— Isso deu pra perceber — sorriu, carinhosa.

Depois da reunião que tivemos pela manhã, fiz contato com algumas empresas para iniciarmos a construção do Centro de Reabilitação. Pietra disse que daria conta da parte burocrática, mas eu sabia que ela iria precisar de toda a ajuda possível. Então me prontifiquei para auxiliá-la no que pudesse. Assim, enquanto Pietra e eu organizávamos alguns documentos, Jorge foi resolver outras pendências na cidade.

— O.k.! — Pietra fechou o notebook e eu me preparei para o interrogatório. Conhecia-a muito bem, e a curiosidade reinava naquela cabecinha. — Vamos aproveitar que o Jorge não tá e conversar um pouquinho sobre o que aconteceu ontem à noite.

— Não há muito o que dizer. Beije o Henrique no seu casamento, o Ranger passou meu número pra ele, estivemos em contato no último mês e ontem transamos. É, resumindo, foi isso o que aconteceu.

— Belo resumo, mas você não disse nada que eu já não soubesse. O Lucas me contou sobre você e o Henrique. Então passe pra parte dos detalhes — disse, com malícia. — Principalmente os sórdidos.

Fechei a agenda onde fazia anotações e relaxei diante da Pietra. Ficava à vontade para conversar com ela sobre qualquer assunto, então não me intimidei.

— O.k. Os detalhes são ótimos. Digamos que o Henrique é muito mais que um corpinho bonito. O gato sabe mesmo usar seu equipamento — respondi, sorrindo. — Foi uma noite intensa, mas eu não tava preparada pro dia seguinte. Por isso voltei assim que amanheceu, antes de ele acordar. Poderia ter ficado, é claro, mas tudo foi um pouco assustador. Ainda bem que você deixou o carro na casa dele. — Sorri ao me lembrar da mensagem da Pietra. — Deixar o carro aberto com a chave dentro... Isso só acontece no interior.

— Não foi nada, o Pedro deixou a gente em casa. O Jorge veio mais cedo, acho que não ficou muito feliz depois que você saiu. Tá acontecendo alguma coisa entre vocês?

Fiquei pensando na pergunta da minha amiga. Tinha conversado com o Jorge na faculdade sobre a mudança dele para a fazenda e, desde então, senti que o clima estava um pouco estranho. Passei a notar seu flerte constante, mas ainda não tinha decidido o que faria a respeito. Não conseguia mais olhá-lo com o mesmo fascínio de antes. Tudo havia mudado, e me perguntava em que momento deixara de admirar todos os homens para contemplar apenas um.

— Não. Somos apenas amigos. — Fui sucinta na minha resposta, pois era a verdade.

— E com o Henrique? — questionou.

Dei de ombros, sem ter uma resposta concreta. O Henrique me balançava de um jeito diferente. Ele me despertava estranhas sensações desde a primeira vez em que o vi. Tinha vontade de protegê-lo e, no mesmo instante, queria me entregar a ele por

inteira. Estar com ele foi intenso e assustador. Tudo ao mesmo tempo.

— Não sei... — reconheci. — Acho que não tô preparada para viver tudo que ele me faz sentir. É um pouco demais, sabe? O Henrique é pura adrenalina, e a beleza dele me confunde. Não quero misturar as coisas. E não sei se eu tô pronta pra me entregar a outro relacionamento.

Pietra sabia como eu havia sofrido alguns anos antes por um cara que apenas brincara comigo. Mas essa era uma história que eu não queria relembrar. Trancar as lembranças no passado era o melhor a ser feito.

Ela me olhou com pesar, solidarizando-se com o meu sofrimento. Depois de alguns segundos, sorriu com naturalidade, como se dissesse que me entendia e que tudo ficaria bem.

— Já vi essa história.

— Ah, por favor. Minha história com o Henrique não tem nada a ver com a sua. Você e o Lucas são perfeitos um pro outro. — Não tinha cabimento ela ter dito aquilo.

Pietra bufou, levantou-se e sentou na poltrona à minha frente. E disse, me encarando:

— Aí é que você se engana. Eu e o Lucas tínhamos tudo pra dar errado. Não foi fácil. Na verdade, foi tudo muito difícil. Sabe qual é o meu conselho? — Sacudi a cabeça em negativa. — Se for pelo Henrique que seu coração bate forte, não deixa passar. Não se esconde, não fica com medo. Eu fiquei e isso me afastou do Lucas durante um bom tempo.

Lembrei de como a Pietra estava quando a conheci. Abatida, sofrendo demais pelo Lucas. Eu tinha um medo enorme de sofrer, não estava preparada para ser abandonada outra vez. Já

tinha passado por isso. Mas Pietra estava certa, não adiantava me esconder, o Henrique me despertava para a vida e eu não iria ignorar.

Seja o que Deus quiser!

— Gostei desse sorriso. — Pietra apontou o dedo indicador para o meu rosto, e continuei sorrindo.

— Acho que você tem razão. Não tenho nada a perder. Vida nova, casa nova, novos amores. — Dei de ombros, aceitando o conselho.

— Vem cá... — Pietra sussurrou, aproximando-se. — Ele é tão gostoso assim mesmo?

— Você não faz ideia do que ele pode fazer com a língua.

— Puta merda! Eu sabia. — Pietra gargalhou.

Conversamos um pouco mais antes de voltar a trabalhar. Tínhamos uma grande missão pela frente e não havia espaço para erros. Foco era a palavra de ordem.

Já era tarde quando me afastei do computador. Enviei alguns e-mails, pedi orçamentos e analisei currículos. Na verdade, as contratações eram responsabilidade do Jorge, mas fiquei de separar os candidatos mais interessantes e repassar a ele só os profissionais que tivessem o perfil do Centro de Reabilitação Girassol.

Um problema com a internet me impediu de enviar a ficha dos candidatos por e-mail. Então imprimi, montei uma pasta e alguns minutos depois estava batendo na porta do escritório improvisado do Jorge.

Assim que ouvi sua voz me dizendo para entrar, abri a porta.

— Professor... Argh... Desculpa, Jorge. — Eu me corrigi quando vi a desaprovação em seu rosto.

Fazia um tempo que ele insistia que o chamasse pelo nome,

mas era difícil me acostumar. Sempre o vira como meu mestre e, apesar de estarmos tão próximos, não conseguia deixar de me sentir sua aluna. Sorri sem graça e sentei na cadeira em frente à sua mesa.

— Melhor. Quando vai parar com essa mania, Sil? — Ao contrário de mim, que não conseguia dissipar a formalidade, Jorge sempre me chamava pelo apelido. Ele sorriu e eu abaixei a cabeça, envergonhada. Sentia-me pouco à vontade na presença dele. Seu olhar sobre mim era sempre muito intenso. Comparado ao Henrique, Jorge era mais desafiador. Não sabia como explicar, mas era como se ele estivesse esperando algo impossível de mim. Era estranho, mas era assim que me sentia em relação a ele.

— Trouxe alguns currículos. Estamos sem internet e por isso não enviei por e-mail. Sei que detesta o desperdício de papel, mas foi a única alternativa — brinquei, porque na faculdade ele sempre pedia os trabalhos no formato digital.

Jorge retirou os óculos e pousou sobre a mesa. Estendeu o braço direito, alcançando a pasta em minhas mãos e, por um instante, vislumbrei uma marca de tinta rodeando o bíceps que a manga da camiseta polo escondia.

Ele tinha uma tatuagem?! Por essa eu não esperava.

— Achou algo interessante? — perguntou de maneira formal, compenetrado, lendo os currículos. Por um momento achei que ele tinha me pego em flagrante olhando o desenho tatuado no seu corpo.

— Gostei bastante dos currículos das áreas administrativas e financeiras. Precisamos de alguém competente, caso contrário tudo pode desandar. Também entrei em contato com as ONGS que você indicou. Algumas já responderam e querem marcar

uma entrevista com a Pietra. Acredito que vamos receber o apoio delas.

Enquanto eu falava, ele continuava analisando os papéis.

— Isso é bom. Não conseguiremos manter uma estrutura desse porte só com o tratamento particular. Teremos que fazer parcerias para angariar fundos. Além do mais, Pietra faz questão de que uma parte das vagas seja destinada ao tratamento de pacientes carentes. E nisso as ONGs e as empresas que indiquei podem ajudar. Vamos montar um projeto e pedir que eles patrocinem algumas dessas vagas, arcando com os custos de alguns pacientes.

Cada vez que discutia sobre o projeto, eu me apaixonava ainda mais por ele. E via em Jorge o mesmo entusiasmo que envolvia Pietra e eu. Incrível como em tão pouco tempo ele havia mergulhado de cabeça no novo trabalho.

— A parte médica eu deixei pra você. Não sou competente o suficiente pra analisar os currículos.

Minha voz chamou sua atenção e ele levantou a cabeça, franzindo a testa. Seus olhos me encaravam intensamente, causando certo desconforto. Senti o rosto queimar.

— Besteira, Sil. Claro que você tem competência. Foi uma excelente aluna, uma das melhores a quem tive o prazer de lecionar.

Fiquei um pouco envergonhada, mas agradei com educação:

— Obrigada pela confiança. Estou me dedicando muito. Falando nisso, acabei de receber o e-mail da Ande-Brasil. Meu curso começa daqui a dois meses.

Tinha me inscrito em um curso oferecido pela Associação Nacional de Equoterapia. Jorge levantou uma folha que estava sobre a mesa e eu pude ver o símbolo da Ande nele.

— O meu também — disse, animado. Jorge já tinha os cursos básicos e se especializaria na área de gestão de Centros de Equoterapia.

Balancei a cabeça e ficamos em silêncio nos segundos seguintes. Um silêncio bem constrangedor, diga-se de passagem. Levantei para sair, já estava incomodada com o olhar dele sobre mim, mas Jorge se levantou e me interceptou.

— Preciso falar com você. — Sua voz forte, seca, sem nenhum resquício de dúvida, chamou minha atenção. Jorge segurou minha mão e me encarou. Dei dois passos para trás, tentando me afastar. Não queria misturar as coisas. Além disso, meu corpo não reagia ao dele da mesma forma que ao do Henrique.

— Professor, eu...

Comecei a falar, mas fomos interrompidos por um barulho vindo da porta. Jorge se afastou, ficando de costas, enquanto eu olhava para o Lucas, que nos encarava.

— Desculpa atrapalhar, a porta estava aberta — disse ele, um pouco constrangido. Seus olhos se alternavam entre Jorge e eu, e era nítido que estava envergonhado.

— Não atrapalhou. Só vim trazer uns currículos para o Jorge. Estou de saída — expliquei.

Lucas me encarava sério, como se avaliasse se deveria ou não acreditar em mim, mas depois seu rosto se suavizou.

— Só vim dizer que o técnico chegou — disse, e olhou para o Jorge, que estava de frente para nós.

— Perfeito! Vamos resolver de uma vez a questão da internet — respondeu Jorge, agindo de forma bem mais natural do que antes.

Deixei os dois conversando e saí de fininho. Ainda sentia o

toque do meu ex-professor na minha pele e não queria parar para pensar o que significava essa loucura.

Tomei um banho e, antes de anoitecer, resolvi que teria que ir à cidade. O Henrique não havia me ligado depois que nos falamos, e me senti uma vaca sem coração por tê-lo abandonado sem dar notícias. Para piorar, ainda tinha sido superfria ao telefone. A conversa com a Pietra também me encorajara. Decidi me permitir um pouco mais, mesmo que fosse apenas uma aventura.

Vesti um short jeans e uma blusa de alcinhas de tecido bem leve. Estava quente e eu ainda não tinha me acostumado com o clima da fazenda.

Quando descí as escadas, encontrei Pietra e Lucas na sala. Os dois estavam aconchegados no sofá vendo um filme. Riam com uma facilidade que me encantava cada vez mais. Queria uma felicidade assim: plena.

Aproximei-me, um pouco constrangida. Não queria ser uma terceira pessoa na casa deles, principalmente porque tinham acabado de casar, mas Pietra não aceitou um “não” como resposta. Além disso, até que o projeto saísse do papel, eu e o Jorge receberíamos apenas uma ajuda de custos. E eu teria que me organizar muito bem para conseguir me manter.

— Olá, pombinhos — chamei a atenção dos dois.

— Ei, Sil. Quer ver um filme com a gente? Essa comédia é muito hilária.

Olhei para a TV e vi que era um filme protagonizado pelo Leandro Hassum. Realmente uma excelente comédia.

— Obrigada, mas fica pra uma próxima. Na verdade, eu preciso usar o carro, se não for incômodo. — Recebi um sorriso cúmplice em troca. Pietra sabia muito bem o que se passava

pela minha cabeça.

— Claro, amiga. Já disse que pode usar o Kia sempre que quiser. Temos também a lata-velha do Lucas.

— Ei! — Lucas se ajeitou no sofá, parecendo indignado. — Minha Jabiraca tá muito bem, obrigado.

A gargalhada foi geral. Já tinha percebido o ciúme que o Lucas tinha da sua caminhonete. Pietra pegou a chave na mesinha ao lado do sofá e jogou para mim.

— Toma cuidado. À noite os animais costumam atravessar a estrada e podem te pegar de surpresa.

— Vou tomar. Até amanhã — despedi-me, e Pietra piscou, dando um sorrisinho malicioso, de quem sabia aonde eu ia.

No caminho, pensei muito no que tinha acontecido entre o Henrique e eu. A noite que passei com ele, apesar de ter sido apenas sexo, foi única. Mas ainda não tinha engolido a forma como me tratara no dia seguinte ao casamento.

No caminho, aumentei o volume do rádio e passei a cantarolar a música que tocava.

Sem me controlar

Te pego, te abraço, te beijo na boca

Você se segurando, me diz não ser louca

Quer ter tudo no seu tempo

*Tudo num certo momento ai, ai, ai.**

Vender meu carro foi uma decisão difícil, mas necessária. No final, o dinheiro acabou não compensando muito, era muito velho, mas eu precisava dele para pagar as contas enquanto o projeto não ficasse pronto.

Quando percebi, já estava estacionando em frente à casa do Henrique. Olhei para o céu, vislumbrei a lua que iluminava a noite e fitei as estrelas. Desci do carro e me aproximei da porta.

Estava um pouco nervosa, não sabia o que dizer. Bati três vezes e só não desisti porque ouvia barulhos vindos do interior da casa.

Levantei a mão para bater mais uma vez quando a porta se abriu. Finquei as pernas no chão, pois o que vi tirou meu equilíbrio. Henrique só de cueca branca. *Quem atende a porta só de cueca?* O cara era muito convencido, isso sim.

Desci os olhos por seu pescoço, ombros e abdômen mais que sarado. Atrevi-me e descí um pouco mais. Minha boca se encheu de água diante do monumento à minha frente.

— Boa noite, Morena. — Sua voz deliciosa chamou minha atenção e me tirou do meu transe nada inocente. Até cogitei repreendê-lo pelo apelido, mas aquilo teria que ficar para depois. — Posso ajudar?

Sua boca se curvava em um sorriso sacana. Não pensei duas vezes. Choquei-me contra seu corpo, jogando-nos para dentro. Suas mãos enrolaram na minha cintura e passei as mãos por seu cabelo molhado. Ele estava na temperatura ideal para me saciar.

— Você não faz ideia do quanto vai ajudar, meu Galego.

Henrique fechou a porta com o pé e me beijou.

E lá vamos nós!

* “Sem me controlar”, Marcos e Belutti.

HENRIQUE

Tive um dia de cão, e tudo por culpa do *professorzinho* metido a besta. Suas palavras martelavam a minha cabeça, e o pior é que estava ficando cada vez mais puto ao imaginar minha Morena e ele juntos na fazenda. Não sei o que acontecia comigo, mas Sílvia estava fodendo meus miolos. E, quando bateu na minha porta, senti todos esses sentimentos me controlarem de uma forma intensa. Medo, angústia, incertezas e tesão me dominaram. Não sabia como lidar com eles, mas o que sentia por Sílvia ia muito além do sexo. Isso sem contar que assim que ela chegou, pulou em cima de mim e me agarrou quase à força. *Quer dizer, não tão à força assim.*

Estávamos deitados, as pernas dela enroscadas nas minhas, a mão suave subia e descia pelo meu tórax, enquanto a cabeça descansava em meu ombro, trazendo conforto. Liguei o sistema de som e “In My Place”,* música de uma das minhas bandas favoritas, começou a tocar.

— Posso saber quais pensamentos pós-foda estão passando por essa cabecinha?

Tive que rir da pergunta. Beije delicadamente seu cabelo e respirei fundo, inalando o cheiro que vinha dela. Aroma de cereja. Meu Deus! Nunca conheci alguém que cheirasse como ela.

— Apenas no quanto você é maravilhosa — respondi, sem

olhá-la.

Sílvia ficou de lado na cama, apoiando-se em um dos cotovelos, e me encarou.

— Galego, eu... — Ela parou por alguns segundos e fixei o olhar em seu rosto, tentando decifrá-la. Sílvia parecia séria e assustada, e seus olhos desviaram, evitando me encarar.

— Diga, linda. Tô aqui — disse, tocando seu queixo e virando o rosto para mim.

Ela mordeu o lábio, parecia nervosa, mas não hesitou.

— Eu acho que tô gostando de você.

Fiquei paralisado, sem saber o que dizer. Apesar de saber que a Sílvia mexia comigo de uma maneira diferente, não estava preparado para sua declaração. Pelo menos não naquele momento.

— Não vai dizer nada?

Ela estava frustrada. Apressei-me em responder:

— Também estou gostando de você, Morena — disse a verdade. Movi meu corpo sobre o dela. Mordisquei de leve seu queixo, arrancando um suspiro profundo. Senhor, esse suspiro foi como uma súplica capaz de me acender no mesmo instante. Estava pronto para preenchê-la outra vez.

— Ótima forma de se dar uma resposta — disse, maliciosa, passando a mão na minha bunda. Eu estava pronto para uma nova rodada, e o sorrisinho safado dela indicava que sabia o que estava prestes a acontecer.

— Você mexe comigo desde a primeira vez que te vi, Morena. Me deixa louco de puro tesão.

Abaixei minha cueca com a ajuda da Sílvia e alcancei a cabeceira da cama, onde tinha deixado meus preservativos. Mas quando estava pronto para tomá-la de novo e me fundir ao seu

corpo, mais uma vez suas palavras me pegaram desprevenido e me deixaram tenso e preocupado.

— Vou adorar passear de mãos dadas com você pela cidade.
— Sua voz era carinhosa e as unhas raspavam de leve minhas costas, que, assim como todo o meu corpo, enrijeceram. Namorar? Meu pai enlouqueceria e me mataria, fazendo a mesma coisa com a Sílvia em seguida. Não poderia expô-la dessa forma e correr o risco de machucá-la.

— Desculpa, acho que tirei conclusões precipitadas — disse ela, ao sentir a minha reação.

Levantei o rosto e a expressão de decepção da Sílvia fez algo se contorcer dentro de mim. Eu era um filho da puta. A verdade era que eu queria aquilo tanto quanto ela, mas ainda não conseguia tomar as rédeas da minha vida sem pensar nas atitudes do meu pai.

— Eu vou embora — concluiu, por fim, quebrando o silêncio que começou a pesar no quarto. Arrastou o lençol da cama e cobriu o corpo. Ao pensar que eu poderia nunca mais vê-la, o pânico tomou conta de mim. Levantei e fui atrás dela.

— Aonde você pensa que vai? — Puxei uma ponta do lençol e ela agarrou o outro lado, com mais força.

Segurei firme, para ela perceber que eu não soltaria. Ficamos nessa guerra por alguns segundos, até que ela tomou a iniciativa.

— Eu vou pra casa! — gritou. — Quero deitar na minha cama e pensar no quão patética eu fui em achar que nossa história se tornaria algo especial. Por que eu tenho o dedo tão podre assim?!

— Vai embora porra nenhuma! Volta pra cama, Morena.

— Vai à merda! — Ela puxou forte o lençol e se afastou.

— Você não vai embora! — Elevei a voz. — Nem passando por cima do meu cadáver.

Então a interceptei antes que saísse do quarto. Parei na sua frente, mas quase voltei engatinhando para trás quando vi o ódio nos olhos dela. Sério que a Sílvia não iria me dar nem uma chance de explicar?! *As mulheres podem ser assustadoras quando querem.*

— O que você quer de mim, Henrique? Porque uma hora diz que gosta de mim, mas quando falo em relacionamento você quase tem uma síncope na cama. Tô completamente perdida! Não tô acostumada com isso. Então desembucha e para de fazer o papel de menino mimado...

Não disse?!

— Gata, me escuta — pedi, segurando seus ombros e fazendo com que me encarasse. — Eu nunca namorei, Sílvia. Não sei fazer isso. — Tive que ser sincero. Não sei se conseguiria ser o que ela esperava de mim.

— Eu também não tenho ideia do que tá acontecendo ou do que vai acontecer. Mas a vida é assim: tudo muda o tempo todo. Não adianta ficarmos imaginando o que poderia ter acontecido “se” a gente tivesse tentado.

Juro que se ela tivesse me pedido a porra de um pedaço da Lua naquele momento, eu teria embarcado no próximo foguete. O olhar que Sílvia me deu enquanto pronunciava aquelas palavras foi algo que eu nunca tinha recebido. Ela me olhava com carinho.

— Minha Morena. — Puxei-a para os meus braços e apoiei as mãos em suas costas macias. — Eu faço tudo o que você quiser.

Sílvia abriu um sorriso e eu senti um peso sendo retirado das minhas costas. Incrível. Até minha respiração fluiu de forma

mais natural.

— Agora vem aqui e me dá um beijo. Essa conversa me deixou cheio de tesão.

— Você é insaciável, meu Galego.

— E você não fica atrás, minha Morena.

Suspendi o corpo de Sílvia e no mesmo instante suas pernas estavam enroladas na minha cintura. Com muito cuidado, coloquei-a na cama, fazendo o possível para não desviar meus olhos dos dela. Era fascinante o quanto eles brilhavam quando estava excitada. Sílvia era o furacão que viera salvar minha vida do marasmo.

— Já quero você de novo, Galego. Isso é impossível... — disse, surpresa com suas próprias sensações.

— Deita assim, vou te mostrar que conchinha também serve pra outras coisas além de dormir.

Pus Sílvia de frente para a parede e me aconcheguei em suas costas. Sua bunda passou a roçar o meu quadril e eu me amaldiçoei. Sou um homem de bundas, e a da Sílvia era... Hummm!

— Querida, vai com calma, senão o jogo pode terminar antes do fim do primeiro tempo.

Sílvia virou o rosto e me encarou. Então pude ver as labaredas que eu tanto desejava.

— É por isso que gosto de basquete, você tem mais três tempos pra me mostrar do que é capaz. — E continuou a se roçar em mim.

— Puta merda! — xinguei alto. Sílvia tinha o dom de me deixar maluco apenas com uma frase.

Inclinei o corpo até alcançar um preservativo ao lado da cama e, quando voltei, encontrei Sílvia de pernas abertas. Abertas não,

escancaradas. O que me deixou tão duro que fiquei até dolorido. Pus o preservativo e penetrei aquela boceta que praticamente implorava por mim. Eu tinha pulado as preliminares, mas aquilo parecia não ser problema, porque ela estava pronta para me receber.

— Molhadinha?! — provoquei, com ironia.

— A culpa é toda sua. — Eu era o único que a possuía. Não era nenhum professorzinho ou qualquer outro filho da puta, era eu. Assim que ela terminou de falar, eu me enterrei por completo. Tive que respirar fundo e me acalmar, mas senti que seria mais difícil do que imaginava. Sílvia se contraía, apertando meu pau.

— Porra, Morena! — Precisava me apressar. Alcancei seu clitóris e passei a provocá-lo com os dedos. — Tão linda assim, toda molhadinha e entregue pra mim — sussurrei em seu ouvido e senti seu orgasmo começar a tomar forma. Os músculos enrijeceram e, mesmo através do preservativo, eu sentia sua umidade aumentando e esquentando meu pau, tornando quase insuportável a espera do orgasmo que eu sabia que viria.

Reduzi as investidas para não gozar antes dela, e foi engraçado ouvir o suspiro de protesto da minha Morena.

— Não ri, caralho — disse ela.

Não consegui evitar e ri de novo.

— Você gosta que te foda duro, não é mesmo? — Ela não me respondeu, então inclinei seu corpo, deixando Sílvia de quatro. Eu me deliciava com sua bunda exposta.

Linda, assim como gosto. Nada exagerada, mas macia e pronta para receber um castigo. Minha mão aberta desceu por seu traseiro, fazendo com que Sílvia se assustasse com o

movimento repentino. Seu reflexo foi se afastar, mas a segurei junto a mim. Acariciei o local do tapa e de novo ouvi um suspiro, mas dessa vez era de puro tesão.

— Goza pro seu Galego, gostosa. Engole meu pau todinho. — Meti fundo e deixei que Sílvia rebolasse sua bunda em mim. Queria fazer mais do que dar uns tapas naquele traseiro, mas teria que ficar para a próxima, porque eu já estava explodindo.

Depois de tremer nas minhas mãos, senti que ela tinha chegado ao ápice quando gritou meu nome. Não demorei muito e deixei que minha porra enchesse a camisinha. Caímos ambos exaustos, mas cada um com um sorriso pós-foda maior do que o do outro.

— Hora do banho, namorada — brinquei, sem me dar conta, mas gostei do que tinha dito.

— Posso me acostumar com isso.

Peguei Sílvia nos braços e caminhei, segurando seu corpo contra o meu peito.

— Sinta-se em casa, minha Morena. A partir de agora, sou totalmente seu.

* “In My Place”, Coldplay

SÍLVIA

— Hummm... — Não sabia o que estava acontecendo, mas era bom. Senti um calor na nuca que quase me fez derreter sobre a cama.

— Dorminhoca! Hora de acordar, minha gostosa. — O.k. Tinha acabado de derreter, literalmente.

Tentei me virar, mas Henrique me prendeu, apoiando o corpo sobre o meu de uma forma que eu não conseguia escapar. Na verdade, eu nem queria tentar. Estava muito bom assim.

— Essa sua bundinha empinada me faz pensar em coisas sujas, muito sujas.

Sua mão percorreu minhas costas e parou sobre o lado direito da bunda. No mesmo instante, fiquei toda arrepiada, sabia o que ele desejava. Ele queria a mim por inteiro, e eu estava mais do que pronta para entregar. Mas o som do celular nos interrompeu. Henrique levantou para pegar o aparelho e eu me revirei na cama.

— *Benzadeus!* — disse, em meio a um sorriso, assim que vi sua bundinha branca e lisa balançando.

— Safada — respondeu com os lábios, sem emitir nenhum som, enquanto atendia a ligação com um sorriso no rosto. Aos poucos, seu semblante foi ficando sério, até mudar por completo. — Porra! Agora?

Sentei na cama, preocupada, porque Henrique fazia uma cara

de quem não estava gostando nem um pouco do que ouvia.

— O.k. Tô indo. Segura as pontas aí que quando eu chegar resolvo esse problema. — Henrique sacudia a cabeça em negativa. — Certo. Tô saindo.

Desligou o telefone e me encarou com uma carinha linda, de quem estava decepcionado, mas muito sexy.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, preocupada.

Eu me arrastei até a beirada da cama e levantei. Henrique estava totalmente nu — e lindo, diga-se de passagem. Caminhou até mim e me envolveu em seus braços. Sua boca foi ao encontro do meu pescoço e senti um beijo próximo à orelha.

— Tenho que resolver um problema, mas não se preocupa, minha Morena.

Ele se afastou de mim só para me encarar de novo. Seus olhos me faziam suspirar. O castanho mais lindo que eu já tinha visto.

— Então eu vou indo.

— Nem pensar. Você fica aqui, esperando eu voltar — disse ele, um pouco autoritário. A minha primeira reação foi sorrir, eu gostava desse jeitinho mandão, mas carinhoso. A maneira como me olhava ou me tocava fazia toda a diferença. Até estava me acostumando com o apelido que ele tinha me dado.

— Sabe, você pode me chamar de negra também, preta ou pretinha, não ligo. — Ele me olhou assustado, sem entender o que eu queria dizer. Tudo bem, poucas pessoas entenderiam. O fato de tratar uma negra como morena está enraizado na cultura brasileira. Claro que muitas pessoas não fazem por mal, mas eu não tenho vergonha da minha cor. Sou negra com muito orgulho! — Mas também não me importo com Morena. Só queria deixar isso bem claro pra você.

Ele balançou a cabeça, indicando que tinha entendido.

— Posso preparar o almoço — ofereci. Também queria passar um pouco mais de tempo com ele. Tentar entender o que estava acontecendo entre nós, já que tudo era muito intenso. Eu me sentia no olho do furacão.

Meu Galego fez uma careta e olhou por cima do ombro para a cozinha.

— Se achar algo que não esteja vencido, fique à vontade.

— Eu me viro.

Pela bagunça da casa, eu poderia imaginar o estado da dispensa e dizer com toda a certeza: Henrique não era o cara mais organizado do mundo.

— Preciso ir.

Acordei do meu transe quando ouvi sua voz. Soltei Henrique e voltei para a cama. Ele abriu o armário e tirou uma calça jeans e uma camisa de manga curta. Eu me cobri com o lençol, não por vergonha, mas queria evitar seus olhares fulminantes. Pelo que ouvira da ligação, ele não podia se atrasar. E eu não queria ser a culpada caso isso acontecesse.

— Sinta-se em casa! E não repara na bagunça.

Difícil, já que ele era uma perfeita bagunça.

Deu um beijo em minha testa, outro em meu rosto e, por fim, encostou os lábios nos meus. Fiz de tudo para não gemer ao sentir o calor da sua boca, mas foi em vão. E é claro que Henrique não deixaria passar essa.

— Safada! Quando voltar, vou fazer você gemer muito mais — sussurrou, segundos antes de morder meu lábio inferior e lambê-lo como se estivesse curando a ferida que acabara de abrir. — Tchau!

Despediu-se e saiu. Eu o acompanhei com os olhos até a

porta. Pietra tinha razão: Henrique estava me conquistando a cada dia, meu coração batia de forma intensa quando estava com ele.

— AI, MEU DEUS! Tô apaixonada — gritei, assim que constatei o que estava sentindo.

Pulei da cama, ainda enrolada no lençol, e passei a saltitar para cima e para baixo. Nem acreditava no que estava acontecendo. Eu... Sílvia... namorando um cara lindo de viver.

Como se adivinhando o que estava acontecendo, o celular tocou. Saí balançando ao som de “Jackie Tequila”*, o toque que havia programado para a minha irmã.

— Fala, mana — atendi, surpresa com a alegria na minha voz, e é claro que a Fabiana também percebeu.

— Desembucha, Sil. O que aconteceu? Viu passarinho verde, foi?

Não disse!

— Ei, a irmã mais velha aqui sou eu. Acho que as perguntas tão trocadas. Como a senhorita vai?

Ouvi a gargalhada da Fabiana e meu coração se apertou. Sentia tanta saudade da minha irmã. Gostaria de ficar o tempo inteiro perto dela, cuidando para que nada de mal lhe acontecesse, mas se eu tinha aprendido uma coisa nessa vida era que nada caía do céu. Fabiana também tinha consciência disso. Por isso, estava lutando pelo que queria.

— Tô bem. Nada como uma aula cancelada pra alegrar meu dia. Vou voltar pra casa e dormir mais um pouco. Ando exausta. Mas para de me enrolar, Sílvia. O que aconteceu? Eu te conheço e sua voz é de quem tá muito feliz.

Sentei em uma banquetta no balcão da cozinha e senti meu rosto queimar. Não conversava muito com a minha irmã sobre

relacionamentos, muito menos depois do que acontecera quando eu nem ao menos tinha a idade dela. Ela, assim como toda a minha família, sofreu junto comigo.

— Tô namorando. — Disparei e aguardei os gritos ensandecidos que tinha certeza que viriam. Fechei os olhos, mas só ouvi a respiração da minha irmã do outro lado da linha. — Não vai falar nada? — perguntei, preocupada com sua reação.

— Ai, mana. — Assim que ela pronunciou as palavras, notei que sua voz estava embargada. — Você merece ser feliz. Tava na hora de alguém chegar até o seu coração. Mais do que todo mundo, eu sei o quanto você lutou e se esforçou pra chegar onde tá e pra me ajudar. É o seu momento. Aproveita.

Fiquei emocionada com as palavras da minha irmã e, se meu coração já estava apertado, naquele momento tinha virado uma paçoquinha. Mas não podia esquecer que a relação com o Henrique era muito recente. Não podia acreditar no conto de fadas que Fabiana estava sonhando. Pé no chão e mente aberta era tudo que eu precisava no momento.

— Vamos com calma, mocinha. É tudo muito novo e eu não quero meter os pés pelas mãos.

— É o Galego? — Eu tinha comentado sobre ele com ela. Na verdade, falara um pouco mais do que devia sobre o Henrique.

— Sim. É ele — respondi, enquanto ouvia, por fim, os gritinhos dela.

Levantei e aproveitei que ela estava me enchendo de perguntas para procurar algo para vestir. Abri o guarda-roupa do Henrique e peguei um shorts preto, folgado, desses de jogar futebol, e uma de suas camisas. A garota só sossegou quando contei cada detalhe da minha noite com ele. Quer dizer, pulei alguns, porque era muita informação para a minha irmã mais

nova. Ela não precisava saber de tudo.

Despedi-me uns quinze minutos depois e fui para a cozinha. Henrique estava certo. A dispensa e a geladeira estavam em petição de miséria. Não tinha quase nada, a não ser cerveja e gelo. Homens!

Depois de muito procurar, acabei achando um espaguete com o prazo de validade em dia, e lembrei que tinha visto um pé de tomate na casa vizinha. Pus a água para ferver e saí para o jardim.

Sabia que estava certa!

Tinha uma senhora cuidando de uma pequena horta.

— Bom dia.

— Bom dia — respondeu ela, um pouco seca. Com certeza pensou que eu era só mais uma mulher que tinha dormido na casa do Henrique.

— Será que a senhora poderia me ceder alguns tomates? — Olhei para o pé, que estava carregado.

— Pode pegar.

Respondeu de forma ríspida mais uma vez. *Eu hein?* Essa mulher estava me dando um pouco de medo. Inclinei-me até a cerca e arranquei dois tomates do pé. Aproveitei e peguei um ramo de salsinha. Agradei e corri dali. Sério?! A velha me dava arrepios.

Enquanto o macarrão cozinhava, organizei um pouco a casa. Pus a roupa suja para lavar na máquina e dobrei as que estavam no varal. Não seria sua empregada, mas não custava nada dar uma forcinha.

Voltei para a cozinha e comecei a preparar o molho. Fiquei com a música do Skank na cabeça e cantarolei o toque do meu celular. Assim que pus o macarrão para cozinhar, ouvi uma

batida na porta. Corri para atender, pensando que fosse o Henrique, mas dei de cara com um homem com uma jovem ao seu lado.

— Oi. — Foi a única coisa que consegui dizer, diante da surpresa.

A moça, loira, sorriu gentil para mim, enquanto o velho conferia o número na porta.

— Desculpe, Pâmela. Acho que meu filho contratou uma empregada e esqueceu de me comunicar.

Meu queixo caiu no chão e voltou. Quando ia abrir a boca para avisar que eu não era a porra de uma empregada, o velho continuou os insultos.

— Meu filho sabe que você usa as roupas dele? Francamente! Desta vez o Henrique passou dos limites.

Eu me senti uma idiota diante daquele homem. O reconheci no mesmo instante, porque seu olhar para mim no posto de gasolina não era algo que pudesse ser esquecido. A garota que estava ao seu lado era linda: loira, alta, olhos castanhos. Pelas roupas e botas que usava, com certeza era rica. Os dois entraram.

— Eu não conheço você... — Eu comecei a falar, antes que sufocasse, mas ele me interrompeu, mais uma vez usando de toda sua prepotência:

— É bem a cara do inútil do meu filho contratar uma... uma... — Ele me olhou de cima a baixo e eu me senti nua. — Uma coisinha como você. A senhorita está despedida! E, por favor, sem dramas.

Ele ficou ali, de pé, no meio da cozinha. Olhava para mim como se eu fosse um animal ou tivesse uma doença contagiosa. Dei meia-volta, sentindo-me humilhada. Um sentimento que eu

conhecia e desprezava voltou a me atingir. Estava pronta para sair dali sem nem olhar para trás, depois pegaria as minhas coisas. Tudo que precisava naquele momento era ficar longe daquele velho racista. Quando segurei a maçaneta da porta, ouvi sua voz.

— Ah, mocinha! — Eu o encarei com ódio. — Devolva as roupas do meu filho, antes que eu chame a polícia.

Voltei depressa e troquei de roupa. Vesti minha bermuda e o top que usava na noite anterior, e que o Henrique tirara do meu corpo em segundos. Segurei as lágrimas, nem morta choraria na frente do velho. Peguei o celular e joguei dentro da bolsa. Quando cheguei à cozinha, vi o idiota abrindo a panela do almoço que eu tinha preparado com tanto carinho para o meu Galego. O ódio cresceu dentro de mim e decidi não deixar barato toda a humilhação que sofri.

— Avisa o seu filho que deixei o almoço pronto e que depois volto para acertarmos as contas.

Não deixei que me respondesse.

Olhei a loira de cima a baixo e ela me deu um sorriso amarelo, como se dissesse que não iria se meter na história.

Saí pela porta com muita pressa e entrei no carro que estava estacionado na rua. Um misto de humilhação, raiva, tristeza e ciúme se apossaram de mim. Liguei o carro e peguei a estrada o mais rápido que pude. No caminho até a fazenda, fiquei imaginando: como pode em um país como o Brasil, que não tem uma raça predominante, onde a mistura torna o brasileiro único, uma pessoa ser tão desprezível e me julgar pela minha cor? Eu tentara entender muitas vezes, mas ainda não conseguia.

* “Jackie Tequila”, Skank.

HENRIQUE

— Carlito, o que aconteceu? — Assim que cheguei à oficina, vi Carlito encurvado, com cara de dor. Na mesma hora, corri até ele e o ajudei a sentar. Quando me ligou, disse que estava com problemas em um dos carros que eu tinha consertado, a D-20 do seu João. Ele tinha urgência, porque precisava viajar ainda naquela manhã. Como também disse que não estava passando muito bem, deixei a minha Morena e corri até a oficina. Fiquei preocupado, nunca o vira doente.

— Desculpa te ligar, mas não consigo nem levantar, Henrique. Minhas costas tão me matando. — Ele falava com um pouco de dificuldade, e eu me preocupei.

— O que aconteceu?

— Problema de junta. — Sorriu um pouco forçado. — Junta tudo e joga fora.

Tive que sorrir com ele. *Engraçadinho.*

— Fui ao médico ontem. Parece que minha coluna tá mais torta que caminho de bêbado. Ele disse que eu tô com os famosos bicos de papagaio e devo evitar qualquer tipo de serviço pesado, porque não tem cura, nem com cirurgia.

Vi quando passou os olhos por todos os carros estacionados na oficina. A tristeza era evidente, aquilo era tudo que ele tinha. Carlito não sabia fazer outra coisa, estava arrasado por ter que abdicar do que mais amava.

— Ei... — dei um tapa em seu ombro, chamando a atenção.
— Vai dar tudo certo. Eu vou me virando com a parte pesada por aqui até você encontrar outro mecânico.

Não sabia muito bem o que dizer a ele. Eu mesmo não sabia o que fazer da minha vida. Ao pensar nisso, um sorriso despontou no meu rosto. Eu não sabia o que fazer da vida, mas tinha uma certeza: queria a Sílvia. Garota porreta! Ela conseguira o que ninguém antes havia conseguido: despertou o melhor de mim, fez nascer um Henrique que nem eu sabia que existia. Ela me domou com sua sinceridade. Era uma mulher muito forte e atraente.

Abri o capô da caminhonete e tentei colocar o motor para funcionar, mas a maldita só engasgava. Então percebi que o problema era mais simples do que eu pensava. Estávamos acostumados a lidar com carroças tão velhas que esquecíamos que elas poderiam parar pelos problemas mais simples, como a bateria. Busquei no depósito uma nova e comecei a fazer a troca. Durante todo o tempo em que eu fazia o conserto, o Carlito ficou por lá, com um ar saudosista, falando de como começara a oficina do nada e de como se orgulhava de ser o único na cidade. Apesar de tentar permanecer atento às suas palavras, algumas vezes eu viajava até a minha Morena e pensava no que ela estaria fazendo. Entendi muito bem o que ela quis dizer quando comentou sobre o apelido que pus nela, mas Sílvia sabia que eu fazia com carinho.

Pensar que alguém estaria em casa me esperando para almoçar era muito especial. Sem falar que já estava ansioso pela sobremesa. Hummm, minha musse de chocolate esperava por mim, e eu estava louco para me lambuzar.

Já tive muitas mulheres, mas nenhuma delas me oferecia

mais do que eu pedia. Se queria sexo, era isso que me davam. Se desejava um relacionamento superficial, era isso que eu recebia. Além disso, era tudo o que eu tinha para oferecer também. Era o meu jeito. Era assim que eu vivia. Mas Sílvia quis mais. Quando não consegui esquecê-la, ela me deu esperança. Quando pedi por sexo, ela me deu carinho. Quando desejei um corpo, ela me deu um coração.

— Então, garoto. O que me diz? Henrique?

Ouvi Carlito me chamando e despertei dos meus devaneios, assustado com o que acabara de pensar.

— Desculpa, eu não ouvi.

— Percebi. — Ele tirou um sarro e eu devolvi jogando nele o pano sujo de graxa que estava em minhas mãos. — Queria saber se aceita ser meu sócio, aqui na oficina?

Engasguei. Nunca tinha imaginado ser um dos donos da oficina. Meu pai surtaria se soubesse. E foi pensando nisso que dei minha resposta.

— Não sei se é uma boa ideia. Sabe como é o coronel... — Dei um sorriso sem graça e mudei de assunto. — Terminei. Pode ligar pro seu João vir buscar.

Quando fechei o capô, Carlito agarrou meu braço.

— Eu sei o que você tá tentando fazer, Henrique... Parar sua vida não vai trazer a saúde do seu pai de volta. Agindo assim, você tá desperdiçando duas vidas: a dele e a sua. Pensa na minha proposta com carinho.

Olhei para ele e vi meu pai em seu rosto. Também tinha um semblante cansado, mas, ao contrário do coroa, Carlito era um homem bom, mesmo com todos os obstáculos que a vida lhe impusera. E o meu velho?! Bem, eu seria uma das únicas pessoas que estaria com ele no fim de sua vida. Carlito tinha

razão, mas pai é pai. Aprendi muito bem isso. E por mais que o meu fosse intragável, não poderia abandoná-lo. Não por ele, mas pela minha consciência. Não conseguiria botar a cabeça no travesseiro se deixasse ele partir sem alguém ao seu lado.

— Eu sei, Carlito. Mas por mais que eu sofra com as cobranças e o controle, não consigo abandonar o coronel. Ele é meu pai e nada do que fizer vai mudar essa condição.

Carlito sorriu, tentando compreender o meu ponto de vista.

— Se precisar de qualquer coisa, me liga. Vou estar na cidade. De verdade, Carlito. — Enfatizei. — Me liga.

Deixei a oficina pensando em sua proposta. Talvez pudesse conversar com o meu pai e, quem sabe, se eu virasse sócio da oficina, sua fúria poderia se apacar. Seria melhor do que ter um filho mecânico. Mas da mesma forma que o pensamento veio, ele se dissipou. Meu pai nunca aceitaria.

Quando cheguei na minha rua e avistei a caminhonete do velho, um frio tomou conta do meu corpo. Apertei o volante com toda a força ao perceber que o carro da Pietra não estava mais em frente à minha casa. O pânico tomou conta de mim. O que o meu pai tinha feito com a minha Morena?

Estacionei e desci da caminhonete correndo, desesperado. Pulei os dois degraus da entrada da casa e abri a porta com uma força descomunal. Meu pai estava sentado à mesa. Ele me olhou surpreso, mas não disse nada.

Atravessei a sala em direção ao quarto e vi uma camiseta jogada em cima da cama. Peguei a roupa em minhas mãos e por instinto a levei ao nariz. Cheirava a Sílvia, minha Morena. *Cheiro de cereja.*

Meu peito arfou e a raiva vibrou em todo o corpo. Eu sabia o que ele tinha feito. Meus olhos queimaram ao imaginar o que a

Sílvia passara nas mãos do velho. Senti-me impotente, fracassado. Eu não estivera ao seu lado para defendê-la do monstro de quem eu era filho.

Continuei segurando a camiseta, tentando me acalmar e pensando no que fazer. Senti uma mão delicada em meu ombro e virei depressa, pensando que iria encontrar a Sílvia, mas dei de cara com a Pâmela, uma garota que conhecia desde criança, mas que fazia muito tempo que eu não via. Não tinha ideia do que ela estava fazendo ali.

— O que ele disse a ela? — perguntei, sem sequer cumprimentá-la. Sabia a resposta, mas queria ouvir os detalhes.

Pâmela baixou a cabeça, desviando o olhar, no mínimo com vergonha de repetir as monstruosidades que havia escutado. Segurei seu queixo e a fiz me encarar.

— O que ele disse pra minha namorada, Pâmela?

— Ele pensou que ela fosse sua empregada. Demitiu a moça e pediu pra ela tirar suas roupas, dizendo que chamaria a polícia — disse em voz baixa, com receio do dano que suas palavras causariam. — Não sabíamos, Henrique. Você nunca teve namorada.

Enquanto Pâmela falava, meu ódio triplicou. Apertei a camiseta nas mãos com toda a força que tinha no corpo.

Saí do quarto furioso. A garota ainda tentou me segurar, mas foi em vão, nada seria capaz de me deter. Cheguei à cozinha e parei em frente ao meu pai. Seu olhar não mudou, não vacilou um segundo diante da minha fúria. Manteve a mesma altivez ao me encarar, o mesmo desprezo. Sentia-me um idiota, um covarde diante dele. Queria gritar, berrar aos quatro ventos a minha indignação, mas minha voz não saía. Sempre fora assim.

— Esse rompante todo é porque despedi a empregada?

Francamente, Henrique, não sei por que ainda espero um comportamento sensato vindo de você.

— Empregada?! — Cuspi as palavras. — Você é um idiota! Quer saber a verdade?! Eu tenho vergonha de você... De ser seu filho... De ter o seu sangue. — Estendi o braço e bati na pele, fazendo as veias saltarem.

Meu pai me olhou surpreso. Nunca o tinha enfrentado de maneira tão aberta e ríspida. Mas o que ele fez com a Sílvia me levou a perder a razão. Ele não tinha o direito de fazer o que fez.

— Você ficou louco, seu moleque? Isso tudo por causa de uma pretinha?

— Sai daqui agora! — gritei, antes que ele pudesse dizer outro absurdo. — Some daqui ou eu não respondo por mim.

Os olhos do meu pai se arregalaram, sua respiração se alterou.

— Eu não acredito que você está se envolvendo com aquela negrinha! — respondeu, perplexo. Podia sentir o desprezo em sua voz.

Sem pensar duas vezes, peguei meu pai pelo colarinho da camiseta e o levantei do chão. No mesmo instante, Pâmela segurou meus ombros, tentando me acalmar.

— Calma, Henrique! Põe seu pai no chão, por favor.

Por mais que eu quisesse jogá-lo longe, que era o que merecia, obedeci. A vida já havia se encarregado de castigar o meu pai. Doía, mas era a mais pura verdade.

— Está proibido de pôr os pés na minha casa. Nunca mais volte aqui — avisei, virando de costas.

— Você tomou a pior decisão da sua vida, Henrique. Nem passando por cima do meu cadáver eu vou deixar você jogar o nome da nossa família na lama. Você não vai misturar meu

sangue com o de uma favelada qualquer.

Parei na porta de casa, escutando suas palavras.

— Você é doente, sabia? E não é o câncer... Sua alma é podre.

Bati a porta e saí sem olhar para trás. Tudo o que eu mais queria naquele momento era falar com a Sílvia. Precisava me explicar, dizer que eu não era como ele, que não era um doente preconceituoso como meu pai.

Entrei na caminhonete apressado.

— Droga! Droga! Droga!

Espanquei o volante com violência, tentando substituir a dor que estava em meu coração pela dor física. Mas foi em vão. Nunca sentira nada igual. Nem se juntasse todas as vezes em que meu pai me ofendera chegaria perto do que eu estava sentindo por ele ter humilhado a Sílvia.

Dirigi até a Girassol transtornado. Não via nada na minha frente. Tudo em que pensava era como conseguir o perdão da minha Morena. Não poderia perdê-la. Não depois de ela ter me encontrado.

Estacionei a caminhonete cantando pneus. Assim que desci do veículo, vi Pietra na porta da casa grande. Ela desceu os degraus da escada da entrada aos pulos e chegou até mim.

— Espero que esteja preparado pra perder suas bolas, Henrique. Porque eu vou te castrar, seu filho da puta.

Ela enfiou o dedo na minha cara e não reagiu. Eu merecia cada palavra. Fui um idiota por ter deixado Sílvia sozinha. Além disso, já deveria ter alertado sobre o racismo do meu pai.

— Onde ela tá, Pietra? — perguntei, rezando para que não me dissesse que a Sílvia havia partido. — Por favor, eu preciso me desculpar — implorei, diante do seu silêncio.

Pietra parecia ponderar se me diria ou não onde estava Sílvia,

e eu estava pronto para procurá-la em cada canto da fazenda.

— No campo de girassóis. — Ela apontou o local e eu virei para correr para lá, mas senti sua mão me segurar.

— Você gosta mesmo dela?

— Não sei o que eu tô sentindo, Pietra. Você me conhece. Sabe como eu sou, mas não posso ficar longe dela...

Pietra sorriu, antes de me puxar para um abraço.

— Não deixa ela ir embora. Quero minha amiga aqui comigo — pediu, carinhosamente.

— Nem que eu tenha que prender no pé da mesa.

Sorrimos.

— Galego... — Ouvir o meu apelido fez meu peito se encher de novo com aquele sentimento que começava a conhecer. *Amor.*

Deixei a Pietra e segui em direção ao campo de girassóis. Passei uns dez minutos caminhando até enxergar as flores. A plantação era enorme. Procurei em todos os lugares que meus olhos conseguiam alcançar e comecei a ficar preocupado quando não a vi em parte alguma. Até que escutei alguém me chamar.

— Henrique?

Virei e vi a Sílvia saindo de trás de uma árvore.

Não pensei duas vezes e corri até ela. Assim que a alcancei, segurei em meus braços e levantei no ar. Uma das minhas mãos pousou na base de suas costas e a outra segurou sua nuca. Apertei-a contra mim. Nunca sentira tanto medo. Medo de perder algo que eu nem sabia se me pertencia.

— O que você tá fazendo aqui? — sussurrou em meu ouvido. Pousei-a no chão e a encarei. Vi o vermelho que havia tomado conta dos seus lindos olhos. Ela estava chorando. Fiquei

apavorado, porque o sorriso da Sílvia me encantava e tudo que eu menos queria era ver suas lágrimas. Acariciei sua bochecha e não soube o que dizer, então a puxei para os meus braços.

— Me perdoa? — Foi a única coisa que consegui dizer. — Meu pai, ele é...

Sílvia pôs um dedo sobre os meus lábios, para que eu me calasse.

— Você tá aqui por mim? — perguntou, com os olhos brilhando.

Sacudi a cabeça, confirmando.

— Não preciso de mais nenhuma explicação. Eu não tô apaixonada pelo seu pai... Então o que ele faz ou deixa de fazer não me interessa. Eu tô apaixonada por você, Galego. É você que eu quero. E se você tá aqui por mim, já é o suficiente.

Encarei Sílvia por longos segundos, o tempo parecia ter parado. Reparei em todos os detalhes do seu rosto. Decorei cada expressão que tinha me marcado desde que a vira pela primeira vez, no casamento. Essa mulher me laçou no primeiro olhar.

— Estou apaixonado por você — confessei, por fim.

SÍLVIA

Assim que o vi, andando na minha direção, senti uma necessidade arrebatadora de estar junto dele. Via o desespero em seus olhos e a preocupação estampada em seu rosto. Apesar do alívio que senti, precisava saber se estava ali por mim de verdade, ou por pena.

E meu coração perdeu o compasso com sua resposta.

— Estou apaixonado por você.

Era tudo o que eu precisava ouvir.

Muitas vezes, passamos a vida toda nos escondendo do amor, tentando evitá-lo, mas esquecemos que não temos controle sobre esse sentimento. Não tem como aprisionar um furacão em um copo. Henrique me fazia sentir um turbilhão de emoções que não cabiam no meu coração.

— Sinto muito — disse, e logo em seguida colou com gentileza os lábios nos meus, como se aquele beijo representasse tudo que ele sentia. O gesto terno e seus braços ao redor do meu corpo fizeram com que eu me esquecesse, mesmo que por alguns segundos, do horror que vivera naquela manhã.
— Preciso te contar algumas coisas...

Avaliei se queria ouvir suas explicações. Não havia justificativas para o preconceito, e não sei se queria ouvi-las do Henrique, mas seus olhos suplicavam. Sabia que a explicação que ele me daria serviria mais para a sua própria paz do que

para a minha, mas compreendi que ele precisava falar.

Henrique segurou minha mão e sentamos na grama, embaixo da árvore que tinha presenciado meu ataque de fúria pouco antes.

Cheguei à fazenda transtornada, nem consegui explicar para a Pietra muito bem o que tinha acontecido. As lágrimas que desciam pelo meu rosto falavam por si e deixaram a minha amiga preocupada. Porém, naquele momento, tudo que eu mais queria era ficar sozinha. Então caminhei até o campo de girassóis, para tentar me acalmar.

Henrique se encostou na árvore e me puxou para perto. Fiquei de costas para ele, enquanto ele envolvia minha cintura com as mãos, segurando forte. Descansei a cabeça em seu peito enquanto ouvia sua voz.

— Sou descendente de italianos. Minha família chegou ao Brasil bem antes do fim da escravidão. Mas não vieram para trabalhar lado a lado com os escravos, como muitos imigrantes. Com algum dinheiro e conhecimento, a primeira geração de Montolvani adquiriu terras. Inclusive estas em que estamos, para ser mais preciso. — Henrique abriu os braços, sinalizando tudo à nossa volta. — Terras, como você bem deve saber, eram sinônimo de escravos, e minha família possuía muitos. — Naquele momento, meu corpo enrijeceu. Não sabia o que dizer, mesmo entendendo que as coisas que o Henrique me contava haviam acontecido em um passado distante. Embora, por ser negra, esse passado estivesse bastante vivo, pois era humilhada quase todos os dias por causa disso. Senti suas mãos subirem e descerem pelos meus braços, numa tentativa de me acalmar. Então relaxei mais uma vez.

— Continua — pedi.

— Não tem muito o que falar. O preconceito contra os negros passou de geração para geração. Depois da abolição, minha família perdeu muito dinheiro com a falta de mão de obra e, por isso, o ódio ganhou proporções gigantescas. Eles não aceitavam ter que conviver com aquela nova realidade.

Virei o corpo e encarei seus olhos. Enxergava neles toda a tristeza e vergonha que sentia ao me contar tudo aquilo. Logo para mim, uma negra por quem ele estava apaixonado.

— Ódio que chegou até o seu pai — concluí. — Por isso você fingiu que não me conhecia no posto de gasolina?

Ele virou o rosto, olhando para o horizonte.

— Não me orgulho do que fiz — disse, ainda sem me olhar. — Mas não suportaria ver você humilhada pelo velho. E é isso que ele faria. — Henrique voltou a me encarar. — Ele me odeia, Morena. Tudo que tive durante a minha vida foram cobranças e desprezo. Ele não quer um filho, quer um sucessor, e isso são coisas totalmente diferentes. Ele só quer alguém que carregue seu nome e cuide de tudo depois que ele morrer. Coitado... — Sacudiu a cabeça. — Quebrou a cara, porque eu sou o oposto de tudo que ele queria. E isso é a morte pra ele.

Ouvindo Henrique, meu coração se comprimiu no peito. Lembro com carinho do meu pai e não consigo nem imaginar tudo o que meu Galego deve ter sofrido. Levei a palma da mão até seu rosto e acariciei.

— E a sua mãe?

Vi seus olhos brilharem.

— Foi a pessoa mais doce que conheci. Tinha um jeito especial de contornar todas as situações. Mas sua submissão a ele era maior do que o amor por mim. Tinha medo, assim como eu. Mas não a culpo. Me amou e me acolheu como podia,

até o último dia da sua vida.

Sem perceber, as lágrimas rolaram livres pelo meu rosto. Não sabia como agir. A dor do Henrique se confundia com a minha. Então resolvi pôr um fim nessa história. Tudo fora doloroso demais, e estava exausta depois de tanta tristeza.

Segurei seu pescoço e puxei o rosto para mim. Os lábios dele me tomaram sem que eu precisasse dizer uma palavra. Um beijo para selar as promessas que fazíamos.

— Você é a luz que iluminou centenas de anos de escuridão.
— Ele se declarou, com todo o coração.

Nem tive tempo de responder: Lucas chegou a cavalo e, diante de sua cara de preocupação, deu para entender que a notícia que trazia não era das melhores.

— Pâmela está na fazenda. Seu pai foi pro hospital.
— Ela disse o que houve? — perguntou Henrique, preocupado.
— Ele infartou.

Levei as mãos à boca, contendo o espanto. A culpa era minha.
— Sílvia, olha pra mim. — Henrique me encarou. — Eu preciso ir. Sou a única família que ele tem.

Sacudi a cabeça. Ele beijou minha testa com carinho antes de montar no cavalo do Ranger. Em poucos segundos, Henrique galopava em direção à casa.

Lucas me puxou para um abraço e eu deixei que as lágrimas rolassem. Lutava com meus próprios pensamentos. Naquele momento, meu lado egoísta falava mais alto. Sentia tristeza apenas pelo Henrique. Eu estava apaixonada, não restavam dúvidas, mas também tinha certeza de que, se o pai dele sobrevivesse, minha luta por esse amor estaria apenas começando.

HENRIQUE

Sílvia: *Alguma notícia?*

Eu: *Nada ainda.*

Troquei várias mensagens com a Sílvia durante todo o tempo em que estive no hospital, o que me fez muito bem. Não me sentia mais tão sozinho. Ela insistiu em ir comigo, mas a convenci de que não havia necessidade. O médico disse que foi só um princípio de infarto. Meu pai ficaria em observação por mais alguns dias e provavelmente não teria sequelas. Mais uma coisa para se preocupar, como se já não bastasse o câncer. *Agora que o velho ficaria insuportável!*

— Henrique — o dr. Afonso me chamou, parecendo tranquilo. Levantei depressa, enfiando o celular no bolso. — Você já pode vê-lo.

Assenti com a cabeça e segui em direção ao quarto. Ao chegar, vi que ainda usava uma máscara de oxigênio. Ele não me olhou — no hospital ou não, continuava a me odiar.

— O senhor está bem? — perguntei, preocupado. Eu estava sendo sincero, não queria que ele sofresse, mesmo que não merecesse a minha preocupação.

Meu pai olhou em volta, observando o quarto, que era bem simples. Fazendo um pouco de força, tirou a máscara do rosto e tossiu algumas vezes antes de me olhar. Eu permanecia em pé,

ao lado da cama.

— Você vai me matar de desgosto. Por anos, desejei que você nunca tivesse nascido. Não merecia um filho fraco como você — disse, com muita dificuldade para pronunciar as palavras.

Fiquei muito magoado. Era mais uma constatação de que meu pai me odiava. Queria que pelo menos uma vez na vida ele agradecesse por eu estar ao seu lado.

— Aquela negrinha... Prefiro te ver morto e enterrado, Henrique.

— Já chega, pai — interrompi. — A “negrinha” é minha namorada. Aceite ou vai perder o pouco que ainda tem de mim. Se é que já não perdeu, depois de tudo que fez hoje. Sabia que racismo é crime?

Ele revirou os olhos, como se não acreditasse no que eu estava dizendo, mas não deixaria o coronel humilhar Sílvia mais uma vez, ainda que estivesse em uma cama de hospital.

— Nem morto eu vou deixar isso acontecer — disse ele, ofegante, antes de recolocar a máscara no rosto.

Sacudi a cabeça, incrédulo. Meu pai nunca mudaria, morreria envenenado pelo próprio ódio.

— Por que não pergunta o que eu tô sentindo? Por que não age como um pai normal, que torce pelo filho e fica feliz quando ele se apaixona? — Sentia vontade de chorar diante da sua indiferença, mas não ia dar esse gostinho a ele. Não deixaria que percebesse o quanto sua falta de amor me afetava. — Não quero que você morra, mas, de hoje em diante, não serei mais seu fantoche. Você aceitando ou não, eu vou viver a minha vida.

Esperei sua resposta, mas ela não veio. Meu pai apenas me encarava sem esboçar nenhuma reação. Fiquei com ele por mais alguns minutos e, quando a enfermeira chegou, aproveitei para

ir embora. Voltaria no dia seguinte, não tinha sentido ficar no hospital com ele.

Mandei uma mensagem para a Sílvia avisando que estava indo para casa e, no mesmo instante, recebi a resposta. Ela ficaria comigo, era tudo o que eu mais queria.

Demorei quase trinta minutos para chegar, mas, quando cheguei, minha recompensa me esperava. Sílvia estava em frente à minha casa, encostada no carro da Pietra. Seu sorriso trouxe uma paz imediata ao meu coração, como se fosse um sinal de que tudo ficaria bem. E eu começava a acreditar nessa paz, nesse amor que crescia dentro de mim cada vez que encarava a minha Morena.

Desci da caminhonete e Sílvia me abraçou. Ficamos assim por longos minutos. Sentia-me completo com ela em meus braços. Como se meu corpo estivesse esperando pela sua outra metade. E ela agora estava ali.

— Faz muito tempo que você tá aqui? — questionei, pensando que teria que fazer uma cópia da chave para ela.

— Cheguei agora. Na verdade, acabei de estacionar — respondeu, encarando-me. — Como ele tá?

Lembrei das palavras do meu pai. Sílvia não precisava saber a verdade, não agora. Eu apenas adiaria o inevitável.

— Ele tá bem, foi só um princípio de infarto. Deve sair do hospital em três dias.

Sílvia se afastou e me encarou.

— Desculpa.

— Pelo quê? — perguntei, sem entender ao que se referia.

— Por tudo isso. Sei que a culpa não foi minha, mas de certa forma eu sou o motivo.

Segurei suas mãos e sorri. Sílvia era tão doce que, mesmo

tendo sido humilhada pelo velho, ainda se preocupava com ele. Seu coração era maior do que eu imaginava.

— Você é a melhor coisa que poderia ter me acontecido. Nunca se desculpe por ter aparecido na minha vida.

Ela retribuiu com um sorriso e entramos em casa, de mãos dadas. Um gesto tão simples, mas que significava muito para mim.

Já embaixo do chuveiro, comecei a pensar nos últimos dias. Ainda tentava assimilar tudo que estava acontecendo. Sílvia na minha vida, mais presente do que nunca. A arrogância do meu pai, que me afastava cada vez mais dele. A possibilidade de ser sócio da oficina. Tudo era muito confuso. Nunca soubera lidar muito bem com mudanças repentinas. Sempre fora acomodado e gostava de levar a vida sem fazer planos, vivendo um dia após o outro. Por isso, estava perdido, confuso e com medo. Enfim chegou a hora em que as decisões precisavam ser tomadas, e me perguntei se estava preparado para todas as consequências. Sei que eu poderia ser visto como imaturo, talvez fosse mesmo, mas era difícil ver a vida virar de cabeça para baixo. Sempre vivi sem planejar o dia seguinte e, de repente, alguém apareceu. Comecei a pensar no amanhã, mas percebi que só *o amanhã* não seria suficiente, então comecei a desejar por uma vida inteira, apenas para ter tempo suficiente de viver ao lado daquela que conquistara o meu coração.

— Acho que você vai murchar. Melhor sair logo. Preparei algo pra você comer.

A água descia sobre as minhas costas enquanto a voz doce da Sílvia me trazia para a realidade. Não sei o que aconteceu, mas comecei a chorar, coisa que poucas vezes na vida eu me permitira. Meu corpo tremia embaixo da água e eu tentava me

controlar.

De repente, senti mãos delicadas me abraçando.

— Eu estou aqui com você.

Tirei a testa do azulejo frio e passei as mãos no cabelo. Ao me virar, delicie-me com a visão da minha Morena. Ela usava um vestido fino, que agora estava todo molhado, deixando seus seios lindos à mostra. Observei a renda branca do sutiã surgindo, e meu corpo se acendeu. A vontade de tê-la voltou a me dominar.

— Ops! — Sílvia encarou meu pau, pronto para ela. Mordia os lábios, segurando um sorriso safado, e me fez gemer em antecipação.

Diminuí a água que caía sobre nós. O tecido colado em seu corpo estava dando asas à minha imaginação. Ela gemeu meu nome quando acariciei o seu seio. Tirei o vestido e encostei o pau em sua barriga. O contato com sua pele me fez estremecer.

Encarei sua boca e me perdi em seus lábios. Minhas mãos pousaram em sua bunda, enquanto Sílvia abria o sutiã, liberando os seios para mim. Voltei a gemer. Quando ela tirou a calcinha, o tesão já me consumia por inteiro.

Deixei Sílvia contra a parede. Abaixei e beijei toda a extensão de sua pele, até chegar na boceta. Minhas mãos apertavam suas coxas, enquanto minha língua deslizava para fora dos lábios, doida para se deliciar com o doce mais saboroso que provara. Não perdi tempo, e os gemidos de Sílvia confirmaram que ela também ansiava pelo meu toque. Lambi sua boceta devagar. Primeiro a provoquei chupando ao redor e só depois ataquei seu ponto sensível. Quando percebi que Sílvia gritava por mais, enfiei um dedo na bocetinha e passei a mordiscar o clitóris. Ele endureceu em minha língua e eu senti o quanto ela estava

molhada. Queria que ela gozasse assim, na minha boca. Percebi que seu corpo convulsionava, fazendo-a perder o equilíbrio.

— Puta merda, Henrique — soltou, pronta para gozar.

Tirei o dedo da boceta e me dediquei só ao clitóris. Queria dizer para ela gozar. Queria chamá-la de minha puta, minha vadia, minha Morena, mas não ousei parar. Até que senti seu corpo enrijecer por fim, os gemidos se intensificaram e ela gozou gritando o meu nome. Aquilo era música para os meus ouvidos. Ter Sílvia nos meus braços não se comparava com nenhuma sensação que já tivesse vivido.

— Ahhhhhhh! — murmurou, desmanchando-se.

Foder Sílvia em pé, com os seios pressionados na parede e a bunda arrebitada para mim, vendo em seus olhos que era a mim que ela queria, foi indescritível. Ela era minha, assim como eu também estava todo em suas mãos.

Olhei em seus olhos, ainda semicerrados pelo orgasmo que a invadira, e confessei:

— Tô apaixonado por você e quero que acredite em mim: nada vai nos separar. Tô disposto a lutar, Sílvia. Algo que nunca fiz em toda a minha vida, e que tô pronto pra fazer por você.

SÍLVIA

Enquanto o Henrique comia o jantar improvisado que eu tinha preparado, eu o observava. Ele parecia cansado. E não era apenas cansaço físico, mas sim o cansaço de uma vida inteira de abusos e submissão.

Fiquei mais calma quando ele disse que nada nos separaria. Confesso que esse era o meu maior medo. Mas Henrique me surpreendeu ao dizer que estava apaixonado por mim. Eu me sentia da mesma forma, por isso não hesitei em abrir o meu coração.

— E o que você vai fazer agora? — Aconcheguei-me no sofá, deitada em seu colo, enquanto Henrique acariciava o meu rosto. — Vai gerenciar sozinho os negócios da família?

Sua mão parou no exato momento em que as palavras saíram da minha boca. Henrique se mexeu, desconfortável, e eu me levantei.

— Lembra quando eu falei que meu pai me odiava? — perguntou com tristeza.

Balancei a cabeça, confirmando. Quando me disse, não entendi, pensei que estivesse exagerando.

Henrique continuou:

— Não sou um cara de soja e bois. — Deu de ombros. — A vida aqui não foi a que eu escolhi, e sim a que meu pai determinou. Ele me odeia porque tudo que eu mais quero nessa

vida é ficar longe de cada coisa que ele construiu, de cada conquista dele. O dinheiro dele me lembra o quanto ele precisou pisar nas pessoas que o amavam pra conseguir isso.

Fiquei perplexa com sua afirmação.

— Mas no bar você disse que...

Ele se aproximou, segurando minha mão.

— Eu menti — confessou.

Fiquei aguardando o resto da explicação, porque não estava gostando do rumo que a conversa tomara.

— Não quis parecer um merda diante do Jorge. Ele tinha acabado de dizer que era quase o homem perfeito e, ainda por cima, deixou claro que te queria. Eu só quis parecer importante.

Lembrei da cena e, apesar de não compreender por completo por que Henrique mentira, tentei entendê-lo. Tudo era muito mais complicado do que parecia.

— Não precisava ter mentido — disse, sem conseguir esconder a minha decepção. — Você já era e é importante o bastante pra mim, não precisa se gabar diante dos outros. Você não precisa provar nada pra ninguém.

Ele sorriu e me puxou para os seus braços. Juntei as pernas sobre o sofá e voltei a me aconchegar nele, dessa vez recostada em seu peito.

— Sou formado em administração, mas nunca exerci. Fiz a faculdade a contragosto. Engenharia era a minha paixão, mas o velho achava que ter um filho engenheiro mecânico não ajudaria em nada os negócios.

A relação do Henrique com o pai era muito mais complicada do que eu imaginava. Mesmo não querendo, senti pena dele.

Corri o olhar pela casa e não consegui segurar a curiosidade.

— O que você faz? Quer dizer, como se sustenta?

Ele sorriu, tímido.

— Conserto carros.

Levantei, olhando-o atônita. Henrique ergueu as sobrancelhas, surpreso com a minha reação.

— Tipo mecânico?!

— Exatamente como um mecânico.

— Você é uma caixinha de surpresas, Galego.

Ficamos no sofá nos encarando, o sorriso não saía do rosto dele. Era nítido que ainda tinha mais coisas para contar. Como se previsse o que eu estava pensando, adiantou-se em falar.

— Tem só uma oficina na cidade. O dinheiro que eu ganho não é muito, mas, como você pode ver, não tenho muitos gastos. Só que hoje recebi uma proposta interessante: Carlito, o dono da oficina, me chamou pra ser seu sócio, já que ele não pode mais pegar no pesado. Na hora, não aceitei, sabia que o velho surtaria ao saber que o único filho e herdeiro do seu império era dono de uma oficina de carros. Mas, agora, como ele já surtou de qualquer maneira, acho que vou aceitar.

Sentei no colo de Henrique depressa, agarrando seu pescoço e dando um beijo demorado. Queria que ele sentisse todo o orgulho que explodia em mim com suas palavras.

— Minha vida mudou completamente no momento em que você apareceu, Morena. O Henrique que você vê hoje é o Henrique da Sílvia, você foi a única que o viu de verdade, com os olhos do coração.

Ele beijou meus lábios de forma terna mais uma vez.

— É loucura dizer isso — murmurou, quando enfim nossas bocas se desgrudaram —, mas eu te amo.

Conversamos por um longo tempo e, como se não bastasse tudo que eu já sabia, Henrique me explicou que o motivo por

não ter deixado a cidade era a doença do pai. O câncer estava em estágio avançado e, segundo os médicos, não havia muito a ser feito.

Quando conheci o Henrique, não fazia ideia da bagagem que carregava. Sua determinação ao me beijar na festa e sua arrogância ao fingir que não me conhecia no dia seguinte me fizeram acreditar que ele não passava de um cara como outro qualquer. Mas eu estava totalmente enganada. E decepcionada comigo mesma, pois, para quem passou a maior parte da vida lutando contra o preconceito, foi exatamente assim que o tratei. Henrique disse que eu mudara sua vida, mas eu tinha plena certeza de que nenhum de nós seria mais o mesmo.

No dia seguinte, Henrique foi para o hospital. Estava a caminho da fazenda, já saindo da cidade, quando algo chamou a minha atenção. Uma placa de *aluga-se* pendurada em uma cerca de madeira que rodeava uma pequena casa. Meu coração se encheu de uma sensação que não sabia como definir. Imediatamente, parei o carro e desci.

A casa era pequena e a entrada bem parecida com a do Henrique, com a diferença que ela tinha um jardim imenso na frente, todo florido.

— Posso ajudar?

Assustei-me com a chegada de uma moça.

— Você é a proprietária?

Ela confirmou, e não consegui evitar o sorriso que iluminou o meu rosto.

A casa era perfeita!

Marta, a moça que negociava o aluguel, explicou que o imóvel pertencia a sua mãe que, depois da morte do pai havia um mês, tinha se mudado para a casa da filha, em outra cidade.

Perguntei sobre o aluguel e fiquei surpresa com o valor, irrisório comparado ao que eu pagava na cidade. Ela me mostrou a casa e de imediato a informei sobre o meu interesse em alugá-la. Marta ficou feliz quando aceitei a única condição que sua mãe impusera para a locação: que o inquilino cuidasse do jardim.

Quando cheguei à fazenda, conversei com a Pietra sobre a situação do pai do Henrique. Abri meu coração, contando tudo o que sentia e o quanto estava disposta a lutar por ele. Minha amiga pulou de alegria com a notícia e confirmou o que eu já sabia: que estaria ao meu lado para o que eu precisasse. Conte também sobre a casa e a minha mudança para a cidade. Ela torceu o nariz, mas no fim acabou aceitando que eu precisava ter meu canto. Pietra cogitara que eu me mudasse para a casa que o Ranger tinha na cidade, mas ela já estava alugada para uma família e seria complicado romper o contrato.

Para minha sorte, a casa que eu encontrara era mobiliada e não precisaria gastar o pouco que tinha com móveis. A única coisa que ainda me preocupava era a minha locomoção para a fazenda, mas Pietra disse que daria um jeito.

Antes de dormir, depois de um banho demorado, liguei para o Henrique.

— Você podia ter dormido aqui — resmungou.

— Henrique, você é terrível. — Sorri. — Como ele tá?

Ouvi um longo suspiro no telefone antes da resposta.

— Não quis me ver. Pedi pra Pâmela entrar e ver se ele precisava de alguma coisa. O velho está irredutível.

Minha pele se arrepiou ao ouvir que havia outra mulher com ele.

— Quem é Pâmela? — Acho que minha voz saiu mais ríspida

do que deveria, porque o Henrique não perdeu a oportunidade de me provocar.

— Ciúme, Morena? — Revirei na cama, com raiva de mim mesma, mas não consegui responder. Era exatamente isso que eu estava sentindo: ciúmes. — Pâmela é a garota que estava com o meu pai quando tudo aconteceu. Não se preocupa, Sílvia, ela é só uma amiga de infância. Meu pai confia nela, então pedi ajuda.

Respirei fundo algumas vezes, tentando me acalmar, mas foi inútil. Despedi-me do Henrique pensando no fato de que alguém estava ao lado dele no hospital, e esse alguém não era eu.

Mandeí uma mensagem rápida para a Pietra, para saber se ela conhecia a tal garota. Ela me respondeu que sim, que Lucas tinha dito que a família dela era a maior produtora de gado da região.

Era só o que me faltava. Linda, amiga de infância e ainda por cima tinha a confiança do velho. Agora eu sentia na pele o que Henrique passara com o Jorge. A garota era perfeita e, se houvesse uma competição, eu nunca conseguiria ganhar da Rainha do Gado.

HENRIQUE

— Você quer que eu volte para o hospital? É isso?

Meu pai passou três semanas internado, mas já fazia um mês que estava em casa, totalmente recuperado. Voltara a praticar seu esporte favorito: meter-se na minha vida. Conteí a ele sobre meus planos em relação à oficina e também sobre o meu namoro com a Sílvia.

Achei que meu pai enfartaria de novo.

— Impossível ter uma conversa séria com o senhor. Quando vai deixar de controlar a minha vida e apenas aceitar as minhas decisões?

Meu pai tentou levantar do sofá, mas, assim que se pôs de pé, ficou tonto e precisou que eu o socorresse.

— Ainda bem que sua mãe está morta. Ela não suportaria o desgosto de ver você acabando com a sua vida.

No mesmo instante, soltei meu pai, que caiu no sofá com os olhos esbugalhados de surpresa. O sangue ferveu nas minhas veias, e tive que respirar fundo diversas vezes, tentando me acalmar. Infelizmente, o ódio ao ouvi-lo se referir à minha mãe falou mais alto do que a minha paciência. Andei em círculos pela sala da fazenda antes de soltar as palavras que estavam engasgadas.

— Você matou a minha mãe — gritei. — Não ouse falar dela. Não ouse sequer pensar nela. Você é asqueroso. Nojento.

Preconceituoso. Você é tudo de ruim que existe. Minha mãe morreu de desgosto, você tem razão. Mas foi por não suportar viver ao lado de um homem tão repulsivo quanto você. — Ele abriu a boca para dizer algo, mas interrompi. — Eu te suportei até hoje, mas de agora em diante vai ser do meu jeito. Ou aceita minhas decisões e me deixa viver, ou vai morrer sozinho, cercado pelos seus bois, plantações e funcionários que não te suportam.

Antes que o velho pudesse responder ao meu desabafo, virei as costas e saí da fazenda com o coração disparado. Queria que tudo fosse diferente. Queria ter uma família com quem compartilhar as alegrias e dividir as tristezas. Por muito tempo insistira em ter uma relação com meu pai, por mais doentia que fosse, mas tinha chegado ao meu limite. Naquele momento, decidi afastá-lo de uma vez por todas da minha vida.

Não me sentia mais derrotado diante das suas humilhações. Foram tantos anos sofrendo que desenvolvi um método de sobrevivência. Quando meu pai falava, eu pensava em outra coisa. Se não absorvesse suas palavras, elas talvez não me fizessem mal.

Assim que estacionei a caminhonete, o telefone tocou. Imediatamente pensei na Sílvia, mas não era ela.

— Fala, Rodrigo — cumprimentei meu melhor amigo.

— Quer me dizer que história é essa de comemoração no Taurus? Não é seu aniversário nem nada.

Entrei em casa ainda rindo da curiosidade do Rodrigo. Pedira a todos os meus amigos para irem ao Taurus, e o Rodrigo era apenas mais um dos que tentavam descobrir o que eu estava aprontando. Mal sabiam eles que eu contaria sobre a minha parceria na oficina, além de outra surpresa.

— Apenas esteja lá com a Carol, Rodrigo.

— Filho da puta. Você costumava ser meu amigo — disse, rindo, antes de desligar o telefone.

Apenas troquei de roupa e voei para a oficina. Carlito ligara avisando que dois carros haviam chegado, e que os proprietários tinham pressa. Corri para lá, afinal, agora aquele era o meu negócio. Ele ficara eufórico quando dera minha resposta. Eu me sentia bem sendo sócio da oficina, e mesmo que isso parecesse pouco aos olhos de muitas pessoas, para mim era uma conquista única. Era a primeira vez que tomava uma decisão pelo meu futuro.

Sílvia e eu não poderíamos estar mais felizes. Ela estava atolada de trabalho, acompanhando de perto as obras do Centro de Reabilitação. Seu entusiasmo era tanto ao falar daquele projeto que eu sentia em suas palavras o amor que tinha pela profissão. Minha Morena seria uma ótima fisioterapeuta, disso eu tinha certeza. Apenas duas coisas me deixavam ressabiado: sua mudança para a cidade e uma viagem que ela faria.

Tentei convencê-la a se mudar para a minha casa, mas Sílvia foi inflexível na sua decisão. Não aceitava de forma alguma morar comigo. Seus argumentos eram baseados no fato de que namorávamos fazia pouco tempo, o que para mim não tinha importância nenhuma diante da grandiosidade do que sentíamos. Aceitei seu *não* muito a contragosto, é verdade, mas não tinha o que fazer. De qualquer maneira, ficara feliz ao saber que ela estaria mais perto de mim.

A notícia da viagem me deixou mais preocupado, muito nervoso e inseguro, para ser sincero. Sílvia viajaria a trabalho para participar de um curso de equoterapia terapêutica. Ela ficaria quinze dias fora, aprendendo como usar cavalos no

tratamento de pacientes com síndrome de Down. Claro que eu estava explodindo de orgulho, mas minha preocupação era outra: Jorge também faria o curso, e eu tinha absoluta certeza de que ele não pensaria duas vezes antes de usar esse tempo para se aproximar da Sílvia. Mas eu não tinha o que fazer. contei sobre a minha conversa com o Jorge, mas ela respondeu que sabia o que estava fazendo. Além do mais, era seu trabalho, e eu seria um idiota se a impedisse de crescer na profissão só por ciúmes. Minha Morena pediu que eu confiasse nela, e foi o que fiz. Trabalhei o resto do dia tentando não pensar na viagem e, quando percebi, já estava anoitecendo. Antes de sair, liguei para o Carlito e avisei que os veículos estavam prontos.

Sílvia: *Vou me atrasar, te encontro lá. Beijos.*

A mensagem chegou assim que saí do banho. Eu me arrumei depressa e minutos depois já estava na caminhonete a caminho do Taurus. Ao chegar, cumprimentei a Raquel.

— Mesas reservadas e cerveja gelada. Tudo pronto, Henrique.
— Ela apontou para o local onde o Rodrigo já estava sentado com a Carol. Caminhei até eles e os cumprimentei. Os dois estavam mais apaixonados do que nunca e falavam inclusive em casamento. É, pelo visto toda uma geração estava sendo domada. Primeiro o Pedro, depois Lucas, Rodrigo e eu. Modéstia à parte, esta cidade não seria mais a mesma. Tocamos o terror por aqui durante um bom tempo. Mas não estava triste com isso, pelo contrário. Eu havia aproveitado bem a vida e estava pronto para uma nova etapa, mais apaixonado do que nunca.

O sertanejo dera lugar ao country. Tudo estava perfeito para a minha noite. Pedro e Mari não demoraram a chegar, e logo Lucas e Pietra se juntaram a nós. Só faltava uma pessoa para completar minha felicidade.

— Pronto, Henrique, estamos aqui. Desembucha! — Rodrigo levantou a voz e me intimou a falar.

Balancei a cabeça em negativa.

— Ainda não! — respondi.

Lucas e Pietra me encararam, só eles sabiam do meu envolvimento com a Sílvia, mas isso mudaria em breve. Na décima vez em que olhei para a porta, vi a minha Morena chegar. Vestia uma calça jeans colada e uma blusinha vermelha. Uma flor enfeitava o cabelo cacheado. Ela era tão linda quanto o seu sorriso. Eu parecia um bobo babando por ela, enfeitiçado pela mulher que mudara minha vida. No entanto, o meu sorriso morreu devagar. Sílvia sorria para alguém, e não fiquei nem um pouco confortável ao perceber que era Jorge quem tinha sua atenção. Não era possível que eles tivessem chegado juntos. Pietra havia comentado que ele não estava na cidade.

Sim, era ciúme. Não conseguia evitar. Estava tomado por um sentimento que me deixava impotente, e que nunca havia experimentado. Meus olhos buscavam os da Sílvia, implorando para que ela me visse. E assim que seu olhar me encontrou, ela se transformou. Um brilho a envolveu, e o sorriso iluminou todo o rosto. Sim, ela me amava, estava na cara.

Meu coração, que antes estava acelerado, acalmou-se. Sílvia cumprimentou a todos que estavam na mesa, e Jorge fez o mesmo. Assim que ela se aproximou com a intenção de me cumprimentar, enlacei os braços na sua cintura e a trouxe até mim. Vi os olhos da minha Morena se arregalarem, surpresos, mas também apaixonados. Sem aviso, eu a beijei. Não pensei em nada. Apenas fechei os olhos e deixei que meus lábios se perdessem no doce de sua boca. Sílvia segurou meu pescoço e retribuiu o beijo, e fiquei ainda mais perdido por ela. Sua

língua me invadia sem pedir permissão, explorando cada canto da minha boca e tornando o momento mais erótico do que o necessário. Em contrapartida, eu apertava cada vez mais seu corpo contra o meu. Nunca teria o suficiente dela.

— O.k.! Já entendemos. Agora chega, guardem essas línguas pra mais tarde! — Sílvia me soltou, sorrindo, assim que Pietra deu o ar da graça.

Quando nos afastamos, ela entrelaçou os dedos nos meus e descansou a cabeça no meu ombro. Eu sorria, todo orgulhoso.

— Desculpa, não sabia que era uma comemoração. Vou indo — disse Jorge, afastando-se.

— Não precisa — eu me adiantei. — Vocês são amigos, tenho certeza que vai ficar feliz com a novidade.

Sílvia me olhou um pouco desconfiada, sem entender sobre o que eu falava. Jorge fechou a cara, demonstrando total desconforto. Afinal, eu sabia que ele estava disposto a lutar pela mulher que estava ao meu lado.

Levantei a mão da minha Morena e beijei nossos dedos unidos. Olhei para cada amigo presente e todos pareciam compartilhar minha felicidade.

— Apresento a vocês a futura sra. Montolvani. Sílvia, minha namorada.

A mesa explodiu em gritos histéricos das meninas e expressões incrédulas dos caras.

— Você tá brincando? — perguntou Pedro. Balancei a cabeça, respondendo que não. — Não acredito que vivi pra ver isso.

Então foi a vez da Carol lembrar a conversa que tivemos fazia um tempo.

— Eu disse que você arrastaria a bunda no chão por uma mulher. — Assim que disse isso, Carol deu um longo abraço na

Sílvia. — Não se iluda. Eles têm esse jeitinho de bons moços, mas é tudo fachada. Toma as rédeas, amiga, ou não tem cerca que segure.

Levei a mão à testa e balancei a cabeça, sorrindo. Sílvia agradeceu o conselho da Carol, mas depois me lançou um olhar de “essa mulher é paranoica”. Dei de ombros e voltei a abraçá-la. Os próximos a nos cumprimentar foram Lucas e Pietra.

— Você contou tudo pra ela? — Lucas sussurrou, enquanto Pietra, Sílvia e Mari conversavam.

— Tudo, meu amigo. A Sílvia é a mulher da minha vida, eu não podia esconder mais nada dela.

— Sei bem como é isso. Sinto que as coisas só passaram a fazer sentido quando a Cristal chegou.

Balancei a cabeça, compreendendo o que Ranger dizia, pois era exatamente assim que me sentia. Lucas se afastou depois de dar um tapa nas minhas costas, mas logo Sílvia tomou o seu lugar. Suas mãos rodearam a minha cintura e seus olhos buscaram os meus. O sorriso que me encantava todos os dias tornou a enfeitar seu rosto.

— Você conseguiu me surpreender. Não esperava por tudo isso.

— Eu disse que nada me separaria de você. Estava mais do que na hora de todo mundo saber que nossos caminhos, daqui em diante, vão se tornar um só.

Beijei seus lábios com ternura, aproveitando a mágica do momento. Acho que nunca tinha me sentindo tão completo. Só não esperava que fôssemos interrompidos, mas foi o que aconteceu. Jorge esperou o exato momento em que eu tinha Sílvia nos meus braços para se pronunciar.

— Parabéns ao casal. — Sua fala era contida, mas o corpo

estava tenso. O maxilar travado, os olhos arregalados e as sobrancelhas erguidas indicavam que não estava nem um pouco feliz com a notícia. Mas eu pouco me importava. Era bom que ele ficasse bem longe. — Sílvia é especial. Cuide bem dela.

— Não precisa se preocupar. Sei bem o quanto ela é especial.

Acho que a Sílvia sentiu a tensão entre nós, porque se adiantou em agradecer ao Jorge.

— Obrigada, professor — disse, educadamente.

Jorge se afastou, ainda me olhando de cara amarrada, como se dissesse que ainda lutaria por ela. No entanto, não havia nada que ele pudesse fazer.

Ainda o seguia com o olhar quando senti um beliscão na costela. Sílvia me encarava, séria.

— O que foi isso? — perguntou baixinho, um pouco irritada.

— O quê? — Eu me fiz de desentendido e Sílvia cruzou os braços na frente de si, empinando ainda mais os peitinhos suculentos que eu tanto adorava ter na minha boca. — Morena, ele quer você. Tá na cara — disse, puxando-a para os meus braços.

Aos poucos, Sílvia foi desfazendo o bico que ostentava. Estávamos alheios a todos os nossos amigos, que dançavam animados à nossa volta.

— Não importa quem me quer. — As pupilas de seus olhos se dilataram e as labaredas surgiram, deixando-a muito sexy. — Importa quem eu quero. E a única pessoa que desejo é você, meu Galego.

Acreditava em cada palavra que ela dizia. Eu era o homem mais feliz da face da terra, e nada poderia estragar o que estava vivendo.

SÍLVIA

Estava tão empolgada com o curso que mal conseguia parar para comer. Meu almoço era muito rápido, pois queria aproveitar tudo que o lugar me oferecia. Além de funcionar como um centro de treinamento, a fazenda em que estávamos era o futuro da Girassol: um centro de reabilitação. E também era tão linda quanto as terras da Pietra. Chalés bem equipados, dormitórios, um grande hotel para receber familiares e visitantes. O lugar contava ainda com salões reservados para palestras e cursos, e um requintado centro de eventos, onde também funcionava um belíssimo restaurante. Tudo isso cercado por muito verde e jardins bem cuidados.

Reconhecida pelo Conselho Brasileiro de Medicina, a equoterapia no trato de pessoas com síndrome de Down vinha se desenvolvendo cada vez mais. Independentemente do grau de deficiência, a união de paciente e cavalo resultava em uma evolução mais do que significativa. Além de ajudar na progressão motora, o benefício que o tratamento trazia para a autoestima e a qualidade de vida do paciente era imensurável. Era algo que estava além das palavras.

Terminei de almoçar e caminhei pelo gramado pensando no quanto minha vida mudara. De repente, a cena na minha frente chamou minha atenção: o sorriso de uma criança ao lado de um cavalo. Não havia dinheiro nenhum no mundo que pudesse

pagar por momentos como aquele. Era exatamente o que queria para a minha vida. Senti as lágrimas brotarem, sem entender bem por que tinha me sensibilizado tanto com a cena.

— Posso saber o que está pensando essa cabecinha? — Eu levei um susto quando escutei a voz do Jorge tão próxima. Não sei se foram as desconfianças do Henrique, mas passei a me sentir bem menos à vontade ao lado do meu ex-professor. Podia ser coisa da minha cabeça, inclusive tinha discutido com o Henrique quando ele me disse que não confiava no Jorge. Eu sabia de suas investidas, tinha total consciência do seu interesse, mas nos últimos tempos notara algo diferente nele. Desconfiava de que fosse capaz de passar por cima de qualquer coisa para conseguir o que queria. Por isso, passei a ficar cada vez mais retraída na sua presença e o evitava o máximo que podia.

— Apenas me preparando para o que vem por aí. — Sorri, envergonhada pelos meus pensamentos, pois parecia ser algo infundado. — É emocionante ver tudo isso. — Apontei para a criança que agora estava sobre o cavalo. — Tenho que me acostumar, ou as emoções vão tomar conta de mim. E isso não é nada profissional.

Jorge sorriu, mas depois de longos segundos olhando o menino, ele me encarou de forma intensa antes de dizer:

— Nem sempre conseguimos separar o profissional do pessoal. — Suas pupilas se dilataram assim que as palavras saíram. — Às vezes, os sentimentos tomam conta.

Fiquei muda.

Sem saber o que responder, desviei o olhar e tentei ignorar o que acabara de ouvir. Jorge sentiu meu incômodo e afastou o rosto.

— Podemos jantar juntos? — convidou. Levantei o olhar para

recusar sua proposta, mas ele me deixou desarmada quando emendou — Quero montar um relatório com tudo que estamos vendo aqui. Acho que será bom para a equipe. Como nosso tempo livre é escasso, um jantar seria perfeito para discutirmos nossos pontos de vista.

Eu não podia pôr meus problemas pessoais à frente do Centro. Pietra estava fazendo muito por mim. Aliás, nunca, em toda a minha vida, alguém tinha feito tanto por mim. Ela merecia minha total dedicação, mesmo que isso significasse jantar com o Jorge.

— Claro. Tenho várias anotações e algumas ideias para discutir — confirmei, deixando claro que o jantar era estritamente profissional.

Jorge assentiu com a cabeça e se despediu, deixando-me só com meus pensamentos. Observei enquanto ele se afastava, antes de sumir em meio às árvores da fazenda. Sempre tivera admiração por ele, física e intelectual. Talvez estivesse sendo radical demais, mas, no fundo, eu sentia a mudança. Ele estava se aproximando cada vez mais. Eu realmente queria que fosse paranoia da minha cabeça.

De repente, ouvi uma gargalhada gostosa que fez todos os meus medos se dissiparem. O cavalo levando a criança passava bem próximo a mim. E pude sentir de perto toda a alegria que ela experimentava. Sorri ao pensar que eu sabia exatamente o que era me sentir diferente, mas também tinha plena consciência de que nada no mundo poderia apagar um sorriso como aquele.

Meu celular vibrou e não precisei olhar o visor para saber quem era. O Henrique sempre me ligava no mesmo horário, tomando todo o cuidado para não atrapalhar minhas aulas.

— Oi, meu amor — disse, assim que atendi. Minha voz revelava toda a saudade que sentia do meu Galego. Incrível como ele se tornara tão essencial na minha vida.

— Por favor, me diz que você tá voltando. — Tive que sorrir diante do seu desespero. Claro que ele estava sendo melodramático, mas isso não me impedia de entrar no seu jogo.

— Só mais dois dias. Prometo que logo vou estar de volta. — Henrique suspirou, dando-se por vencido. — Prometo te recompensar pelo tempo longe.

O suspiro se tornou um gemido, que me deixou arrepiada.

— Você não tem ideia do quanto estou com saudade dessa sua boca gostosa.

— Só da boca? — ousei provocá-lo.

— Hummm... E da sua boceta deliciosa também.

Senti meu rosto queimar e olhei para os lados, como se alguém pudesse notar a conversa nada inocente que estava tendo com o meu namorado. Felizmente não havia ninguém, mas resolvi não prolongar aquela brincadeira, porque no fim eu acabaria frustrada com o Henrique tão longe.

— O.k.! O.k.! Vamos parar por aqui. Tenho uma palestra em quinze minutos e você tá tirando minha concentração.

— Agora que tava ficando bom... Você me deixou de pau duro, sabia?

Quase chegando ao salão onde aconteceria a palestra, respondi depressa.

— Grande novidade, Galego. Você sempre tá de pau duro.

— Mentira! — respondeu, indignado. — Fico de pau duro só com você. Acho bom você nunca pensar em me deixar, ou vou morrer na seca.

Pensei nas suas palavras e, mesmo que parecesse brincadeira,

havia um fundo de promessa nelas. Era muito cedo para ter certeza, mas sentia que o Henrique era a minha outra metade. Duas pessoas que buscavam ser aceitas.

— Te amo! — soltei, ainda escutando sua risada pela nossa brincadeira. Henrique ficou em silêncio por alguns segundos.

— Eu também te amo, minha Morena — disse sério. — Te vejo em dois dias.

Meus olhos marejaram e senti o coração disparar. Eu me despedi do Henrique e entrei para mais uma palestra. Não queria me desequilibrar, mas era impossível diante da avalanche de sentimentos que me invadiam toda vez que falava com o Henrique.

Busquei com o olhar um lugar vazio e sentei. *Estimulação dos sentidos na equoterapia* era o tema da palestra. Assim que o palestrante iniciou, eu me desliguei de tudo e me concentrei por completo.

Com o curso, passei a entender a importância dos animais na vida dos seres humanos. Lembrei do Lucas. Era impossível falar de amor aos animais sem pensar nele. Era incrível como ele tratava os animais da fazenda, em especial a dedicação e o amor que tinha com os cavalos. Não teria veterinário melhor para o nosso Centro de Reabilitação.

Quarenta minutos depois — e muitas anotações feitas —, o palestrante abriu para perguntas. Então, de imediato, levantei a mão pedindo a palavra. Minha cabeça estava explodindo com tantas dúvidas.

Nem vi o tempo passar e, quando saí da palestra, tudo que queria era tomar um banho e ligar para o meu Galego, mas isso teria que esperar, pois estava atrasada para o jantar.

Jorge já me esperava no restaurante quando cheguei. O lugar

tinha um ar rústico, com luminárias que imitavam antigos lampiões. A cor predominante era o marrom, mas a iluminação dava um tom dourado às paredes, deixando o ambiente ainda mais requintado.

Pensei na roupa que usava e me dei conta de que não estava nem um pouco bem-vestida. Sorte que não me importava com a opinião das pessoas, que agora me encaravam a cada passo que eu dava na direção do Jorge, que acenava para mim. Fazia muito tempo que deixara de me importar com o que as pessoas pensavam a meu respeito. Fosse pela roupa que vestia, fosse pela cor da minha pele. Tudo que eles poderiam ter de mim era a minha indiferença. O que ainda era muito para quem não merecia nada. Engraçado como alguns olhos se tornaram maiores, esbugalhando no rosto, conforme me aproximava do Jorge.

Engulam meu cabelo crespo, minha negritude e meu jeans surrado, pensei, enquanto recebia os olhares curiosos.

Assim que cheguei à mesa, Jorge se levantou, como o perfeito cavalheiro que era. Perfeito até demais. Estava lindo, vestindo calça cáqui, camisa polo branca e um blazer azul-marinho. Os óculos de grau o deixavam ainda mais charmoso, tinha que confessar.

— Você está linda, Sílvia. — Ele sorriu enquanto puxava a cadeira para eu me sentar.

Quase gargalhei. Não sabia se ele dizia aquilo só para me deixar menos constrangida, ou se falava mesmo com sinceridade.

— Eu sabia que o restaurante era bonito, mas não sabia que era tão chique. Nem parece que estamos a quilômetros da cidade. Tem tanta gente.

Ajeitei-me na cadeira e logo percebi o garçom ao nosso lado. Ele deixou os cardápios e se afastou.

— Acho que é uma festa de noivado. Parte do local estava fechado para o evento, mas parece que os convidados se espalharam pelo restaurante. Enfim... — suspirou e se ajeitou na cadeira. — Quer pedir agora? — perguntou.

— Acho que podemos discutir nossas ideias antes.

Tirei um bloco de anotações da bolsa e, ao apoiá-lo sobre a mesa, Jorge pousou a mão sobre a minha.

— Por que não relaxa um pouco, Sílvia? Tome uma taça de vinho. Temos a noite inteira para discutir e analisar nossas ideias. — Estava pronta para me levantar, quando Jorge emendou: — Trabalhamos tanto. Merecemos, você não acha? Como vai o namorado? Ele parece fazer você feliz.

Respirei fundo e me acalmei. Até aquele momento, não tinha motivo real para eu querer sair correndo. Era apenas um jantar.

— Sim, e muito — respondi, sem esconder o sorriso bobo que surgia no meu rosto. — Henrique é como eu: é muito mais do que as aparências mostram.

O garçom se aproximou empunhando uma garrafa de vinho e serviu as taças sobre a mesa.

— Você parece mesmo apaixonada...

— E por que não estaria? — Elevei um pouco o tom da voz diante de seu questionamento.

Jorge levou a taça à boca e, devagar, tomou um gole de vinho. Quando a deixou sobre a mesa, abriu um sorriso.

— Não me leve a mal, Sil, é apenas por curiosidade. Em todos esses anos, nunca vi você assim, tão sentimental. Era sempre tão prática e fechada que me perguntava quando iria se apaixonar.

Eu passei a mão pelos cabelos, nervosa, pois a constatação de

que tivera a atenção do Jorge durante os anos acadêmicos me deixou um pouco desnorteada.

— Já estava na hora, não é mesmo? — brinquei, tentando dissipar o constrangimento que tomava conta de mim. — O Henrique é um homem bom.

Jorge bebeu mais um gole de vinho antes de responder. Só então percebi que estava diferente, como se aquela não fosse a primeira taça da noite.

— Esperamos que seja — disse, antes de desviar os olhos e sussurrar. — Para o bem dele.

— Desculpe, o que disse? — Mesmo tendo escutado muito bem o que dissera, fiz questão de perguntar para ter certeza de que se tratava de uma ameaça. — Professor, Jorge... — Joguei o guardanapo que estava no meu colo sobre a mesa, chamando sua atenção. Seus olhos se fixaram no meu rosto, e pude ver um misto de sentimentos se revelar. Henrique tinha razão, e agora eu me amaldiçoava por não ouvir. — Não sei o que o senhor quer de mim, mas vamos deixar algo claro: eu amo o Henrique.

Antes que eu terminasse, Jorge se inclinou sobre a mesa e segurou a minha mão.

— Por quê? — perguntou, com a voz embargada pelo álcool. — Você precisa de um homem que te satisfaça, Sílvia, não de um moleque idiota. Acha que aquele cara vai te defender? Acha que ele vai lutar por você? Acha que ele vai te respeitar? Te desejar como eu? — Seus olhos faiscavam de raiva, ao mesmo tempo que sua boca emanava desejo. — Te esperei por malditos anos. Te amei de longe. Cada vez que sorria para mim, tinha vontade de beijar essa sua boca gostosa. — Tentei puxar minha mão, mas Jorge me mantinha no lugar. Eu tentava evitar um escândalo, olhando para os lados, como se todos pudessem ver

o que estava acontecendo. — Toda vez que sentava na frente na minha aula, eu tinha que me segurar, tamanho era o meu desejo por você. Fantasiei cada maldita noite como seria ter o seu corpo embaixo do meu, gemendo meu nome. Como seria te fazer minha mulher. Como seria gostoso ter você. Te amar, te desejar, te dar prazer...

— Você está passando dos limites — disse, um pouco mais alto, mas ele continuou.

— Sim, eu cheguei ao meu limite... Ele explodiu no dia em que vi você se esfregando naquele babaca. Ele tocava seu corpo naquele bar como se você fosse dele. Era para você ser minha, Sílvia. Tudo seria perfeito. Nós dois na fazenda, unidos pela paixão...

Estava pronta para gritar e acabar com aquilo de uma vez por todas quando fui surpreendida por um flash. O fotógrafo do evento acabara de tirar uma foto nossa, como estava fazendo em todas as mesas. Fiquei sem reação ao perceber que ele havia fotografado um momento tão constrangedor como aquele. A câmara pendurada no peito do homem ainda apontava para a mão do Jorge sobre a minha. Puxei minha mão o mais rápido que consegui e levantei depressa. Sem dizer nada, corri em direção à porta. Só queria sair dali. Ouvi passos me seguindo, mas não olhei para trás. Assim que cheguei à saída, senti meu braço sendo puxado.

— O que ele tem que eu não tenho? — Jorge me jogou contra a parede, pressionando seu corpo contra o meu. Não havia ninguém por perto, e a escuridão do local fez minha pele se arrepiar. Sua boca se aproximou do meu rosto e pude sentir o cheiro de álcool que emanava.

— Ele nunca me machucaria.

Como se tivesse acordado de um transe, os olhos dele se suavizaram. Soltou meu braço e se afastou depressa.

— Pelo amor de Deus, Sílvia. Eu... eu...

— Não precisa se explicar. — Com essa minha frase, Jorge suspirou aliviado. — Nada que me diga agora justificaria suas ações. Isso só me faz perceber que eu não te conheço. Para mim, você é um estranho e é assim que vou te tratar de agora em diante.

— Escuta, Sílvia...

— Boa noite, professor.

Virei as costas e mais que depressa caminhei de volta para o chalé em que estava hospedada. Eu me senti perdida e pensei em como pude deixar aquilo ir tão longe. Lembrei de todas as vezes em que conversei com o Jorge, durante e depois da faculdade. Nada explicava que merda tinha acontecido naquela noite.

Quando cheguei, joguei a bolsa sobre a cama e corri para o banheiro. Precisava de um longo banho e de uma boa noite de sono. Ainda tinha dois dias de curso e não desistiria por nada, mesmo que tivesse que me esconder do Jorge por quarenta e oito horas.

Assim que saí do banheiro, vi meu celular vibrando sobre a cama. Três chamadas não atendidas do Henrique e uma da Pietra. Tinha que falar com ambos, mas resolvi que ainda não era a hora. Pietra precisava do Jorge na reta final da implantação do Centro de Reabilitação, e eu não conseguiria dormir tranquila se fosse a responsável por colocar tudo a perder, mesmo sabendo que não era culpa minha. Bem, o Henrique ficaria uma fera quando eu contasse o que acontecera, ainda mais por não ter dito nada a respeito do jantar com o Jorge.

Precisava pensar muito bem no que faria. Não poderia magoar ninguém, muito menos o Henrique, que era, junto com a minha irmã, a pessoa mais importante da minha vida.

Sabia que estava me deixando em segundo plano de novo, mas esta era uma decisão que eu tomava de olhos fechados e sem nenhum arrependimento.

HENRIQUE

Tentei mais de uma vez ligar para a Sílvia, mas ela não me atendeu, o que me preocupou. Essa viagem parecia mais uma eternidade, eu estava a ponto de explodir. Não conseguia parar de pensar que a minha namorada estava no mesmo lugar que aquele professorzinho. Por mais que tentasse lutar contra os pensamentos que me invadiam, o ciúme me controlava. Era um sentimento desconhecido, e não conseguia lidar com ele.

Depois da terceira tentativa, levantei da cama, furioso com a Sílvia, com o Jorge e comigo mesmo. Não poderia deixar as emoções me controlarem daquela forma, mas era impossível. Estava mais ligado do que nunca àquela mulher, e de jeito nenhum deixaria que ela escapasse.

Resolvi ligar para o Rodrigo, precisava desabafar com alguém. Tinha que sair de casa ou ficaria louco. Mas, antes de ir ao Taurus, onde marquei com ele, mandei uma mensagem para a Sílvia dizendo que estava preocupado e pedindo que me ligasse o quanto antes. Soei meio desesperado, eu sei, mas era assim mesmo que eu me sentia. Além disso, por muito tempo eu escondera meus sentimentos. Estava na hora de botá-los para fora e aprender a lidar com todas as coisas boas e ruins que viriam com isso.

— Uma cerveja, Raquel. — Escutei o Rodrigo pedir assim que

cheguei ao Taurus e o vi sentado no bar.

— A Carol sabe que você tá aqui sem ela? — Raquel provocou meu amigo, dando uma piscadela na sua direção.

Sentei ao lado dele.

— Ela corta as bolas do Rodrigo se souber — murmurei.

— Nem brinca com isso. Ando dormindo com um olho aberto e outro fechado. Morro de medo de acordar sem alguma parte importante do meu corpo.

Raquel voltou com a cerveja.

— E o que você chama de “parte importante”?

— Sei lá. Todos os órgãos vitais e os não tão vitais assim. Posso esperar qualquer coisa daquela maluca.

Ambos sorriram, mas eu não consegui. Não estava para brincadeiras, era como se algo estivesse entalado na minha garganta. Sentia que a minha felicidade estava por um fio. Aquele pressentimento de que tudo estava bom demais para ser verdade, e de que a qualquer momento poderia desmoronar.

— Manda uma dose, Raquel.

— *Eita* que hoje ele tá pro crime.

— Pela urgência da mensagem que ele mandou, o crime já foi cometido. Quer ajuda para enterrar o corpo, é isso?

Olhei para o Rodrigo e pensei seriamente que socar a cara dele poderia me ajudar a me acalmar, mas acabei desistindo. A Carol o mataria e me enterraria vivo se o namorado chegasse em casa com um olho roxo. Não respondi nada até a Raquel trazer meu uísque. Precisava de um pouco de álcool nas veias para conseguir falar.

Assim que entornei o líquido, virei na banquetta, observando o local, enquanto minha garganta absorvia o ardor que o uísque provocara. Não havia música ao vivo e o bar estava menos

lotado do que de costume.

— Desembucha, Henrique. O que tá acontecendo?

Passei as mãos pelos cabelos, inquieto. *Como explicar se eu não fazia ideia do que estava acontecendo?*

— Cara, ando pilhado — disse, nervoso. — A Sílvia foi fazer esse maldito curso. O Jorge tá lá também. Ele quer a minha namorada e hoje ela não atendeu minhas ligações e ainda por cima desligou o telefone. Tô fodido, Rodrigo.

Raquel se afastou de nós. Acho que entendeu que o assunto era pessoal. Também não me importava muito. Na verdade, estava pouco me lixando para quem estivesse ouvindo.

— Mano, vai com calma. Você tá se precipitando.

Levantei o copo, pedindo a Raquel mais uma dose.

— Eu sei — disse, e virei a segunda dose. — Mas não é fácil. Você sempre soube lidar com as mulheres melhor do que eu... Eu meio que só fodia com elas uma ou duas vezes. Mas agora tô cagando de medo da Sílvia se interessar por aquele professorzinho. Rodrigo, eu tô com os quatro pneus arriados por aquela morena.

Rodrigo deu uma gargalhada. Encarei-o por um tempo, até que meu amigo se tocou de que eu não estava para brincadeira.

— Olha, Henrique, ciúme é uma das coisas mais idiotas que existe. Tenho que lidar com ele todos os dias e, muitas vezes, tenho vontade de mandar meu relacionamento com a Carol pro espaço. Ela me aprisiona e me sufoca. Às vezes, acho que não vale a pena brigar, então deixo o assunto pra lá. Mas, muitas vezes, tudo que eu quero é deixar a Carol. Estou chegando ao meu limite. E me sinto perdido, assim como você...

Olhei para ele e me senti um lixo por não ter percebido o quão enrascado Rodrigo estava. Porra! Ele era o meu melhor

amigo.

— Por que nunca me disse nada?

— Porque eu tô tentando mudar a Carol. Eu a amo, Henrique. Na verdade, aprendi a amar aquela marrenta. Sofri o pão que o diabo amassou quando a Mariana se casou com o Pedro. Você sabe, eu sempre fui apaixonado por ela. Mas a Carol tem um jeito especial de cuidar de mim, e eu cheguei à conclusão de que não dava pra simplesmente ir embora e ignorar tudo que ela me faz sentir.

Eu estava muito surpreso.

— Será que a Sílvia é capaz de lidar com a minha insegurança?

Não sei se gostaria de ouvir a resposta. Sacudi a cabeça e me ajeitei no banco, desconfortável. Eu me sentia preso, inclusive fisicamente. Minhas bolas pareciam estar esmagadas pela cueca.

— Eu sou um idiota, cara. E acabo aceitando as merdas da Carol. Mas não acho que a Sílvia vai suportar um cara ciumento no pé dela. Pelo pouco que conheço da sua Morena, ela é o tipo de mulher decidida, que não leva desaforo pra casa.

— Não leva mesmo.

— Então, meu amigo, eu sinto muito... — Rodrigo virou para o balcão e levantou meu copo para a Raquel, que voltou a encher com uísque. — Ou você aprende a conviver com a personalidade livre da Sílvia, ou você vai ter que se contentar com a sua vidinha de pegador desenfreado. Ah, e vai perder a mulher mais incrível que você já teve.

Perder a Sílvia não estava nos meus planos, mas aprender a lidar com todos os sentimentos que ela me trouxera não seria nada fácil. Entornei a terceira dose, nervoso.

Fiquei com o Rodrigo no bar e por algumas horas deixamos

de falar de nossas mulheres. contei a ele sobre a oficina, de como estava me sentindo bem em ter meu próprio negócio. Sim, a cidade era pequena, mas a região tinha diversas fazendas. Além disso, havia uma expectativa de crescimento com a construção de alguns silos para armazenamento de grãos. Mais empregadores, mais trabalhadores, mais veículos e, no fim, mais trabalho para mim. Estava empolgado, não podia negar.

Rodrigo viajaria para algumas montarias dali a alguns meses. Estava bem de grana, já tinha ganhado carros, motos e prêmios em dinheiro desde que começara a montar como profissional.

Às vezes ficava pensando que tudo tinha mudado depois que a Pietra chegara. Eu me perguntava se nossas vidas teriam se transformado tanto se aquela destrambelhada não tivesse posto na cabeça que queria o Ranger para ela.

Sorri, pois acho que não. Foi como um quebra-cabeça. Pietra era a peça que faltava para que tudo se encaixasse. Pensando nisso, decidi que deveria visitá-la. Afinal, era a melhor amiga da minha namorada e, além disso, eu poderia pedir algumas dicas de como lidar com a Sílvia.

A noite foi agradável. Rodrigo me deixou em casa, eu estava um pouco alcoolizado, para não dizer bêbado. Ele dirigiu a caminhonete e voltou a pé para o bar.

Depois de um banho gelado, tomei quase dois litros d'água e me joguei na cama. Sílvia sequer tinha visualizado a minha mensagem. E um nó fechava a minha garganta. A conversa com o Rodrigo tinha me ajudado, mas não conseguia me livrar das pulgas que rondavam a minha orelha. Agradei ao álcool, porque só assim conseguiria dormir.

*

Deus do céu! Que barulheira é essa?

Ouvia o celular tocando, mas sequer tinha forças para abrir os olhos. Era algo sobrenatural, como se uma fita grudasse minhas pálpebras, impedindo que eu acordasse. A cabeça girava e eu tentava lembrar quando havia sido a última vez em que bebera daquela forma. O estômago se contorceu assim que pus os pés para fora da cama. Sentia um gosto de *cabo de guarda-chuva* insuportável.

Mesmo zozinho, levantei e percebi que o dia já amanhecera.

Peguei o celular sobre a mesa e vi que as três últimas chamadas eram da minha Morena, o motivo da ressaca. Deixei o aparelho sobre o móvel e decidi que daria um gelo nela. Bem de leve, só para ela perceber que não se brinca com Henrique Montolvani.

Eu ainda tinha que me dar algum crédito, não é mesmo?

Dei dois passos me afastando da mesa e girei sem ter controle do meu corpo. Voltei a pegar o maldito celular. Cinco segundos ignorando Sílvia já eram o bastante. Culparia o álcool, era difícil raciocinar com alguma lógica quando se tinha um elefante dançando na cabeça.

— Oi, amor. — Ela atendeu no segundo toque e sua voz soava como algo mágico. — Desculpa por ontem. Não estava me sentindo bem, por isso desliguei o celular.

Sentei de novo na cama. A voz dela podia ser mágica, mas ainda não curava ressaca.

— Por que não me avisou?

— Não queria te preocupar. E você, tudo bem? — Era impressão minha ou ela estava nervosa?

Sem caraminholas, Henrique.

— Tudo bem! Bebi demais ontem. Fui ao Taurus com o Rodrigo.

— Se comportou?

— Sim, senhora — brinquei.

— Bom garoto. Quando chegar, faço questão de te compensar pelos dias de bom-moço.

Senti um leve formigamento na cabeça do pau, só de imaginar Sílvia rebolando sobre mim, com meu pau deslizando devagar dentro daquela boceta quentinha.

— Galego, você tá gemendo?

Fechi os olhos, sem evitar o sorriso que se formava no meu rosto.

— Você me deixou com tesão, mulher. Será que não podemos brincar um pouquinho?

Eu já estava excitado, o pau pronto para a batalha. Toquei de leve nele e me preparei para bater aquela punheta escutando a voz deliciosa da Sílvia, mas ela estragou meus planos.

— Não dá. Tenho uma palestra em cinco minutos. Uma das mais importantes. Você vai ter que se contentar em fazer isso sozinho ou me esperar pra uma diversão mais completa. — Soltei um gemido de frustração com o verdadeiro banho de água fria. — Ah, esqueci de pôr o celular pra carregar. Devo ficar sem bateria até a hora do almoço.

De novo?! , pensei comigo mesmo, mas não tive coragem de verbalizar meu desconforto.

— Nos falamos mais tarde — disse, um pouco contido pela decepção.

Acho que a Sílvia não percebeu a mudança na minha voz, pois se despediu e desligou o telefone.

Tomei banho e comi uma fruta que achei perdida na geladeira que, depois que a Sílvia entrou na minha vida, sempre estava cheia. De volta ao quarto, abri o notebook para verificar

se as peças que tinha encomendado para a oficina já estavam a caminho. A cabeça já não doía tanto, inclusive a fome começara a aparecer. Resolvi ligar para a Sílvia, apenas para constatar se ela havia dito a verdade: caiu na caixa postal.

Fui conferir meus e-mails, mas quando entrei no Gmail, abriu o da Sílvia. Ela tinha usado o meu notebook e deve ter esquecido de se desconectar. Foi como se algo tivesse tomado conta do meu corpo e me controlasse, fazendo com que eu clicasse na caixa de entrada. Parecia que era o destino. E quem procura, acha.

Apesar de tudo, obrigado pela noite.

Meu coração disparou e as náuseas voltaram quando li o assunto do e-mail do Jorge para ela. Foi como se um cavalo tivesse me dado um coice, tamanho o impacto do que senti. Tinha duas fotos anexadas. Eu sabia que não estava preparado para o que viria a seguir. Quase caí de costas quando vi minha Morena com o Jorge. Um jantar romântico. O lugar era luxuoso e a Sílvia olhava irritada para a câmara, com as sobrancelhas arqueadas. A mão do Jorge estava sobre a dela, como se tivessem sido interrompidos em um momento íntimo.

— Puta que pariu! — gritei, furioso. Como ela pôde? Como pude acreditar em cada maldita palavra que me disse? Em cada desculpa que me deu?

Senti que era o mais perfeito dos idiotas. O rei dos cornos.

A foto seguinte mostrava os dois saindo do restaurante. Sílvia na frente e Jorge logo atrás, seguindo-a. Provavelmente para o quarto dela, onde a dissimulada desligaria o celular antes de se entregar a ele.

— Como eu fui burro! — gritei de novo, levantando em um rompante, jogando no chão tudo que estava sobre a mesa. —

Eles vão me pagar — jurei.

Vesti uma roupa qualquer e, munido de uma raiva descomunal, entrei na caminhonete. Peguei a estrada. Eu sabia onde a Sílvia estava e não era muito longe, apenas algumas horas da cidade.

Os meus olhos queimavam de ódio. Entregara a Sílvia tudo o que tinha. Eu me abri por inteiro a ela. Conteí todos os meus segredos. Confiei por completo em seus sentimentos. A sensação de traição era avassaladora. Ela jogou tudo no lixo e sequer pensou duas vezes antes de abrir as pernas para o professorzinho. Agora tudo estava explicado. Sílvia mal falara comigo durante o curso, sempre com a desculpa de que não tinha tempo. O celular desligado.

Deus... como não havia percebido o que estava acontecendo?

Soquei o volante várias vezes, precisava extravasar a fúria que sentia. Antes de mandar ela se foder, eu queria ouvir da sua boca por que havia feito aquilo. Por que me prometera o que não seria capaz de cumprir.

Dirigi em alta velocidade. Estava tão transtornado que pus em risco a minha segurança e a dos outros. Quando cheguei à fazenda, imediatamente reconheci o restaurante das fotos. A raiva me paralisou, eu estava atônito. Até que uma voz chamou minha atenção, despertando em mim um ódio que jamais sentira.

— O que está fazendo aqui?

Jorge estava ao meu lado. O ar superior, o estilo de quem tinha tudo, inclusive a mulher por quem havia me apaixonado.

Não pensei duas vezes antes de partir para cima dele. Soquei seu rosto, jogando seu corpo para trás.

— Ficou maluco, seu moleque? — dizia, enquanto

cambaleava. Segurou o queixo com uma das mãos, avaliando o estrago que eu havia causado.

Não conseguia dizer nada. Eu apenas bufava, tamanha era a minha raiva. Ergui de novo o punho e, quando estava prestes a acertar o maldito mais uma vez, Sílvia se aproximou, com os olhos arregalados. Congelei o braço no ar, encarando a mulher que me deixava aos seus pés, e que tinha pisado em mim sem piedade.

Sílvia havia me destruído, de uma maneira irreversível.

Encarei-a, tentando achar uma explicação para o que havia feito.

— Por que fez isso comigo?

SÍLVIA

Queria poder dizer que esquecera a noite anterior, mas seria mentira, mal tinha pregado os olhos. Era impossível não me preocupar com como lidaria com todas as consequências do que havia acontecido. Tinha que decidir como contar para o Henrique sem interferir nos planos da Pietra.

Meu Deus, eu estou perdida.

Todas as palavras do Jorge ainda ecoavam na minha mente quando o despertador tocou.

Como poderia explicar tudo que tinha acontecido sem que o Henrique explodisse?

Ele tinha ciúmes do Jorge. Eu também sentia ciúmes dele, não podia negar, mas conseguia lidar melhor com as minhas inseguranças do que ele.

Henrique era ciumento e inseguro, e eu sabia que levaria um tempo até que conseguisse conquistar sua confiança por completo. Por isso, decidi que seria melhor contar tudo pessoalmente, olhos nos olhos.

Liguei para ele assim que vi sua mensagem. Ouvir sua voz me acalmou. Não tinha dúvidas sobre o que sentia e, mesmo com todos os problemas que rondavam nossa relação, era o Henrique quem eu queria ao meu lado. Sentia-me completa com ele. O Galego era o meu destino.

A nossa história era puro clichê. O garoto rico branco que se

apaixona pela garota negra pobre. Porém, a novela tinha variáveis inquestionáveis. A garota negra, depois de todo o preconceito que sofrera, tinha erguido uma barreira para se proteger. Ela não desmoronava diante das dificuldades da vida e aprendera a escolher as batalhas certas para lutar. Já o playboy branco, com jeito de quem sempre teve tudo que desejava, era uma alma sofrida, que passara a vida sendo humilhado pelo pai. Henrique sofrera por ser quem era, sem saber lidar com o sobrenome que carregava e com tudo o que significava ser um Montolvani.

O final desta história, seu sucesso ou fracasso, dependeria de como lidaríamos com nossos problemas.

Minha consciência trabalhava duro para me fazer sentir culpada por ter omitido o que havia acontecido. Durante toda a manhã, tive a sensação de que estava fazendo algo muito errado, mesmo sabendo que a decisão que havia tomado era a mais sábia, a única que me permitiria explicar tudo ao Henrique.

Assim que a palestra terminou, decidi ir para o chalé. Não via a hora de fazer as malas. Queria deixar tudo pronto para a minha partida. Além do mais, queria evitar me encontrar com o Jorge, que já havia ligado e mandado um e-mail, que sequer abri. Não queria ter que lidar com ele. Pelo menos por enquanto.

No caminho, escutei uma voz que conhecia muito bem. Pensei que estivesse ficando louca, mas logo ouvi a voz do Jorge gritando o nome do Henrique. Meu coração se apertou.

Não precisei andar muito até dar de cara com ele. Cuspei a acreditar na cena que via. Jorge estava com a mão no queixo. *O que ele estava fazendo ali?*

Sem pensar muito bem, acabei externando minha surpresa.

— O que você tá fazendo?

Henrique não estava bem.

— Como você pôde? — perguntou, a fúria brilhando em seus olhos. Não sabia o que responder, afinal, não entendia o que estava acontecendo. — Foi por causa desse idiota que você não me atendeu ontem? Espero realmente que a noite tenha sido boa!

Henrique estava transtornado e eu, perplexa.

— Eu... eu... Henrique... — gaguejei.

Como ele ficara sabendo?

Olhei para o Jorge, que desviou o olhar.

— O que você fez? — questionei.

Só havia uma forma de o Henrique ter descoberto sobre o jantar.

Jorge estava envergonhado. Ele voltou a me encarar, mas sua expressão já dizia tudo. Estava claro que era o responsável.

— Eu posso explicar, Sílvia — disse o Jorge, tentando se aproximar de mim.

— Com certeza pode, seu desgraçado. — Henrique partiu mais uma vez para cima dele e eu fiquei imóvel, sem saber como reagir. Os dois se empurraram e eu me senti como um brinquedo sendo disputado por duas crianças.

Algumas pessoas que presenciaram a discussão intervieram, separando os dois. Henrique gritava que o Jorge tinha se aproveitado de mim, enquanto ele tentava explicar que não acontecera nada.

— Chega! — gritei, exasperada. — Querem parar, por favor?

As lágrimas já escapavam dos meus olhos. Além da tristeza pelo que estava acontecendo, sentia muita vergonha. O que mais me magoava era ver que o Henrique havia tirado conclusões

sem ao menos ouvir o que eu tinha a dizer. Eu estava destruída por ele acreditar que eu o traíra.

Henrique bufou, empurrando as pessoas que o seguravam, e se afastou. Fui atrás dele.

— Henrique, o que tá acontecendo com você? — Eu estava furiosa. Queria matá-lo pelo show que acabara de protagonizar.

Ele praticamente corria na minha frente. Apressei o passo e, antes que ele entrasse na caminhonete, eu o alcancei.

Puxei seu braço e o fiz olhar para mim.

Vi algo que apertou meu coração. Algo que não esperava.

Lágrimas desciam pelo rosto do Henrique.

Ele as secou com as costas da mão, enquanto me olhava com raiva, condenando-me sem escutar a minha versão da história.

Nos encaramos e um mundo pareceu nos separar.

— Eu confiei tudo a você. — Ele estendeu as duas mãos na frente do peito. — Te dei tudo, Sílvia. Abri meu coração e minha vida como nunca tinha feito.

Permaneci em silêncio. Se ele confiava em mim, como pensava que eu poderia tê-lo traído?!

Henrique estava transtornado. O rosto vermelho de raiva, as sobrancelhas levantadas, os olhos arregalados.

— Não aconteceu nada! — disse, por fim.

— Como não?

Ele virou e deu um soco na caminhonete. O barulho me fez estremecer.

— Você tá me assustando, Henrique. Quer parar de agir como um moleque mimado e me escutar? — Fosse o que fosse que Henrique ficara sabendo, nada justificava suas acusações sem ao menos ouvir a minha versão, muito menos ter me exposto em público daquela forma. Era totalmente inaceitável o que ele

tinha feito.

— Sim, Sílvia. — Aproximou-se de mim, quase colando o rosto no meu. Ele estava muito perto, fazendo minhas pernas tremerem. — O moleque aqui tava em casa, te esperando... Esperando como nunca esperei ninguém. Enquanto isso, você se divertia com seu professorzinho. Espero que tenha gozado gostoso com ele pra ter valido a pena.

Não pensei, apenas agi. O som do tapa quebrou o silêncio.

Com a força do golpe, Henrique virou o rosto. Quando voltou a me encarar, pude ver as marcas dos meus dedos na sua pele branca.

Ele sorriu.

Um sorriso triste e decepcionado.

Senti vergonha pelo que havia feito. Nada justificava a violência, tinha aprendido ao longo da vida, mas não soube me controlar diante das acusações do Henrique.

Queria ter pedido desculpas pelo tapa, mas ele entrou na caminhonete e eu fiquei paralisada, vendo-o sair da minha vida achando que eu tinha transado com o Jorge.

Não sei o que mais doía naquele momento: sua partida ou sua desconfiança. Acho que as duas atitudes me corroíam da mesma forma. Que ele pudesse estar chateado por eu não ter contado sobre o jantar era uma coisa, algo aceitável, mas insinuar que traí sua confiança era algo que eu não podia aceitar. Ele estava pondo meu caráter em dúvida, e isso eu não perdoaria.

Eu errei.

Errei em querer contar pessoalmente, mas o Henrique destruiu tudo que a gente tinha quando virou as costas para mim.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto com a constatação de que nosso amor morria ali. Lembrei de tudo que vivera com ele, a forma como me conquistara e todas as promessas que fizéramos.

Ao ver a caminhonete ganhar a estrada, senti as pernas bambearem. Quase me entreguei e caí no chão, mas me segurei. Respirei fundo e engoli a dor. Lembrei de uma promessa que havia feito: a de que ninguém nunca me humilharia.

Sequei as mãos suadas na calça jeans e resolvi que era hora de seguir em frente. Para onde eu ainda não sabia, mas tinha certeza absoluta de que ficar parada naquele estacionamento não mudaria em nada a minha vida.

— Você leu o e-mail que te mandei pela manhã?

Ouvi a voz do Jorge e, ao erguer a cabeça, dei de cara com ele. O olho estava inchado e vermelho. Havia um corte no supercílio, já com alguns pontos.

— Não tive tempo — respondi, seca.

Passei ao seu lado sem dar muitas explicações. Porém, assim que me alcançou, Jorge segurou meu braço, fazendo com que o encarasse.

— Então foi o Henrique quem leu.

Dizendo isso, ele me soltou, saindo de onde estávamos, cabisbaixo e em silêncio. Não soube o que dizer, pois sequer sabia do que ele estava falando. Puxei o celular do bolso e tentei ligar o aparelho, mas estava sem bateria.

Saí em disparada para o chalé.

No caminho, vi olhares curiosos me encarando. Ignorei tudo. Fiz o caminho olhando apenas para a frente, como fiz em toda a minha vida.

Cheguei ao quarto e pus o telefone para carregar. Aguardei

apenas a primeira luz piscar e liguei o aparelho. A lentidão com que os ícones apareciam na tela me deixou nervosa. Até que o e-mail apareceu.

Cliquei e aguardei.

Jorge estava certo, havia um e-mail lido, justamente o que havia recebido de manhã e ignorado.

“Apesar de tudo, obrigado pela noite.”

Meus dedos tremiam e meus olhos nublaram com lágrimas. Em anexo, duas fotos tiradas no restaurante. Uma delas eu vi quando foi tirada, da outra, não me lembrava. Pela imagem, foi quando saía do salão.

— Seu idiota. — Não sabia se gritava com o Jorge, por ter me enviado aquelas fotos, ou com Henrique, por ter tirado conclusões precipitadas. No mínimo ele me achava uma vadia sem caráter. Estava indignada com a falta de confiança dele.

Eu estava puta com o Jorge, por tudo que ele tinha me falado na noite anterior e por ter me enviado um e-mail tão desnecessário. Mas nada que se comparasse ao que sentia quando pensava no Henrique. Sua atitude me destroçara.

— Aconteceu alguma coisa? Você tá tão calada.

Enquanto o Lucas dirigia, eu olhava para o nada. Na verdade, mal o havia cumprimentado. Não estava em condições de falar, muito menos com ele. Precisava desabafar sim, mas esperaria chegar à fazenda, queria conversar com a minha amiga. Por muito tempo, Pietra sofrera com o Ranger e sua falta de confiança. Talvez ela pudesse me dar uma luz, ou pelo menos me dizer como conseguira sobreviver ao sofrimento de perder o Lucas.

— Cansaço. Foram dias intensos — respondi, sem querer muita conversa.

Lucas me encarou, sorriu e voltou a prestar atenção na estrada. Ele não tinha acreditado em uma palavra do que eu havia dito, mas, como o perfeito cavalheiro que era, não teceu nenhum comentário. E eu agradei.

Fizemos todo o trajeto em silêncio e, ao chegar à fazenda, vi Pietra observando a plantação de girassóis. De vez em quando minha amiga fazia aquilo, dizia que se sentia próxima da mãe.

Assim que botei os pés no chão, corri até a Pietra. Ela não notou que eu estava ali. De olhos fechados, apenas sentia o vento abraçá-la, o cabelo voando em seu rosto. Quando me aproximei, comecei a chorar. Com minha irmã tão longe, Pietra era a única pessoa com quem eu poderia contar.

Ela abriu os olhos, percebendo minha presença, e sorriu. Logo o sorriso desapareceu.

— Sil, o que houve? — perguntou, espantada.

Pus as duas mãos sobre o rosto e desabei diante da Pietra. Ela me abraçou, oferecendo todo o seu carinho. Ela tentava me consolar, mesmo sem ter ideia do que estava acontecendo. Se antes já valorizava sua amizade, ali tive certeza de que nossas almas estavam ligadas por laços especiais, por uma relação totalmente desinteressada.

Ficamos um tempo abraçadas, até que tive forças para me afastar e olhar para ela. Sentia-me fraca. Impotente. Não tinha ideia de que poderia sofrer tanto por amor outra vez. Eu queria que nós, seres humanos, viéssemos com um controle de liga/desliga. Como eu gostaria de me desligar e reiniciar tudo, voltar a ser a Sílvia que eu era.

— Acabou, Pietra. O Henrique e eu... — gaguejei. — Meu conto de fadas terminou.

Ela deu um sorriso gentil, secando uma lágrima que rolava

pelo meu rosto.

— Engano seu, minha amiga. Ele tá apenas começando.

HENRIQUE

Não fazia a mínima ideia de como conseguira dirigir de volta para casa. O som do carro tocava no último volume. Queria que a música alta me fizesse esquecer de tudo que estava passando.

A raiva ainda pulsava nas minhas veias quando estacionei a caminhonete. Apesar do ar-condicionado gélido, eu transpirava descontroladamente. O suor pingava na minha testa e as minhas mãos escorregavam no volante.

Não era ingênuo a ponto de não saber o que sentia. Antes de a Sílvia chegar, eu não conhecia o amor, mas sabia o que era ser desprezado. E foi assim que me senti quando a vi. Esperava outra reação dela. No fundo, ansiava por isso. Durante todo o caminho, eu planejava o que aconteceria. Sílvia se jogaria nos meus braços, implorando perdão. E, talvez, depois de ver suas lágrimas de culpa, eu a perdoaria. Mas não foi isso que aconteceu, pelo contrário. Ela me olhava como se o errado fosse eu. Como se ela estivesse magoada comigo por eu estar ali, por querer defender o nosso relacionamento. Ela me olhava como se fosse a vítima, e não eu.

Droga! Eu era o corno dessa história.

Assim que vi o Jorge, as imagens do e-mail me cegaram. Não quis escutar mais nada, tudo que queria era descarregar minha raiva no rosto do homem que tinha me roubado a mulher da minha vida. Mas, em seguida, concluí que a culpa não era dele.

Eu sabia que ele usaria o tempo que passaria com a Sílvia para conquistá-la, ele tinha deixado bem claro quais eram suas intenções. Mas eu confiava na Sílvia.

Ela não seria capaz de me trair.

Não ela.

Não a minha Morena.

Saí da caminhonete e percebi que a noite já se aproximava. Os passos que dei até a porta de casa foram os mais longos da minha vida. Antes de abrir a porta, descansei a cabeça na madeira antiga. Sem que pudesse controlar, lágrimas desceram pelo rosto. Fiquei assim por alguns segundos, pensando no que fazer.

Respirei fundo e entrei.

Dentro de casa, observei tudo que havia mudado nos últimos meses. Em cada canto havia um pouquinho da Sílvia. Um copo novo, um incenso sobre a mesa, roupas no meu guarda-roupa, um par de sapatos, perfume, batom. Por mais que tivesse sua própria casa e fizesse questão de ter sua liberdade, Sílvia passava cada vez mais tempo comigo. Lembrei de cada vez que fizemos amor. Passei a mão sobre a mesa, onde transamos no primeiro dia. Era como se o cheiro dela estivesse no ar e me torturasse. Pensei nas vezes em que usou as minhas roupas. Lembranças do nosso cotidiano.

Sentei na cama e apoiei a cabeça entre as mãos, ainda perdido. O telefone começou a tocar insistente. Deixei o corpo cair, ignorando o som que ecoava pelo quarto. Quem quer que fosse, eu não queria atender. Por um instante, imaginei que pudesse ser a Sílvia. Mas nem isso me fez querer atender a ligação. Não queria ouvir suas desculpas. Estava tudo acabado. A única pessoa para quem abrisse o coração o tinha destruído. A

realidade esmagava meu peito.

Eu me encolhi na cama e me entreguei ao cansaço. A cabeça girava como se tivesse acabado de tomar o maior porre da minha vida. Fechei os olhos e apenas desejei parar de pensar.

Dormi por horas. Acordei assustado, pensando que tivesse tido um pesadelo, mas, ao ver que ela não estava ali, lembrei de tudo.

Meu corpo doía. Decidi tomar um banho. Deixei a água cair pelas costas durante um tempo. Questionei o que havia feito de errado e repassei todo o meu relacionamento com a Sílvia, tentando descobrir onde falhara. Não conseguia achar uma explicação para sua traição. E, por mais que quisesse evitar, pensava que talvez Sílvia tivesse me trocado por puro interesse. Pela posição do Jorge, por ele ser tudo o que eu não era. Fiquei pensando que, se houvesse aceitado as ordens do meu pai, talvez ainda a tivesse. Talvez possuísse dinheiro suficiente para competir com o professor.

Queria morrer por pensar aquilo. No fundo, eu não acreditava nisso, Sílvia não era assim. Enquanto a água escorria, cheguei à conclusão de que talvez não conhecesse a mulher que chamava de minha namorada. A mulher que pensei que sempre estaria ao meu lado. Portanto, não seria muita surpresa descobrir que ela tinha aberto as pernas por dinheiro.

— Como fui idiota — murmurei, em minha própria solidão.

Sorri com a constatação da burrice que tinha feito. Deveria ter continuado com a vida que tinha até aquela filha da mãe aparecer. Às vezes é melhor não sentir nada a sofrer amargamente por ter sentido tudo. Sílvia me levou de zero a cem em menos de dois meses. E o vazio que senti ao perceber que não a teria mais era muito pior do que não sentir nada.

— Sai dessa, Henrique. Porra! Você vai esquecer! — gritei, de frente para o espelho, encarando meu rosto refletido.

Então, decidi o que faria. Vesti uma calça jeans escura e a melhor camiseta que tinha. O tecido fino colava nos meus braços — eu adorava usá-la quando saía para caçar, à procura de sexo. Arrumei o cabelo, passei perfume e peguei as chaves da caminhonete.

Eu tiraria Sílvia da minha cabeça a qualquer custo. E, por mais que soasse idiota, eu não queria dar tempo para que a notícia se espalhasse. Sílvia poderia ter acabado comigo, mas eu não sairia dessa relação por baixo. Acharia alguém nessa maldita cidade com quem eu pudesse foder até perder os sentidos. Machista? Sim. Mas era a única forma que conhecia de extravasar o que sentia. Sexo sempre era um escape perfeito.

Em menos de dez minutos, eu estava no Taurus. O bar era a única opção na cidade, apesar de saber que encontraria conhecidos. Mas eu não esperava ficar por muito tempo. O que queria era encontrar uma companhia e sair logo dali.

Assim que cheguei, notei que causara a impressão que queria: quase todas as mulheres presentes me encaravam. Sozinhas, com amigas, acompanhadas, não passei despercebido para nenhuma delas.

Sentei no bar e a Raquel sorriu assim que me viu. Não consegui retribuir o gesto.

— Veio para arrumar confusão, Henrique?

— Não sei do que tá falando — fui seco. — Uma cerveja — pedi.

— Já causou duas discussões desde que entrou. Inclusive um casal acabou de pedir a conta depois que a mulher quase quebrou o pescoço com a sua entrada triunfante.

— Não posso fazer nada se eles são um bando de babacas.

Sem questionar minha resposta, Raquel se afastou, voltando segundos depois com a minha cerveja.

— Cadê sua namorada? — Como se soubesse minhas intenções naquela noite, Raquel perguntou pela Sílvia. A expressão séria indicava que ela não concordava com as minhas atitudes. Ainda bem que não devia satisfação a ela, nem a ninguém.

Virei quase metade da cerveja em único gole antes de responder.

— Não tenho mais. — Ela arregalou os olhos e me encarou surpresa. Sabia que a próxima pergunta já estava na ponta da língua, mas cortei o assunto. Não seria falando da Sílvia que eu conseguiria esquecer o que ela havia me feito. — Não quero falar sobre isso. O bar tá cheio hoje, né? — desconversei.

— Sim. Hoje é dia de show ao vivo e rodada dupla.

Rolei a garrafa vazia de cerveja sobre o balcão e Raquel a parou. Seus olhos me encararam e, antes de me entregar outra cerveja, disse:

— Não faça nada de que vá se arrepender depois.

Não respondi. Já estava arrependido, e nada poderia ser pior do que o que estava vivendo.

Peguei a garrafa e saí para a pista de dança. Logo me enturmei com algumas meninas. Uma delas chamou minha atenção. Morena, alta, cabelos lisos que iam até a cintura. Usava um shorts jeans e botas de cano longo. Dancei com ela bem agarradinho. Sabia quem era. Filha de um fazendeiro, tinha voltado para a cidade fazia pouco tempo, depois de fazer faculdade na capital. Era sempre assim: elas saíam meninas e voltavam mulheres.

Dançamos muito, enquanto eu bebia uma cerveja atrás da outra. Sentia suas mãos alisando minha barriga e meus braços. O álcool já fazia efeito e eu deixava a garota me tocar entre uma música e outra. Ainda não estava tão animado a ponto de retribuir suas carícias. Apenas me deixava levar.

— Fiquei sabendo que o famoso Henrique estava fora do nosso alcance, que tinha se aposentado — dizia, enquanto rebolava nas minhas mãos. — Nem acreditei quando vi você entrando por aquela porta. Tão lindo, tão gostoso... e sozinho — sussurrou, maliciosa.

Eu já estava muito bêbado e não consegui nem responder. Separei um pouco nossos corpos e a encarei. Na mesma hora, parei de dançar.

— O que foi?

— Preciso ir agora. — Um sorriso surgiu em seu rosto. — Sozinho! — completei.

A garota fechou a cara, indignada com o que eu acabara de dizer. Passara as últimas horas aceitando inerte suas carícias, mas não conseguiria levá-la para a cama.

O que estava acontecendo comigo?

Passei as mãos pelos cabelos, nervoso. Deixei a garota plantada na pista de dança enquanto chegava ao caixa do bar. De longe, Raquel viu minha aproximação. Paguei a conta e já estava chegando à saída quando ela me alcançou.

Passei pela porta e senti o ar frio da madrugada no rosto. Encostei na parede e me concentrei, tentando lembrar onde estava a caminhonete.

— Você não está pensando em dirigir, né?

— Você virou babá dos seus clientes agora?

Raquel deu de ombros.

— Só com os que eu me importo. Quer que eu chame o Rodrigo?

Abaixei a cabeça, tentando me equilibrar. O álcool havia me pegado de jeito.

— Não — murmurei. — Eu vou sozinho.

Ela bufou, inconformada.

— Me dá as chaves! — Ignorei seu pedido por um tempo, mas depois me entreguei. — Vocês homens são incríveis. Acham que tudo pode ser resolvido com álcool e sexo. Como se uma trepada pudesse apagar decisões erradas.

Entrei na caminhonete a contragosto, que fique claro.

— Que porra é essa, Raquel? Quer parar de me dar sermão?

— Quer parar de agir como se fosse um adolescente?

— Você não sabe de nada.

Ela deu partida na caminhonete.

— Posso não saber o que te levou ao bar hoje, Henrique, mas tô cansada de ver atitudes como a sua. Levar aquela garota pra cama não ia resolver os seus problemas, e eu já tava pronta para te arrastar de lá.

Desviei o olhar da janela para a mulher ao meu lado.

— E por que você se importa tanto?

Por alguns segundos, apenas o ronco do motor podia ser ouvido, até que Raquel resolveu quebrar o silêncio. Antes, estacionou a caminhonete na minha garagem.

— Estou há anos naquele bar. Vi você e o Lucas disputarem cada mulher que chegava à cidade. Vi cadeiras quebrando, garrafas voando e tive que apartar algumas brigas causadas pelos egos de vocês. — Ela sorriu, e eu me encolhi diante das suas declarações. Já tinha aprontado algumas. — Vi o Ranger se apaixonar, vi você sendo o dono da porra toda e vi aquela

garota chegar.

— Não quero falar da Sílvia.

Desci da caminhonete, caminhando a passos lentos até chegar à porta.

— Você mudou, Henrique. Eu sempre soube que você era mais do que aparentava, e foi ela quem trouxe a sua verdade pra fora.

— ELA ME TRAIU! — gritei.

A minha voz ecoou pela escuridão.

Eu me contorci de dor depois de disparar um soco na parede. Raquel bateu o dedo no meu peito, antes de dizer:

— Então aprenda a lidar com isso sem se perder no caminho.

Eu parecia um moleque de quinze anos recebendo bronca da mãe. Nunca tinha me apaixonado, então era mesmo como se a Sílvia fosse a primeira paixão de um adolescente. Fiquei em silêncio por um tempo, tentando assimilar as palavras da Raquel. Eu me sentia um pouco mais calmo.

— Preciso voltar pro bar. Aliás, não entendo por que você insiste em ir pro Taurus de carro. Dá pra ouvir a música daqui.

— Sorri, lembrando que o motivo de ter ido de caminhonete era a vantagem de poder foder alguém sem nem precisar sair do estacionamento. — Você não presta, sabia?

Raquel deve ter notado minha expressão.

— Quer entrar? — perguntei, dando uma piscadela.

— Vai por mim. Já passei por isso, não vou por esse caminho de novo.

Fiquei sem entender suas palavras, mas algo me dizia que ela se referia à sua relação com o Lucas.

Entrei em casa e chutei a porta, fechando-a. Para minha surpresa, assim que acendi a luz, percebi que não estava

sozinho. Sílvia dormia na minha cama. O lençol jogado sobre as pernas e o cabelo espalhado sobre o travesseiro. Não contive minha vontade de observá-la dormir. Fazia muito isso.

Fechei os olhos, afastando as lembranças. Por um momento, esquecera o que ela havia me feito.

— Porra!

Virei de costas, evitando encará-la. Meu corpo inteiro tremeu quando escutei sua voz chamando meu nome.

— Henrique...

Estava muito ferrado.

Completamente perdido.

Inteiramente fodido.

SÍLVIA

Pietra conseguiu me acalmar. Passamos a tarde toda conversando. Ela me aconselhou a dar uma chance para o Henrique se explicar. A verdade é que a Pietra queria ir pessoalmente tirar satisfação com o playboy, como ela dizia, mas a detive.

Conversar com o Henrique seria apenas prolongar o inevitável. Sim, algumas pessoas merecem uma segunda chance, o Henrique merecia uma segunda chance, mas eu começava a acreditar que o nosso relacionamento não era forte o suficiente para superar esse obstáculo. Então, o melhor seria terminar antes que as feridas se tornassem ainda mais profundas.

Pedi que a Pietra me deixasse sozinha. Então foi a minha vez de encarar a plantação de girassóis. Pensei em tudo o que minha amiga havia dito. Henrique me magoara de uma forma que nunca havia imaginado, mas ainda tinha esperanças de que ele se arrependesse. Queria que ele me dissesse que não deveria ter duvidado de mim. Que confiava em mim, no meu amor.

Já era tarde da noite quando resolvi voltar para casa. Lucas e Pietra protestaram, tentando me convencer a passar a noite na Girassol, mas eu estava exausta e tudo que queria era o refúgio do meu lar. Peguei o carro da fazenda e em poucos minutos já estava em casa. Do portão, eu conseguia ver as luzes da cidade. Me perguntei o que o Henrique estaria fazendo, se tinha

chegado bem. Por mais que estivesse brava, meu coração ainda era do homem que transformara minha vida em tão pouco tempo.

Amar é único. Passei boa parte da vida sem saber como era amar e ser amada. Jurei que nunca seria uma dessas menininhas apaixonadas que escrevia o nome dos namorados em folhas de cadernos. Eu me apaixonei na adolescência, mas sofri muito. Depois perdi meus pais e fiquei ocupada demais cuidando da minha irmã para pensar em qualquer outra coisa. Na faculdade, encontrei caras que não valiam a pena, outros que mereciam uma chance, mas nunca consegui me ligar a alguém. Então o Henrique chegou, com o jeito galanteador, o beijo poderoso e os olhos brilhantes. Na primeira vez que o vi, minhas barreiras desabaram. E, mesmo com sua rejeição no dia seguinte, eu ainda pensava no galego de olhos brilhantes. Mas a paixão e o encantamento viraram amor. Não sei em que momento eu passei a olhá-lo diferente. Talvez tenha sido depois que o pai me humilhou e ele foi correndo me consolar, ou quando abriu o coração e compartilhou sua dor. Eu não sabia bem quando, mas sabia que o meu amor era verdadeiro.

Abri o portão de casa, mas na mesma hora o fechei. Voltei para o carro e dei partida. As ruas estavam vazias e silenciosas, como de costume. Os únicos locais movimentados eram a praça da cidade, cheia de adolescentes, e a rua do Taurus, indicando que o bar estava cheio. Podia ouvir a música, uma melodia triste, de uma mulher cantando a infidelidade do companheiro. Pensei no quanto a letra dessa música soava cômica para mim. Sorri, mas minha vontade era de chorar.

Com a cópia da chave que o Henrique havia feito para mim, entrei em sua casa. Meu Galego não estava. A caminhonete

também não estava na garagem, mas pela roupa jogada no chão do quarto, eu soube que ele tinha passado por ali.

A raiva voltou a me consumir. Respirei fundo e tentei me acalmar, tudo estava sendo mais dolorido do que eu era capaz de suportar.

Meia hora sentada, esperando, os olhos pesavam. Liguei algumas vezes para ele, mas seu celular estava desligado. Cogitei ir embora, mas não consegui. Era mais forte do que eu. Tirei o tênis e deitei na cama. Uma hora ele chegaria. Uma hora ele teria que me explicar o que estava acontecendo.

O cheiro do Henrique impregnado no travesseiro me acalmou. Acabei adormecendo.

Ouvi passos ao longe.

Neguei-me a abrir os olhos, ainda sonolenta. Porém, ao ouvir a voz do Henrique, despertei.

Chamei seu nome, mas ele não me respondeu. Eu podia ouvir sua respiração descompassada. Sua indiferença estava me matando.

Levantei nervosa. Acendi a luz e o vi, parado na minha frente, os olhos vermelhos e a expressão séria. Estava lindo como eu nunca tinha visto. Vestido com uma camisa justinha, ele exalava sensualidade.

Eu me aproximei, tentando alcançá-lo, mas, a cada passo que dava, o corpo do Henrique se enrijecia e ele se afastava. Então parei.

— O que você tá fazendo aqui? — Enfim resolveu falar.

Sua voz estava enrolada. Na hora percebi que havia bebido.

— Onde você tava? — Eu me irritei pelo estado em que o Henrique se encontrava. *Será que todos os homens resolvem seus problemas com álcool?* Burrice!

Um sorriso debochado despontou em seu rosto. Ele me olhava com cinismo e arrogância. Eu me perguntei se estava tendo um vislumbre do antigo Henrique do qual todos me falavam e que eu sequer cheguei a conhecer, pois o homem que beijei no casamento, mesmo com todos os seus defeitos, nunca me olharia daquela forma.

— Que foi? Cansou de brincar com seu professor? Que direito você acha que tem de exigir alguma coisa de mim? — Não acreditava nas palavras que ouvia. — Vai embora. Pega todas as suas coisas e some daqui.

Ele andava pela casa enquanto recolhia tudo que era meu e jogava em cima da cama. Olhei para tudo aquilo, incrédula. Ele estava descontrolado, gritando, chorando...

— Leva tudo. Não quero nada seu aqui.

Tentei contê-lo, alcançá-lo, mas o Henrique se afastava, desvencilhava-se e me empurrava para longe.

— Você é um filho da puta, Henrique — gritei, enraivecida por ele ainda achar que havia acontecido algo entre o Jorge e eu. — Não aconteceu nada. Você não tá raciocinando.

— Para de mentir, Sílvia. Eu não sou idiota. — Aproximou-se de mim, quase colando o corpo ao meu. Seu olhar me buscou, e eu pude ver a dor ofuscar o brilho que eu tanto amava. — Tá tudo bem claro, não adianta vir implorar o meu perdão. Sejam felizes! Você e aquele professorzinho de merda.

— Você é um babaca! Não vim aqui pra pedir desculpas, vim aqui pra te dar uma oportunidade de se explicar, seu idiota.

— Você só pode estar de brincadeira com a minha cara, né? Eu vi as fotos, Sílvia. Está tudo bem claro.

Respirei fundo, tentando uma última vez.

— Não tinha nem que estar aqui me explicando, mas, por

tudo que você já passou... — Ele engoliu em seco, arregalando os olhos. — Eu achei que você precisaria ouvir de mim o que havia acontecido, mas nunca, nunca, Henrique, imaginei que você agiria assim. E que fosse me tratar como uma qualquer. Pior, pondo em dúvida o meu caráter. Era pra ter sido apenas um jantar de trabalho, mas o idiota do Jorge se declarou pra mim. Eu o rejeitei. Eu nunca faria isso com você. — Respirei fundo, encontrando forças para continuar. Henrique apenas me encarava, a dúvida ainda em seus olhos. — Quando estava pronta pra levantar e ir embora, um fotógrafo tirou uma foto nossa. O Jorge deve ter conseguido a imagem. Foi só isso, seu idiota. Eu fui embora, o Jorge veio atrás, eu mandei ele ficar longe de mim.

Eu não saberia descrever a reação do Henrique. Ele me encarava com um misto de surpresa e desconfiança. O rosto vermelho pelo choro, os ombros relaxados, como se tivesse se dado por vencido, mas a dúvida ainda pairava em seu olhar.

— Por que desligou o telefone? — questionou, mudando por completo o tom de voz.

— Eu estava abalada com a atitude dele. O Jorge me disse coisas pesadas, e eu tenho que levar em conta que ele é peça primordial no projeto da Pietra. Não podia simplesmente mandá-lo ir se foder. Eu tinha que pensar no Centro de Reabilitação, em como contar a ela sem estragar tudo. Eu não estava pensando só em mim naquele momento. — Lágrimas rolaram pelo meu rosto. — E eu não queria te contar tudo pelo telefone. Por isso desliguei. Se nos falássemos, você saberia que alguma coisa tinha acontecido. Você sempre sabe, Henrique. Sou muito transparente com você.

Ele passou as mãos pelo cabelo, nervoso. Andava de um lado

para o outro, bufando como um boi bravo.

— Eu... eu... — gaguejou.

— Você só não soube hoje, quando fez aquele escândalo, quando desconfiou de mim e sequer deixou que eu explicasse o que tava acontecendo. Não conseguiu ver nos meus olhos que eu só amo você. Não pensou no nosso amor quando chegou em casa e achou que sair trepando por aí resolveria alguma coisa.

— Eu não fiz nada.

— Pode não ter feito, mas pensou em fazer. Ou não estaria vestido assim, e nem teria enchido a cara.

Henrique baixou a cabeça, reconhecendo toda sua culpa diante das minhas palavras.

— Não sei o que dizer. — Ele levantou o rosto e me encarou. — Fiquei com tanta raiva. Tive tanto medo de te perder que não pensei em mais nada. A porra daquelas fotos...

Ouvi o impacto da mão dele socando a parede. Meu peito sacudiu diante do susto.

— Mas você tem razão em uma única coisa. — Não consegui me conter, e chorava copiosamente, engasgando com as palavras que mudariam minha vida para sempre. — Você me perdeu.

Sem nem me dar tempo para pensar, Henrique se lançou até mim e me alcançou, seus braços rodearam minha cintura e mais uma vez me vi presa ao seu corpo, em um abraço desesperado. Ele me apertava como se nada fosse capaz de nos separar. Suas mãos seguravam minhas costas e o seu cheiro misturado ao álcool me entorpecia, fazendo-me tremer e questionar a decisão que tomara.

— Eu fui um idiota... — Ele começou a falar, com a voz embargada. — Eu só tive medo. Nunca me apaixonei, Sílvia. Eu achei que... que...

— Que eu tinha te traído, não é mesmo? Achou que eu tinha ido pra cama com outro, mesmo estando com você — completei, afastando-me dele.

Henrique negava com a cabeça, mas os olhos brilhavam com a confirmação do que eu acabara de dizer.

Queria falar mais coisas, queria pôr para fora toda a ira que sentia, mas não consegui. A dor se tornou silêncio e eu caminhei até a saída.

— Por favor... Eu te amo.

Ignorei sua súplica.

Antes de sair, eu o olhei uma última vez. Sentia o seu desespero e a sua dor, porque era a mesma que esmagava meu peito. Queria dizer que poderia perdoá-lo, que tudo não tinha passado de um mal-entendido. Mas se aprendera uma coisa na vida era que as pessoas são responsáveis por suas próprias ações. Henrique tomou a decisão dele, e eu a minha. Saí dali com o coração partido e a alma destroçada.

Entrei no carro e dei partida.

Olhei pelo retrovisor e vi a casa do Henrique ficar cada vez mais distante, até que a escuridão a engoliu. Foi então que deixei que as lágrimas caíssem. Chorava por ter acreditado mais uma vez em um amor que não era verdadeiro. Eu me culpava por ter deixado as coisas irem tão rápido e me arrependia por ter me apaixonado perdidamente pelo primeiro homem que mexeu comigo.

As lágrimas não demoraram muito a secar. Achei melhor assim. Já havia chorado muito quando me vi sozinha no mundo, mas a solidão não fez de mim uma pessoa fraca. Pelo contrário, aprendi que, aconteça o que acontecer, seguir em frente é a única solução.

HENRIQUE

— Henrique, abre a porra da porta. Eu sei que você tá aí!
Era o maldito do Rodrigo mais uma vez.

Estava jogado na cama, sem qualquer vontade de levantar. Dormia, acordava, dormia de novo, mas não saía de cima daquele colchão, que parecia ser o único consolo para a dor que eu sentia. Era como se ele me abraçasse e dissesse ao pé do ouvido que meu destino era ele.

Patético, eu sei.

— Pelo amor de Deus, mano, já é o terceiro dia que venho aqui! Juro que se não abrir a porta dessa vez, eu vou pôr abaixo. Não tô de brincadeira. Abre agora!

Levantei da cama. Meu amigo parecia estar falando sério e eu não queria que ele derrubasse a porta. Não tinha ânimo algum para consertar nada. Se ele fizesse aquilo, era provável que eu acabasse dormindo olhando para a rua.

Abri a porta e me afastei sem olhar para o Rodrigo, que entrou como um foguete. Ele me encarava como se tivesse nascido um chifre na minha testa. Acho que ele nunca tinha me visto tão acabado, tão destruído, tão derrotado... É, eu estava muito mal.

Tirei uma garrafa de água da geladeira e bebi todo o líquido quase de um gole só. O álcool consumido nos últimos dias me fazia ansiar por água como um camelo no deserto.

— O que foi? — perguntei, já que o Rodrigo apenas me encarava, sem dizer uma única palavra. — Não queria entrar? Então, já tá aqui dentro. Pode dar o fora. Eu tô vivo.

— O que foi o caralho! Perdeu a porra do juízo?

— Nunca tive.

— Você tá de brincadeira comigo, Henrique?!

Não precisava de nenhuma babá para cuidar de mim ou me dar conselhos. Eu sabia que estava fodido, nem o Rodrigo nem ninguém precisava me dizer isso.

— O que você quer, Rodrigo?! Virou minha babá agora?

Primeiro a Raquel e depois ele. Qual era a porra do problema dessas pessoas? Nem fossa eu podia curtir em paz naquele fim de mundo?

— Tem ideia de quantas vezes eu te liguei? Que loucura é essa de se enclausurar em casa e não dar notícias pra ninguém? Virou monge agora?

— Você não sabe de nada. — Apontei o dedo em sua direção, puto com ele. Puto com a Sílvia. Puto com a vida. Puto comigo mesmo.

— Engano seu. Já tô sabendo que terminou o namoro com a Sílvia. O Ranger me procurou.

E agora também estava puto com a Sheila fofoqueira.

— Desgraçado intrometido! — Soquei a parede, o ódio e a frustração querendo me devorar. Eu não sei como minha mão ainda estava inteira, já que esmurrar a parede tinha sido meu passatempo preferido nos últimos dias.

Sentei, mas o Rodrigo ficou de pé. Também pudera, não havia um lugar limpo naquela casa onde ele pudesse se sentar. Pacotes de salgadinhos, pipoca, garrafas de cerveja e caixas de comida estavam espalhados por todos os cantos. Não sabia

como as baratas ainda não haviam me carregado. Sempre fora desorganizado, mas estava vivendo no meio do lixo. *Literalmente!*

Três dias. Setenta e duas malditas horas. Esse era o tempo que já estava sem a Sílvia. E eu sentia como se fosse uma eternidade. Desde que ela saíra pela porta, era como se a minha vida tivesse acabado. Eu não trabalhava, não atendia o telefone, não abria a janela. Além do Rodrigo, o Lucas e o Pedro também tinham me procurado. Mas não estava a fim de papo, achei que superaria tudo sozinho. Só que estava enganado. Eu não só não tinha superado merda nenhuma, como me afundei mais ainda nela.

Achei que logo daria a volta por cima. Avisei ao Carlito que não iria trabalhar, e ele disse que dava um jeito. Mas no dia seguinte ainda estava péssimo. E um dia se tornou dois, depois três. E eu sentia que, se me entregasse, eles se tornariam meses.

— Eu fiz uma besteira sem tamanho...

Confessar o meu erro me deixava ainda mais desesperado, porque eu sabia que o único culpado de estar naquela situação era eu mesmo.

— Tô sabendo disso também.

Arregalei os olhos. Não acreditava na audácia do caipira do Ranger. Estava se saindo pior que a dona Rosa, minha vizinha.

— O idiota do professor mandou um e-mail pra ela com fotos românticas dos dois dizendo que, “apesar de tudo, não esqueceria aquela noite”. — Abri aspas no ar. — E para deixar tudo ainda mais confuso, ela passou o tempo inteiro com o celular desligado. Rodrigo, eu não consegui pensar em mais nada. Achei que ela tinha me traído. Fui até a fazenda onde eles estavam fazendo o curso, troquei socos com o Jorge e praticamente chamei a Sílvia de vadia.

— Puta que pariu! — exclamou.

— Eu sei.

Por que eu não me segurei? Por que não deixei que ela me explicasse tudo?

Eu ligara para a Sílvia várias vezes, mas ela não me atendera. Apenas me enviara uma mensagem dizendo que não tinha mais nada para falar comigo. *Segue sua vida*, foi o que ela escreveu. Agora me diz? Como seguir a vida sem a minha Morena?

Eu me arrependi de tudo assim que vi a verdade em seus olhos. Merda! Como eu não conseguira ver antes? Pedi desculpas, mas já sabia que seria em vão. Uma das coisas que fez com que eu me apaixonasse pela Sílvia foi a sua personalidade. Estava na cara que ela não ia aceitar minhas desculpas depois de tudo que fiz e disse. Eu seria um perfeito idiota se pensasse o contrário, mas ainda mantinha um fio de esperança de que ela me perdoasse. Só que ele diminuía a cada hora que se passava, e dela eu só recebia o silêncio.

— O Ranger me procurou pra saber de você. A Pietra estava te caçando com uma espingarda. Pensando por esse lado, acho que você deveria se esconder mesmo. Ele disse que a patricinha tá uma arara por você ter magoado a Sílvia. Mas, enfim, o que você vai fazer de agora em diante? — Rodrigo tapou o nariz diante do meu cheiro. — Além de tomar banho, é claro.

— Ha, ha, ha... Engraçadinho.

Comecei a rir, nervoso, mas ele permaneceu impassível.

— Tô falando sério, Henrique. Você tá fedendo, sua casa tá um nojo, e se a Sílvia te vir com essa cara de derrotado, tenho certeza de que nunca vai voltar pra você. Camarada, a situação tá feia pro seu lado.

Fiquei em silêncio por um tempo, pensando no que ele tinha dito. Meu martírio não se resolveria com um simples banho. A

Sílvia não voltaria para mim nem se eu me banhasse em ouro. E a verdade era que eu teria que começar a aceitar a realidade.

— Preciso ir. A Carol tá me esperando pra almoçar. Você vai ficar bem?

Balancei a cabeça.

— Vou trabalhar.

— É assim que se faz. Você deu um passo muito importante quando virou sócio da oficina. Se agarra a isso e deixa o tempo resolver as coisas.

Sorri diante do seu conselho, pondo-me de pé.

— Oh, quase chorei com essa declaração — brinquei, levando as mãos ao peito de forma dramática.

Rodrigo deu de ombros.

— Tenho meu lado sensível, mas se você contar pra alguém, serei obrigado a te matar.

Dei um abraço no meu amigo e, quando ele tentou se soltar, eu o segurei, trazendo-o para mais perto de mim.

— Filho da puta, que nojo! — Puxou os braços e se afastou.
— Começa pelo banho, pelo amor de nossa Senhora.

Sacudi a cabeça, sorrindo mais uma vez. Só o Rodrigo para me tirar da fossa. Eu não tinha vontade nem de levantar da cama, mas falar com o meu amigo me animou. Ele foi embora e eu fui direto para o banheiro. Ele estava certo: eu fedia mais que gambá.

— Ei, Carlito!

— Quem é vivo sempre aparece. Já tá melhor da gripe?

Olhei para os carros na oficina e percebi que teria muito trabalho. Depois da visita do Rodrigo, pedi que a faxineira fosse à minha casa. Ela disse que, pelo estado do lugar, cobraria o dobro pela diária. Tentei protestar, mas ela foi irredutível.

— Não era gripe — confessei.

Carlito jogou uma prancheta na minha direção e eu peguei no ar.

— Eu sei. Me casei quatro vezes. Já tive gripe, pneumonia, dor de estômago e uma vez até morri. Não é fácil lidar com as mulheres. Quer dizer, não é tão difícil, a gente que complica as coisas. — Ele tinha razão. Eu tinha fodido com tudo. — Fiz o que pude, o que não foi muita coisa, então você tem muito trabalho.

Pelo menos conseguiria ocupar a cabeça com outra coisa que não fosse a Sílvia. Carlito saiu e me deixou sozinho. Vesti uma roupa velha que tinha na oficina e comecei a trabalhar.

Fiquei a tarde inteira ali, mexendo nos carros, procurando passar o tempo. Não parei para nada. Eu me enfiava embaixo dos veículos e me escondia do mundo. Perguntei-me por quanto tempo conseguiria agir assim, escondendo-me. *Será que alguém sentiria minha falta se eu nunca mais saísse dali?*

— Henrique.

O susto que tomei foi tão grande que bati a cabeça no para-choque da caminhonete. Não queria que justo *ele* me encontrasse no meu esconderijo perfeito. A voz do meu pai soou alta e me deixou perplexo. Não sabia por que o coronel se daria o trabalho de me visitar na oficina, e confesso que não estava nem um pouco ansioso para saber. Coisa boa não era, disso eu tinha certeza.

— O que você tá fazendo aqui? — perguntei, ríspido.

Levantei do chão e fiquei de frente para ele. Meu pai parecia bem melhor do que da última vez em que o vira. Vestia jeans, camisa, botas e seu habitual chapéu branco. Tinha engordado, estava corado, sem olheiras. Nem parecia o cara que eu havia

deixado naquela sala em nossa última discussão. Não contive o suspiro de alívio que inundou meu peito. Por mais que meu pai não tivesse um pinga de amor por mim, eu me sentia mais tranquilo com a sua melhora. Não queria e não desejava o seu mal. Pelo contrário, queria que ele sentisse que o mundo era muito mais que dinheiro e suas cabeças de gado.

— Faz semanas que não o vejo e é assim que me recebe? Com esse tom de voz? — É, pelo visto ele estava muito melhor.

Suspirei, cansado.

— Pai... — comecei a falar, mas ele me cortou.

— Tudo bem, Henrique. Vou relevar essa sua atitude.

Meus olhos quase saltaram do rosto, tamanha a surpresa diante daquele comentário. Meu pai relevando alguma coisa que o tivesse contrariado?

Ele começou a caminhar dentro da oficina, olhando tudo. Sua expressão era indecifrável. Às vezes seus lábios se moviam, mas ele não demonstrou nenhuma emoção durante quase o tempo todo. Caminhei atrás dele, com medo de que fizesse algo. Sei lá, ter um ataque de fúria e quebrar os carros que estavam ali. Esperava qualquer coisa dele.

— Onde aprendeu isso? — disse com desdém, apontando para a minha roupa suja de graxa.

Não entendi aonde ele queria chegar com aquela conversa, mas fiquei na minha, esperando.

— Tinha um amigo na faculdade que era mecânico — respondi. — Ele me ensinou algumas coisas e o resto aprendi na internet e com o Carlito.

— E isso aqui vai te dar algum dinheiro?

— Se veio aqui pra me fazer desistir da oficina, você desperdiçou seu precioso tempo.

Ele suspirou irritado, resmungou algo que não entendi, mas logo sua voz soou alta, como sempre.

— Só vim entender por que meu único filho, herdeiro de quase metade da região, largou tudo que tem para consertar carros.

O silêncio predominou até que encontrei as palavras certas para responder

— Você me criou para cuidar de tudo que tem. Mas nunca me perguntou o que eu realmente queria. Talvez eu decidisse ficar na fazenda, se tivesse escolha, mas cresci com tanta raiva das suas imposições que passei a odiar tudo que você desejava que eu fosse. E depois veio a morte da minha mãe. Desde então, passei a achar que a sua fortuna é uma maldição, porque nem todo o dinheiro que você tem conseguiu fazê-la feliz, ou salvá-la.

Achei que ele gritaria comigo, mas não foi o que fez. Apenas balançou a cabeça, tentando me convencer de que me entendia.

— Queria propor um acordo. — Agora sim eu estava mais perdido do que nunca. Meu pai nunca me propusera nada. A única coisa que ele fazia era impor e exigir. — Eu compro essa espelun... — Ele ia desdenhar da oficina, mas se conteve. — Esse lugar para você trabalhar, e em troca você volta para casa.

— Por que faria isso?

— Não me resta muito tempo, Henrique, você sabe disso. Não quero morrer sozinho, sem ninguém ao meu lado.

Não acreditei no que ouvia. Meu pai estava me “pedindo” para voltar para casa e ainda por cima me dava explicações. Era o fim do mundo mesmo. Fiquei um bom tempo olhando para ele, analisando suas palavras, buscando nelas alguma verdade. Minha cabeça dizia que era uma cilada, como todas as outras

em que meu pai tinha me metido. Meu coração sofria com suas palavras, que uma hora ou outra sempre acabavam me machucando. Sabia que me arrependeria da minha decisão, mas não podia negar o que ele me pedia. Não quando essa poderia ser a nossa última tentativa.

— Tudo bem, eu volto, mas não precisa comprar a oficina. Eu sei me virar e meu negócio com o Carlito já foi feito sem a sua ajuda. Então, guarde seu dinheiro.

Um sorriso vitorioso despontou no rosto do meu pai. Ele conseguira, como sempre, e dessa vez com a minha ajuda. Pensei na minha mãe e no quanto ela ficaria feliz se visse a nossa reaproximação. Nunca esqueceria tudo que meu pai tinha me feito passar, mas queria ser melhor do que ele. Melhor do que tudo que ele me ensinara. Seria a forma perfeita de me vingar de toda a humilhação que sofri. Daria ao meu pai a chance de me ter ao seu lado e o faria perceber o quanto ele perdera durante os anos em que me tratara como um de seus animais.

— E a garota? — perguntou.

— Não estamos mais juntos. Mas você já sabe disso, ou não estaria aqui me pedindo pra voltar.

Tinha plena certeza de que alguém já havia contado ao meu pai sobre o término do meu namoro com a Sílvia. Aceitar que eu trabalhasse em uma oficina era uma coisa, concordar que eu namorasse uma mulher negra era algo bem diferente.

— Ela não era mulher para você — disse, confirmando o que eu já sabia.

— Não, realmente ela não é. Ela merece muito mais do que alguém como eu. Merece alguém que a trate como a mulher maravilhosa que ela é. E se vamos tentar fazer isso — apontei

para nós dois —, nunca mais toque no nome da Sílvia. Acho que não preciso te lembrar do mal que fez a ela.

Muito a contragosto, meu pai concordou. Combinei que me mudaria nos próximos dias. Ele foi embora sem demonstrar grande animação. Mas com isso eu estava acostumado. Meu pai nunca esboçaria qualquer reação sentimental, aquilo o tornaria fraco. E a coisa que ele mais odiava na vida era a fraqueza das pessoas.

Saí da oficina ainda pensando que merda eu estava fazendo. Tentava buscar na minha memória um motivo sequer para dar outra chance ao velho.

Ele é seu pai.

Deixara a caminhonete em casa pensando que caminhar poderia aliviar a ansiedade que eu sentia. Andava de cabeça baixa, no automático. A cidade estava vazia, como sempre. Poucas pessoas nas ruas. Algumas aguardavam o único ônibus que as levaria para as cidades vizinhas. Outras iam em direção ao posto de saúde. E algumas entravam e saíam do mercadinho da rua principal. Dobrei a esquina e, ao passar em frente à farmácia, eu a avistei.

— Ei, Henrique! — um homem de uns sessenta anos me chamou. Era o seu Alfredo, o dono da farmácia. — Seu pai esteve aqui hoje de manhã, mais animado do que nunca. — Sorriu, mas eu não conseguia prestar atenção em suas palavras, porque a mulher que estava no caixa, rindo para a atendente, era a única pessoa que tinha a minha atenção naquele momento. — Henrique... — mais uma vez ele me chamou.

Seu Alfredo era um dos poucos que sabia da batalha diária que Enzo travava contra o câncer.

— Pois é, parece que as coisas estão se ajeitando.

— Ainda não é a hora do coronel. Ele é mais forte do que pensávamos — concluiu.

— Sim, ele... — Emudeci assim que ela saiu pela porta. Puta merda! Eu era um desgraçado fodido. Sílvia estava linda. Vestia jeans e uma camiseta branca com desenho de girassol. Ela carregava uma sacola da farmácia, e eu me preocupei.

— Tá tudo bem? — perguntei, nervoso.

Será que ela estava doente?

Percebi o seu desconforto e desejei com fervor que já tivessem inventado uma máquina do tempo. Só assim eu poderia voltar ao passado e mudar as burradas que fizera. Porém, mais do que isso, queria dizer quanto ela era importante para mim, quanto havia mudado a minha vida e quanto eu a amava.

Ela sacudiu a cabeça, respondendo que sim.

Enfiei as mãos nos bolsos da calça, tentando conter a vontade de tocá-la. O sol brilhava em seus olhos negros, e eu desejei que as labaredas surgissem, mas não foi isso o que aconteceu. Ela desviou o olhar e deu dois passos na direção da rua.

— Sílvia — chamei, e ela se virou, encarando-me uma última vez. — Mesmo que não volte pra mim... Mesmo que deixe de me amar... Eu só queria que você soubesse que eu sinto muito ter te magoado. Espero que um dia você possa me perdoar.

Meu coração se apertava e meu abdômen se contraía de dor ao dizer aquelas palavras.

Ela sorriu com timidez.

— Eu já te perdoei, Galego. Só não confio mais em você.

Depois de dizer isso, ela entrou no carro e partiu.

Fiquei como uma estátua na calçada, lutando para não ceder à vontade de chorar ou de correr atrás daquele carro como um

cachorro que caiu da mudança. Imaginei como seria difícil conviver com a Sílvia na mesma cidade. Ainda mais onde vivíamos. Eu a veria o tempo inteiro, andando pela rua, fazendo coisas banais, divertindo-se e até mesmo com outra pessoa.

Um nó se formou na minha garganta e obriguei minhas pernas a caminhar. Não sabia se estava preparado para vê-la levando uma vida sem mim.

SÍLVIA

— Jorge voltou — disse Pietra, assim que cheguei à fazenda, pela manhã.

Ele pedira alguns dias para resolver assuntos pessoais. Contei tudo a ela, é lógico, mas agora estava apreensiva, porque a Pietra estava determinada a cortar o Jorge do projeto.

Não tinha mais falado com ele. Recebi diversas ligações, mas ignorei todas. Não queria prolongar aquele assunto. Só conversaria com ele sobre assuntos profissionais, mas antes precisava convencer Pietra de que as consequências de tirá-lo do projeto poderiam ser devastadoras. Ela estava irredutível em sua decisão.

— Filho da puta. Como ele pôde te dizer isso? — gritou, quando contei a forma como Jorge se insinuara para mim, como me olhava.

Dei de ombros, tentando acalmá-la. Não esconderia nada, mas também não transformaria o episódio em um bicho de sete cabeças. Jorge foi o estopim para o término do meu relacionamento com o Henrique, mas apesar de ter sido o *motivo*, não foi a *razão*. O que arruinou tudo que havíamos construído foi a falta de confiança do Henrique em mim e no nosso amor.

— Ele tava bêbado.

— Ah, tá. Agora vamos usar o álcool como desculpa? Isso não cola, Sil.

Ela segurou a minha mão, em sinal de apoio.

Sorri. Ela tinha razão.

— Não justifica, amiga, mas ele não me machucou, só disse coisas das quais se arrependeu depois.

— Vou matar ele quando aparecer por aqui.

Era esse o meu medo. Pietra sempre pensava mais com o coração do que com a razão. Apesar de amá-la por isso, eu não aceitaria o que ela estava pensando em fazer.

— Você não vai fazer nada disso. — Pietra arregalou os olhos, perplexa. — O Jorge é peça fundamental para o Centro de Reabilitação. Ele tá com a gente desde o início. Você não pode mandar ele embora agora. Foi um mal-entendido, mas tenho certeza que de agora em diante seremos apenas colegas de trabalho. — A expressão da Pietra era indecifrável. Eu percebi que ela estava dividida, sem saber o que fazer. — Estamos prontas pra transformar essa fazenda em um lugar incrível. Isso também é o sonho do Jorge. Vamos pôr uma pedra nesse assunto.

Ela baixou a cabeça e veio na minha direção, sufocando-me com um de seus abraços apertados.

— Você pode contar comigo. Você sabe disso, né?

— Sim, eu sei.

— E o Henrique? — questionou.

Pietra se afastou, buscando meus olhos e esperando minha resposta.

— Você pode chutar a bunda dele, se quiser. — Dei um sorriso forçado.

— É sério, Sil. Você acha que não tem mais chances de se

reconciliarem? Você sabe que também já passei por isso quando o Lucas me deixou.

Ela vivia comparando a minha história com a dela, mas havia muito mais coisas entre o Henrique e eu, como o preconceito do pai dele, por exemplo. Eu nunca deixaria que um velho asqueroso como aquele interferisse na minha felicidade, mas tudo mudara quando Henrique não acreditou em mim. E eu já vivera isso no passado.

— Eu sei o que tô dizendo. Já passei por isso — afirmei.

Ela fez uma cara de quem não acreditava em nenhuma palavra que eu dizia, mas, como boa amiga que era, Pietra apenas sorriu e me abraçou mais uma vez.

Por mais que ela fosse minha melhor amiga, não me sentia preparada para contar tudo o que já havia vivido. Não queria reviver toda a dor.

Pietra ouviu do Jorge que ele se afastaria do projeto. Interferi na conversa e pedi que não fizesse isso. Ele sorriu, mas afirmou que seria melhor assim. Prometeu concluir tudo como havíamos planejado e, depois que o Centro de Reabilitação Girassol estivesse funcionando, indicaria outro fisioterapeuta e deixaria o Creg, como apelidamos o Centro.

Não havia muito a ser feito, ele já tinha tomado sua decisão.

— Estou tão envergonhado que mal consigo te olhar, Sílvia — disse, quando a Pietra saiu.

— A gente podia ter conversado sem que nada daquilo tivesse acontecido. A sensação que tive foi que você tava disposto a tudo pra me ter. Me assustei, Jorge. Você sempre foi tão formal e de repente começou a falar em fazer sexo comigo, mesmo sabendo que eu namorava. E que ideia idiota foi aquela de mandar as fotos pro meu e-mail?

Ele continuou em pé, as mãos nos bolsos da calça, os óculos enfeitando o rosto. Uma gota de suor descia por sua testa. Estava nervoso, sabia a burrada que havia feito. O arrependimento o dominava.

— Agi como um idiota, eu sei. Bebi muito naquele dia para ter coragem de me declarar. Por anos eu fui apaixonado por você, mas nossa relação professor/aluna me impedia de me aproximar. Quando aceitei trabalhar aqui, pensei que as coisas mudariam. Sílvia, eu larguei tudo para ficar mais próximo de você. E eu perdi a cabeça quando vi você apaixonada pelo Henrique.

Eu não sabia o que responder.

— Tudo bem. Vamos pôr um ponto final nesse assunto. Mas quero que fique bem claro que daqui pra frente nossa relação vai ser estritamente profissional. Começando às oito da manhã e encerrando às seis da tarde.

Jorge concordou e, mais uma vez, pediu desculpas por tudo o que havia causado.

Pelos seus cálculos, todas as obras terminariam em menos de seis meses. Mas já inauguraríamos uma parte do centro antes disso. A previsão era de que os primeiros pacientes chegassem à fazenda em dois meses.

Deixei a Girassol no fim da manhã e fui fazer compras. Estava amando a minha casa cada dia mais, apesar de me sentir um pouco sozinha. Fui ao mercado, à loja de materiais para construção e passei na farmácia. Precisava me certificar de que não estava ficando maluca. Tinha uma coisa me incomodando, que eu precisava resolver.

Assim que saí de lá, encontrei com o Henrique. E algo dentro de mim reacendeu. O coração disparou e as pernas

cambalearam. Era uma batalha árdua de sentimentos contraditórios. Ainda sentia raiva, mas também sentia saudade, não podia negar.

A tensão predominou. Trocamos poucas palavras, e a dor que sentíamos era evidente. Henrique pediu desculpas mais uma vez, e eu fui sincera quando disse que já o havia perdoado. Perdoar não significa restabelecer a confiança. E um relacionamento não existe sem ela.

Decidi ir embora antes que fizesse uma besteira.

Em casa, não parava de pensar no meu encontro com o Henrique. Sabia que uma hora ou outra voltaria a vê-lo, estava preparada para enfrentar essa situação, mas confesso que foi mais difícil do que pensei.

Ele estava lindo, como sempre. Um pouco abatido, olheiras ao redor dos lindos olhos brilhantes, mas as bochechas coraram quando me viu. Senti um aperto no peito e uma vontade enorme de me jogar em seus braços, mas me contive.

Eu estava decidida a pôr um ponto final na nossa história, mas quase cedi quando escutei meu nome saindo da sua boca. Por sorte, lembrei da sua falta de confiança em mim e tranquei mais uma vez os sentimentos que ele me despertava. Seria melhor assim.

Tentei me distrair arrumando as compras, mas, quando vi a sacola da farmácia, paralisei. Olhei para a caixa sem saber por que tinha comprado aquilo. Estava ficando louca, isso sim. Resolvi acabar logo com aquela agonia e fui para o banheiro.

— Isso não pode estar acontecendo. Não pode. Não pode.

O telefone tocou e eu saí apressada do banheiro. Era a minha irmã. Durante alguns segundos, encarei o celular que vibrava sobre a penteadeira. Então o alcancei e deslizei o dedo sobre a

tela.

— Oi, mana. Já tava quase desligando.

Não respondi.

— Sílvia, taí? Aconteceu alguma coisa?

Olhei para o palito que estava na minha mão e examinei a caixa mais uma vez.

Sinal de - = negativo.

Sinal de + = positivo.

O símbolo de + piscava diante dos meus olhos. Não consegui responder à minha irmã, que gritava com insistência do outro lado da linha. Ela podia ouvir minha respiração, sabia que eu estava com ela, mas não entendia por que eu não respondia. O motivo estava em minha mão, pintado de azul. *Eu estava grávida.*

— Você vai ser titia, Fabi. Tô grávida.

Dessa vez foi ela quem perdeu a fala.

Os últimos meses passaram diante dos meus olhos e tentei entender o que estava acontecendo. Eu tomava pílula com regularidade. NUNCA esquecia a maldita pílula. Isso era basicamente uma lei na minha vida. Desde que tudo havia acontecido. Desde que *ele* fora embora.

O pânico me engoliu. Eu e o Henrique tínhamos parado de usar preservativo, confiando apenas na maldita pílula que eu tomava.

— Maninha, fica bem, você vai ser uma ótima mãe. Na verdade, você já é uma ótima mãe. Você me criou, lembra? Quando não tínhamos mais ninguém, você não deixou que nada me faltasse. Essa criança que você tá esperando vai ser muito amada. Não surta. Não vai ser como antes.

Enquanto eu tentava entender o que estava acontecendo, minha irmã procurava me acalmar, ela sabia que a notícia trazia

o passado de volta.

Sem querer acreditar, decidi fazer um exame de sangue o mais rápido possível.

— Depois a gente se fala. Vou ao hospital, assim que tiver notícias eu te ligo.

Entrei no carro e voei para a cidade. Fui direto ao posto de saúde.

— O doutor não está — disse a enfermeira. — Posso ajudar?

Quase entrei em desespero. Não sabia se ela poderia me ajudar. Não sabia se alguém no mundo poderia me ajudar.

Contei a ela o que estava acontecendo, e ela sorriu diante do meu desespero. Não um sorriso de deboche, mas um sorriso do tipo *vai ficar tudo bem*.

A enfermeira foi atenciosa, explicou que os exames eram encaminhados para um laboratório fora da cidade, mas que os resultados, dependendo da complexidade, chegavam em dois dias. Consegui me acalmar. Ela tirou o sangue e disse que assim que o médico chegasse, ele faria o pedido e encaminharia a amostra. Fiquei mais aliviada. Dois dias não eram muito e teria tempo para pensar no que fazer, caso aquilo se confirmasse. Como contaria ao Henrique que ele seria pai? Será que ele acreditaria em mim? Ou duvidaria que o filho era dele? Meus olhos se encheram de lágrimas apenas com a possibilidade de ele me julgar mais uma vez. Não estava preparada para sua rejeição.

— Tá tudo bem, Sílvia?

Sequei as lágrimas antes de me virar.

Era só o que me faltava. A rainha do gado mais loira e linda do que nunca.

— Tá sim, Pâmela, obrigada — respondi, sem me alongar.

— Sinto muito pelo Henrique.

O ciúme serpenteou no meu estômago e minha vontade era de voar no pescoço daquela garota. Os longos cabelos desciam pelos ombros, e a camisa xadrez combinava com perfeição com a calça colada que ela usava.

— Será que sente mesmo?

Ela me encarou, e seu olhar era sincero.

— Conheço o Henrique desde criança. Naquela época, nossos pais fizeram um trato: eu me casaria com ele assim que voltasse da faculdade. Uma loucura, eu sei, mas era assim que as coisas funcionavam por aqui. Quando fui embora, era uma adolescente de rosto sardento e aparelho nos dentes. O Henrique mal me notava e, apesar de achar que meu pai tinha ficado louco, passei a vida inteira com a ideia plantada na cabeça. Quando voltei a ver o Henrique, foi como se o tempo não tivesse passado. E nem preciso dizer como ele ficou lindo. Por isso, naquele dia que te encontrei na casa dele, senti ciúmes de você e fiquei com raiva. Mas eu não sou mau-caráter, Sílvia. Nunca faria nada para atrapalhar o namoro de vocês. Apesar de tudo, ver o Henrique feliz é o que eu mais quero. Mas...

Sabia que o discurso de boa moça tinha acabado. Cruzei os braços na frente do corpo, tentando me defender do que viria.

— Mas agora nada te impede de tentar, não é mesmo?

Ela sacudiu a cabeça, confirmando.

— Sim. E, se existe uma chance, mesmo que pequena, de fazer o Henrique se apaixonar por mim, eu vou lutar.

Dizendo essas palavras, Pâmela pegou um envelope com a enfermeira e saiu batendo os saltos das botas. *Eu odiava aquelas botas! Eu a odiava por ser tão perfeita para o Henrique.*

Queria muito poder xingar, esbravejar, gritar com aquela

garota, mas não podia culpá-la por querer o Henrique. Não poderia culpar ninguém por querê-lo. A única coisa que eu poderia fazer era aceitar as consequências das minhas decisões.

— Seu protocolo. — A enfermeira me entregou um canhoto.
— Boa sorte. Vai dar tudo certo.

Agradei e saí do posto de saúde.

Apertei aquele papel no meu peito e rezei em silêncio.

— Vai dar tudo certo.

HENRIQUE

Eu olhava para a casa com um misto de sentimentos. Lembranças boas, outras nem tanto, saudades... Era como se estivesse deixando parte da minha vida para trás. De alguma forma, isso era verdade, porque minha decisão de voltar para a fazenda traria consequências, e muitas delas irreversíveis.

Pus a última caixa na caminhonete e voltei para trancar a porta. Antes, observei a pequena sala e imaginei o que os meus avós viveram ali. Pensei na minha mãe criança, antes de conhecer o velho e me perguntei se era feliz antes da chegada do meu pai na sua vida. Eu queria acreditar que sim. Ela merecia ter sido feliz, pelo menos por um tempo.

— Você tomou a decisão certa. Desde que seu pai me contou sobre a briga de vocês que penso o quanto isso deve ser ruim. Sei que deve ser difícil, mas talvez um pouco de paciência resolva as coisas.

A voz da Pâmela tentava me animar. Virei para encará-la. O sol iluminava o seu rosto. Ela tirou os óculos escuros e vi o brilho de seus olhos quando sorriu. Ainda não acreditava que o meu pai havia contado tudo a ela. Nossas brigas, minha relutância em assumir a fazenda e até sobre o câncer. A verdade é que os dois estavam bem próximos.

A Pâmela me ajudou a fazer a mudança. Foram poucas caixas, os móveis ficariam na casa. Eu tinha a esperança de alugá-la em

breve. A região estava crescendo, o que era excelente para esta nova fase da minha vida.

— Você sabe que eu amo a Sílvia, não sabe? — questionei.

Por mais que fosse ótimo ter alguém ao meu lado, não queria enganá-la. Nem poderia dizer que essa era uma forma de o novo Henrique lidar com as mulheres, porque eu sempre fora claro com todas as que passaram pela minha vida. Elas sabiam exatamente o que teriam de mim.

Pâmela sorriu, gentil, balançando a cabeça.

— Não precisa ser muito inteligente pra perceber isso. Desde a primeira vez que você disse o nome dela, eu já sabia.

Girei a chave na porta, antes de responder.

— Então o que você tá fazendo aqui, se eu não posso dar o que você quer?

Ela se aproximou e pegou minha mão. Gostei, senti-me bem, não podia negar.

— Quero estar ao seu lado quando você conseguir juntar os pedaços. Quero ser a primeira que os seus olhos vão ver quando decidir que é hora de seguir em frente. Quero curar suas feridas, como amiga, é claro, mas quero que sua alma reconheça quem sempre esteve aqui.

Queria dizer a ela que estava errada. Que talvez eu nunca esquecesse a Sílvia por completo, mas não pude julgá-la, porque eu queria o mesmo. Ansiava por ficar ao lado da minha Morena, nem que fosse como amigo. Pelo menos teria uma chance de não ser esquecido. Então não pude pedir que a Pâmela desistisse. Não podia negar a ela precisamente o que eu queria que a Sílvia me desse.

— Não quero te machucar.

Puxei a Pâmela para um abraço e ela envolveu os braços na

minha cintura, descansando a cabeça no meu peito. Meu queixo se apoiou no topo da sua cabeça, e eu podia ouvir sua respiração acelerada.

— Não vai, Henrique. Eu sei o que tô fazendo.

— Sabe que toda aquela coisa de casamento arranjado pelos nossos pais foi uma loucura, né?

Pâmela sorriu, afastou-se e me encarou.

Quando nossos pais “acertaram” que a Pâmela e eu nos casaríamos assim que ela voltasse da faculdade, eu surtei. Ela era quase uma criança quando isso foi decidido. Eles eram dois malucos, isso sim!

— Naquele dia, quando escutei a promessa do meu pai, eu corri pro meu quarto e escrevi nossos nomes dentro de um coração — confessou, envergonhada.

— Sua maluca. — Não segurei o sorriso.

— Relaxa, Rique. — Só ela me chamava assim, e foi gostoso lembrar da minha adolescência. — Eu tinha doze anos. Depois disso, desenhei dezenas de corações. — Meus olhos se arregalaram. Ela continuou, descontraída. — Fazer o quê? Digamos que tenho um coração volúvel.

Pâmela me abraçou mais uma vez e rimos juntos daquela história. Entramos na minha caminhonete e deixamos a rua devagar. Olhando pelo espelho retrovisor, eu me despedi da minha casa, sem conseguir deixar de pensar na Sílvia e nos momentos que havíamos passado ali. Seria difícil esquecê-la, tudo me lembrava ela.

Assim que chegamos à fazenda, vi meu pai esperando na porta de casa. Ele recebeu a Pâmela com um abraço e eu fiquei observando a cena. Tentei imaginar se algum dia ele receberia Sílvia daquela forma — com os braços abertos e um sorriso no

rosto —, ou se tudo seria sempre um inferno. Pâmela se virou na minha direção e sorriu, acenando para que eu me juntasse a eles. Quando viu que eu não me movia, puxou meu pai e ambos entraram.

Comecei a descer as caixas da caminhonete, observando cada detalhe que me rodeava. Era como se estivesse preso ao passado e nunca tivesse saído dali, porque tudo estava igual. A mesma cerca, as mesmas casas. A arena de rodeio. Os animais. O jardim.

O bom filho à casa torna.

— Não acredito que vivi para ver isso! Henrique de volta?

A voz do Conrado chamou minha atenção. Ele se aproximou para me cumprimentar. Apesar de jovem, era um antigo funcionário, pois nascera na fazenda. Filho de um dos gerentes do coronel, crescemos praticamente juntos. Claro que o meu pai não permitia que eu fosse amigo dos filhos dos empregados, mas isso não impediu que Conrado e eu aprontássemos por ali. Porém, ainda na adolescência, seguimos caminhos diferentes.

— Não tive escolha — respondi.

— Sempre temos escolha, Henrique. Espero que não se arrependa da sua.

Sacudi a cabeça, concordando.

— Eu também, meu amigo. Eu também...

Ele se despediu e saiu. Lamentei, porque não tinha mais nenhuma desculpa para não entrar em casa.

Subi degrau por degrau, sentindo todo o peso da minha decisão se somar aos das caixas que carregava. Deixei-as no hall e entrei. Ouvi risadas e vi que meu pai e Pâmela compartilhavam um bom momento, sentados à mesa de jantar. Um banquete estava servido. Tudo o que eu mais gostava de

comer estava sobre a mesa. Dona Leila, a cozinheira da fazenda, sabia bem quais eram as minhas comidas preferidas.

Uma vez mais meu pai me surpreendia com um gesto de carinho.

— Vem, Henrique — disse Pâmela.

Eu me sentei.

— Tô sem fome.

Vi a decepção no rosto dos dois e me arrependi do que havia dito.

Peguei uma jarra de suco de manga e me servi. O líquido até que desceria, mas não me atrevia a comer nada sólido. Já tinha muito para ser digerido em um único dia.

— Tome — disse meu pai, ao me estender um pedaço de papel. — Pâmela me mostrou isso, e como sabemos que você não tem formação para consertar carros, decidi que seria o melhor para você.

Nem cheguei a ler o que estava escrito.

Tomado por uma fúria incontrollável, levantei. Sabia que sofreria com a minha decisão, mas não achava que meu pai começaria tão cedo. Eu mal havia chegado e ele já estava pondo as manguinhas de fora para me manipular como se eu fosse uma marionete.

— Você decidiu que era melhor pra mim? — perguntei, com sarcasmo. Pâmela segurou meu braço, tentando me acalmar, mas foi em vão. — Como sempre, não é mesmo, coronel? Mais uma vez o senhor toma decisões sem levar em conta a minha vontade. Como se eu fosse um moleque de dez anos. Quando você vai parar de tentar controlar a minha vida?!

Não esperei que ele respondesse. Caminhei a passos largos e subi as escadas, em direção ao meu quarto. O som da porta

batendo ecoou por toda a casa, e eu só queria sumir, desaparecer por completo. Ainda não me conformava com tudo que havia acontecido. Eu me culpava por ter sido um inconsequente. Tudo poderia ter sido diferente se eu tivesse parado e pensado antes de dizer todas aquelas merdas para minha Morena. Talvez eu não estivesse de volta ao lugar que eu tanto odiava.

Olhei ao redor e vi que tudo estava como antes de partir. Cada móvel em seu devido lugar. As paredes pintadas de um branco gélido, sem vida. Respirei fundo várias vezes enquanto caminhava até a grande janela aberta. O vento soprava no meu rosto e eu sabia que encararia uma das minhas lembranças mais lindas, porém mais dolorosas.

Do meu quarto, via o jardim da minha mãe. Lembrei de todas as vezes em que escutei meu pai descontando sua fúria sobre ela. Eu me escondia no quarto quando isso acontecia. Quando o silêncio voltava a reinar, alguns minutos depois, eu sempre podia ir até a janela, porque minha mãe estaria no jardim. Era o que eu precisava para saber que ela estava bem, que, mesmo dentro de toda a sua passividade, era uma mulher forte.

O jardim estava florido, bem cuidado e com as mesmas flores que a minha mãe costumava cultivar. Fiquei imaginando o porquê de meu pai ainda mantê-lo. Sabia que era muito doloroso para mim, mas com certeza não fazia a menor diferença para ele.

Escutei uma batida na porta.

— Posso? — Pâmela enfiou a cabeça pela fresta, pedindo permissão.

Apenas balancei a cabeça, assentindo. Ela entrou.

Não saí da janela, e Pâmela se postou ao meu lado. Por vários

minutos, ela não disse nada, apenas observou a paisagem comigo. O sol começava a se esconder, tornando o céu um emaranhado de raios alaranjados.

Pâmela resolveu falar, pondo fim ao silêncio.

— A culpa foi minha.

— Besteira — respondi sem pestanejar.

— Seu pai me procurou. Perguntou o que poderia fazer para te agradar. Um presente. Então eu soube desse curso. Vi o quanto você tava animado com a oficina, achei que seria uma boa ideia.

Eu percebia a inocência na voz da Pâmela. Sabia que não poderia julgá-la.

— Tá tudo bem. Eu sei que não foi sua culpa. O problema é que eu vivi isso a vida toda, não quero passar por tudo de novo.

Baixei o rosto, sentindo a frustração voltar com toda a força.

Ela concordou com a cabeça, compreendendo as minhas palavras.

— Ele está tentando, Rique. Apenas tenha paciência.

Não queria dizer a ela que já havia dado chances demais ao meu pai. Pâmela tinha boas intenções e provavelmente não sabia de metade das coisas que meu velho já tinha aprontado.

Agradei a ajuda. Ela se despediu e me deixou sozinho.

Peguei o papel que a Pâmela deixara sobre a cama: “Formação em consertos e manutenção de máquinas agrícolas”. O curso começaria em uma semana, com duração de três meses. Confesso que fiquei animado, mesmo com a interferência do meu pai. Talvez fosse uma boa ficar um tempo longe da cidade. E o curso parecia ótimo. Não havia mesmo ninguém que fizesse esse tipo de trabalho na região, sempre era preciso chamar mecânicos de outras cidades.

Guardei o papel na gaveta da escrivaninha e resolvi tomar um banho. Vesti apenas uma bermuda, regata e chinelos e desci para falar com meu pai.

O silêncio que fazia na casa era assustador. Por mais que eu morasse sozinho, não me sentia tão solitário quanto na casa da fazenda.

Não avistei meu pai na sala, mas sabia muito bem onde poderia encontrá-lo. Caminhei até a varanda e o vi, olhando o pôr do sol, sentado em sua cadeira de balanço. Desde criança eu o via ali. Para ele, era quase como um ritual observar com orgulho a fazenda e tudo que construía.

Sentei em uma cadeira ao seu lado, mas meu pai fingiu que não viu.

— Por que você ainda mantém o jardim?

Ele se levantou, mas continuou encarando o horizonte. Depois de alguns segundos, seus olhos me buscaram. Juro que vi um resquício de bondade passar por eles. Algo humano.

— Sua mãe amava aquele lugar — respondeu, antes de me dar as costas.

Eu fitei a imensidão de terras à minha frente, tentando entender o que movia meu pai. A paixão que ele tinha por tudo aquilo. Não podia ser só dinheiro e poder. Ele amava de verdade a fazenda.

Uma pena que isso fosse a única coisa que ele amava na vida.

SÍLVIA

Ainda olhava para a placa de *Aluga-se* pendurada na porta da casa do Henrique.

Quando cheguei, ele estava na porta com a Pâmela. Não desci do carro, apenas observei de longe. Tinha tomado a decisão de contar ao Henrique sobre a minha gravidez. O exame que pegara fazia uma semana estava na bolsa. Mas não tive coragem de contar a ele de imediato. Na verdade, não falara sobre isso com ninguém, apenas com a minha irmã.

Quando finalmente tomei coragem de ir conversar com o Henrique, encontrei-o com a Pâmela nos braços. Talvez naquele momento eu tenha sentido na pele o que o Henrique sentiu quando viu minhas fotos com o Jorge. Sabia que não podia julgá-lo, muito menos condená-lo, mas meu coração se dilacerou de ciúmes.

Depois que eles por fim foram embora, desci do carro. Precisava de ar, estava sufocando. Fiquei apenas observando a casa por um tempo, até que uma voz chamou minha atenção.

— Ele se mudou — disse Carol. — Voltou a morar na fazenda com o pai.

Fiquei tonta com o choque causado pelo que ela me dizia. Depois de tudo que o pai do Henrique me fizera. Depois de tudo que ele sofrera para se libertar, crescer e tomar o próprio caminho. Senti como se aquilo fosse uma traição. Como se ele

fosse conivente com as crueldades praticadas por aquele velho. Porém, o que mais me doía era que voltar a viver com o pai significava que o Henrique tinha desistido de todos os planos que construía comigo.

Eu me senti culpada, mesmo sabendo que as decisões do Henrique não eram responsabilidade minha.

A Carol notou meu desconforto, pois logo emendou:

— O Rodrigo também não acreditou. Parece que eles estão tentando se acertar. Não sei muito bem o que tem entre eles, o Rodrigo nunca quis me falar. Sinto muito pelo que aconteceu, Sílvia. O Rodrigo me contou sobre o término de vocês. Deve ser uma barra, né?

Sentia como se o ar não fosse capaz de passar por meus pulmões. Era muita coisa para assimilar, e eu não estava preparada, mas também não estava a fim de compartilhar minha dor com a Carol.

— Foi, mas vamos superar — disse, ensaiando um sorriso que não saía.

Queria que ela parasse de falar do Henrique. Queria que ela não estivesse ali, mas parecia que a Carol não se tocava de que eu estava prestes a desmoronar ali, na sua frente.

— Eu morreria se ficasse sem o Rodrigo...

Olhei para ela, incrédula, mas não tinha maldade em sua voz, apenas uma naturalidade desconfortante. Então lembrei do que a Pietra me dissera assim que conheci a Carol: que ela não tinha filtro e dizia tudo que vinha à cabeça, mas que não era uma má pessoa. Ela apenas não fazia ideia do quanto as palavras podiam machucar.

— Já passei por coisas piores.

Tentei não ser rude, mas acabei soando seca. No entanto,

Carol pareceu não se afetar com a minha resposta. Antes que a situação piorasse, eu me despedi e fui para casa.

Não sabia muito bem o que fazer com a notícia de que o Henrique tinha se mudado para a casa do pai. Também não tinha ideia de quando voltaria a tomar coragem de contar a ele sobre a gravidez.

Quando peguei o exame, já fiz a primeira consulta. Ao questionar sobre como poderia ter engravidado mesmo tomando anticoncepcional com regularidade, ouvi do médico a seguinte pergunta:

— Você acredita em milagres?

Não sei. Acreditava?

— Deveria — completou, diante do meu silêncio. — Você faz parte dos 2% da margem de ineficácia do anticoncepcional. Difícil de acontecer, mas aconteceu com você, Sílvia. Se isso é sorte ou azar, é você quem decide.

De frente para o espelho, eu passava a mão na barriga. Não sentia nenhum sintoma, a não ser a menstruação atrasada, o que me levou a fazer o teste.

Não seria fácil conviver com a ideia de ter um filho do Henrique. Não por ele, mas pelo pai. E depois de saber que ele voltara a morar na fazenda e que estava tentando se reaproximar de sua única família, tudo se tornou ainda mais difícil. Agora eu tinha dois problemas diante de mim. Qualquer que fosse a decisão, teria uma única consequência: alguém ficaria sem um pai. Se contasse ao Henrique, ele sofreria mais uma vez com a perda do dele. E o meu filho ou filha, caso resolvesse tê-lo ou tê-la sozinha, perderia a chance de conviver com um homem que poderia ser um pai maravilhoso.

É meio cruel pensar em privar uma criança de ter um pai,

mas também pensava em tudo que ela poderia sofrer com o preconceito vindo da própria família. Não queria que nenhuma dessas hipóteses acontecesse e, por isso, não tinha ideia do que eu faria.

No fim da tarde, enquanto estudava, recebi a visita da Pietra. Eu evitava ficar a sós com a minha amiga, porque a conversa sempre acabava com a mesma pergunta: *o que está acontecendo com você?* Não queria contar a ela que estava grávida de um cara que eu praticamente escorraçara da minha vida. Era informação demais! Ah, e claro, não podia esquecer o fato de que ele seria neto de uma das pessoas mais racistas e nojentas que eu conhecia. *Porque desgraça pouca é bobagem, não é mesmo?!*

É, acho que tinha os meus motivos para estar estranha.

Mal abri a porta e a Pietra entrou como se estivesse sendo perseguida por uma manada de búfalos descontrolados.

— Aconteceu alguma coisa no Creg?

— Não aguento mais ver você assim, amiga! — As palavras soaram desesperadas, como se ela de fato pudesse sentir a minha dor. — Sinto como se a minha amizade não fosse suficiente pra você se abrir comigo. Por favor, Sílvia, me diz se te fiz alguma coisa. Me dá uma luz do que fazer para trazer de volta o teu sorriso. Quero minha amiga de novo.

Lágrimas brotavam dos seus olhos e, diante daquilo, não segurei o choro. Pietra me puxou para um abraço e eu desabei diante de seu gesto. Chorei como nunca havia feito. Todo o desespero que me atormentava se transformou em lágrimas que rolaram sem controle. Pietra apenas me consolava e dizia que tudo ficaria bem. Eu sabia que era mentira. Não tinha como *tudo* ficar bem. Alguém sairia ferido. E o destino mostrava, claro como em uma bola de cristal, que seria eu a derrotada.

Pietra me acompanhou até o sofá e eu sentei. Sequei as lágrimas que nublavam meus olhos e peguei o copo d'água que minha amiga me oferecia. Ela sentou ao meu lado enquanto eu tomava o líquido em goles lentos, apenas esperando a coragem inflar meu peito para transformar-se em palavras.

— Estou grávida do Henrique. — Senti necessidade de dizer quem era o pai. Talvez por medo de que a Pietra me julgasse. Esse era o grande mal que me assombrava. A vida inteira, sofrera com julgamentos e, por mais que soubesse os meus direitos, ainda sentia medo pela forma como as pessoas me olhavam. Tentava o máximo possível não me deixar abater. Durante um tempo isso foi possível, mas agora, a cada dia que passava, sentia a coragem diminuir.

Ela levou as mãos à boca, tentando esconder a reação de espanto, mas logo elas caíram, mostrando o enorme sorriso que estampava no rosto.

— Ah, meu Deus, isso é maravilhoso. — Não sabia se ria ou se chorava com a sua reação. Optei por ficar em silêncio. Pietra não sabia o monstro que o pai do Henrique era e, por isso, eu entendia sua atitude. — Por que só eu estou alegre por aqui?

Enfim ela entendeu que sua felicidade não tinha me contagiado.

— Você não sabe de tudo que aconteceu entre o Henrique e eu. Aquele dia em que ele foi atrás de mim na fazenda, foi para consertar uma burrada que o pai dele fez. Pietra, o Henrique é filho de um racista. O pai dele me agrediu com palavras e me ofendeu de uma forma que talvez eu nunca esqueça.

Ela ficou surpresa, porque eu nunca tinha contado os motivos que me fizeram chegar à fazenda naquele estado.

— Você vai esconder dele? Do Henrique? — Apoiei meu

rosto entre as mãos, não sabia o que dizer. Vendo minha confusão, Pietra continuou. — Você não pode esconder isso dele, Sil. É direito do Henrique e também do seu filho saber que eles têm um ao outro.

— Não é tão simples assim. — Eu me levantei, com raiva.

— Eu sei que não é. Mas você vai ter que lidar com isso. Sílvia, eu nunca vi você assim, tão frágil e perdida.

Estava na hora de desabafar, eu precisava pôr para fora o que tinha me mantido afastada do amor durante tanto tempo.

— Tem uma coisa que eu nunca te disse. — Pietra me encarou, atenta. — Eu perdi um bebê quando tinha quinze anos. — Pietra levou as mãos à boca, estarecida com o que ouvia. A dor fechou minha garganta e tive que respirar fundo para contar o restante da história que tanto me machucava. — O nome dele é Luiz, um garoto da escola. Era um prodígio, um dos únicos alunos de escola pública que realmente tinha chances de chegar a algum lugar. Queria ser médico.

— Deixa eu adivinhar? Ele partiu seu coração.

Pietra se antecipou, tentando descobrir os espinhos que me perfuravam.

— Mais do que isso. — Sorri com sarcasmo, mas a vontade era de desmoronar. — Eu e Luiz nos apaixonamos, e eu acredito mesmo que ele tenha gostado de mim de verdade. Foi o primeiro cara com quem transei, e foi maravilhoso. Éramos a sensação da escola, claro, porque não era tão comum ver um casal como a gente: uma negra e um branco. — Pietra arregalou os olhos. — Eu engravidei. Desesperada, contei ao Luiz, que ficou transtornado. Disse que eu tinha feito de propósito, para impedir que ele se mudasse. Ele tinha acabado de passar no vestibular de medicina e ia embora pra outro estado.

— Filho da puta!

— Eu nem sabia que ele tinha sido aprovado. Tentei dizer isso, mas ele não me escutou, duvidou que o filho fosse dele, então eu fui embora, puta com a desconfiança. Decidi que daria um tempo pra ele pensar, pra analisar o que tinha feito. — Mais uma vez o sorriso amargo surgiu no meu rosto. — Mas isso não aconteceu. O Luiz foi embora dois dias depois, me abandonou no momento em que eu mais precisava dele.

Pietra segurou minhas mãos. A expressão de pena era nítida. Podia ver em seus olhos o quanto sentia por mim.

— A culpa não é sua. Eu também encontrei diversos idiotas na minha vida, e sempre acreditei que eu merecia, mas só quando encontrei o Lucas entendi que não tinha nada de errado comigo. Não é nossa culpa, Sílvia, nunca foi.

Assenti, eu também concordava com ela, por mais que não tivesse conseguido me recuperar por completo da decepção.

— Eu fiquei totalmente à mercê do sofrimento. Meus pais ficaram do meu lado, mas a dor era tanta que eu não conseguia mais me levantar. Tava grávida de um cara que me abandonou e não tinha ideia do que fazer. A única certeza que eu tinha era que uma vida crescia dentro de mim e, mesmo sendo tão imatura, já tinha decidido que teria esse filho. Mas a dor era muita. Entrei em depressão, fiquei dias sem comer, sem levantar da cama. Meus pais fizeram de tudo, mas nada amenizava o sofrimento de ter sido abandonada e rejeitada.

Lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto. Quando descobri a gravidez, pensei que entraria para as estatísticas de meninas pobres e negras que se tornam mães antes mesmo de terminar o ensino médio. Seria apenas um número em meio a tantos, mas isso não aconteceu.

— Eu perdi o bebê com menos de quinze semanas. — Pus as mãos no rosto, perdida entre a dor do arrependimento. — Eu fiz aquilo, Pietra. Eu deixei a dor que sentia tirar meu filho de mim.

Fui envolvida de imediato pelos braços da minha amiga. Me aninhei em seu peito e dessa vez deixei todo o remorso que me atormentava libertar-se em forma de lágrimas.

Levantei o rosto e ela secou minhas lágrimas. Então continuei.

— Ninguém além da minha irmã sabia o que tinha acontecido. Na época, meu pai achou melhor que eu me mudasse de escola. Eles me protegeram de todos os olhares e comentários maldosos. Sou eternamente grata. Então comecei a me reerguer. Aprendi a duras penas a não confiar em ninguém além de mim mesma. Depois que o Luiz foi embora, jurei que nunca mais deixaria alguém me machucar. Nunca mais deixaria um homem desconfiar de mim, me escondi atrás de uma armadura que me protegia. E quando meus pais se foram, achei a desculpa perfeita pra nunca mais me entregar de corpo e alma a alguém. Até o Henrique aparecer. Até que aquele galego de olhos brilhantes me conquistou, não com seu rosto perfeito ou corpo malhado, mas sim com o sorriso genuíno de quem também tinha sofrido. Éramos movidos por sentimentos contraditórios, que nos impulsionavam. Mas, contrariando o que meu coração sentia, o Henrique fez o mesmo: pôs à prova os meus sentimentos, insinuou coisas que eu jamais seria capaz de fazer e depois me abandonou. Eu senti como se revivesse o passado. Quando achei que tinha encontrado alguém que pudesse curar as feridas que o Luiz causou, o Henrique me machucou ainda mais.

— O Henrique não tem uma boa relação com o pai e prometeu que lutaria por nós — prossegui. — Mas hoje eu descobri que ele se mudou pra fazenda, em uma tentativa de se reconciliar com a família. Como posso lutar contra isso?

— Da mesma maneira que você não pode destruir a chance do seu filho conhecer o pai. Sílvia, se você mesma disse que o velho é intragável, por que perdoá-lo? Conta pro Henrique e deixa ele escolher o caminho que quer seguir. Se ele quiser ficar ao lado do pai, vai ser um idiota, assim como o Luiz, mas você vai poder seguir de cabeça erguida, sem a culpa de esconder algo tão sério. Eu sei que você foi magoada, que o Henrique quebrou sua confiança, mas nem todas as pessoas são iguais.

Bufei, cruzando os braços na frente do corpo.

— Vai ficar do lado dele?

Pietra sorriu com a minha indignação.

— Você sabe que sempre estarei aqui, você não tá sozinha. Falando nisso, a Fabi já sabe?

Balancei a cabeça, confirmando.

— Ela tá adorando a ideia de ser tia.

Minha amiga abriu um sorriso que iluminou toda a sala.

— Você é uma pessoa que quero ter pra sempre do meu lado. E eu vou te apoiar na decisão que tomar, assim como tenho certeza que a sua irmã não vai te julgar pelas suas escolhas. A única coisa que eu peço é que você pense com carinho. Nós duas perdemos nossos pais. Você pela morte e eu pela vida, porque não sabia o que era ter um pai até bem pouco tempo. Entendemos o quanto dói e quanto isso influencia na vida e no caráter de uma criança. Pense se você quer isso pro seu filho.

Pietra se aproximou, tocando a minha barriga com carinho.

Por mais que tivesse medo, as palavras dela faziam todo o sentido.

— Não conta pro Lucas, por favor. Pelo menos não até eu decidir o que vou fazer.

— Claro, amiga. Você pode contar comigo, sempre.

Uma semana se passou e eu ainda não havia tido coragem de procurar o Henrique. Pietra me deu uns dias de folga para eu me acalmar e pensar melhor no que fazer. Porém, ficar em casa seria pior, então voltei a trabalhar antes do previsto.

Naquela tarde, eu e a Pietra fomos à cidade vizinha buscar algumas encomendas. Na volta, ela me deixou em casa e foi para a fazenda. Assim que entrei em casa, ansiosa por um banho, escutei batidas na porta.

— O que você esqueceu, sua maluca? — gritei, porque só poderia ser a Pietra.

Para o meu espanto, era o pai do Henrique.

Estava parado na porta e me olhava. Meu coração disparou, só pensava no meu filho.

— Posso entrar?

— Não — respondi.

Ele me ignorou, olhou-me de cima a baixo e entrou.

— Isso é violação de domicílio, você sabia?

Estava furiosa com a audácia dele. Observando tudo com desdém, como se a minha casa fosse um lixo. Ficou em silêncio por alguns segundos, e eu podia contar o tempo através das batidas que meu pé dava no chão, tentando incomodá-lo. Ele agia como se fosse o todo-poderoso.

— Eu sou Enzo Montolvani.

— Eu sei quem você é.

— Então sabe que chamar a polícia não vai adiantar.

Meu queixo caiu no chão e voltou. *O que esse homem pensava que era? Deus?*

— Vou ser bem breve. Quero saber se essa criança que você espera é do meu filho.

Emudeci.

Enzo apontava para a minha barriga e, por instinto, eu levei as duas mãos ao abdômen. Eu já amava o meu filho. Mesmo estando perdida, eu o amava com todas as minhas forças. E, naquele momento, percebi que ele estava em perigo. Eu via nos olhos do pai do Henrique que meu filho não era bem-vindo em sua família. Eu sabia disso. Tinha plena certeza desde o início, mas ouvir de sua boca, ver a expressão de nojo em seu rosto e a raiva em seus olhos, tirou meu chão.

— Acredito que não seja da sua conta — virei, caminhando até a porta.

— Realmente não é da minha conta com quem meu filho se deita ou não. Ele é jovem, bonito, rico, tem mais é que aproveitar as mulheres mesmo. Entretanto, tudo passa a ser da minha conta quando uma negrinha qualquer, que não tem onde cair morta, quer dar o golpe da barriga no Henrique. Aquele garoto é mais idiota do que eu pensava. Um estúpido!

Tudo me machucava. A forma como se referia a mim, a maneira como falava do Henrique. Eu sentia cada ofensa na minha alma. Lágrimas brotaram nos meus olhos, mas não me permiti chorar. Não na frente daquele monstro. Não daria esse gostinho a ele. Engoli o choro e respirei fundo.

— Não sei como descobriu sobre a minha gravidez, mas vou deixar claro que suas intimidações não vão me atingir. Não quero nada que seja seu ou do Henrique...

— Ótimo, você pode acabar logo com isso.

Fiquei chocada, sem reação, paralisada com tamanha frieza e crueldade. Logo em seguida, um surto de raiva me incendiou. E eu quase explodi de tanto ódio.

— Acabar com isso?! — gritei, o mais alto que meus pulmões conseguiram. — Você é um verme nojento. Saia da minha casa e fique longe de mim e do meu filho. Tenho pena do Henrique. — Enzo me olhava com desprezo. — É uma lástima que um homem tão maravilhoso como ele tenha um pai como você. Saia da minha casa agora mesmo! — disse, segurando a porta. — Senão vou te expulsar a vassouradas, não me importa quantos anos tem!

Enzo sorriu com sarcasmo. Na verdade, era mais como um sorriso vitorioso. Um arrepio percorreu o meu corpo. Senti medo a cada passo que ele dava em direção à porta. Assim que ele passou, eu tentei fechá-la, mas Enzo me impediu, segurando-a. Os olhos arregalados brilhavam de ódio.

— Você tem duas opções, macaquinha: ou some daqui ou eu vou acabar com essa gravidez à força.

— Tá me ameaçando? — O medo reverberava em meu corpo, mas eu o enfrentei. — O Henrique sabe que você tá aqui?

Ele soltou a porta.

— Não sabe e nem saberá. Nem morto que deixarei meu filho ser pai de um negrinho. Eu não faço ameaças que não possa cumprir, menina. E não me importa se você vai à polícia, ao exército... Essa criança nunca será um Montolvani. Nem que para isso você e ela tenham que desaparecer para sempre. Henrique voltou para casa, para o lugar a que pertence, e nada vai destruir isso. Muito menos uma pretinha como você.

Ele deu as costas e saiu.

Eu estava abalada demais para conseguir responder às

ameaças.

Levei as mãos à barriga.

— Vou te proteger. É uma promessa — sussurrei.

Eu lutaria até o fim. Eu daria a última gota do meu sangue. Eu sacrificaria a minha vida para protegê-lo. Não o deixaria daquela vez. Faria tudo, inclusive abrir mão do homem que eu amava.

HENRIQUE

Primeiro concordei em voltar para casa. Depois aceitei algumas sugestões do meu pai. Acreditei que ele pudesse mudar e resolvi dar um crédito. Talvez nunca recuperássemos o tempo perdido, mas podíamos mudar o futuro, se quiséssemos de verdade.

Nas primeiras noites, durante o jantar, não conseguíamos conversar. Sentia como se ainda existisse uma barreira que nos separava. Eu estava sofrendo pela Sílvia, confuso com a relação que agora mantinha com meu pai e perdido no meio de tantas lembranças. No terceiro dia, trocamos algumas palavras. Ele perguntou se eu podia dar uma olhada em um documento que chegara do advogado. Pensei em dizer que não, pois sabia que ele queria me inserir aos poucos em seu mundo, mas desisti. Enquanto não atrapalhasse o trabalho na oficina, não via mal algum em ajudá-lo.

Passei a maior parte da semana trabalhando, com a mente ocupada. Decidi que faria o curso que meu pai sugeriu e agora me preparava para passar três meses fora.

De vez em quando, a Pâmela me visitava na fazenda. Passamos bons momentos juntos, mas ainda não conseguia deixar de pensar na Sílvia. Era como se algo me ligasse a ela de uma forma inexplicável. Várias vezes estive com o celular nas mãos para fazer a ligação, mas suas palavras dizendo que nunca

mais confiaria em mim martelavam a minha cabeça. Então eu sempre acabava desistindo.

No fundo, eu era um grande covarde.

— Então, você tá fugindo? — disse Ranger, quando viu a mala no banco da minha caminhonete, no posto de gasolina.

Não tinha contado a ele sobre o curso.

Sorri, dando de ombros.

— Só três meses. Não é bem uma fuga. Vai ser bom esse tempo fora.

Lucas sacudiu a cabeça em negativa, discordando. O tanque da caminhonete já estava cheio, então peguei as chaves com o frentista.

— Espero que saiba o que você tá fazendo. Falou com a Sílvia?

— Não.

— Qual dos dois é mais cabeça-dura? Estão aí, sofrendo, mas não dão o braço a torcer...

Fiquei estático com suas palavras.

— Ela falou alguma coisa?

— Não pra mim. Mas pelo que andei escutando, e se a Pietra souber disso ela me mata, a Sílvia foi até a sua casa no dia em que você se mudou pra fazenda. Pelo visto ela não falou com você, né? Parece que viu você com a Pâmela.

Fiquei imaginando o que a Sílvia teria ido fazer na minha casa. De repente, fiquei nervoso. *Será que ela queria me dar outra chance?* Pensei em procurá-la, em sair dali direto para a Girassol, mas desisti. Talvez esse tempo fora fosse bom para os dois. Talvez, quando voltasse, as coisas fossem diferentes.

— A gente se vê quando eu voltar. Vamos marcar um truco.

Ele sorriu.

— Desde que eu não seja o seu parceiro, porque você é péssimo, Henrique. Um verdadeiro franguinho.

— Vai se ferrar, Sheila! — brinquei.

Nos despedimos e eu entrei na caminhonete. Ganhei a estrada com a sensação de que a viagem seria o tempo necessário para eu pôr os pensamentos no lugar. Era muita coisa pra pensar, mas de algo eu tinha certeza: assim que eu chegasse, procuraria a Sílvia e pediria, mais uma vez, que ela ficasse na minha vida. Seria minha última tentativa.

SÍLVIA

Naquela manhã, caminhava com calma pela rua depois de ir ao mercado quando fiquei enjoada. Então parei um pouco. Começava a sentir os sintomas da gravidez e isso me apavorava. *Deus, eu estava esperando um bebê!*

Levantei a cabeça, sorrindo. Olhei para o céu azul e desejei que o sol se escondesse um pouco. Fazia muito calor. Quase na esquina de casa, encontrei a Mariana. A gente quase não se via, ela estava trabalhando como uma louca para montar seu consultório odontológico. O sorriso em seu rosto sempre me encantava.

— Ei, menina... — cumprimentei. — Como vão as coisas?

— Tô há duas horas esperando o Pedro chegar pra me ajudar. Acho que ele se perdeu no caminho — disse, sarcástica, já que era impossível se perder na cidade. — E você? Como tá?

Sabia que ela queria saber sobre o Henrique, porque me olhava com um ar triste, solidária com o meu sofrimento.

— Bem. O difícil é ter que viver na mesma cidade, mas vou superar.

Mentia para mim mesma. Nunca conseguiria superar o Henrique, ainda mais carregando um filho dele.

— Vai sim. Você é linda, inteligente e é uma das mulheres mais fortes que já conheci. Deixa esse idiota pra lá. Além do mais, agora que ele vai viajar, você pode pôr a cabeça no lugar.

Minha respiração falhou por alguns segundos. Senti um nó na garganta e perdi a capacidade de raciocinar.

— Como assim? Eu... Eu... Ele vai viajar?!

Mariana levou a mão à boca, arrependida por ter me contado. Sacudiu a cabeça em negativa, como se me pedisse desculpas.

— Eu achei que você soubesse. Sílvia... Eu juro...

— Para onde ele vai?

Fiquei apavorada pelo fato de ele ter viajado sem saber sobre a gravidez. Porém, mais do que isso, fiquei com medo de perdê-lo. Medo de que nunca mais visse o homem de olhos brilhantes e sorriso moleque. Uma lágrima rolou pelo meu rosto. Mari estava perdida, sem saber o que fazer, mas só uma coisa me acalmaria: saber onde o Henrique estava.

— Não sei bem. Encontramos com ele uns dois dias atrás, e o Henrique disse que estava indo fazer um curso. Contou ao Pedro que passaria alguns meses fora, mas não sei de detalhes. Sílvia, eu juro que não era minha intenção te contar isso dessa forma. Eu achei que você soubesse.

É claro que a Mariana não queria me magoar. Aliás, aquela garota não seria capaz de magoar ninguém. Sorri com gentileza, tentando mostrar que estava tudo bem.

— Eu sei, Mari... Não precisa se desculpar. Tenho que ir.

Nos despedimos com um abraço. As sacolas passaram a pesar o dobro nas minhas mãos suadas. Mari pediu desculpa mais uma vez antes de eu virar as costas e seguir caminhando.

Entrei em casa pensando no que faria com aquela notícia. Não sabia se ele já havia partido ou se ainda estava na cidade. Então peguei o celular e liguei para o Henrique, mas ele não atendia. Tentei várias vezes, até que uma voz rouca atendeu.

— Vejo que você não é nem um pouco inteligente, menina.

Era Enzo.

— Quero falar com o Henrique — disse, com firmeza. Se tinha que bater de frente com o velho, faria isso sem pestanejar.

— Você acha que pode querer alguma coisa? Ainda mais com o meu filho? Eu já te disse uma vez e vou repetir. Saia da vida do Henrique ou eu terei que tomar providências.

Outra ameaça.

Meu coração disparou.

— Chama o Henrique, agora — gritei.

Andava de um lado para o outro, cada vez mais enjoada.

— Ele não está, e mesmo se estivesse, não deixaria que ele falasse com você. Entenda uma coisa: meu filho está saindo da cidade hoje. Não atrapalhe a vida dele ou eu farei da sua um inferno.

O telefone ficou mudo.

O desespero se tornou real.

Henrique ia mesmo viajar.

Respirei fundo, sentindo o coração bater mais forte, descompassado.

O que vou fazer? Era a pergunta que rondava a minha cabeça. Sentei no sofá e me perdi nos pensamentos. Fiquei assim por quase uma hora, duelando diante das possibilidades que tinha. Até que tomei a única decisão possível.

Henrique não poderia sair da cidade sem antes me ouvir. Sem antes saber que seria pai. Pietra estava certa: eu tinha que contar e deixar que ele mesmo decidisse o que fazer. Por mais que ele tivesse me magoado, Henrique não merecia o que eu estava fazendo.

O arrependimento por tudo que eu fizera nas últimas semanas me dominou. Ainda tinha medo, muito medo, mas

estava disposta a vencer mais aquela batalha em prol da minha felicidade. Ainda mais que, agora, eu não pensava apenas em mim.

Com o telefone na mão, liguei para alguém que com certeza iria me ajudar.

— Oi, Sílvia — Ranger atendeu no segundo toque.

— Preciso saber onde é a fazenda do Enzo.

— Do pai do Henrique? — perguntou, confuso.

— Sim, Lucas. Preciso falar com o Henrique... É um assunto urgente. Depois te conto tudo.

Já estava fora de casa, na calçada, quando sua resposta fez minhas pernas tremerem.

— Sílvia, eu encontrei com o Henrique no posto faz uns dez minutos. Ele acabou de sair da cidade. Vai ficar três meses fora.

De repente, senti um arrepio. Ouvi um carro se aproximando. Virei a cabeça, a caminhonete se aproximava em alta velocidade. O motorista buzinou e veio exatamente na minha direção. Olhei para os lados e não vi ninguém. Ninguém poderia me ajudar. Ainda ouvia a voz do Lucas ao telefone, mas não tive tempo para responder.

Senti o pavor tomar conta de mim e minhas pernas congelaram. Não conseguia me mover. Fiquei ali, parada, apenas esperando o que aconteceria.

Desejei estar errada!

Implorei para que nada me acontecesse!

O carro passou por mim sem reduzir a velocidade. Não consegui enxergar quem dirigia ou a placa. Ele passou rente a mim, como se me desse um aviso.

Demorei para me acalmar, mas quando consegui me mover, entrei em casa. Nem lembrava que o Ranger ainda estava na

linha. Desliguei sem me despedir.

Lembrei das ameaças de Enzo. O medo que eu sentia me fez agir. Depressa, fui até o quarto e comecei a enfiar as roupas na mala enquanto ligava para a Fabiana.

— Mana?

— Até que enfim... — disse, assim que minha irmã atendeu.

— Tem como eu ficar alguns dias com você? Estava planejando ir só na próxima semana, mas preciso sair daqui.

Antes mesmo de ela responder, eu já fechava o zíper da mala.

— Claro. Vou conversar com as meninas, mas não vai ter problema. Aconteceu alguma coisa?

— Droga! Esqueci que você não mora mais sozinha.

Nos últimos meses, depois de concluir a faculdade, Fabiana arrumara um emprego e começara a dividir um apartamento com mais duas amigas.

— Sílvia, escuta... Não tem problema. Pode vir quando quiser. Eu tô aqui.

Suspirei, aliviada.

— Chego amanhã.

— Por Deus, Sílvia, o que tá acontecendo?

— A gente conversa quando eu chegar.

Desliguei o telefone

Foi tudo muito rápido. Em poucas horas, o Ranger e a Pietra me deixavam na rodoviária. Pietra foi totalmente contra a minha viagem, e o Ranger não entendeu nada muito bem, já que ainda não sabia da gravidez. Durante todo o trajeto, ela tentava me acalmar, enquanto o marido a olhava de soslaio, tentando sem sucesso entender o que acontecia. Eu ainda tremia de medo e raiva, mas não contei à minha amiga sobre as ameaças, apenas disse que precisava sair da cidade.

Eu sentia que estava em perigo. Que meu filho corria risco e, por isso, não pensei duas vezes antes de ir embora. Estava decidida a procurar o Henrique, sentia que devia contar a ele sobre a minha gravidez, mas isso não aconteceria naquele momento.

Sim, eu estava fugindo.

Desde a visita do Enzo, eu ficara paranoica. Sabia que ele seria capaz de fazer qualquer coisa para manter o Henrique por perto, e isso incluía tirar o filho que eu esperava do caminho. E eu não deixaria que isso acontecesse. Nem que tivesse que mantê-lo longe de todo mundo.

HENRIQUE

Três meses haviam se passado desde que eu deixara a cidade para realizar o curso de mecânica. Carlito estava melhor de saúde, por isso fiquei tranquilo quanto aos trabalhos na oficina. De vez em quando ligava para ele para saber se estava tudo bem e ouvia reclamações sobre quanto eu fazia falta. Era muito bom, porque me animava a voltar para casa, coisa que não sentia havia um tempo. Falava com meu sócio mais do que com meu pai, para quem ligava apenas para saber como estava a saúde. Parecia que o novo coquetel de medicamentos estava fazendo efeito, e isso era bom. Talvez o velho ganhasse mais alguns anos de vida.

Não resisti e tentei falar com a Sílvia. Mandeí mensagem e liguei, mas não tive resposta. Cogitei saber notícias dela através do Ranger e da Pietra, mas, no fim, deixei a ideia de lado. Achava que estava dando o tempo que era necessário.

O curso foi muito mais do que eu esperava. Era a primeira vez que eu estudava algo de que gostava. Que me fazia bem. Sem contar que, enfim, eu teria uma profissão da qual me orgulhasse. Porém, nos últimos dias, começara a pensar no que faria com a minha vida pessoal. Algumas opções dançavam na minha mente, mas nenhuma delas me deixava completamente satisfeito. Com todas eu me sentia incompleto, porque ainda não esquecera a Sílvia. Era muito difícil lembrar dela e de todos

os momentos que havíamos passado juntos sem me sentir triste. É engraçado pensar que passei boa parte da minha vida sem saber o que era estar apaixonado. E, agora que conhecera esse sentimento, tudo que desejava era que ele desaparecesse da mesma maneira que havia surgido.

Viajei por quase oito horas até chegar à fazenda. Dirigi o mais devagar que pude. Estava protelando minha volta para casa, essa era a verdade. Tinha receio do que me esperava. Como não podia ir para a minha antiga casa, já que havia sido alugada, liguei para o Rodrigo e fui direto para a casa dele. Queria um tempo, só para pensar no que faria daquele momento em diante. E sabia que não conseguiria raciocinar direito com o meu pai por perto.

— Caramba! Achei que você não voltava — disse Rodrigo.

— Eu disse que voltaria.

Mal nos cumprimentamos e, assim que entrei, ele me ofereceu uma cerveja. A casa do meu amigo, ao contrário da minha, era um poço de organização. Isso desde a faculdade. Nem sei como conseguíamos dividir apartamento.

— Como andam as coisas por aqui?

Ele deu de ombros.

— Agitadas.

Bem, aquilo era novidade. *Agitada* não era bem o adjetivo que descrevia a nossa cidade.

— A Girassol andou mudando as coisas por aqui. Muitos funcionários chegando para trabalhar no Creg e se instalando nas redondezas.

Meu abdômen se contraiu e engasguei com a cerveja. Falar na Girassol era o mesmo que trazer a Sílvia direto dos meus pensamentos para a realidade. Queria perguntar por ela, se ele a

tinha visto com alguém. Tremi só de pensar na possibilidade. Acho que, diante de tudo que me esperava, esse era o meu maior medo: saber que três meses longe foram suficientes para que a Sílvia me esquecesse de vez. Sentia-me amargurado e, se ouvisse isso do Rodrigo, ficaria derrotado, porque não passara um dia sequer sem pensar nela.

Fiquei mudo e Rodrigo percebeu que eu não estava bem.

— A Sílvia...

— Não sei se quero saber.

Eu o interrompi.

— Mas precisa.

Fiquei preocupado, ele falava como se tivesse acontecido alguma coisa. Larguei a cerveja na mesa, porque eu tremia. Dependendo do que ele me falasse, ela se quebraria junto comigo.

— Ela foi embora. Faz uns meses, mas fiquei sabendo só ontem. Você sabe, fiquei fora por um tempo por causa das montarias do circuito — explicou.

De todas as coisas que haviam passado pela minha cabeça, essa era uma notícia que eu não esperava. A culpa me abateu e, mesmo sem saber o que de fato havia acontecido, com certeza tinha a ver com tudo que vivemos. A Sílvia nunca abandonaria o projeto do Centro de Reabilitação sem um motivo muito forte. Não, aquilo só podia ser um mal-entendido.

— Como foi embora? Quem te contou?

— O Ranger.

Levantei depressa. Se fora o Ranger quem contara aquilo para o Rodrigo, era verdade. Ela havia ido embora mesmo. Tinha me deixado.

No fundo, eu ainda tinha esperança. Um pequeno fio que me

mantinha preso a ela. Era ínfimo, mas era o que me ajudava a ficar de pé. Agora eu não tinha mais nada, porque a ilusão que alimentava havia partido com a Sílvia.

— Preciso ir — falei, sem ao menos olhá-lo.

Atravessei a sala a passos largos e o Rodrigo me seguiu, dizendo palavras que eu não era capaz de compreender. Meu estômago queimava e eu mal conseguia respirar. Precisava de alguma informação. Minha cabeça dizia que tudo tinha acabado, mas meu coração insistia em afirmar o contrário, como se soubesse que algo ainda nos ligava. Que alguma coisa estava por vir.

— Puta que pariu, Henrique! Quer me escutar?

Entrei na caminhonete e dei partida com destino à Girassol. Sabia que a Pietra me receberia com dez pedras na mão, já que desde o início ela deixara claro que a Sílvia era como uma irmã para ela, mas eu estava disposto a ser apedrejado se preciso fosse.

No caminho, liguei várias vezes para a Sílvia, mas todas as tentativas foram em vão.

— Droga! Caixa de mensagem mais uma vez! Henrique, sua anta — gritei, amaldiçoando a mim mesmo. E eu que achara que o tempo longe me ajudaria. *Ajudou mesmo*, mas foi a aumentar a merda que havia feito.

Joguei o celular no banco do carona, frustrado e indignado comigo mesmo. Como fui tão burro? Como não havia percebido que não a esqueceria? Como pude não insistir? Devia ter rastejado e me jogado aos pés dela para implorar seu perdão. Fui orgulhoso demais. No fundo, achei que a Sílvia tinha que ter me dado uma segunda chance, mas esquecera que essa chance já havia sido dada quando eu fingi que não a conhecia.

Foi quando magoei a Sílvia pela primeira vez. Ela estava certa em se manter longe de mim. Às vezes, eu mesmo queria esquecer quem eu era, não a culpava por isso.

Quinze minutos mais tarde, eu chegava à fazenda. A caminhonete derrapou no cascalho da entrada. A Girassol estava muito diferente da última vez. Várias construções ficaram prontas, e outras estavam em estágio final. Cavalos eram puxados em direção a um grande cercado, onde eram aguardados por algumas crianças.

O Centro de Reabilitação já estava funcionando.

— Henrique. — Ouvi meu nome sendo gritado ao longe.

Era o Lucas, que caminhava até mim. O grande chapéu que usava mal me deixava ver seu rosto, mas era ele. Não esperei que me alcançasse e caminhei ao seu encontro.

— O que houve com a Sílvia?

Ele parecia espantado e confuso com a minha pergunta.

— Ela foi embora.

— Disso eu sei, mas por quê?

Ele tirou o chapéu e coçou a cabeça, nervoso. E eu estava perdendo a porra da paciência.

— Cara, eu não sei mesmo. — Havia algo errado nele. Ranger era um cara que não sabia mentir. Sempre ficava nervoso diante de situações que o obrigavam a tomar certas atitudes. — Ela simplesmente se foi.

Não acreditava nele, mas também sabia que, se estava escondendo algo, seria quase impossível de arrancar a verdade.

— Posso falar com a Pietra?

— Ela tá no escritório, mas não posso garantir que você vai sair inteiro, se entrar lá.

Eu não tinha tempo para aquele jogo. Caminhei em direção

ao escritório.

A porta estava aberta e, assim que me viu parado na entrada, Pietra me olhou com fúria. Os olhos dela me encarando eram a confirmação do que eu pensava: Sílvia havia ido embora por minha causa. Ficamos nos encarando por um tempo, em silêncio. Ela sentada, atrás da mesa. Eu parado na porta, como um idiota.

— Tá fazendo o que aqui? — Pietra quebrou o silêncio.

— Preciso de notícias da Sílvia.

Dei alguns passos entrando na sala.

— Eu não sei de nada.

Voltou a encarar os papéis sobre a mesa como se eu não estivesse ali. Eu estava desesperado, ela com certeza havia percebido, mas pouco se importava com o meu estado.

— Mentira! — berrei. Já fazia um tempo que eu tinha perdido a paciência.

Pietra se levantou. A raiva que antes estava em seus olhos agora fazia todo o seu corpo tremer.

— Eu não sei, de verdade, seu merda. Ela saiu daqui destruída. A Sílvia não disse o que tava acontecendo. Minha amiga apenas fez as malas e foi embora. Não sei pra onde foi. Faz semanas que eu procuro por ela. Tento descobrir seu endereço. Até na casa da irmã dela eu fui, mas nem sinal. E a culpa de tudo isso é sua, seu imbecil de merda. Então dá o fora daqui antes que eu quebre essa sua carinha bonita.

Engoli em seco, perdendo por um instante o fôlego.

O que Pietra dizia não tinha lógica. Sim, eu tinha magoado Sílvia, mas se minhas desconfianças em relação ao Jorge fossem o motivo de sua partida, por que ela o fizera quase dois meses depois? Era isso que eu não compreendia. Algo tinha

acontecido, e minha intuição dizia que era algo sério, porque a Pietra parecia estar sendo sincera. Se Sílvia tinha partido sem dar uma explicação para a melhor amiga, tinha algo de muito errado nessa história.

— Olha, eu sei que fiz merda...

— Pelo menos você não é burro. — Ela sorriu, sarcástica.

— Quer baixar a guarda e me escutar?

Ranger entrou no escritório, sabia que aquela conversa não acabaria bem. Porém, ao invés de ficar ao lado da mulher, postou-se ao meu lado, esperando o momento em que Pietra pularia em mim e cortaria minha artéria com um canivete cor-de-rosa cravejado de cristais.

Ela bufou, mas ficou em silêncio enquanto eu falava.

— Só quero falar com ela. Apenas isso. Vocês mais do que ninguém sabem o quanto podemos fazer burradas nessa vida, mas também sabem que devemos lutar por aquilo que queremos. Eu quero a Sílvia, Pietra. Nunca quis tanto alguma coisa como quero a minha Morena. Achei que esse tempo longe fosse necessário, mas já estava disposto, mesmo antes de sair daqui, a procurar a Sílvia quando eu voltasse. E implorar por perdão, se fosse preciso.

Joguei baixo. Usei a história dos dois contra eles mesmos, mas não me importava. Tudo valeria a pena se me trouxesse Sílvia de volta.

Lucas e Pietra se entreolharam, como se estivessem discutindo sem dizer uma única palavra. Eu estava no meio dos dois, como um telespectador do diálogo silencioso que poderia mudar minha vida.

— Não é tão simples — respondeu Pietra, sentando-se de novo, um pouco mais calma. *Só um pouco mais calma!* — Tem

mais coisas em jogo que não cabem a mim dizer. — Abaixou a cabeça, demonstrando tristeza. — Eu não sei mesmo onde ela tá, Henrique. A Sílvia trocou de telefone, a irmã se mudou, ela entregou a casa e abandonou o projeto. Tudo que tenho dela é uma carta de despedida e o e-mail, que ela não responde.

— Por favor, o e-mail já serve. Preciso de qualquer contato — implorei.

Foda-se! Aquilo era melhor que nada.

Pietra olhou mais uma vez para o Ranger e ele balançou a cabeça. Acho que compreendia o meu desespero. Sabia o que era perder alguém que amava. Tinha passado por aquilo fazia alguns anos. Na época, achava que ele era um idiota por sofrer tanto, mas agora entendia bem pelo que havia passado. Eu estava desesperado.

Pietra rabiscou algo em um papel e me entregou.

Era o e-mail da Sílvia. Um novo e-mail.

Sorri para aquele pedaço de papel mesmo que ele não significasse muita coisa. Mas, como já disse, era melhor do que nada.

Lucas pousou a mão em meu ombro, observando enquanto eu fitava as letras no papel.

— Se soubermos de alguma coisa, te avisamos. — Ele foi solidário com a minha situação.

Pietra resmungou alguma coisa que não consegui entender. E talvez nem quisesse. Algo me dizia que não eram palavras bonitas.

— Não vai fazer nenhuma burrada — aconselhou o Ranger.

Sabia que os dois estavam me escondendo algo. Apesar de achar que me diziam a verdade sobre desconhecer o paradeiro dela, sentia que ocultavam o real motivo da partida da Sílvia.

Ela estava sofrendo tanto quanto eu, o que me deixava ainda mais desesperado. Seja lá o que tivesse afastado Sílvia de mim, eu tinha que descobrir o mais rápido possível.

HENRIQUE

De: Henrique Montolvani

Para: Sílvia Lima

Estou ficando maluco de tanto falar sozinho em frente ao computador. Acho que esse é o centésimo e-mail que te mando em três meses. Confiro minhas mensagens pelo menos dez vezes ao dia, esperando a hora em que você vai me responder, em que dará uma chance de eu me explicar, de pedir perdão. Só queria dizer que nunca te esquecerei. A Pietra também está sem chão com a sua partida. Queria ao menos que dissesse o motivo da sua decisão. Talvez, assim, eu e a sua melhor amiga consigamos seguir em frente.

Beijos com amor,

Seu Galego

Fechei o notebook depois de enviar mais um e-mail. Cada um deles que ficava sem resposta matava um pouco mais as minhas esperanças. A expectativa de um dia reencontrá-la se esvaía pouco a pouco e me deixava apenas com um grande vazio.

Todas as manhãs, eu olhava minha caixa de entrada. Então escrevia um novo e-mail para ela, que às vezes enviava, às vezes apagava. Tomava banho, comia alguma coisa e ia para a oficina.

Fiquei um bom tempo sem fazer nada além de trabalhar, mas tentei me distrair nas últimas semanas. Fui ao Taurus, levei a Carol para assistir uma montaria do Rodrigo e saí com alguns amigos para beber e jogar truco. Eu tentava me readaptar à antiga rotina, socializar como antes, mas sempre acabava voltando para casa, frustrado e sozinho.

— Acordou com as galinhas? — perguntou meu pai.

Nosso relacionamento não era dos melhores, mas também não podia dizer que era o inferno de antes. Tinha que admitir que meu pai estava se esforçando.

— Tenho algumas coisas para resolver antes de abrir a oficina.

Ele não demonstrava muito entusiasmo quando o assunto era o meu trabalho, mas pelo menos não estava mais pegando tanto no meu pé. Sua saúde havia se estabilizado e a Pâmela dizia que isso era resultado da minha volta para casa. Mesmo que não tivesse a intenção, ela depositava aquele fardo sobre as minhas costas. Como se, a qualquer vacilo meu, eu pudesse matar meu pai. A sensação era de caminhar sobre ovos o tempo inteiro. Não queria mais carregar essa responsabilidade. Ela não era minha. Nunca fora. Mesmo que meu pai insistisse em me culpar por tudo.

— Você volta para jantar?

Dei um último gole no suco que tomava e respondi.

— Não sei.

Meu pai desviou os olhos para o prato sobre a mesa e resmungou algo que não entendi. Em geral, nossas conversas eram curtas. E quase não nos víamos. A vida inteira fora assim, eu me arriscaria a dizer. E, com o tempo, nos transformáramos em apenas dois estranhos que carregavam o mesmo sobrenome. Havia muitas feridas que o tempo não poderia curar.

— Preciso ir. — Levantei da mesa e saí sem olhar para ele.

Apesar de a minha rotina ser metódica, naquela manhã eu tinha um encontro especial. De vez em quando, compartilhávamos a saudade e nos apoiávamos.

Estacionei a caminhonete em frente à padaria e a encontrei

sentada em uma mesa. Os cabelos castanhos estavam amarrados em um rabo de cavalo que combinava perfeitamente as roupas que vestia. A patricinha se tornara uma potranca, não dava para negar. Calça jeans, camisa xadrez e botas. Nada lembrava a Pietra que chegara na cidade havia alguns anos.

— Oi, gatinho! — Talvez ainda restasse um pouco da antiga Pietra.

— Você está cada vez mais gostosa.

— Se o Ranger te ouvir dizer isso, ele arranca suas bolas e dá pras galinhas comerem.

Apesar das nossas provocações, eu e a Pietra tínhamos nos tornado bons amigos. Ficamos ainda mais próximos com a partida da Sílvia e, apesar dos nossos encontros terem se tornado frequentes, o Ranger não tinha com o que se preocupar. Eles confiavam suas vidas um ao outro, como tinha que ser em uma relação. Algo que eu não tivera tempo de aprender.

— Vai comer alguma coisa? — perguntou Pietra.

— Não, obrigado.

Sílvia era sempre o tema das nossas conversas.

— Ela me respondeu.

Eu me surpreendi, Sílvia quase nunca respondia à Pietra. E, quando fazia, era muito sucinta, apenas poucas palavras dizendo que estava bem.

Fiquei em silêncio, esperando que me dissesse algo novo. Que Sílvia tivesse mandado um endereço ou pelo menos um telefone, mas, pelo olhar da Pietra, o e-mail não tinha trazido boas notícias.

— Pediu pra você parar de procurá-la. Disse que você tem que seguir com a sua vida, porque ela seguiu com a dela.

Foi como se eu tivesse levado um soco no estômago. Sílvia

nunca havia tocado no meu nome nos e-mails anteriores. Era como se ela estivesse me matando de uma vez por todas. Tive vontade de gritar, nunca pensei que sentiria tanta dor ao ouvir aquelas palavras. No fundo, ainda não estava preparado para dizer adeus.

Pietra alcançou a minha mão sobre a mesa e a tocou com carinho. Estava petrificado. Não conseguia reagir.

Era o fim!

— Sinto muito, Henrique. Queria que fosse diferente. Queria... — Ela engoliu as palavras.

— Você tá me escondendo alguma coisa, não tá? — questionei, porque sempre tinha aquela sensação quando nos encontrávamos. Como se as palavras dançassem em sua boca, prontas para saírem, mas em seguida Pietra as engolia e me deixava em um profundo abismo. — Você é tão transparente quanto o apelido idiota que o Lucas te deu, Cristal.

Ela sorriu, triste. Já tinha tentado arrancar a verdade dela, mas a Pietra sempre se esquivava dizendo que era coisa da minha cabeça. Porém, vendo o meu desespero, ela resolveu falar, o que não adiantou muita coisa, apenas fodeu ainda mais com a minha cabeça.

— Queria muito poder te contar, Henrique, de verdade, mas eu não posso. Esse segredo não é meu, e acredito que a Sílvia ainda vai revelar no momento certo. O que me separou do Lucas quase que para sempre foi um segredo contado na hora errada, pela pessoa errada. Nós quase morremos depois disso, e eu não quero ser a pessoa que fará isso com vocês.

Fiquei mudo diante da sua revelação. Eu sempre soubera que havia algo. A Sílvia não deixaria tudo para trás por causa da minha infantilidade. Mas também sabia que a Pietra era fiel à

sua amizade e não me contaria nada.

— Eu sei. — Tentei tranquilizá-la, via em seu rosto que ela também sofria. — Além do mais, isso não faz diferença. — Levantei da mesa e a Pietra me acompanhou com o olhar. — Acho que a Sílvia tomou a decisão dela.

— Henrique... Eu... eu... sinto muito.

Caminhei até ela e beijei sua testa. Ela tinha sido uma grande amiga. Agora entendia por que o Ranger movia céus e terras por sua Potranca.

— Você é única — disse, com todo o carinho que sentia por ela.

Os olhos nublados de Pietra me acompanharam até a caminhonete. Antes de ligar o veículo, eu acenei para ela, que enxugava as lágrimas.

Dirigi até a oficina com as palavras da Pietra martelando a minha cabeça. Era como se ouvisse a Sílvia pronunciar cada uma delas, repetidas vezes.

Sentia que não havia lugar para mim no mundo. Os golpes que a vida me dera eram duros, um seguido do outro, sem intervalo. Eu não chorava. Não conseguia. As lágrimas que inundavam meu coração simplesmente não saíam.

Tentei extravasar a tristeza trabalhando. Assim que cheguei à oficina, Carlito me informou que duas fazendas precisavam da minha visita. Aquilo era bom, muito bom. Desde que fizera o curso de manutenção de máquinas agrícolas, vinha pulando de fazenda em fazenda, o que me rendia um bom dinheiro, de longe eram nossos melhores clientes. Estava guardando tudo. Não sabia muito bem para quê, porque tinha a sensação de que estava fadado a morrer naquela cidade. Sozinho e amargo, assim como o meu pai.

— Ah, mas não vai mesmo.

— Pâmela, eu já disse: não sou boa companhia hoje.

Quer dificuldade maior que convencer uma mulher a deixar de fazer alguma coisa?

Desde que havia chegado do trabalho, ao entardecer, que a Pâmela me azucrinhava. A noite na cidade seria movimentada, a Raquel tinha organizado a festa Agroviola. Pâmela estava louca para que eu a acompanhasse, mas eu não tinha ânimo nenhum, ainda mais depois da minha conversa com a Pietra pela manhã.

— Por favor, Rique. Por favorzinho. Minhas amigas todas estão namorando. Vou ficar de vela a noite toda se você não estiver por lá.

Eu me joguei na cama e tapei os olhos com o braço, tentando inventar uma desculpa para desligar sem ser grosseiro. Pâmela tinha se mostrado uma excelente amiga, e eu não queria magoá-la.

— O.k.! — disse a contragosto.

— Uhullll! — gritou, eufórica.

Combinamos o horário em que eu a buscaria e desliguei o telefone.

Por que tinha um pressentimento de que ir para a balada daria merda? No mínimo era porque quase tudo na minha vida tinha o mesmo fim.

No horário combinado, fui buscar a Pâmela. A fazenda do pai dela não ficava muito distante, cerca de meia hora de carro. Assim que parei a caminhonete, Pâmela saiu pela porta. Não tinha como não reparar na sua beleza, naquela noite mais do que nunca. Os cabelos estavam mais claros e mais longos, envolvendo o rosto com cachos que desciam até o meio das costas. Ela usava um shorts jeans desfiado na barra, botas pretas

que iam até o meio das coxas e uma camisa branca colada no corpo. Achei que já estava linda o suficiente, mas então ela levantou o dedo indicador pedindo um minuto e, quando voltou, vestia um colete preto sobre a camisa.

— Vai se candidatar a rainha do rodeio?

— Idiota! Não bastava dizer que me achou bonita?

Senti uma pontada de culpa, porque era exatamente aquilo que tinha achado: que ela estava deslumbrante e muito gostosa, mas tinha medo de que o elogio soasse como uma cantada. Aceitara que Sílvia havia seguido sua vida, mas ainda não estava preparado para fazer o mesmo com a minha.

Não respondi e a Pâmela entrou na caminhonete contrariada. Como era difícil agradar uma mulher!

— E esse cabelo? — Eu tentei aliviar o clima.

— Gostou? — perguntou, enrolando uma mecha no dedo. — Paguei caro por eles.

Pâmela riu. Pelo menos, ela não ficara magoada.

— Você está muito bonito — disse, fitando a camisa polo azul-marinho que eu vestia.

Dei de ombros, sem me importar muito.

Chegamos ao Taurus e percebi que a noite seria animada. Pâmela entrou no bar dando pulinhos, cumprimentado todo mundo e, claro, arrastando olhares por onde passava. Ela segurava minha mão e me puxava entre as pessoas. Assim que cheguei ao bar, vi a Raquel conversando com o Conrado. Notei um clima diferente entre eles. Conrado sorria de forma ostensiva e ela piscava com malícia para ele. Não contive o sorriso, já havia entendido tudo.

Aproximei-me do Conrado e dei um tapa nas suas costas, pegando-o de surpresa.

— Filho da puta... — Em seguida, ele se arrependeu. — Sua mãe não tem culpa.

Fechou a cara e eu sorri mais ainda.

— Tá pegando?

Me virei para Raquel, que agora estava do outro lado do bar, mas não deixava de olhar em nossa direção.

— Não sei do que tá falando. — Ele deu um gole em sua cerveja, mas pude notar o meio sorriso que escapou. — Acho que é ela que tá me pegando — disse, em voz baixa, como se fosse um segredo.

— Cara esperto! — respondi, observando a Raquel, que estava linda como sempre. Acho que ele percebeu que eu admirava a beleza de sua morena, pois logo se irritou.

— Henrique, se manda. Olha lá a Pâmela. Metade do bar está dando em cima dela e você aqui, enchendo meu saco. Vai cuidar da princesinha do rodeio, vai.

Pâmela conversava com uma amiga enquanto quatro ou cinco caras a rodeavam como se fossem urubus em volta da carniça. E o que eu senti ao ver a cena foi estranho. Eu queria protegê-la deles, mas não era ciúme. Era como se eu me visse em cada um deles, e sabia exatamente o que eles queriam dela. Pâmela não parecia estar a fim de sexo sem compromisso, pelo menos não era isso que me dizia em nossas conversas, então eu me senti na obrigação de ir ao seu encontro.

Vendo minha reação, foi a vez do Conrado sorrir.

— Aproveita a vida, Henrique.

Enquanto caminhava até a Pâmela, a música mudou e passou para o romantismo do country americano.

Apenas peguei Pâmela pelo braço e a arrastei para o meio do salão. Ela me olhava sem entender porra nenhuma. Colei meu

corpo ao dela e começamos a dançar agarradinhos. Ela não disse nada, apenas seguiu meus passos. Ficamos assim até a música terminar. Pâmela levantou os olhos e me fitou com intensidade. Eu via tantas esperanças e possibilidades neles. De repente, ela levantou o rosto e aproximou os lábios dos meus. Podia sentir o ar saindo de sua boca, o perfume de bala de menta misturado com o cheiro de cerveja. Minhas mãos cravadas em sua cintura a seguraram com ainda mais força. Eu duelava com os meus sentimentos: amor e tesão. Que droga de decisão mais difícil. Minha cabeça dizia para deixar o beijo acontecer, mas eu não conseguia fechar os olhos e apenas sentir o que estava por vir. Havia uma trava que me prendia. Virei o rosto e senti as mãos da Pâmela caírem dos meus ombros.

— Desculpa — pedi.

— Tudo bem. — Ela sorriu com tristeza.

Nos separamos e voltei para o bar. Eu ainda não tinha bebido nada e precisava com urgência de algo que pudesse me acalmar. Sentei no balcão e não saí de lá por um longo tempo, bebendo uma cerveja atrás da outra, como se fosse água.

Algumas pessoas se aproximaram, puxando conversa, mas eu respondia monossilábico. *Aham! O.k.! Certo! Pode ser!* Raquel me advertiu, dizendo que estava bebendo mais do que deveria. Respondi que ela era a única dona de bar que se preocupava com a quantidade de bebida que seus clientes consumiam. Ela não estava sendo muito profissional. Afinal, quanto mais bebidas vendidas, mais dinheiro no bolso.

— Não quero saber do seu dinheiro. Me importo mais com o fato de que um cara que considero meu amigo tá tentando afogar todas as mágoas em uma garrafa de cerveja. E isso é uma merda fodida, mas ele não percebe. Então eu tô te dando um

conselho de amiga, não de proprietária do Taurus. PARA ESSA MERDA AGORA!

No momento em que ouvia Raquel, minha cabeça tombou sobre o balcão. Não sabia quantas cervejas tinha bebido, mas era o suficiente para me deixar anestesiado. De repente, senti uma mão sobre o meu ombro. A Pâmela estava ao meu lado.

— Tudo bem, Raquel. Vou levar ele pra casa.

Acho que ela tinha escutado a conversa. Não questionei, achei que voltar para casa seria uma boa ideia. Não queria que a cidade inteira comentasse o quão patético eu era, pois era exatamente assim que estava agindo: como um perfeito idiota.

Paguei a comanda e saí, seguindo a Pâmela. Raquel nos observou até a saída. Dei um aceno quando cruzei a porta e recebi uma piscadela de volta.

O trajeto até a fazenda foi feito em total silêncio. Pâmela não comentou sobre nosso quase beijo.

Ela dirigia com segurança, conhecia bem a estrada.

— Vai embora com a minha caminhonete — disse, quando chegamos. Sentia-me entorpecido, mas ainda tinha consciência do que falava.

— Vou te deixar lá em cima — respondeu, ao me ver tropeçar nas próprias pernas.

Era ridículo que ela me visse naquele estado. Era vergonhoso agir daquela forma. Era dolorido me sentir um derrotado.

Pâmela me levou até o quarto. Sentei na cama e achei que tudo ficaria bem, mas percebi que ela estava sentada ao meu lado. Abri os olhos e a observei.

— Eu queria aquele beijo. Queria mais que tudo. Sonhei com ele por meses. Eu ainda quero.

— Desculpa... Eu... — Eu não sabia o que responder.

Ela se aproximou mais e sentou no meu colo. Queria protestar, mas não conseguia.

— Por favor... — pedia, enquanto passava os lábios no meu rosto e pescoço, beijando cada centímetro da minha pele. — Eu sei que posso te fazer feliz. Me dá uma chance, Henrique?

— Eu não...

— Shhhhh... — Ela tocou com um dedo a minha boca, impedindo que eu falasse. — Apenas deixa acontecer.

Fiquei mudo, porque o fato de ter que seguir em frente incluía me entregar de novo a outra mulher. Achei que conseguiria. Permaneci imóvel enquanto ela tirava o colete e a camisa. Deixou exposto o sutiã de renda, que encobria os pequenos seios. Não demorou muito para que ela o tirasse, exibindo sua pele branca e os mamilos rosados. Não contive o gemido rouco. Fazia muito tempo que não estava com uma mulher e era impossível não sentir tesão pela Pâmela.

Minhas mãos viajaram até sua cintura, segurando-a contra meu pau, que já estava duro. Puxei seus cabelos e beijei seu pescoço, sentindo todo o perfume que emanava dela. Pâmela gemeu, esfregando-se em mim e me deixando ainda mais excitado. Fechei os olhos e comecei a viajar nas sensações que ela me fazia sentir. *Como sentira falta de sexo!* Porém, quando voltei a abri-los, não via mais a Pâmela na minha frente. Era a Sílvia quem estava ali. Podia sentir seu cheiro. Ela tirou minha camiseta e eu deixei, ansiando por seu toque. Tremi de saudade. Não via a hora de tê-la mais uma vez, então a levantei, trocando de lugar com ela. Com a *Sílvia* na cama, tirei as botas e depois o shorts que ela usava. Desabotoei minha calça e fiquei só de cueca. Fitei seu sorriso e me perdi nas labaredas dos seus olhos.

Estava em casa, ela era a minha casa.

Abri suas pernas e fiquei de joelho entre elas. Sua respiração ofegante tomava todo o ambiente. Cravei os dedos em sua cintura e minha língua viajou por seus seios, lambendo da forma que ela amava. Meu pau, ainda dentro da cueca, esfregava-se em sua boceta, desejando se enterrar inteiro nela. Ela suspirava, chamava meu nome, pedia por mais.

Fechei os olhos e senti a adrenalina tomar conta de mim. Porém, quando os abri, a lembrança de Sílvia se desfez como fumaça, deixando Pâmela nua na minha cama. No mesmo instante, meu corpo enrijeceu e não consegui mais me mover. A culpa do que estava prestes a fazer se abateu sobre mim.

— Não consigo. — Fui sincero.

Pâmela sentou, olhando-me com surpresa e decepção.

— Mas estávamos... quer dizer... você estava prestes a...

Podia sentir a raiva em sua voz. Como se um sentimento dúbio tomasse conta dela. Pâmela sabia que ainda era difícil para mim, mas nenhuma mulher gostava de ser rejeitada.

— Porque eu estava pensando nela. — Cravei o último prego que poria um fim nas esperanças da Pâmela. — Não quero pôr a culpa na bebida, eu sabia bem o que estava fazendo. Você não merece isso.

Alcansei sua camisa para que ela se cobrisse. Pâmela cruzou as pernas sobre a cama, escondendo o corpo. Vi as lágrimas descenderem em seu rosto e me arrependi por ter ido tão longe. Eu queria seguir em frente, queria esquecer tudo, mas o lugar que a Sílvia ocupava no meu coração mulher nenhuma conseguiria ocupar.

— Tenho inveja e raiva dela. Inveja por ter sido a única a despertar o amor que existe em você, e raiva por ela ter te deixado para trás. Ela desperdiçou a chance pela qual eu lutaria

com unhas e dentes. Ela se foi sem pensar em como você ficaria.

— Ela teve seus motivos — disse, e Pâmela bufou. — Não quero perder a tua amizade. — Eu realmente não gostaria que ela se afastasse.

Pâmela sorriu. Um gesto que iluminou todo o seu rosto.

— Não vai. Pelo menos não agora.

Entendia o que ela queria dizer. Uma hora ela partiria, e eu não sabia se estava preparado para viver a solidão mais uma vez.

— Dorme aqui. Vou tomar um banho para melhorar a bebedeira e durmo no quarto de hóspedes.

Levantei e dei um beijo em seu rosto.

Quando caminhava em direção à porta, ouvi um risinho abafado. Voltei meu olhar para a cama e peguei Pâmela me encarando com uma expressão maliciosa.

— Você tem uma bundinha bem gostosa.

Foi então que me dei conta de que estava apenas de cueca.

— Você é uma sem-vergonha.

Ela sorriu e eu deixei o quarto, ainda pensando na merda de noite que havia tido.

SÍLVIA

A cada e-mail que recebia da Pietra era como se algo gritasse dentro de mim: COVARDE! COVARDE!

Talvez eu fosse mesmo. Talvez a Sílvia que vivia dentro de mim estivesse certa, porque ela insistia em dizer que eu deveria ter contado tudo ao Henrique. Uma parte de mim me condenava por ter fugido sem olhar para trás.

Todos os malditos dias, desde que havia deixado a Girassol, sentia o sentimento de fracasso me dominar. Era uma dor contra a qual lutava o tempo todo, tentando superá-la. Sensação dúbia, de quem fez a coisa certa, mas ainda sente como se tivesse perdido uma parte da sua vida com a decisão. A verdade era que realmente havia perdido, porque meu coração nunca mais seria o mesmo.

Senão fosse pelo Davi, eu teria repensado minhas decisões.

Como se pressentisse que falava dele, meu ventre se alongou em um pequeno movimento que me tirou o ar. Levei as mãos à barriga e um sopro de esperança dominou o meu corpo. Meu filho.

No dia em que descobrira que era um menino, havia sentido uma emoção indescritível. Meu mundo se tornara um pedacinho do céu, e a alegria tomou conta de mim. Claro, existem dias, assim como hoje, em que desejo que tudo seja diferente, mas aceitei que fiz o que estava ao meu alcance. Davi

era o meu coração e por ele eu seguia respirando. E ele também era um pedaço do Henrique que vivia em mim. A prova do amor que havíamos compartilhado.

Sente falta do Henrique?

Ele está destruído.

O comentário da Pietra no final do e-mail trouxe lágrimas aos meus olhos e dúvidas ao meu coração. Imaginei como seria sua reação ao saber que seria pai de um menino. Como seria nossa vida se tudo fosse diferente. Sempre tinha sido muito corajosa diante dos problemas que a vida me trazia, mas apesar de encarar a luta e brigar pelos meus direitos, já não podia pensar apenas em mim. Sabia que podia prestar queixa contra o Enzo, processá-lo, ir à justiça. Eu sabia exatamente o que fazer e como fazer, mas acontece que nada protegeria o meu filho. Nada que eu fizesse iria deixá-lo em segurança. Pelo contrário, todas as ações que eu tomasse poderiam recair sobre ele. Por isso fugir foi a melhor escolha. Engana-se quem acha que fugir é o caminho mais fácil, mais curto.

Ele deve seguir a vida dele, pois eu já segui a minha.

Foi o que meus dedos digitaram, comandados pela razão, porque meu coração dizia o contrário. Ele gritava e sangrava pelo homem que aprendera a amar em tão pouco tempo. Aliás, o tempo é insignificante diante da grandeza do amor.

Relacionamentos são caixinhas de surpresa. Talvez você abra e encontre um palhaço saltitante rindo para você — ou de você. Mas talvez um casal dance ao som de uma música linda e te faça acreditar que o amor ainda existe. Porém, não há como saber sem abri-la. Você só conseguirá descobrir se arriscar. Podemos passar a vida inteira ao lado de uma pessoa sem amá-la de verdade. Da mesma forma, podemos viver poucos

momentos e descobrir que eles foram suficientes para mudar nossa vida para sempre. Foi assim com o Henrique.

Depois de responder o e-mail da Pietra, reli algumas mensagens do Henrique. Foram várias nos últimos meses. Em algumas, ele parecia desesperado, em outras me pedia desculpas, mas, nas últimas, passara a mostrar sinais de que estava desistindo. Chorava com cada uma delas, mas no fundo sabia que era necessário. Se respondesse, daria falsas esperanças. Ficava me perguntando o que aconteceria com todo o amor que ele jurava sentir por mim. Acabaria? Se transformaria em ódio? Maior do que a dor que havia sentido com suas desconfianças seria a dor de ver algo tão bonito se transformar em ódio.

Ainda não me sentia segura o suficiente para contar a alguém o que havia acontecido. Às vezes, tinha a sensação de que estava sendo seguida. Era um medo meio louco, porque ninguém sabia onde eu estava, nem a Pietra. Tudo culpa daquele racista filho da puta.

Eu teria muito o que ensinar ao meu filho. Ensinar que o mundo podia ser cruel. Que ele poderia não conseguir muitas coisas só por causa da cor da sua pele. Mas também ensinaria coisas boas, como o valor da amizade, como não perder a fé diante dos obstáculos e como ser feliz, acima de qualquer coisa.

Eu também pensava em como responderia suas perguntas em relação ao pai. Como poderia incentivá-lo a lutar por seus direitos, se eu havia feito exatamente o contrário? Isso seria um grande problema, mas um problema com o qual eu lidaria mais tarde. O que importava era que eu fizera a escolha certa. Escolhera Davi e sempre o escolheria, frente a qualquer pessoa.

— Vinte e nove semanas, mana. Parece que foi ontem.

Sentia o mesmo que a minha irmã ao olhar para as imagens

que segurava em minhas mãos, um ultrassom que revelava o tamanho do meu filho. No início, era estranho, mas não demorou até que eu me acostumasse com a ideia de que um serzinho crescia dentro de mim.

Estava tudo bem com ele, apesar de tudo. No último mês, descobrira que estava com um leve descolamento de placenta. O médico disse que eu corria o risco de um aborto, e me desesperei. Lembrei do passado e de tudo que tinha enfrentado. Entrei em pânico e, se não fosse pelo apoio incondicional da minha irmã, acho que não teria conseguido seguir adiante. Desde o diagnóstico, eu tomava todo o cuidado, tentando segurar a gestação o máximo possível, pois queria evitar a todo custo um parto prematuro.

Assim que decidira me mudar da Girassol, pouco tempo depois da visita do Enzo, passei a morar com a Fabiana. Competente do jeito que era, logo depois de colar grau minha irmã conseguiu um bom emprego em uma indústria farmacêutica. Brinquei que estávamos vivendo uma situação oposta, pois era ela quem cuidava de mim agora.

No dia em que voltei, Fabiana me esperou na rodoviária. Eu me joguei em seus braços assim que a vi, deixando-me dominar pelo choro incontrolável. Minha irmã me consolou e me mimou. Nos mudamos do apartamento em que ela morava com as amigas e montamos a nossa casa. Usei minhas economias e, no início, consegui trabalhar em um centro de fisioterapia durante dois meses, o que fora quase um milagre, já que ninguém contrata gestante. Mas depois do diagnóstico de descolamento, parei de trabalhar.

— E o nome? — perguntou Fabiana, me trazendo de volta ao presente.

— Davi — respondi, e ela abriu um sorriso.

— É lindo!

— Sim, é. — Eu já o amava, e sabia que o significado não poderia ser mais perfeito. Davi, *aquele que é amado*.

Deitada no sofá do nosso pequeno apartamento alugado, eu observei minha irmã sentada no chão, olhando para a minha barriga. Deixei a pasta com o ultrassom de lado e passei a acariciar o ventre. Queria que meu pai estivesse ao meu lado. Queria que minha mãe estivesse segurando a minha mão. Mas eles não estavam. Ela perderia a oportunidade de ver o nascimento do neto. De conhecer esse amor que tinha certeza que seria único. Pensava muito nela durante a gravidez. Onde estaria? O que teria acontecido? Ainda estaria nesse mundo? Nunca recebemos uma única notícia. Ela desapareceu como fumaça.

— Ele deveria saber... — disse Fabiana. Acho que minha irmã notou minha súbita tristeza, porém errou ao deduzir o motivo. Pelo menos por um instante, eu não pensava no Henrique. — Ele não será como o Luiz.

Quando me entreguei ao Henrique, tentei esquecer o que o filho da puta do meu primeiro namorado havia me feito, mas, depois de suas desconfianças e insinuações, comecei a pensar que tudo seria igual. A única diferença era que eu sabia o que deveria fazer, e não me entregaria à dor de ser rejeitada, por mais que fosse difícil. Eu iria lutar, lutar pelo Davi.

HENRIQUE

Cheguei da oficina mais cedo do que de costume. Depois de pôr um carro para rodar e fazer reparos em uma colheitadeira, decidi que uma tarde de descanso não seria nada mal. Precisava de um tempo para mim. A verdade era que tinha duas alternativas para lidar com o sofrimento: ou me afogava no trabalho, ou no álcool. Pelo menos trabalhar me traria dinheiro, ao contrário do álcool, que só me arrastava para um buraco sem fundo. Por isso, estava trabalhando como um louco.

A prova de que beber poderia trazer consequências desastrosas tinha sido a noite em que saíra com a Pâmela. Apesar de dizer repetidas vezes que tudo havia ficado bem depois da nossa *quase foda*, ela se afastara de mim. Eu me sentia culpado e triste, pois sua presença sapeca me alegrava. Mas ela estava certa, enquanto eu não esquecesse a Sílvia, seria melhor que ela ficasse longe. Não queria machucá-la. Já bastava um coração partido nessa história toda.

Antes de entrar na caminhonete, apoiei os braços na porta e descansei por um momento. Meu corpo não conseguia acompanhar o ritmo da minha mente. Estava exausto! Escutei o celular tocando e retirei o aparelho do bolso. Era o Rodrigo.

— Ei, seu puto, você ainda tem aquelas varas de pesca?

— Tenho.

— Então vamos pescar.

Como ele tinha adivinhado?

— A Carol concordou com isso?

Não acreditei que ele tivesse conseguido aquele *vale-pesca* com tanta facilidade. Ciumenta como a Carol era, eu tinha certeza de que a pescaria havia custado muito caro ao meu amigo.

— Cara, melhor deixar isso pra lá e nem comentar, ou é capaz de ela mudar de ideia — gargalhou.

Tinha muito tempo que eu não fazia um programa como aquele, então não hesitei em aceitar o convite do Rodrigo. Passaríamos o fim de semana na beira do rio, bebendo e fingindo pescar. Excelente programa!

Assim que cheguei na entrada da fazenda, vi um carro diferente estacionado em frente à casa. Não sabia de quem era, então supus que meu pai estivesse recebendo alguém para uma reunião de negócios. Estranhei, porque o carro não era muito comum na região. Era um modelo esporte, pouco usado naquelas estradas. Ao chegar mais perto e ver a placa, tive a confirmação de que era mesmo de fora da cidade. Fiquei curioso para saber quem era o dono.

O carro me surpreendeu, mas fiquei ainda mais espantado com o homem que saiu de dentro de casa. Estava impecável de terno e gravata e apertou a mão do meu pai antes de passar por mim. Tinha um olhar duro, um semblante sombrio. Um arrepio tomou conta de mim e eu engoli em seco, sentindo um gosto amargo de medo. O homem não inspirava coisas boas, muito pelo contrário. Tive a sensação de que algo ruim estava para acontecer.

Meu pai me encarou, ainda na porta, e depois entrou. Sua expressão era indecifrável. O carro preto arrancou em direção à

estrada e eu fiquei parado, desconfiado.

— Tá pegando uma corzinha nesse sol? — eu me assustei com a voz do Conrado.

— Sabe quem é? — Apontei para o carro, que agora sumia na estrada.

— Sou apenas um gerente de campo, meu camarada. Desde quando entendo de carros luxuosos e caras engravatados? Só sei que não é a primeira vez que vejo ele por aqui. Faz uns meses que o coronel anda tendo reuniões com ele.

— Como nunca vi isso?

Conrado deu de ombros.

— É sempre à tarde, quando você tá trabalhando. Aliás, o seu Norton elogiou seu trabalho na plantadeira dele. Tá se dando bem, hein?

Conrado continuou falando, mas não prestei muita atenção. Aquele cara não me saía da cabeça. Não sabia por quê, mas algo me dizia que o velho estava aprontando. Ninguém mudava da água para o vinho tão de repente. Pelo visto, tudo que eu podia fazer a respeito era aguardar a bomba explodir.

Despedi-me do Conrado e entrei em casa.

Meu pai estava trancado no escritório, então fui direto para o meu quarto. Por mais que quisesse saber o que estava acontecendo, não queria falar com ele. Tinha receio de que, se me envolvesse em seus assuntos, acabaria atolado em todas as suas merdas.

Tomei um banho rápido e vesti uma das roupas mais velhas que tinha. Peguei uma mochila e pus algumas coisas dentro. Mandeí uma mensagem para o Rodrigo avisando que já estava de saída, e combinamos que o pegaria em casa.

Quando desci as escadas, vi meu pai. Apesar de o câncer não

ter progredido, a cada dia que passava ele aparentava estar mais velho. Os cabelos estavam mais brancos, as rugas mais visíveis, o andar mais difícil. Ele quase não saía mais de casa, delegando cada vez mais os serviços da fazenda.

— Tá tudo bem, pai? — perguntei.

— Já vai sair?

— Vou pescar com o Rodrigo.

Ajeitei a mochila e percebi a cara feia que ele fez. Dei as costas e caminhei até a porta. Porém, antes de sair, virei em sua direção. Ele ainda estava de pé, perto do escritório, e me encarava.

— Quem era o cara que tava aí?

Resolvi perguntar, pois a curiosidade foi maior que o medo do que ele poderia me responder.

— Um advogado. É assunto meu.

Não insisti. Fechei a porta atrás de mim e deixei que ele ficasse sozinho com o seu “assunto”.

Passei no barracão ao lado da casa grande para pegar as varas de pesca e entrei na caminhonete. Antes mesmo de sair da fazenda, recebi uma mensagem. Passei meus olhos depressa pelo aparelho e os pneus da caminhonete derraparam com a freada que dei. Não acreditava no que lia. Apesar de ser uma mensagem da Pâmela, talvez fossem as linhas mais importantes que já tinha lido na minha vida.

Dizem que o Google é a melhor ferramenta de pesquisa do mundo.

Andei testando essa teoria e me parece que funciona mesmo.

Sílvia Cavalcanti Lima
& Jéssica Pedrassani
Fisioterapia e Psicologia

Era... era... era ela. Minha cabeça não raciocinava direito e eu tentava entender o que aquilo significava.

Liguei para a Pâmela e ela atendeu no primeiro toque.

— Oi, Rique.

Havia certa melancolia em sua voz. Uma tristeza de quem tinha dúvidas sobre o que estava fazendo. Era fácil perceber.

— O que é isso que você me mandou? — Se fosse uma brincadeira, era de muito mau gosto.

— Não é óbvio? — Não respondi, então ela continuou. — Endereço da Sílvia. Eu encontrei faz umas semanas, mas só hoje tive coragem de te contar. Tinha certeza que eu perderia qualquer chance que ainda tinha de ficar ao seu lado assim que você soubesse onde ela estava.

— Semanas? — gritei, incrédulo com o fato de ela ter me escondido uma informação tão importante.

— Não pensa que isso foi fácil pra mim — gritou de volta, e eu me afundei no banco. — Eu imaginei que você me daria uma chance. Pensei que com ela longe eu... eu... poderia entrar no seu coração. Não tenho sangue de barata, Henrique. Eu quis e ainda quero você, mas decidi que sua felicidade é mais importante do que o meu amor. Então, faça o que tem que ser feito e pare de me julgar.

Sentia raiva pela Pâmela ter me escondido aquilo, mesmo sabendo que eu estava comendo o pão que o diabo amassou. Mas, por outro lado, entendia que sua decisão não havia sido fácil. Tentava me pôr no seu lugar, imaginando o que teria feito caso precisasse abrir mão de algo que amava. Pâmela foi

altruísta. Talvez, se nunca me contasse, eu cedesse, pois acabaria fazendo qualquer coisa para arrancar o sofrimento que habitava o meu coração.

— Desculpa... — Tentei expressar meu arrependimento, mas ela me cortou.

— Apenas faça valer a pena.

Sim, eu faria.

Voltei para casa e, para espanto do meu pai, passei por ele como um furacão. Ele arregalou os olhos, surpreso com a minha atitude. Subi para o quarto e fiz uma pequena mala. Peguei documentos, dinheiro, troquei de roupa e saí. Joguei tudo na caminhonete e deixei a fazenda para trás. Liguei para o Rodrigo enquanto ganhava a estrada. Não sabia muito bem o que ia fazer, apenas seguia meu coração. Sequer sabia se a encontraria, e como a encontraria, mas nunca deixaria de tentar.

— Já estou te esperando, sua anta.

— Eu encontrei ela — berrei. — Encontrei, porra!

Mesmo preocupado, um sorriso iluminava o meu rosto.

— Encontrou o quê? Você bebeu antes de sair de casa? — brincou.

— Imbecil! A Sílvia. Eu encontrei a minha Morena, Rodrigo.

— Bem... — Eu pude ouvir sua risada. — Acho que nossa pescaria vai ficar para outro dia. Boa viagem. Se eu bem te conheço, você já deve estar na estrada.

Sim, ele me conhecia, e eu não voltaria sem antes lutar por aquela mulher. Nem que fosse a última coisa que eu fizesse com a porra da minha vida.

SÍLVIA

Procurava minha bolsa no quarto quando a Fabiana apareceu na porta. Sua expressão séria e contrariada mostrava que a minha irmã não estava nem um pouco contente comigo.

— Que horas vai desamarrar esse burro? — perguntei, tentando não rir.

Ela cruzou os braços na frente do peito, ainda mais chateada. Era até engraçadinho o bico que enfeitava seu rosto. Lembrei de quando ela era criança e fazia birra ao ser contrariada. A cara era exatamente a mesma, só faltava bater o pé no chão.

— Não gosto da ideia de te deixar ir sozinha — respondeu, por fim.

Como se eu não soubesse. Iria a mais uma consulta do pré-natal e havia proibido Fabiana de faltar no trabalho novamente para me acompanhar. Ela não podia se dar a esse luxo, ainda fazia pouco tempo que estava na empresa. Era melhor evitar problemas.

Decidi ir sozinha, estava cansada de precisar da minha irmã. Sempre havia me virado e não seria agora que dependeria de outra pessoa. Não me sentia bem, mesmo sabendo que ela ficaria triste com a minha atitude.

— Vai ficar tudo bem, Fabi. Vou pegar um táxi aqui na frente de casa e descer na porta do hospital. Não tem erro. Confia em mim, eu sei o que tô fazendo.

Minha irmã caminhou até mim e me envolveu em um abraço que durou vários minutos. Percebi que ela estava chorando quando senti suas lágrimas molharem meu ombro. Eu quase não a via chorar. Assim como eu, Fabiana era durona. Acho que a força que ela transmitia foi o que me manteve firme. Na verdade, era recíproco, uma troca: minha força alimentava a dela, e vice-versa. Ela sempre repetia que devia tudo a mim, porque eu não a abandonei ou fugi das responsabilidades, como fez nossa mãe, mas na verdade era eu quem devia a ela, e muito, pois tudo seria diferente se minha irmã não tivesse me apoiado nos últimos meses.

— Ei — chamei sua atenção. — O que tá acontecendo?

Fabiana fungou, afastando-se e secando as lágrimas que rolavam por seu rosto. Era tão parecida com a mamãe. Na verdade, éramos: puxáramos a nossa linda negritude dela.

— Estou feliz de estar aqui, compartilhando esse momento com você, só isso. — Um sorriso tímido despontou em seu rosto. — Eu me sentia muito sozinha, mesmo rodeada de dezenas de pessoas. Sempre estivemos juntas e, às vezes, eu ficava perdida e insegura, mas não queria te preocupar, sabia que você seria capaz de largar tudo pra vir atrás de mim.

Era verdade, eu largaria tudo se fosse preciso, mas sua revelação me pegou desprevenida, não imaginava que ela tivesse passado por toda essa angústia.

Resolvi não a repreender por esconder seus sentimentos de mim, porque o passado havia ficado para trás. Suas consequências não, é claro, pois tudo que vivemos tinha levado a nos tornarmos quem éramos. Acredito que eu tenha crescido rápido demais, amadurecido de forma precoce, e Fabiana, nesse processo, aprendeu a tomar decisões sozinha, lidando com seus

problemas de frente. Mas não havia motivos para arrependimentos.

Puxei-a mais uma vez para um abraço e beijei seu rosto com ternura.

— E agora teremos o Davi! — disse ela, sorrindo. — Acho que vou ser uma tia muito ciumenta.

— Eu tenho certeza! — afirmei.

Seríamos três, mas apenas por enquanto. Sabia que um dia minha irmã teria sua própria família, e eu teria que estar preparada para vivenciar a sua partida.

— Te amo!

— Eu também!

Nos despedimos na porta do quarto e eu saí. Estava ansiosa, adorava escutar o coração de Davi batendo. Era tão forte e rápido. Curtia cada novo momento da vida do meu príncipe. A sensação de estar grávida era indescritível, e a cada dia que passava eu me sentia mais conectada a ele. Toda vez que ele mexia, era como se o elo que nos unia se fortalecesse.

O táxi já me esperava do outro lado da rua. Enquanto aguardava o sinal fechar, conferi se a carteira de gestante estava na bolsa. O dia estava ameno. Apesar do sol brilhando no céu, o calor dera uma trégua, e isso era muito bom.

O sinal abriu e dei os primeiros passos. Quando estava no meio do caminho, ouvi meu nome ser chamado. Parecia um déjà-vu. Segui em frente, aquilo não tinha o menor cabimento, era como se os meus sonhos tivessem se tornado realidade.

— Você está tendo uma alucinação, Sílvia — murmurei. — Ele não tá aqui.

Dei mais dois passos e não consegui mais andar. Meu corpo paralisou no exato momento em que percebi que não estava

maluca. Minhas pernas tremeram e nunca, em toda a minha vida, desejei tanto que alguém me segurasse, pois estava prestes a desmoronar.

— Sílvia — gritou mais uma vez.

Davi deu um pulo na minha barriga, parecia que ia sair pelo umbigo. Lágrimas rolaram pelos meus olhos e meu coração disparou. Virei devagar, como se minha vida dependesse daquele único movimento. Levei alguns segundos para levantar a cabeça e perceber que ele estava na calçada, do outro lado da rua, em frente ao meu prédio.

Era ele, era o Henrique.

Aquilo claramente não era coisa da minha cabeça. Um sorriso despontou em seu rosto e perdi o equilíbrio quando fitei seus olhos brilhantes. Nunca havia vivenciado tantas sensações em um único momento. Estava lindo, do mesmo jeito que eu o havia deixado. Queria correr até ele e me jogar em seus braços, saciando a saudade que sentia do meu Galego. Mas da mesma forma que o sorriso estampou seu rosto quando me viu, ele sumiu assim que viu a minha barriga. Seus olhos escureceram e, mesmo de longe, eu podia ver o brilho lindo se apagando devagar. Henrique não desviava o olhar de onde minhas mãos haviam pousado poucos segundos antes. Surpresa, raiva, decepção... Era difícil decifrar o que seu rosto transmitia.

De repente, percebi que corria até mim.

Talvez não fosse tão ruim assim! Pensei, enquanto ele vinha na minha direção.

Mas não tive tempo de reagir, apenas senti o impacto de seu corpo junto ao meu, e ambos caímos no chão. A escuridão tomou conta de tudo. A dor me dominou, e não havia mais nada para pensar a não ser em Davi. A única certeza que tinha

naquele momento era que minhas mãos ainda estavam em volta da barriga. Eu ainda o protegia, como prometera. Ouvi buzinas, vozes, luzes piscando e sirenes. Diante de todos aqueles sons, eu conseguia distinguir sua voz. Conseguia escutá-lo, como se ele fosse o único que ainda podia chegar até mim.

Deus, cuide do meu menino.

Senti segurarem minha mão, mas não consegui abrir os olhos. Desejei com todo o coração que fosse o Henrique. Segurei com todas as minhas forças a mão que me acalmava e rezei para que tudo ficasse bem.

HENRIQUE

— O que tá acontecendo? Alguém pode pelo amor de Deus me dar alguma notícia? — gritei, sem sucesso.

Eu devia estar falando grego, era a terceira vez que implorava por informações, mas parecia que todos na recepção do hospital me ignoravam de propósito. Já tentara de tudo. A falta de notícias estava me deixando desesperado.

— Senhor, mais uma vez, peço que se acalme e aguarde. — Uma mulher me respondeu, como tinha feito dez minutos antes. Era quase uma gravação, não mudava sequer uma vírgula do que dizia. Será que essas pessoas faziam ideia do quão sofrido era ficar sem nenhuma notícia, ou apenas tinham se acostumado a ver a dor dos outros? Como ela tinha coragem de me pedir calma? Pensei em gritar, chamar o diretor, alguém que pudesse me dar uma luz, mas desisti, no fundo sabia que de nada adiantaria. O que me restava era amargar aquela espera insuportável, que estava me matando.

Sentei em uma cadeira, derrotado, sem forças. Minha cabeça girava diante de tudo que acontecera na última hora. Segurei o rosto entre as mãos, com o intuito de focar em um único pensamento, pois tudo dançava na minha cabeça e me deixava completamente transtornado. Eu encontrara Sílvia e a perdera em menos de cinco minutos. Como o destino podia ser tão cruel a ponto de me trazer de volta a mulher que eu amava e

depois tirá-la de mim em um piscar de olhos?

Quando a vi, parada na calçada, fiquei imaginando o que diria. Durante toda a viagem, ensaiara como a convenceria de que era a única mulher que eu desejava ter na minha vida.

Eu fui um idiota e mereço esse castigo, mas eu te amo de verdade, minha Morena.

Isso foi horrível!

O.k.! Vamos tentar de novo: *Você é a mulher da minha vida e eu só percebi isso quando perdi você. É muito clichê o ditado que diz que só damos valor quando perdemos, mas isso é a pura verdade. Eu sou um idiota por ter duvidado de você.*

Bem, essas foram algumas das várias frases que pensei em dizer assim que a encontrasse. Era tudo muito insignificante diante do que a Sílvia merecia ouvir, e não sabia se encontraria um pedido de desculpas bom o bastante para convencê-la de que eu era um idiota por deixar que saísse da minha vida.

Eu a queria de volta. Queria com todas as forças que mantinham meu corpo de pé.

Quando meus olhos tiveram certeza de que era a Sílvia a mulher diante de mim, meu coração entendeu que eu nunca seria feliz longe dela. Tê-la tão próxima fez com que eu me sentisse completo. Todo o meu corpo foi tomado por uma emoção que só conhecera com ela. Descobrir que a amava fora maravilhoso, mas me deixou atônito constatar que esse amor havia superado toda a distância e todo o tempo. Era como se o sentimento que me envolvia houvesse triplicado apenas com essa constatação.

Quando atravessou a rua, gritei seu nome, e assim que olhou para mim, tudo parou. O tempo deixou de existir. Éramos apenas eu e ela. Tudo que havíamos passado desapareceu como

pó. Seu rosto se iluminou quando me viu. Estava deslumbrante. Os cabelos cacheados estavam mais claros nas pontas, emoldurando seu lindo rosto. Os olhos arregalados mostravam sua surpresa ao me ver. Observei com atenção cada detalhe e percebi que algo mudara. Um brilho diferente a tomava por inteiro. Foi quando vi suas mãos em volta da barriga. Meu estômago se revirou e não pude assimilar o que via.

Sílvia estava grávida.

Não deu tempo de pensar em nada. Em nenhum cenário havia imaginado o que acabara de ver. Ouvi um cantar de pneus ao longe e, ainda absorto pela visão da Sílvia, demorei a entender o que acontecia. Ela estava parada, ainda me encarando, parecendo não ouvir o mesmo que eu. O carro vinha em alta velocidade. Ele não pararia, sua direção era certa. Não pensei duas vezes: corri até ela e me joguei contra seu corpo assim que percebi que não a alcançaria a tempo de evitar que fosse atropelada. Caímos juntos no chão. Levantei depressa, o corpo dolorido, mas eu estava bem. O carro virara a esquina, sem parar para prestar socorro. Não consegui ver a placa.

— Uma ambulância, por favor. — Pedi ajuda para alguém que se aproximava. As pessoas saíram de seus carros e se aglomeraram à nossa volta. Olhei para Sílvia e parecia que ela estava bem. Não vi sangue ou ferimentos, mas seus olhos permaneciam fechados. Achei melhor não a mover. Chamei seu nome algumas vezes, mas a única resposta que tive foi sua mão me apertando de leve. Senti um choque atravessar meu corpo quando sua pele tocou a minha, era como se por fim estivesse em casa. Apertei forte sua mão, para que soubesse que eu estava ali e que não sairia do seu lado. Minha mão livre tocou seu rosto, sentindo a maciez da pele, mas ela soltou um gemido

agonizante. Sílvia apertava a barriga. Por instinto, desci a mão que acariciava seu rosto até seu abdômen, pousando sobre a dela. Foi então que senti seu corpo relaxar, desmaiando em meus braços no instante em que a ambulância estacionava ao nosso lado.

— Estou aqui, meu amor — sussurrei assim que sentei ao lado da maca que a levava para o hospital. — E não vou te deixar sozinha.

Sílvia estava grávida.

Nenhum médico havia saído para me dar informação.

E eu não fazia a mínima ideia do que fazer.

Até que escutei o nome da Sílvia ser pronunciado. Levantei o rosto e percebi que mais alguém buscava informações na recepção. A moça era muito parecida com ela. A mesma cor de pele, quase os mesmos cabelos e, pelo seu desespero, soube quem era mesmo antes de ela se virar. Era a Fabiana, a irmã da Sílvia.

Ela trocou algumas palavras com a recepcionista e, por sua expressão frustrada, tinha recebido a mesma resposta que eu. Deixei que terminasse de falar e, assim que se afastou do balcão, eu me levantei. Percebi que ela chorava copiosamente, escorando-se em uma parede, então me aproximei. Deixei que colocasse para fora sem dizer nada. Tive vontade de confortá-la, mas a verdade era que não sabia o que dizer. De repente, ela se virou, mais calma. Nossos olhos se cruzaram e tive certeza de que ela sabia que compartilhávamos a mesma dor.

— Henrique?

Balancei a cabeça confirmando, e ela veio até mim. Seus braços se jogaram sobre os meus ombros e senti o desespero do seu abraço. Sabia que elas eram muito próximas, porque a

Sílvia me contara tudo que ambas haviam passado e como se apegaram uma a outra. Ela era como uma mãe para a Fabiana.

A menina voltou a chorar e tive que me segurar para não me juntar a ela. Minutos depois, a garota se afastou. Seus olhos eram da mesma cor que os da irmã, mas não tinham o mesmo brilho, as mesmas labaredas que haviam me enfeitiçado desde a primeira vez em que vira Sílvia.

— Um dos vizinhos me ligou. O que aconteceu?

Puxei-a para que se sentasse no sofá e peguei um copo d'água, na tentativa de fazê-la se acalmar. Fabiana bebeu longos goles do líquido gelado e me encarou um pouco mais tranquila.

— Obrigada — agradeceu.

Apenas balancei a cabeça e sentei ao seu lado.

— Ela ainda atravessava a rua quando o sinal abriu. Um carro veio em alta velocidade. Não sei se a viu... Ele só... — Engoli em seco. — Não atingiu ela, eu me antecipei e empurrei a Sílvia. Ela não parecia machucada. Então não sei por que estão demorando tanto.

Olhei para a recepção mais uma vez e tentei imaginar o que teria acontecido. Talvez ela tivesse batido a cabeça ou algo assim.

— Davi! — Fabiana soluçou. — Meu Deus!

Levou as mãos à boca e eu fiquei sem entender do que falava.

— Como? — Vendo a confusão no meu rosto, ela se levantou e começou a caminhar de um lado para o outro, voltando a se perder na angústia. — Fabiana, olha pra mim. — Chamei, mas apesar de ela ter parado na minha frente, seus olhos não me encaravam. — O que tá acontecendo? Do que você tá falando? Eu preciso saber.

— Sim, você precisa. — Enfim ela me encarou. — Hoje você

não salvou apenas a Sílvia. — Parou por alguns segundos, parecendo procurar as palavras certas. — Salvou também o Davi, o bebê que a Sílvia espera. Seu filho.

Perdi por completo o equilíbrio que me mantinha de pé. Meus joelhos cederam com a notícia. Cambaleei até o sofá e caí sentado. Já sabia que ela estava grávida, mas não tivera tempo para pensar na possibilidade de que a Sílvia estivesse grávida de mim.

Filho? Meu filho?

— Eu... eu... — gaguejei, sem conseguir formular uma frase coerente. — Eu não fazia ideia.

— A gravidez da Sílvia é de risco. Ela tá de repouso há um tempo. Não devia ter deixado ela sair sozinha.

— Por que ela fez isso? — Eu começava a organizar os pensamentos, e a raiva despontava. — Não pode ser verdade. Ela não teria coragem de me esconder algo assim. Isso é... é... desumano.

Lembrei das palavras da Pietra e de como tinha certeza de que ela me escondia a verdade. *Deus, como fui burro*. Todos sabiam, menos eu. Não me contaram sobre a gravidez, como se eu fosse um moleque que não assumiria as próprias responsabilidades.

Levantei em um rompante, mas Fabiana não se afastou diante da minha fúria. Ela se parecia mais com a irmã do que eu pensava: não recuou, encarando-me de forma intensa.

— Ela teve os motivos dela — argumentou.

— Os motivos dela? — gritei. — Que motivos? Que pessoa sem coração esconderia de um homem que ele vai ser pai? Ela queria me punir, é isso? Fazer eu pagar por tudo escondendo de mim que eu teria um filho?

Soltei uma pergunta atrás da outra, sem conseguir me conter.

Estava puto, totalmente transtornado com a notícia.

— Henrique, olha pra mim. — Não queria olhá-la. Queria fugir, sair dali e correr sem rumo, apenas me manter o mais longe possível de toda aquela mentira que me fodia por inteiro.

— Você vai entender quando a Sílvia te explicar. Fica calmo.

— Eu tô cansado de me mandarem ficar calmo — explodi.

— Por favor, não julgue sem antes ouvir ela — suplicou.

Sorri com sarcasmo.

Impossível! Nada que ela me dissesse justificaria o fato de ter me escondido uma gravidez. Nenhuma palavra seria capaz de explicar ter me deixado de fora da sua vida em um momento tão importante. NADA! Absolutamente nada remendaria o buraco que a notícia me causara.

A mão da Fabiana segurava meu braço, e seus olhos me encararam com determinação. Ela achava de verdade que existia explicação para o que a irmã fizera. Sacudi meu corpo e me libertei. Dei dois passos em direção à porta do hospital, pronto para acordar do pesadelo que estava vivendo, mas algo me fez parar.

— Vocês são os parentes da Sílvia?

Eu e a Fabiana viramos ao mesmo tempo para a enfermeira que se aproximava de nós. Por horas ansiara por uma notícia e estava prestes a deixar tudo para trás quando ela chegou.

— Eu sou a irmã dela. E ele é o pai do bebê.

A mulher me olhou com um misto de tristeza e pena. Meu coração disparou de imediato, sabia que não era um olhar de alívio, mas sim de alguém que estava incumbido de realizar uma tarefa difícil.

— Temo que as notícias não sejam boas. Sílvia está bem, mas teve que passar por uma cesariana de emergência. — Fabiana

começou a chorar e me deixou ainda mais nervoso. — O menino está na UTI, prematuro. Suas chances não são boas. Se vocês têm alguma religião, peço que rezem, porque não tem muito que se possa fazer.

Tive que segurar a Fabiana para que ela não cedesse ao desespero.

— De novo não, meu Deus! — gritava, enquanto as lágrimas escorriam.

A enfermeira disse que a Sílvia não queria ver ninguém, o que deixou a irmã ainda mais desolada. Ela repetiu que sentia muito e partiu.

Nunca, em toda a minha vida, sentira tanto medo.

Estava pronto para deixar o hospital minutos antes, mas com a notícia que recebera, sentia que meu filho precisava de mim. Mesmo que nunca perdoasse a Sílvia, eu estaria ao lado dele.

Eu não seria como o meu pai.

SÍLVIA

— Não vou conseguir lidar com isso agora, Fabi.

Evitava encarar a minha irmã enquanto respondia ao seu questionamento. As paredes brancas do hospital, o cheiro de álcool impregnado no meu nariz e as gotas vagarosas de soro descendo pelos tubos ligados a mim eram muito mais interessantes que conversar com a Fabiana sobre o Henrique.

Ela bufou, indignada com a minha resposta. Eu não entendia por que era tão difícil entender que eu já estava sofrendo demais, que não precisava de mais um motivo para fazer meu coração sangrar.

— *Isso* — disse com ironia — é o pai do Davi, que, aliás, não saiu do hospital nem pra comer. Sílvia, faz quase três dias que o Henrique não arreda o pé daqui. Se não fosse por mim, o cara mal comia. Ele dorme nas cadeiras do corredor, e acho que tomou banho uma única vez depois que chegou, apesar de ainda estar bem cheiroso, devo confessar.

Meu coração se apertava só de saber que ele estava lá fora, me esperando, esperando nosso filho. Fabiana contou tudo que havia acontecido e, aos poucos, eu lembrei do acidente. Estava tão perdida olhando o Henrique que não vi o sinal abrir e o carro avançar enquanto eu ainda estava na faixa de pedestres. Toda vez que me lembrava do Henrique correndo na minha direção, chocando-se contra mim e me tirando da direção do

carro, sentia um calafrio terrível dominar meu corpo. Era difícil encarar a realidade que a Fabiana jogava na minha cara, mas a verdade era que o Henrique me salvara. Não só a mim, mas também ao Davi, que agora estava em uma incubadora. Isso me matava mais do que qualquer coisa. Meu pequeno ainda não estava preparado para vir ao mundo. Com a pancada do acidente, o parto teve que ser induzido e meu guerreiro nasceu com quase dois quilos, quarenta centímetros e uma vontade enorme de viver.

Ele estava na UTI e ficaria lá por um tempo. Eu o via sempre que possível. Ainda não podia amamentá-lo, não tinha leite. Desde que soubera da gravidez, comecei a sonhar com a amamentação. Queria muito ver seus olhinhos me encarando enquanto sua boquinha sugava meu seio. Imaginava como seria pegar sua mão, acariciar seu rosto, tocar seu cabelo, sentir seu calor tão próximo de mim. Mas isso não aconteceu. Fiquei um pouco mais aliviada quando o médico me disse que era completamente normal, mas ainda sentia como se tivesse falhado, como se não fosse capaz de ajudar o meu filho no primeiro obstáculo que ele enfrentava. Mas não tinha o que ser feito: Davi receberia alimentação através de soro por uns dias, até que seu intestino estivesse pronto para o leite. Se até lá eu não produzisse o necessário para sua alimentação, ele se beneficiaria do banco de leite materno. Nunca pensara que o simples fato de doar leite poderia salvar vidas, mas percebi ali o quanto o gesto era importante.

Ainda me recuperava da cesariana, por isso não podia ficar todo o tempo com ele, o que me deixava ainda mais triste. Foi uma dor excruciante ver os médicos saindo com o pedacinho de gente envolto em um lençol. Eu queria gritar, correr atrás, ir

junto com ele, mas estava atada àquela maldita cama, imobilizada pela anestesia que havia tomado.

— Ele tá com o Davi agora.

Virei de forma brusca. De repente, nada mais me importava. Ela desviou o rosto, sem conseguir me encarar.

— O que quer dizer com isso? — perguntei, atônita.

— Exatamente o que você ouviu. O Henrique tá na UTI com o Davi.

Fiz menção de levantar, mas o soro me impediu e me fez voltar para a cama.

— Desde quando? — Senti a cabeça girar.

— Desde o primeiro dia. Mana, você tem que aceitar: o Henrique é o pai do Davi. Ele tem direito.

Uma fúria enorme me dominou e eu queria muito ter forças para chutar a bunda da minha irmã por me dizer aquilo. Será que ela se esquecera de tudo que eu havia passado por causa do Henrique? Será que o simples fato de ele ter aparecido do nada apagara de sua memória tudo que me afastava dele? Pela expressão do seu rosto, a resposta era sim, ela havia deixado tudo para trás.

Antes que eu começasse a gritar, uma enfermeira entrou no quarto. Ela era alta, loira, e sempre mantinha um sorriso encantador. Era uma das únicas que conversava comigo de forma carinhosa, e não como se eu fosse apenas um pedaço de carne jogado na cama.

— Como estamos hoje? Espero que bem — perguntou, enquanto se aproximava da cama com uma espécie de bandeja.

Cruzei os braços em frente ao corpo e minha irmã riu baixinho. Eu agia como se tivesse sido apunhalada pelas costas, mas parecia que a Fabiana não se importava com os meus

sentimentos, não se mostrava nem um pouco arrependida de ter me escondido aquele pequeno detalhe. No mínimo tinha se deixado levar pelo charme daquele galego traidor. *Quem ele pensava que era? Que direito achava que tinha sobre o Davi?*

— Não sei por que o bico — disse a enfermeira, enquanto tirava a intravenosa. — Já vai ganhar alta.

Meus ouvidos não podiam estar me traindo daquela vez, podiam? Aquilo era mesmo sério?

— Jura? — questionei, e ela assentiu.

Fabi levantou da poltrona e me envolveu com um abraço delicado. Ainda sentia os pontos, por isso gemi com sua demonstração de carinho.

— Claro que ainda vai ter que ficar de repouso por alguns dias até se recuperar da cirurgia, mas agora você pode revezar com o seu marido na UTI, se bem que o médico vai te aconselhar a ficar mais tempo de repouso, pelo menos mais uma semana.

Não sabia se me concentrava no que ela dizia ou se a corrigia por achar que o Henrique era meu... meu... marido.

Ele não era nada meu. E, por mais difícil que tivesse sido tomar aquela decisão, não queria que ele fosse nada também para o meu filho. Henrique vinha com uma bagagem pesada demais para ser ignorada, e sua presença fizera aflorar em mim o pânico das ameaças do seu pai. Eu não poderia deixar que ele fosse um risco para a segurança do Davi. Estava pronta para dizer qualquer coisa para que o Henrique se mantivesse longe, mesmo que tivesse que magoar diversas pessoas no caminho.

— Devia ir pra casa descansar — disse a enfermeira.

— Isso não tá nos meus planos. Quero ficar com o meu filho — afirmei com dureza.

Ela parecia não entender minha relutância, mas não questionou, apenas me explicou que, nesse caso, eu seria acomodada em uma ala neonatal para acompanhantes.

Poucos minutos depois, o médico foi até o quarto. Mais uma vez, ele me explicou as condições de saúde do Davi e, assim como a enfermeira havia dito, orientou que eu ficasse um tempo em casa, mas me neguei, afirmando que permaneceria no hospital. Ele concordou, com a ressalva de que eu permanecesse em repouso até me recuperar por completo.

Fabiana me ajudou a trocar de roupa sem dizer uma única palavra. Pegamos minha pequena mala e a do Davi e nos mudamos para o quarto de acompanhante. Fabi se despediu, agora não poderia mais ficar comigo. Ela iria para casa descansar e voltaria a trabalhar no dia seguinte.

— Não faça nenhuma besteira. O Henrique não é como o Luiz. Ele tá aqui, ele quer estar aqui. O Davi precisa de vocês juntos, então para de pensar nos seus medos e deixa ele fazer parte da vida do filho. O Henrique pode proteger vocês. Eu vejo nos olhos dele que o amor que ele sente é capaz disso.

Fitei-a com surpresa, tamanha era sua confiança ao afirmar aquilo. Ela saiu sem aguardar minha resposta.

No meu novo quarto, conheci outras mães que estavam na mesma situação que eu. Conversei com algumas enquanto ajeitava minhas coisas e descobri histórias que me levaram às lágrimas, mas que também me deram forças para acreditar. Tomei um banho demorado. Troquei de roupa e saí em direção à UTI neonatal. Andava com um pouco de dificuldade, mas nada que me impedisse de visitar o meu filho.

Quando cheguei à sala que antecedia a UTI, meu corpo entrou em estado de alerta. Paralisei no lugar em que estava e fui

obrigada a me apoiar na parede. Arfei, sentindo meu abdômen se contrair e meu coração disparar. Eu estava diante do meu maior medo. O Henrique despertava todos os sentimentos existentes em mim, inclusive os piores.

Ele não me viu, e desejei que continuasse sem me ver. Talvez eu pudesse passar por ele sem que me notasse. Estava com a cabeça apoiada nas mãos, olhando para baixo. Vestia uma camiseta preta e jeans. Pelo pouco que eu via, os cabelos estavam desalinhados, mas aquilo não o deixava menos impressionante, pelo contrário.

Dei poucos passos e senti meu mundo desmoronar quando ouvi meu nome ser chamado por uma voz que conhecia muito bem. Virei lentamente e lágrimas surgiram nos meus olhos quando o encarei. Estava destruído. O rosto contorcido pela dor, os olhos opacos, com olheiras profundas e sem o brilho de que eu tanto sentia saudade. A barba dava ao Henrique um ar cansado e abatido.

— Oi.

Anta! Quem em sã consciência diria “oi” em um momento como esse?

— Ele não tá lá. — A voz grossa do Henrique invadiu meus ouvidos, fazendo meus pelos se arrepiarem. Ele deve ter notado o desespero no meu rosto, pois se adiantou em explicar, antes que eu desmoronasse de cima das minhas próprias pernas. — Levaram ele para fazer um exame. Querem saber se já é possível introduzir o leite.

Pisquei algumas vezes, tentando assimilar o que dizia. Assenti, sacudindo a cabeça. Pensei em voltar para o quarto, mas seus olhos aprisionavam os meus e me impediam de sair do lugar. Era bombardeada por suas perguntas, mesmo que sua boca não pronunciasse uma única palavra.

— Henrique, eu...

— Por quê, Sílvia? — Ele me interrompeu.

Seus ombros caíram como se estivesse se entregando, derrotado. Vi lágrimas em seus olhos, o que me matou mais um pouco. Precisava pensar rápido, dizer alguma coisa, fazer com que ele se afastasse. Prometera proteger o Davi a todo custo, mesmo que isso incluísse excluir o Henrique da minha vida da forma mais dolorosa e cruel possível.

— Ele não é seu filho — disse, amarga, sem um pinga de emoção na voz. Era necessário!

— Não acredito em você. — Ele se levantou, alterando o tom de voz e me intimidando.

— A Fabiana se precipitou. O Davi não é seu filho, então já pode ir embora e voltar pra sua vidinha.

— Você é uma péssima mentirosa, Sílvia.

Henrique me encarou de uma forma que nunca havia feito. Não me olhara com tanto ódio nem quando fora atrás de mim depois de supor que eu o estava traindo. Seu corpo inteiro tremia, os braços caídos do lado, os punhos cerrados, brancos, tamanha era a força que ele fazia para se controlar.

De repente se aproximou, eliminando a distância entre nós. Senti sua respiração próxima ao meu rosto. Se eu elevasse um pouco a cabeça, poderia encostar a boca em seus lábios, de tão próximos que estavam. Seu cheiro me invadiu e me entorpeciu, inebriando meus sentidos. Não sabia mais o que pensar e o que fazer. Queria afastá-lo, mas meu coração ansiava por sua presença. Ele implorava por essa aproximação. A Fabiana tinha razão. Precisávamos dele. Davi e, principalmente, eu.

Quando achei que ele ia gritar, brigar ou me xingar de todos os palavrões possíveis, fui surpreendida. Henrique me abraçou

e, naquele momento, achei que estivesse sonhando. Uma de suas mãos segurou minha cabeça contra seu peito e eu pude sentir seu coração disparado. Apenas deixei que as lágrimas caíssem. Por vários minutos, enquanto encharcava sua camiseta, ele não disse nada. De repente, quebrou o silêncio, sussurrando palavras que entraram no meu coração, ultrapassando as barreiras que eu havia erguido minutos antes.

— Não sei o que aconteceu, mas nada que me diga vai me fazer sair daqui. O Davi é meu filho. Sinto isso em cada célula do meu corpo e eu não vou ficar longe dele, mesmo que você queira.

Quando terminou, beijou minha testa e secou uma lágrima que ainda rolava por meu rosto. Abriu um sorriso tímido e aquele gesto partiu de vez o meu coração. Era um sorriso sem esperança.

HENRIQUE

Ter Sílvia em meus braços me causou sentimentos contraditórios. Era ao mesmo tempo dolorido e reconfortante. Queria que ela ficasse ali, protegida por mim para sempre, mas esse desejo parecia inalcançável.

Quando a vi entrando na antessala da UTI, meu coração disparou. Ela parecia estar melhor, mas ainda lutava para se manter de pé, física e emocionalmente. Eu já a tinha visto enquanto dormia. Com os olhos fechados, ela não podia me expulsar do quarto. Então velei seu sono e rezei para que ficasse bem. Rezei muito, como nunca fizera em minha vida.

Estava magoado, disso tinha certeza. Meu coração ficou dilacerado com a notícia que recebi. *Eu era pai*. Não tive a menor dúvida de que o Davi era meu filho — adorei o nome que a Sílvia havia escolhido. Assim que o vi, tão pequeno e indefeso, senti uma necessidade enorme de protegê-lo, a conexão entre nós era inexplicável. O que mais me machucava era o fato de a Sílvia ter escondido a gravidez de mim. Não podia sequer imaginar os motivos que a levaram a fazê-lo, pois nada me parecia plausível o suficiente, o que me enfurecia ainda mais.

Ela não tinha esse direito!, meu subconsciente gritava enquanto a Sílvia ainda se aninhava nos meus braços. *Você não tinha esse direito!*

Seu cheiro invadiu minhas narinas e causou no meu corpo um frenesi antes adormecido. Minha pele se arrepiou, e eu podia sentir o quanto meu coração se acelerava só com sua proximidade. Sequei suas lágrimas e acalmei sua alma, mesmo que a minha estivesse dilacerada. Então Sílvia se afastou e me encarou. Enxerguei o brilho em seus olhos e, no fundo, bem no fundo, encontrei faíscas das labaredas que tanto amava. Antes que pudéssemos pronunciar qualquer palavra, vimos Pietra e Ranger chegando, eles quase corriam até nós. Sílvia secou as lágrimas e me olhou. Ela sabia que tinha sido eu quem avisara sua amiga, e parecia compreender minha atitude.

— Sua maluca. — Pietra se aproximou e envolveu Sílvia em um abraço. — Eu devia te dar umas palmadas por me deixar tão preocupada. Aliás, assim que tirar a bunda do hospital, é exatamente isso que vou fazer.

Os olhos da Sílvia se suavizaram e Pietra a abraçou mais uma vez. Suspirei aliviado, fiquei feliz por eles estarem ali. Seria bom dividir o peso de tudo com alguém, eu estava prestes a explodir.

— Sinto muito, cara. — Ranger se aproximou e me cumprimentou. Toquei sua mão e trocamos um abraço rápido. Fiquei na dúvida se ele se desculpava por terem me escondido a gravidez da Sílvia ou por meu filho estar lutando pela vida.

— Obrigado — agradei.

Ele ficou de pé, ao meu lado, enquanto Sílvia e Pietra se sentaram para conversar.

— E como ele tá? — perguntou Pietra.

Antes que a Sílvia pudesse dizer qualquer coisa, eu me adiantei.

— Ele vai precisar ficar aqui até ganhar peso, depois pode ir pra casa — respondi. — Isso pode levar algumas semanas, mas

ele tá indo bem. Esperamos que ele possa se alimentar de leite em breve. Isso é essencial pra recuperação do Davi.

— Davi? — Um sorriso iluminou o rosto da Pietra. Entendia sua expressão, pois eu também já amava o nome, bem como o serzinho dono dele. — Lindo!

Nunca imaginara que seria pai. Não tive um bom exemplo e acreditava que não poderia amar um filho da forma que ele merecia, porque nunca havia recebido aquele tipo de amor. Minha relação com Enzo Montolvani tinha deixado um buraco no meu coração, que achei que nunca poderia ser preenchido. Mas foi. E por completo. Ao lado do Davi, na incubadora, sentia meu coração bater junto ao dele. A cada vez que seu peito mexia, meus pulmões se enchiam, como se respirasse junto com o meu filho.

Não desgrudava os olhos dele. Tão pequeno, tão indefeso. Os dedos ao mesmo tempo tão perfeitos e minúsculos. Não chorava, apenas uma respiração depois da outra. Naquela manhã, eu havia posto o dedo em sua mão e tive certeza de que senti ele apertar os dedinhos. Lágrimas escorreram dos meus olhos e percebi que eu não seria como meu pai. Nunca seria, porque o amor que já sentia por Davi era algo que meu velho sequer conhecia.

Ainda perdido em meus devaneios, escutei Sílvia falando para Pietra que o quarto do Davi já estava montado. Por um momento, tentei assimilar a notícia de que, assim que saísse do hospital, eles ficariam longe de mim. Até então não tinha pensado no *depois*. Até aquele momento, ainda não imaginara como seria o futuro. Eu apenas aceitava a nova realidade e vivia cada minuto pelo meu filho. Mas, ao ouvir aquilo, senti um desespero, um nó na garganta que se transformou em palavras.

— Ele não vai ficar aqui! — disse, contido, mas de forma dura.

Sílvia ficou imóvel, ela me olhava como se implorasse por algo, mas estava enganada se achava que eu ficaria longe outra vez. Não importava o que ela me dissesse.

— Essa não é uma decisão sua — disse, encarando-me de forma intensa, as palavras pronunciadas entredentes.

Eu não podia acreditar que ela estava fazendo aquilo mais uma vez. Eu parecia bipolar. Pouco tempo antes, sentira a paz que era estar com Davi, mas, naquele instante, as atitudes da Sílvia despertavam ódio em mim. Eu me aproximei dela e senti todos os olhos se voltarem para mim. Pietra se levantou, assustada com a minha expressão. Sílvia apenas ergueu a cabeça e me encarou sem titubear.

— Se você acha que vai me afastar de novo, está muito enganada. — Pietra pousou a mão no meu ombro, tentando me acalmar. — E não me venha com a desculpa de que o Davi não é meu filho. Ele é tão meu quanto seu.

Sílvia bufou.

Era como se eu tivesse acordado um gigante há muito tempo adormecido. Suas pupilas negras se dilataram e senti que, se não fosse seu estado de saúde, partiria para cima de mim. Mas pouco me importava. Não daquela vez. Havia algo muito maior do que tudo que estava acontecendo, e ele lutava com bravura para viver. Eu não hesitaria em mover céus e terras para estar ao lado dele, mesmo que isso incluísse arrastar a Sílvia daquela cidade.

— Gente, olha, vamos manter a calma. — Pietra tentava apaziguar a situação. Ranger segurou meu braço e me afastou da Sílvia. — Você tá de cabeça quente e ainda tá se recuperando da

cirurgia.

Pietra tinha razão. Por mais que estivesse furioso, eu me afastei. As duas voltaram a conversar, mas não queria saber sobre o que falavam. Minha prioridade era outra, e depois me acertaria com a Sílvia.

Em seguida, uma enfermeira da UTI neonatal se aproximou. Era jovem e educada. Assim que me viu, sorriu.

— Ei, papai — disse, enquanto me encarava. Os outros também me olharam. — Davi voltou e temos boas notícias: ele já pode se alimentar de leite.

Eu transbordei de felicidade ao saber que o Davi havia saído vitorioso de sua primeira batalha.

— Posso ver ele? — Sílvia se pôs de pé com a ajuda da Pietra. A enfermeira me encarou e, entendendo de quem se tratava, sorriu mais uma vez.

— Claro, mamãe. Vamos lá, vou te ajudar.

Sílvia saiu sem me dizer nada. Eu não sabia o que estava fazendo. Estava perdido diante de tudo que o destino havia posto em meu caminho, e esse era o obstáculo mais difícil que já havia enfrentado. O pequeno início de discussão com a Sílvia me fez entender que eu não tinha nenhuma noção de como seria minha vida dali para a frente.

Ainda olhava para a porta pela qual ela havia entrado quando escutei meu nome sendo chamado.

— Henrique... Você precisa de alguma coisa? Roupas? Sabonete? Um aparelho de barbear? — Lucas tentou brincar. Passei a mão pela barba, notando quanto estava grande. Olhei para ele, que sorria com a minha expressão de surpresa.

— Talvez... — disse, sem muito entusiasmo.

— Onde você tá hospedado?

— Em um hotel bem aqui do lado.

Lucas e Pietra se olharam, então ele continuou.

— Vamos! Dou um pulo lá com você.

Deu dois tapinhas no meu ombro, para me incentivar.

Sabia que os olhares que ele trocara com a esposa indicavam que queriam me tirar dali, pelo menos por um tempo. Eu estava exausto e não tinha forças para discutir.

— Eu não vou aceitar, não dessa vez. A Sílvia não tinha o direito de esconder que tava grávida. O que ela pensou? Que fugiria pra sempre? Que eu nunca ficaria sabendo? E se eu não estivesse aqui? Não consigo nem imaginar o que teria acontecido.

Tinha mil e uma perguntas para fazer, mas não sabia se gostaria de ouvir a resposta para todas elas. Muitas vezes a escuridão da ignorância é mais segura que a luz da verdade, que pode cegar.

— Você deveria ouvir antes de condenar ela. Se bem me lembro, tudo isso que vocês tão vivendo é porque você tomou decisões impulsivas baseadas em julgamentos precipitados. Acho que você não vai querer ir por esse caminho outra vez, ou tudo que aconteceu não terá valido de nada.

Bufei.

Sim, a Pietra estava certa. Por mais que a Sílvia tenha sido uma irresponsável egoísta, a culpa de estarmos onde estávamos era minha. Toda minha. Não queria pensar, evitava trazer as lembranças à tona, mas essa era a verdade: se não tivesse sido um filho da puta com ela, talvez nada disso tivesse acontecido. Porém, um erro não justificava o outro. E eu não aceitaria as atitudes da Sílvia.

Respirei fundo, enchendo os pulmões de coragem. Uma

coragem que sabia que seria necessária. Tinha muitas coisas a fazer. Assim que chegasse ao hotel, ligaria para a oficina. Carlito entenderia que eu precisava de tempo. Aliás, muito tempo. Já meu pai havia me ligado várias vezes, tantas que achei estranho e atendi. Ele estava totalmente diferente. Fazendo perguntas, queria a todo custo saber onde eu estava, com quem, quando voltaria. Achei melhor não contar a ele, então inventei uma desculpa qualquer. Algo me dizia que aquela preocupação toda não tinha nada a ver comigo.

— Diz pra ela que volto à tarde — pedi, olhando para a Pietra, e ela assentiu.

Minha amiga se aproximou e me deu um beijo no rosto. Um gesto de carinho que foi muito bem-vindo.

— Vai ficar tudo bem! — disse, confiante.

Uma confiança que eu não tinha, mas tentei acreditar em suas palavras.

Caminhei em direção à saída do hospital. Pietra e Ranger ainda trocaram algumas palavras e, pouco tempo depois, ele me alcançou, já no estacionamento. Percebi que ao lado da minha caminhonete havia outra. Muito moderna, por sinal. Olhei a placa e soube quem dirigia aquela máquina. Lucas sorriu mesmo antes de eu dizer qualquer coisa. Ele acionou o alarme, destravando as portas.

— Um imbecil qualquer disse que já estava na hora de aposentar minha Jabiraca.

Sorri.

O primeiro sorriso em muitos dias.

SÍLVIA

Olhava para o Davi na incubadora, tão perto, mas ao mesmo tempo tão distante. Ele estava diante de mim, como um sonho que se tornara realidade. Durante tanto tempo eu sonhara com a sua chegada. Foram meses imaginando com quem se pareceria, como seria o seu rostinho.

Sua pele clara indicava que tinha mais do Henrique do que eu pensara. Quase um galeguinho. Ainda não tinha visto seus olhos abertos e imaginava se seriam brilhantes como os do pai.

Lágrimas rolaram pelos meus olhos sem que eu pudesse segurá-las. Henrique também estava próximo, mas ao mesmo tempo distante. Apesar de ter evitado a todo custo encontrar com ele, o inevitável acabou acontecendo. Rezei para que acreditasse na mentira que eu contara, mas não consegui convencê-lo de que não era o pai do Davi. Vi em seus olhos que ele não tinha dúvidas, o que me deixou aliviada e apavorada ao mesmo tempo.

Todas as minhas certezas se desmoronaram no momento em que vi o Henrique no hospital. Tudo que eu havia planejado para mim e para o meu filho caíra por terra. Eu teria que lidar com o Henrique em nossas vidas. Não poderia estar mais abalada com essa realidade.

— Vamos pegar ele? — perguntou a enfermeira. — Coloca entre os seus seios, assim ele vai se sentir seguro e protegido —

explicou, com gentileza.

Segurei-o contra o peito, e o calor que senti emanar do corpo de Davi dissipou todas os meus medos. Nada mais importava e eu ria e chorava ao mesmo tempo, como uma lunática. Mas era um sentimento incontrolável.

— Vamos introduzir o leite na alimentação dele através da sonda, só mais uns dias e depois ele vai poder mamar no peito.

Quase explodi de tanta alegria.

— Escutou, meu anjo, mamãe vai poder amamentar você. Vai ficar tudo bem.

Vai ficar tudo bem. Passei a usar aquelas quatro palavras como um mantra.

Depois de passar um longo tempo com o Davi, deixei o quarto do hospital. Pietra disse que Ranger e Henrique ainda não haviam voltado, e eu a repreendi por ter ficado o tempo todo no hospital, sozinha.

— A Fabi esteve aqui. Conversamos um pouco e eu acabei visitando a ala pediátrica. — Ela deu de ombros. — Não pude evitar.

Fomos para a cantina. Eu precisava comer alguma coisa, apesar de não sentir um pinga de fome. O vazio dentro de mim era causado pelo medo. Henrique voltaria e, uma hora ou outra, eu teria que lidar com sua presença. Ainda não sabia como, mas precisava descobrir, e rápido.

Perguntei sobre o Creg para a minha amiga, e ela relatou tudo e mais um pouco com brilho nos olhos. Cerca de vinte crianças já estavam em tratamento. E tudo corria como o esperado. Algumas alas ainda não estavam funcionando, mas faltava pouco para a inauguração total do projeto.

Pietra também contou que o Jorge fizera o que prometera:

deixara a fazenda assim que as obras finalizaram. Disse que ele recomendou outro profissional para ocupar seu lugar. Depois, não soube mais dele. Era triste ouvir isso. Por mais que aquele jantar tenha ferrado com a minha vida, era lastimável a forma como tudo acontecera. Jorge era um ótimo profissional e eu aprendera muito com ele, seu único erro foi não ter sabido lidar com um amor não correspondido. Eu me perguntava se alguém no mundo sabia. Lidar com a rejeição deveria ser uma lição ensinada desde muito cedo, porque é algo com que todos temos que lidar pelo menos uma vez na vida.

— Acho que pode ser um novo começo. — A voz da Pietra chamou minha atenção depois de longos minutos em silêncio, evitando passar para o próximo assunto.

— Talvez... — Dei um longo suspiro. — Pode?

Recebi um olhar intenso, de quem acreditava naquilo mais do que eu. Não era tão simples como a Pietra pensava, ou era, e eu que havia optado por não tentar descobrir.

— Qual o seu medo, Sílvia? Porque não sou tão inocente a ponto de acreditar que tudo isso foi por causa daquele mal-entendido com o Jorge. Me recuso a acreditar que você escondeu sua gravidez do Henrique e fugiu da Girassol só por estar magoada com ele.

Tive que sorrir.

Eu sabia que ela nunca acreditara na minha desculpa esfarrapada, o que fazia dela a amiga perfeita, porque tinha me apoiado mesmo assim.

Meu corpo antes ereto agora desabava na cadeira em que eu estava sentada. Não tinha ideia de como revelar a verdade sem parecer fraca, mas sabia que a hora chegara. Eu tinha que responder as perguntas do Henrique, e o melhor que tinha a

fazer era compartilhar tudo que passara com a Pietra antes de contar a ele que seu pai era um filho da puta que ameaçara matar a mim e ao neto se eu não sumisse da vida dele.

— Lembra quando eu disse que o pai do Henrique era um desgraçado racista? — Ela assentiu, me dando total atenção. — Ele é muito mais que isso.

Por um momento, as palavras simplesmente insistiram em ficar na minha garganta. O pânico voltou a tomar conta de mim, e o medo me consumiu por inteiro. Vendo minha reação, Pietra entendeu que havia um motivo para eu ter deixado tudo para trás.

— Sílvia, ele te machucou? — perguntou ela. — O velho escroto fez algo contra você?

— Não fisicamente. — Ele pode não ter agredido o meu corpo, mas havia ferido minha alma como ninguém.

Ela se levantou depressa, e senti seus braços me segurando.

— Você precisa contar pro Henrique.

— Como? — questionei, perdida entre as lágrimas de pavor.

Ela segurou meu rosto nas mãos e me fez encará-la. Além do medo que sentia do Enzo, também temia a reação do Henrique. A verdade era que tinha medo de que nunca me perdoasse.

— Com a coragem que sei que você tem, com a sabedoria de quem não vai deixar o pai do seu filho no escuro de novo. O Henrique não vai embora, mesmo que você queira, ele deixou isso bem claro. Então você não tem outra saída a não ser falar a verdade.

Ela tinha razão. Mas eu ainda não sabia como pôr em prática o que meu coração insistia que era o certo a fazer.

HENRIQUE

Já se passara um mês desde meu primeiro encontro com a Sílvia no hospital. Depois daquele dia, vivíamos como se fôssemos algo que podia se quebrar a qualquer momento. Não havíamos discutido mais. Sílvia até tentara iniciar uma conversa, mas eu a cortei e afirmei que nenhum assunto seria discutido até que o Davi saísse daquele maldito hospital. Ela apenas sacudira a cabeça, concordando comigo. Por mais que eu quisesse descobrir tudo o que havia acontecido e ansiasse por respostas, nada era mais importante que estar ao lado do Davi. Como eu não sabia como reagiria às revelações da Sílvia, optei por continuar no escuro.

No entanto, estar tão próximo dela era torturante. Com a recuperação do Davi, Sílvia voltou a sorrir, e a cada sorriso um pedaço do meu coração partido voltava para o lugar como por milagre. Por vários dias, deixamos o passado de lado. Nos revezamos para cuidar do nosso filho, dividimos experiências e preocupações, fomos tratados como um casal pela equipe médica do hospital e agimos como se fôssemos um. Foram vários gestos. Diversos toques. Inúmeras trocas de olhares. Muitas palavras.

Era impossível não sentir essa aproximação.

Era impossível ignorá-la.

Era impossível não sofrer.

Eu queria muitas coisas. Queria ter aquela mulher nos meus braços e segurá-la até que tudo passasse. Queria poder trocar de lugar com o meu filho, evitando que ele sofresse. Queria poder me olhar no espelho e me perdoar por ter desconfiado da única mulher que amara. Queria poder mudar o passado e transformar o presente. Logo eu, que nunca tinha querido muita coisa, estava com o coração repleto de desejos.

Sentei na beirada da cama do hotel e segurei o rosto entre as mãos. Apesar de tudo, sentia-me derrotado e cansado. Poucas horas antes, ficara sabendo que o Davi poderia ir para casa. Foram trinta dias de angústia até termos a certeza de que ele ficaria bem. *Ele tinha que ficar bem!* Porém, aquela notícia também fez renascer o medo em mim. *E agora, o que faríamos?* Estava tomado por sentimentos contraditórios. Ao mesmo tempo em que me alegrava pela alta do meu filho, sentia o frio da incerteza gelar meu coração.

Eu não o abandonaria. Isso estava fora de cogitação. Ele era a única coisa que me mantinha de pé. Tudo que pensei que fosse importante na minha vida havia se dissipado feito fumaça quando olhei em seus olhos. Nada mais tinha o mesmo significado. Davi era um pedaço de mim. E eu não seria capaz de me separar do meu filho. Se era isso que pais sentiam por seus filhos, então eu tinha plena certeza de que nunca fora amado.

Meu celular tocou e comecei a acreditar que o *pensamento atrai*, pois o nome “Enzo” piscava com insistência no visor. Era como se ele fosse capaz de perceber a minha alegria e fizesse o possível e o impossível para assombrar os meus dias.

— Alô!

— Henrique, exijo que você pare com essa brincadeira e volte

para casa agora!

Minha mandíbula travou e suspirei, cansado. Claro que eu não havia dito nada, mas acho que ele desconfiava. A cada ligação que eu recebia, ele parecia mais nervoso, autoritário e arrogante. Não diria por telefone o que estava me mantendo longe de casa há um mês. Sabia que aquela seria uma conversa difícil, então decidi que contaria pessoalmente ao coronel que ele era avô.

— Volto ainda essa semana — respondi, sucinto.

Meu pai me deixava nervoso e eu me odiava por ainda tremer diante dele. Mas era algo incontrollável, que me acompanhava desde sempre. Mesmo sem causar o mesmo estrago de antes, ele ainda me fazia recuar, sobretudo porque agora eu tinha mais pessoas com quem me preocupar.

Enzo resmungou algumas coisas que ignorei e encerrou a ligação. O medo que me apavorava se tornou ainda mais forte depois da ligação. Eu teria que assumir as rédeas do meu futuro e, dessa vez, não poderia voltar atrás nas minhas decisões, mesmo que isso significasse cortar meu pai da minha vida para sempre.

Quando cheguei ao hospital, encontrei a Sílvia conversando com o pediatra. Meu estômago se contraía toda vez que isso acontecia. O cara era jovem, atraente e estava sempre por perto. Não o via sorrindo para as outras mães como ele fazia para a Sílvia. Era diferente! E ela retribuía, o que me deixava ainda mais doente. Sentia ciúme, inveja, raiva. Desejava que ela sorrisse apenas para mim. Lutava o tempo todo contra esse pensamento: Sílvia com outro homem. Se eu ficava assim apenas com um gesto tão inocente quanto aquele, imagina se a visse de verdade nos braços de outro? *Eu quebraria!*

Ainda me aproximava quando ela me viu. O dr. Caio ria descontraido, mas Sílvia estava séria, como se minha presença a intimidasse, impedindo-a de continuar. Ele ainda lhe disse algo e ela sacudiu a cabeça, confirmando. Então Sílvia andou na minha direção. Pude ver como Caio a observava. Com o olhar, seguiu seus passos até ela se juntar a mim.

— Oi. O Davi vai sair em algumas horas — comentou, com alívio. Eu também estava aliviado, mas sobretudo sentia ciúmes. Continuei olhando para o Caio, e ele me encarou, entendendo o aviso em meu olhar. — Henrique, tá me escutando?

Acordei do transe que me envolvia e não pensei duas vezes antes de envolvê-la em meus braços.

— Isso é maravilhoso! — sussurrei contra o seu cabelo.

Não olhei mais na direção em que o Caio estava. Não me importava se ele tinha testemunhado ou não a cena, eu me importava apenas com a mulher que tinha a porra do meu coração nas mãos.

— Tive tanto medo.

Eu me afastei e vi nos olhos dela os mesmos fantasmas que não me deixavam dormir. O mesmo medo e a mesma angústia.

— Vai ficar tudo bem — prometi.

Em uma fração de segundos, Sílvia virou o rosto, fugindo do meu olhar e das minhas promessas. Ela não acreditava em mim, e eu não podia culpá-la por agir assim.

— Henrique...

— Nós precisamos conversar... — Dissemos, ao mesmo tempo.

Balancei a cabeça, concordando, e Sílvia sorriu, nervosa. Seria uma conversa difícil, sabíamos, mas também era uma conversa inevitável. Já estava na hora de pôr tudo em pratos limpos. Davi

merecia, nós também.

— Com cuidado — meu coração parecia que ia sair pela boca. Sílvia me lançou um olhar duro, reprovando minhas palavras, enquanto a Fabiana ria baixinho. — É que...

Davi ainda era tão pequenininho que eu temia que ele pudesse se desmanchar em nossas mãos a qualquer momento. Sentia muito medo quando o pegava, mas aos poucos estava me acostumando, porque a sensação de tê-lo nos meus braços, sentir seu calor e seu cheirinho, era algo incomparável. Nunca havia experimentado uma sensação tão plena. Estar com meu filho era como estar no paraíso.

Olhei ao redor e analisei o quarto. Era a primeira vez que eu estava no apartamento da Sílvia. O quarto era pequeno, e o berço do Davi dividia espaço com a cama dela. Também havia um guarda-roupa e uma cômoda branca com detalhes em azul.

O sol da tarde ainda refletia na janela, e o vento soprava de leve as cortinas, que balançavam. Sílvia havia dito que o enxoval do Davi estava completo, mas, mesmo assim, eu tinha comprado algumas roupinhas, sapatos, brinquedos. O quarto estava lotado de sacolas que ainda não tinham sido abertas.

— Eu disse que não precisava de mais nada. O Davi já tem tudo que precisa.

Sua voz era dura, e eu me irritei diante do duplo sentido do comentário. Ela falava muito mais sobre a nossa situação do que sobre os presentes. Senti o sangue fugir do meu corpo para o rosto, minha pele queimava. Abri a boca para rebatê-la, mas fomos interrompidos.

— O.k! O.k! — Fabiana encerrou o assunto, sempre preocupada em não acordar o Davi, que dormia sereno em seu berço, alheio a tudo que estava acontecendo à sua volta. —

Vocês precisam conversar. Vou ficar com o Davi e vocês se resolvam lá fora.

Sílvia pareceu recuar, mas eu concordei com a Fabiana e saí do quarto. Aguardei longos minutos até que ela se juntasse a mim. Seus ombros estavam caídos e o rosto denotava cansaço e preocupação. Sílvia passou por mim sem dizer nada, e a única coisa que eu queria naquele momento era arrancar toda a tristeza que ela trazia nos olhos.

Segui seus passos até o pequeno jardim do prédio, que era no térreo. Havia algumas flores e plantas, além de uma mesa com duas cadeiras. Nos sentamos, ainda em silêncio. Ao enxergar uma grande rosa branca, senti um aperto de saudade.

— Eram as preferidas da minha mãe — disse, olhando para as pétalas brancas iluminadas pelo sol que começava a se pôr.

Sílvia respirou fundo e eu soube que aquela era a hora. Ela olhou para as flores e, quando se voltou para mim, percebi que já estava chorando. Minha vontade era de beber cada uma das lágrimas que rolavam de seus lindos olhos. Mas não o fiz. Precisávamos manter a distância, pois não seria capaz de me segurar se a tocasse. A saudade era enorme e o amor que sentia por aquela mulher era imensurável.

— O Davi é seu filho.

— Eu sei. — Eu a interrompi, não era necessário que ela me dissesse.

— Por favor, Henrique, me deixa falar — implorou, com a voz embargada. — Mas você não pode fazer parte das nossas vidas.

Foi como se mil lanças me atravessassem. Queria gritar com ela. Sacudi-la até que entendesse que o que estava fazendo comigo era errado.

— Por quê?

Uma pergunta simples que seria capaz de mudar nossas vidas.

— Seu pai... — Eu fiquei estático, sem saber o que ela queria me dizer. — Enzo não pode chegar perto do Davi. Ele deve ficar longe da gente, Henrique. — Sua voz já estava em um tom mais alto. — E ter você de volta é o mesmo que trazer aquele... aquele... monstro para a vida do meu filho. Eu não vou deixar isso acontecer. Nem morta! — gritou, levantando-se e dando as costas para mim.

Eu estava confuso. Sabia que meu pai não era o melhor dos homens. Sabia que ele tinha tratado a Sílvia como lixo, mas aquilo não fazia sentido. Suas palavras não faziam sentido para mim.

— Escuta, eu sei que ele não foi nada educado, mas o que você tá querendo dizer, Sílvia? Simplesmente não entendo por que você tá pondo meu pai no meio da nossa conversa.

Ela não me respondeu. Baixou a cabeça e começou a chorar. Então a puxei para mim, fazendo com que me encarasse.

Minha garganta fechou quando vi o medo em seus olhos. Algo passou pela minha cabeça, mas me neguei a acreditar.

— Ele sabia sobre o Davi. — Meu coração parou. — Sabia sobre a minha gravidez. — Meu corpo congelou. — Ele nos ameaçou. — O pânico me engoliu.

As palavras giraram na minha mente. Era como nos desenhos animados, quando alguém leva uma paulada e começa a ver passarinhos em cima da sua cabeça. Era assim que eu me sentia. Podia ver as palavras que ela dissera dançando na frente dos meus olhos. Queria entender o que acabara de ouvir, mas uma parte de mim, uma parte bem lá no fundo, recusava-se a acreditar no que a Sílvia me dizia. Tentei falar alguma coisa,

mas minha voz não saía. Lágrimas saltaram dos meus olhos sem que eu pudesse evitar. Foi a única coisa que consegui fazer naquele instante.

— Eu fugi sim, Henrique. Mas queria te contar. Eu tava indo te contar tudo, mas o Enzo esteve na minha casa. Ele disse que faria de tudo pra me afastar de você. — Ela engasgou. — Ele seria capaz de matar meu filho.

— Nosso filho! — gritei. Estava muito puto com tudo.

Comigo.

Com ela.

Com meu pai.

Com o mundo.

— Eu não tive escolha.

— Por que ele faria isso?

Ela segurou minha mão, entrelaçando os dedos com os dela. Notei nossas cores se misturando, sua pele escura contrastando com a minha, e foi como se algo se acendesse dentro de mim. Soltei a Sílvia e me afastei, perturbado. Eu andava de um lado para o outro, passando as mãos no cabelo, desesperado. Ele não podia ter feito aquilo. Ele não seria tão cruel, tão baixo. Ninguém era tão horrível àquele ponto.

— Merda! Merda! Merda! — xinguei ao pensar no meu filho dormindo tranquilo, lutando com bravura. Meu mundo desabou. Soltei um gemido rouco e Sílvia se aproximou, abraçando-me. Ela me consolava quando tinha que ser eu a consolá-la. Meu corpo todo tremia, fazendo Sílvia sacudir. — Eu sinto tanto. Eu sinto muito. Você tinha que ter vindo até mim. Eu protegeria vocês. Eu fiquei no escuro. — Estava magoado com ela, era inevitável. Sílvia havia me excluído da sua vida. Eu me sentia um merda por ela não ter confiado em mim. Por ela

achar que estaria melhor sem mim. Que enfrentar sozinha a maldade do meu pai era o melhor a ser feito. Aquilo me destruiu por completo.

Sílvia apenas me olhava, tentando me fazer entender seus argumentos, mas era difícil. Sentia-me impotente.

Precisei de um tempo para me acalmar.

— Você não pode me deixar de fora. Não pode agir como se o Davi não fosse minha responsabilidade. Ele também é parte de mim. Eu vou resolver isso. Você não precisa mais se preocupar.

— Não! — gritou, assustando-me. — Você não pode fazer nada. Seu pai é quem ele é e não vai mudar. Não podemos arriscar a segurança do Davi, ainda mais agora, Henrique. Você tem que me prometer. — Ela agarrou minha camiseta, implorando, chorando desesperada. — Promete?

— Não posso. Eu já amo ele. — Minha voz vacilou.

Sílvia abriu um sorriso que contrastava com os olhos nublados pelo choro insistente. Chorávamos sem nos importar. Era como se as lágrimas lavassem nossas almas e revelassem nossos medos.

— Eu sei. E sou grata por isso. Por amá-lo. Vejo o amor nos seus olhos. Olhos brilhantes.

Por um momento, percebi algo mais em sua voz. Senti que não falava só do Davi, mas que falava de “nós”. O “nós” que ficara no passado, perdido entre os erros. Mas “nós” teríamos que ficar para depois.

— Cuida dele até eu voltar — pedi e plantei um beijo em sua testa.

— O que você vai fazer? — questionou, os olhos preocupados.

— O que eu tenho que fazer. — Ela ainda abriu a boca para

argumentar, mas eu não deixei. — Eu te amo.

Senti necessidade de confessar o meu amor.

Saí do jardim sem olhar para trás e fui direto para o quarto onde o Davi dormia. Fabiana estava em uma poltrona ao seu lado. Ela desviou os olhos de um livro que segurava e me encarou.

— Tudo bem? — perguntou.

Aproximei-me do berço e olhei bem para o ser que agora movia meu coração. Memorizei cada detalhe como se fosse uma fotografia que se guarda na carteira, com a diferença que a guardaria no meu coração.

— Sim, tá tudo bem.

Saí do apartamento da Sílvia totalmente atordoado por saber que o coronel havia escondido de mim que eu seria pai, tinha me enganado, manipulado a minha vida e, pior, ameaçado a Sílvia e o Davi. Eu estava destroçado, mas não podia me entregar. Precisava me manter forte para a minha última batalha com Enzo Montolvani.

SÍLVIA

Eu te amo!

As palavras do Henrique me paralisaram.

Não tive condições de impedir que fosse falar com o pai. Eu queria, minha mente implorava, mas não fui forte o suficiente. A verdade era que o tempo que havíamos passado juntos fizera com que minhas convicções desmoronassem pouco a pouco. Mais que isso: vê-lo com Davi me trouxe esperança. O meu amor pelo Henrique estava mais vivo do que nunca. Foi doloroso demais estar tão próxima dele, mas ao mesmo tempo me trouxe paz. Eu não sentia medo das ameaças de Enzo ao lado do Henrique. Era como se ele fosse capaz de mudar tudo que havia acontecido.

Em uma das vezes em que o Henrique dormia na poltrona do hospital, ao lado do Davi, não consegui me controlar. Aproximei-me dele e toquei seu rosto. Henrique se mexeu e eu me afastei, com medo de que ele me pegasse em flagrante.

Eu ainda o amava. Eu nunca deixara de amá-lo. O meu amor estava adormecido, mas ressurgiu como um vulcão em erupção.

Sequei as lágrimas que ainda rolavam pelo meu rosto e tentei me recuperar. Não sabia quanto tempo se passara desde que o Henrique fora embora, mas eu precisava me concentrar no pequeno anjo que tinha em casa.

O silêncio predominava, Davi continuava dormindo. Minha

irmã estava ao lado do berço, lendo um livro. Pude ver a curiosidade inflamando seus olhos quando ela me viu entrar no quarto.

— Depilou o coração? — disse ela, em voz baixa.

Era uma piada interna. Na verdade, era uma piada da Fabiana em relação ao meu “coração peludo”, como ela dizia.

— Ha-ha-ha! — Fingi rir.

Aproximei-me do berço e olhei Davi, que dormia sereno.

— Ele estava arrasado — disse Fabiana. — Qual foi a reação dele?

Desviei o olhar, sem conseguir encará-la.

— Achei que ele surtaria — confessei. — Fiquei com medo de que me culpasse por tudo e deixasse a raiva dominá-lo. Claro que ele está magoado com a minha omissão, mas não tanto quanto eu pensei. — No fim, acho que Henrique tinha amadurecido mais do que eu imaginava. — Ele foi falar com o pai, e eu não sei o que fazer a respeito.

Novas lágrimas desciam dos meus olhos, e fiquei imaginando quando elas enfim secariam.

Minha irmã levantou e veio ao meu encontro. Nos abraçamos por um tempo. Ela tentava me consolar, e eu absorvia suas palavras. Talvez, se repetisse o tempo todo que tudo ficaria bem, isso se tornaria realidade.

Fomos interrompidas por um chorinho fraco. Olhamos para o berço assim que percebemos que o Davi chamava nossa atenção. Eu o peguei em meus braços e sentei na poltrona. Sorri mesmo antes de começar a amamentá-lo. Era o momento mais sublime do meu dia. Poderia fazê-lo para sempre. Era uma sensação indescritível sentir suas mãozinhas me tocando enquanto sua boca sugava o meu seio. Não pensava em nada de

ruim naquele momento. Todos os meus pensamentos estavam voltados para o amor que segurava em meus braços.

Levantei o rosto e percebi que minha irmã não estava mais no quarto.

Davi chorou e eu o embalei em meus braços.

— Eu sei que o papai se foi, mas ele vai voltar — murmurei.

Depois de horas acordado, Davi por fim dormiu, e eu fui para a cama. Infelizmente, nem com todo o cansaço que me dominava, consegui pregar os olhos. Estava aflita, preocupada, ansiosa. Levantei e peguei o celular. Não conseguiria pensar em mais nada enquanto não soubesse que o Henrique estava bem. Meu coração estava apertado. Assim como eu, ele estava muito cansado por tudo o que havíamos vivido nos últimos dias. Além disso, saíra transtornado com as coisas que eu contara, e eu duvidava que parasse antes de chegar à fazenda. Pensar na reação que o Henrique teria quando encontrasse o pai me preocupava.

Mandeí uma mensagem perguntando como ele estava e aguardei que me respondesse.

Dez minutos e nenhuma resposta.

Fui à cozinha e tomei água.

Quinze minutos e nada.

Sentia meu coração bater no peito como se fosse saltar para fora.

Vinte minutos e eu não aguentava mais esperar. Quando peguei o celular para ligar, minha angústia chegou ao fim.

Estou bem, na medida do possível. Acabei de chegar. Como está nosso filho?

Não pude evitar o suspiro que escapou. *Nosso filho!* Sorri orgulhosa. Fitei Davi no berço e notei o quanto tinha traços do

pai. Os olhos, o nariz, o cabelo, tudo era do Henrique. De mim, Davi tinha puxado a boca, as sobrancelhas e um pouco da cor. Sim, um pouco.

Digitei depressa.

Dormindo!

Não precisei aguardar muito, pois logo ele respondeu.

O que meu pai fez não tem perdão. O racismo dele não pode ser a dor que te atormenta. Você não vai precisar chorar mais por isso. Confie seu sofrimento a mim, eu farei de tudo para ele passar.

Li a mensagem com os olhos embargados pela promessa que ela continha. Levei o celular até o peito e deitei na cama, em posição fetal. Chorei baixinho, sentindo a dor rasgar meu coração como se abrisse espaço para novos sentimentos.

Eu o amava e não seria capaz de me manter longe dele.

HENRIQUE

Fiquei sentado na caminhonete pensando nas palavras que acabara de escrever para a Sílvia. *Era uma promessa*. E eu me esforçaria para cumpri-la, mesmo que significasse destruir o homem que um dia chamei de pai.

Durante a viagem, tentei entender o que havia acontecido. Eu não queria acreditar que ele tivesse sido capaz de atos tão horrendos. A relação que estava tentando estabelecer com meu pai morria a cada quilômetro. Quando cheguei à fazenda, decidi me acalmar antes de entrar em casa. Se entrasse com a raiva que sentia, seria capaz de fazer uma besteira da qual me arrependeria para sempre.

Escutei o vento da madrugada quebrar o silêncio que envolvia meus pensamentos e notei o orvalho da manhã a escorrer pela janela do carro como se fossem lágrimas. Os primeiros raios de sol já despontavam no horizonte. Chegava a hora de enfrentá-lo. Meu pai sempre acordava cedo, antes de todos os funcionários. Desci do carro e subi as escadas com uma determinação que nunca sentira antes.

Girei a chave na porta e respirei fundo.

Fui direto para o escritório, sabia que o encontraria lá.

Abri a porta bruscamente. Enzo Montolvani estava sentado em sua mesa.

O rei da soja.

O coronel.

O maior racista que tive o desprazer de conhecer na minha vida.

O meu pai.

A fúria que eu havia controlado pouco antes de entrar em casa voltou a me guiar. Foi impossível estar diante dele e não sentir toda a dor que causara à Sílvia. Todo o sofrimento que provocara ao meu filho. Se ele não tivesse praticado aquelas atrocidades, talvez o Davi não tivesse passado por tudo o que passara em seu primeiro mês de vida.

Por alguns segundos, ele me encarou. Os olhos esbugalhados, a boca tomada por uma careta de desprezo. Ele sabia por que eu estava ali. Sabia o motivo da minha viagem e da minha volta. Eu podia enxergar a verdade em seus olhos. Mas o que mais me doía era não ver nenhum pingo de arrependimento em sua expressão. Como tinha sido durante toda a minha infância: ele nunca se arrependera de nenhuma humilhação que me causara.

— Você é doente. — Foram as primeiras palavras que consegui dizer.

Meu corpo inteiro tremia com a fúria que eu sentia. Meus punhos estavam cerrados. Eu fazia força para me segurar e não voar para cima do meu pai.

Enzo sorriu.

Meu autocontrole se desfez.

Em um movimento inesperado, voei em sua direção e segurei meu pai contra a estante de livros atrás da mesa. Uma das minhas mãos segurava o colarinho de sua camisa e a outra rodeava o seu pescoço. Ele ficou vermelho. Seus olhos se dilataram. Meus dentes rangiam como se eu fosse um animal prestes a abater a presa.

Eu queria matá-lo.

Eu iria matá-lo.

Bati seu corpo contra a madeira uma, duas, três vezes. Livros e objetos caíram no chão com as pancadas.

— Se acontecer alguma coisa com o meu filho... — As palavras saíram engasgadas. Só de pensar no Davi naquele hospital, no quanto havia lutado por sua vida, um nó se formava na minha garganta, impedindo que falasse normalmente. Inspirei e expirei. — Eu sou capaz de acabar com você. Tá me escutando? — berrei.

Enfim, eu o soltei.

Meu pai caiu no chão, segurando o pescoço, abrindo a camisa e tossindo.

— Eu nunca deixaria aquela pretinha... — Tossiu mais uma vez. — ... uma putinha que não tem onde cair morta, dar o golpe em você. Porque você é burro, Henrique. Nunca vi um homem mais idiota e fraco que você.

Meu pai se achava o dono da verdade, achava que estava acima do bem e do mal. Ele estava totalmente errado em relação à Sílvia. Em relação a mim. Errado em relação a tudo.

— Eu nunca deveria ter deixado que a negrinha saísse daqui. Deveria ter cuidado daquela coisa de uma vez por todas, eliminando por completo o problema. Eu a vigiei. Descobri onde estava e fiz de tudo para esconder isso de você, mas eu deveria saber que você iria atrás da putinha. Porque esse é você. Sempre andando e comendo com os porcos.

Lembrei do homem estranho que vira na fazenda. Então era isso que ele fazia. Espionava a Sílvia enquanto eu vivia em desespero.

Mais uma vez voei para cima dele e o levantei do chão.

— Vai, me mata, não tenho muito tempo mesmo. É isso que você quer fazer, não é, *meu filho*? — pronunciou com desdém. — No fundo, somos iguais. Ou você quer me convencer de que tem coração? Eu criei você. Tudo que fiz foi para isto: para que você não sentisse pena, não sentisse remorso de nada. Eu te transformei no que você é.

Foi então que entendi tudo.

Senti meu rosto molhado pelas lágrimas. Eu não seria como ele. Prometi a Davi que seria um homem melhor. Um pai melhor. Um ser humano melhor. E, ao agredi-lo, perderia tudo que já havia conquistado. Eu não faria isso. Por mim. Mas também pelo meu pai. Eu o deixaria sofrer e ver que havia falhado em tudo.

Soltei.

— Você é um fraco mesmo.

— Sim, sou. Eu não tenho sua *força*. E se isso me faz diferente de você, a única coisa que posso sentir é orgulho. Orgulho de ser Henrique e não seu filho. Não mais.

Ele se apoiou na mesa.

— Vai trocar tudo por um bastardo?

— Não fala dele — berrei, descontrolado.

— É isso o que ele é — gritou de volta. — Um negrinho filho de uma putinha. Um bastardo que você deveria ter feito ela tirar.

— Ele é seu neto — disse, entredentes. Eu não conhecia meu pai. Toda a maldade que havia conhecido durante a minha vida sequer chegava perto do veneno que ele destilava. — Ele é seu neto — repeti, como se aquilo pudesse fazer algum sentido para ele.

— Não é e nunca será. E se você sair por aquela porta para ir

atrás deles, você também não será meu filho.

Ergui as mãos para os céus.

— Enfim você disse uma coisa boa. Pelo menos deu uma dentro, coronel Enzo Montolvani. Obrigado por tirar das minhas costas a culpa de deixá-lo apodrecer sozinho. Me livrar do fardo de ser seu filho foi a melhor coisa que fez em sua vida. Foi a única coisa boa que fez por mim.

Virei as costas e, antes de sair, algo me abateu.

— Você causou o acidente?

Meu pai sentou na cadeira e me olhou com intensidade.

— Não sei do que você está falando.

Bati os punhos sobre a mesa.

— O acidente que levou a Sílvia para o hospital. Foi você?

Temia por sua resposta.

Meu corpo tremia.

— Não! — Ele foi enfático. — Se tivesse sido eu, nem ela e nem o bastardinho estariam vivos. Não faço serviço pela metade. Mas eu torci quando o detetive me disse o que havia acontecido. Torci sim para que ela e a coisinha tivessem morrido atropelados. Me pouparia muitos problemas.

Olhei para ele mais uma vez e desisti de responder. Nada faria meu pai mudar de ideia. Nada traria redenção para aquela alma podre. Nas missas que frequentava quando criança, aprendi que todos mereciam ser perdoados. Que inclusive o mais perverso dos homens poderia se arrepender, alcançando a redenção. Mas não meu pai. Enzo nunca se arrependeria do que fizera.

— Fica longe deles — avisei, colocando o dedo rente ao seu rosto. Meu pai não se moveu, não vacilou. — Se eu vir você ou algum de seus capangas perto da minha família, eu vou te pôr na cadeia. — Ele riu, e eu sabia que essa ameaça seria difícil de

cumprir. Queria acreditar que a justiça funcionava para todos, mas não deixei que meu pai sentisse meu medo. — Não se aproxima de mim. Nunca mais!

Deixei o escritório e subi depressa até o quarto. Joguei alguns documentos e roupas em uma sacola. Não tinha tempo para fazer malas e queria levar o mínimo possível dali. Não queria nada que me lembrasse o coronel.

Meu coração se apertou quando me aproximei da janela. A dúvida sobre abri-la ou não pairou sobre mim. Respirei fundo e a destravei, deixando o vento e o sol entrarem. Meus olhos buscaram o jardim e as flores que ela tanto amava. A paz dominou meu coração quando as encontrei. As roseiras estavam floridas. *Todas elas*. Centenas de flores brancas tomavam todo o jardim. Era como se minha mãe me dissesse que estava tudo bem. Que ela estava ali e que, por fim, tudo havia terminado. Toda a dor havia acabado. Sorri diante da visão e, em meio às lágrimas, fechei os olhos, imaginando-a. Quando abri de novo, vi minha mãe, olhando e sorrindo para mim. Era um sorriso de orgulho. Um sorriso de amor. Um sorriso que eu guardaria para sempre comigo.

Fechei a janela e me despedi do jardim. Não precisava dele para lembrar da minha mãe. Ela estaria em todos os sorrisos verdadeiros que visse.

Desci as escadas correndo e sequer olhei para o escritório. Antes de chegar à caminhonete, encontrei com o Conrado, que chegava correndo.

— Seu pai me chamou às pressas. Ele tá bem?

— É possível que não.

Ele entendeu meu recado e saiu do caminho, deixando que eu entrasse na caminhonete. Um sorriso despontou em seu rosto, e

eu sabia que ele entendia completamente o meu *foda-se*.

Dei partida no carro e ganhei a estrada.

Alívio era a única sensação que sentia.

Antes de voltar para a Sílvia, eu tinha que resolver diversas coisas. Precisava passar na oficina e conversar com o Carlito. Tínhamos que chegar a uma solução sobre o meu afastamento. O Ranger e a Pietra seriam minha segunda parada. Para me aproximar em definitivo da Sílvia e ficar ao lado do meu filho, precisava da ajuda dos meus amigos. Também falaria com o Rodrigo antes de partir.

Estacionei a caminhonete na estrada e mandei uma mensagem para a Sílvia. Meus dedos digitaram em uma velocidade surpreendente, mas não me importei com os erros de digitação. Pedi que ela me esperasse. Pedi que não afastasse o Davi de mim. Implorei que confiasse em mim mais uma vez. Uma única oportunidade. Era tudo que eu pedia. Sua resposta me fez sorrir.

Volta logo, nosso filho precisa de você. EU preciso de você.

Ela ainda me amava. Ela ainda me queria ao seu lado. Gritei a plenos pulmões que Sílvia ainda me amava, que eu ainda tinha uma chance. Um peso foi tirado do meu coração. Eu não era como ele. Não seria! Eu teria uma segunda chance e saberia usá-la. Aprenderia com os meus erros. Era um filho da puta de um sortudo e agarraria aquela oportunidade com unhas e dentes.

Eu tinha uma família e morreria para protegê-la e amá-la.

SÍLVIA

Eu não tinha ideia do que estava fazendo. A determinação de me manter longe do Henrique tinha caído por terra.

Fazia dois dias que ele deixara a minha casa, dois dias de profunda aflição. Henrique mantinha contato o tempo todo, contando o que estava fazendo, como tinha resolvido as coisas, perguntando por Davi e por mim, mas nunca dizia quais eram os seus próximos passos. Achei melhor não o pressionar. Eu diria o quê? *Olha, eu fugi. Estava determinada a nunca mais ver você, mas esquece tudo isso, porque eu te amo loucamente e te quero ao meu lado.* Meio louco. Coisa de gente que está totalmente perdida.

Enquanto preparava o banho do Davi, ele começou a chorar. Não dei importância, imaginando que se calaria assim que o pegasse no colo, mas não foi o que aconteceu. Davi chorou, chorou, chorou... Durante o banho, minutos depois, horas depois. Já estava preocupada, sem saber o que fazer. Tinha tentado de tudo, mas ele não se acalmava. Entrei em desespero. Liguei para o pediatra e ele disse para levá-lo até lá. Sem pensar duas vezes, chamei um táxi. Mandeí uma mensagem para Fabiana avisando que estava indo para o hospital.

Assim que saí de casa, segurando meu filho nos braços, não consegui evitar as lembranças do dia em que ele nascera. Eu atravessando a rua, o táxi me esperando, Henrique me chamando e salvando não só a mim, mas também ao Davi.

Eu me distraí por alguns segundos, mas logo o choro me trouxe de volta à realidade. Então entrei depressa no táxi.

— Pode ficar calma, mamãe.

Olhava para o médico na minha frente e tentava imaginar como ele conseguia me dizer para ficar calma quando eu tinha escutado meu filho chorar por quase cinco horas seguidas. Fiquei imóvel, sem conseguir articular uma resposta coerente, realmente não sabia o que dizer.

Vendo minha expressão, ele resolveu se adiantar:

— São apenas cólicas. Davi é prematuro, ainda está amadurecendo o intestino e outros órgãos. Suas dores podem ser mais fortes do que as de outros bebês, mas por enquanto não há nada com o que se preocupar. Vou deixá-lo mais algumas horas em observação, medicá-lo e depois ele está liberado.

Lágrimas escorriam dos meus olhos. Sim, ele estava bem. Sequei meu rosto molhado e levantei.

— Obrigada!

Voltei para a sala onde Davi estava. Fiquei ao seu lado, olhando para o seu rostinho sereno e agradecendo por ele estar bem. Nenhum sofrimento que sentira em minha vida se comparava com a angústia de vê-lo tão frágil. Se eu pudesse, trocaria de lugar com ele sem pensar duas vezes.

Enquanto estava perdida em minhas súplicas e orações, o celular tocou. Havia me esquecido do Henrique. Ele tinha me mandado diversas mensagens e eu, preocupada com o estado do Davi, ainda não respondera. Acho que ele tinha cansado de esperar pelas repostas.

— Oi — murmurei, saindo do quarto.

— Graças a Deus! — exclamou.

Ele é tudo para mim! Foi a única coisa que consegui sentir quando ouvi sua voz. Eu queria ter conseguido manter minha decisão, mas não dava. Sentia como se ele fosse a parte que me faltava. Meu coração insistia em dizer que era ele. Sempre foi e sempre seria. Eu tinha que viver. Eu queria viver. Viver com o Henrique, meu Galego.

— Você tá bem? Tá chorando? Sílvia, me responde — perguntou, com insistência.

Eu chorava ao telefone, sem conseguir traduzir em palavras o que o meu coração gritava. Ele esperou. Eu esperei. Ficamos calados até que a coragem enfim explodiu em uma frase que mudaria a minha vida.

— Eu te amo — sussurrei. Por alguns segundos, ouvi apenas sua respiração ofegante. — Eu preciso de você ao meu lado, Henrique. Desesperadamente.

Ele era o homem que fazia meu coração disparar. Era só ele quem me fazia sorrir. Era o Henrique que extraía o melhor de mim.

— Preciso que acredite no que vou dizer. Eu estou indo ficar com vocês. Eu te amo e amo o Davi mais do que a mim mesmo.

Mais lágrimas.

— Estamos no hospital.

— Como? O que aconteceu? Davi...

— Ele tá bem. Daqui a pouco vamos pra casa — expliquei, antes que ele surtasse de verdade.

Henrique se acalmou e nos despedimos. Mais uma vez, antes de desligar, ele disse que me amava.

Davi recebeu alta em poucas horas. Fabiana foi ao nosso encontro no hospital e, pouco tempo depois, já estávamos em

casa. Apesar de ele ter dormido, eu demorei para pegar no sono, ainda preocupada. Quando abri os olhos, levei um tempo para entender o que estava acontecendo. Primeiro pensei que era um sonho, mas depois de sentir o seu toque em meu rosto, tive certeza de que ele estava ali.

Henrique estava sentado ao meu lado e me olhava com aqueles olhos brilhantes que eu tanto amava. Eu me via refletida em seu rosto e foi como se mil fogos de artifícios explodissem no meu coração. Abri a boca para dizer algo, mas ele encostou um dedo em meus lábios e me calou.

— Apenas me escuta — disse baixinho. — Eu deixei que o ciúme me cegasse e fui dominado pelas incertezas diante dos sentimentos que você despertou. Eu não era e não sou o melhor homem do mundo, mas sou o melhor homem que poderia me tornar. Você me transformou. O amor que despertou em mim me fez descobrir um Henrique que eu sequer sabia que existia. Eu sou seu, Sílvia. Pertencço a você desde o beijo que trocamos no casamento. E agora você me deu o maior presente da minha vida. Eu amo você. Amo o Davi. Amo que tenha me dado uma família. A mais linda que poderia existir. Você me deu um novo sonho para sonhar.

Eu sorria e chorava ao mesmo tempo. Soluçava diante de suas palavras e sentia o coração acelerar no meu peito.

— Eu tive medo, por isso escondi o Davi de você.

Ainda me sentia culpada pelo que havia feito.

Ele tocou meu rosto com carinho antes de dizer palavras reconfortantes.

— Você fez o que deveria fazer, e eu me orgulho disso. — *Como?* Pisquei, surpresa. — Você estava protegendo nosso filho. Eu sinto muito que o medo do meu pai tenha feito você passar

por isso sozinha, mas você nunca mais estará só, Sílvia. Estaremos sempre juntos.

— Juntos? — questioneei, emocionada.

— Juntos! — exclamou.

Sorri.

Fui surpreendida por seus lábios chocando-se aos meus. Arfei quando senti seu sabor. Minhas lágrimas molhavam a pele do Henrique. O beijo tinha gosto de saudade, de paixão, de recomeço e principalmente de promessa. Segurei seu rosto entre minhas mãos, querendo sentir mais dele. Henrique gemeu, murmurando palavras de carinho entre uma respiração e outra. O ar faltava, mas era como se não fosse necessário. Precisávamos apenas um do outro.

Era assim que me sentia.

Era assim que sentia o coração do Henrique batendo.

Fomos interrompidos por um chorinho que fez meu coração saltar do peito. Davi tinha acordado e, quando fiz menção de levantar para pegá-lo, Henrique me parou. A cena seguinte me fez explodir de felicidade. O pai embalando o filho. Henrique o acolhia em seus braços, como se tivesse nascido para ser pai.

— Papai está aqui. — Davi se calou, reconhecendo a voz do Henrique, que agora estava sentado ao meu lado na cama.

— Ele tem seus olhos.

Henrique me olhou, sorrindo. Era o mesmo olhar. O mesmo brilho que refletia nos olhos do meu filho.

— Ele tem seu coração — disse ele, com ternura nas palavras.

HENRIQUE

Contei a Sílvia toda a conversa que tivera com meu pai. Não queria falar sobre o coronel com ela, mas prometi a mim mesmo que não esconderia nada da minha Morena. Assim como eu, ela concordava que nada o salvaria da podridão em que tinha se afundado. Ela não perguntou sobre uma possível represália de Enzo. Não disse que estava com medo. Não me repreendeu ou criticou minhas ações. Ela apenas me abraçou e disse que confiava em mim.

Eu confio em você!

Quatro palavras que acabaram com as minhas incertezas. Eu estava com medo de como seria recebido. Sílvia havia dito que me queria e que me amava, mas eu ainda não estava seguro.

Quando cheguei e a vi dormindo, soube que nada seria capaz de explicar o quanto aquela mulher era importante para mim. Sílvia me deu um coração. Não o dela, mas o meu. Com ela eu descobrira quanto minha vida era vazia e sem propósito. Ela chegou como um furacão, abalando meu mundo e virando tudo de cabeça para baixo. Mas também era a brisa que me acariciava e me acalmava.

Antes de deixar a cidade, contei ao Carlito tudo que havia acontecido. Disse que não podia me afastar do meu filho, mesmo que ainda não tivesse certeza de que a Sílvia me aceitaria de volta. Mas eu estava decidido: ela querendo ou não,

eu não sairia do lado do Davi. Também conversei com Ranger e Pietra. Conteí sobre a minha decisão de ir embora e recebi deles o incentivo que precisava para pôr as malas na caminhonete e partir de uma vez por todas.

Enfim eu tinha conseguido sair daquela cidade sem a culpa de abandonar meu pai. Minha alma estava em paz e assim ficaria.

Sílvia insistiu que eu ficasse com ela, mas, por enquanto, ainda dormia em um colchão na sala. Era uma situação inusitada, já que a mulher da minha vida e meu filho dormiam a poucos metros de mim. Desde que voltara, uma semana antes, tentava me controlar para não tomar seu corpo como meu. Sabia que estava sendo um pouco egoísta, mas era difícil manter o controle estando tão perto. Ver seu sorriso, sentir seu cheiro, provar o gosto do seu beijo, observar o carinho e a atenção que tinha com o Davi, tudo era motivo para acender a chama adormecida.

Estava ficando louco.

E foi essa loucura que me fez invadir seu quarto assim que vi Fabiana ir para o jardim com Davi. Ela me olhou com uma expressão de quem sabia o que eu estava prestes a fazer e me deu um sorriso de aprovação. Era tudo que eu precisava.

Fui para o quarto da Sílvia e, assim que abri a porta, escutei o chuveiro ligado. Pensar nela no banho, nua, molhada, me deixou louco de tesão.

Esperei que saísse.

Uma espera eterna diante do meu desejo.

Sílvia entrou no quarto enrolada apenas em uma toalha. Quando me viu, se assustou, soltando um gritinho histérico.

— Fabi ficou com o Davi para eu tomar banho — ela se

explicou, um pouco constrangida.

Levantei da cama, onde estava sentado, e me aproximei dela. Sua respiração acelerava a cada passo que eu dava em sua direção. Ela não recuou e vi em seus olhos as labaredas que eu tanto amava.

Passei as mãos em seus cabelos e deslizei por seus braços. Tocar sua pele nua me fez tremer. Sílvia tremeu.

— Quero tanto você — confessei.

— Me beija, Galego.

Deslizei as mãos por suas costas e a puxei contra mim. Dei um leve sorriso e senti seu corpo relaxar em minhas mãos.

— Você tá bem? Quer dizer... a recuperação...

Ela não respondeu, apenas soltou a toalha que a envolvia, ficando totalmente nua na minha frente. Deus, eu iria beijar cada centímetro do seu corpo. Abracei Sílvia e pressionei meu corpo contra o dela. Minha boca devorava seus lábios, explorando o sabor doce que eles traziam. Deixei que minha língua a invadissem, saboreando seu gosto e tomando para mim todo o seu ar. Eu fazia amor com um beijo. Queria que ela sentisse através daquele gesto o quanto eu a desejava, e depois, só depois, eu tomaria seu corpo para mim. Segurei sua cintura, cravando os dedos em sua pele. Sílvia gemeu meu nome.

Senti suas mãos em minha camiseta.

— Tira.

Ergui os braços e ela puxou o tecido pela minha cabeça.

Seus olhos fitaram minha barriga e seu gemido rouco tirou meu chão. Voltei a pressioná-la, segurando seu rosto e intensificando ainda mais o beijo.

Grunhi quando senti suas unhas na minha pele.

Eu queria amá-la devagar, mas o desejo era tanto que eu não

seria capaz de me segurar. Olhei em seus olhos, as labaredas pegando fogo. Beije o canto da boca, o queixo, o pescoço. Continuei explorando e segurei os seios para que meus lábios pudessem se deliciar com eles. Estavam maiores, e lindos. Lambi os bicos até que ficassem rígidos na minha língua, mas tomando todo o cuidado para não os machucar. Nada de dor para minha Morena, apenas prazer. Lambi, beije, mordi, fiz tudo que eu queria fazer há tanto tempo.

Que saudade! Era tudo que eu conseguia pensar.

Fui abaixando, redescobrimo-a. Minha língua deslizou por sua barriga e, quando toquei a cicatriz, Sílvia se contraiu. Estava envergonhada.

— Você tá linda. Quero tudo de você. Cada centímetro do seu corpo me deixa louco, Morena.

Então ela arqueou o quadril, abrindo um pouco as pernas e se soltando mais. Fiquei de joelhos diante dela. Estava na hora de saborear minha sobremesa preferida.

Percorri toda sua pele antes de finalmente me deliciar com sua boceta. Comecei com movimentos lentos, aproveitando cada segundo e me inebriando com seu cheiro delicioso. Senti meus cabelos sendo agarrados, puxados por mãos ávidas. Sílvia me empurrava contra ela. O mais fundo que conseguia. Quando senti seu corpo implorar por mais, chupei o clitóris.

— Henrique — gritou, ofegante.

Não parei.

Não poderia.

Enfiei um dedo dentro dela, sentindo seu calor enquanto continuava a chupá-la. Uma das minhas mãos viajou até o seu seio. Eu a dominara, mas ao mesmo tempo me sentia completamente rendido a ela e aos seus gemidos. Enfiei mais

um dedo, enquanto a beijava, delirante. Sílvia arfou. Prendi seu clitóris entre meus lábios e suguei forte. Ela se desmanchou em um orgasmo que sugou meus dedos para dentro. Sua boceta estava lambuzada, molhada, gostosa, pronta para mim.

Levantei depois de lambe cada gota deliciosa do seu orgasmo. Minhas pernas demoraram um pouco para se erguerem, ainda trêmulas pelo tempo em que ficara de joelhos. Mas, assim que me levantei, o ar do quarto pareceu desaparecer. A expressão saciada da Silva me golpeou, deixando-me tonto.

— Eu te amo. — Foi tudo o que consegui dizer naquele momento.

— Meu Galego.

Sua boca se chocou contra a minha sem o menor pudor. Sílvia saboreava o próprio gosto nos meus lábios, excitando-me e fazendo com que o sangue fervesse nas minhas veias. Ela me conduziu até a cama e me derrubou no colchão. Puxou o jeans que eu vestia e me deixou só de cueca.

— Gostosa! — Sílvia sorriu, maliciosa. Percebi, então, que ainda não havia sido como antes. Tinha medo de afastá-la, por isso ia com cuidado, mas sua expressão me fez mudar de ideia. Tínhamos que ser nós mesmos, só assim conseguiríamos nos unir de novo. — O que você quer? Pede.

Seus olhos pousaram sobre o meu pau e eu o segurei entre os dedos, ainda coberto pelo tecido da cueca. Sua língua deslizou pelos lábios, molhando-os, e eu desejei que ela fizesse aquele mesmo movimento na cabeça do meu membro, mas ignorei a vontade de ser chupado. Fazia muito tempo que não sentia o calor do seu corpo e estava entrando em combustão por vê-la tão entregue a mim.

— Me ama. — Foi o pedido da Sílvia.

— Vou te amar tão profundamente que você não vai saber onde termina seu corpo e onde começa o meu. — Ela gemeu com as minhas palavras. Tirei a cueca e pus um preservativo. Engatinhei em cima dela, deitando seu corpo sobre a cama. Levei meu polegar até seus lábios e gemi descontrolado quando ela o tragou para dentro da boca quente e molhada. — Meu prazer será ver você se desmanchando embaixo de mim.

Fui devagar.

Fui paciente.

Amei Sílvia.

Idolatrei minha Morena.

Conquistei-a com lentidão, aprofundando-me na boceta quente. Era como se fosse a nossa primeira vez, e não deixava de ser. Era a primeira vez que o novo Henrique fazia amor com a nova Sílvia. Duas pessoas que estavam se redescobrando. Duas almas que voltavam a se encontrar. Dois corações que batiam em um único ritmo.

— Eu te amo tanto, minha Morena.

Queria que ela soubesse, que sentisse.

Sílvia arfou, empurrando o quadril contra mim, pedindo, implorando por mais.

Acelerei os movimentos, metendo ainda mais fundo. Meu pau começou a latejar, sendo sugado por ela. Seu corpo me aprisionava e me fazia desejar que aquele momento se eternizasse. *Morreria feliz!*

A respiração da Sílvia estava descompassada. Suas mãos viajaram até minhas costas e eu gritei quando passou as unhas na minha pele.

— Porra! Gostosa. Gostosa. Gostosa — disse, repetidas vezes.

Senti sua boceta me apertando. Sílvia inclinou a cabeça,

perdendo-se em seu próprio prazer. Seus gemidos se tornaram gritos que abafei com a minha boca. Beijeí Sílvia profundamente, bebendo seus gemidos. Senti seu corpo tremendo, meu pau sendo ainda mais sugado para dentro dela. Ela ia gozar e eu me derramaria inteiro assim que sentisse o calor do seu orgasmo.

Quando enfim atingiu o clímax, Sílvia mordeu meu lábio inferior.

— Por favor — implorou ela, puxando-me. Suas pernas se cruzaram acima da minha bunda, prendendo meu corpo ao dela. Encostei minha testa na da Sílvia e continuei bombeando. Estava em êxtase apenas por ver sua expressão saciada, mas ela queria o mesmo de mim, e fiquei feliz de entregar. — Goza pra mim, Galego. Goza, meu amor.

Meu coração acelerou tanto que achei que sairia pela boca. Não resisti ao desejo dilacerante e me entreguei a um gozo intenso. Nossos olhos permaneceram conectados, como se naquele exato momento voltássemos a viver. Era exatamente o que eu queria: viver ao lado dela, sob o seu olhar.

— Hummm... — Ela quebrou o silêncio. Sacudi a cabeça, acordando do sonho que vivia. — Está na hora do Davi mamar, e acho que o papai já brincou demais com a praça de alimentação dele.

Não segurei a risada e plantei um beijo carinhoso em seus lábios. A alegria de ter Sílvia de volta na minha vida apagava todo o tormento que tinha vivido nos últimos meses. Desejava que o amor que fizéramos também apagasse todas as suas tristezas. Fiz uma promessa silenciosa: eu a amaria tanto que não haveria mais espaço para dor. Toda a tristeza seria substituída pela alegria que eu lutaria para proporcionar a ela.

Todas as lágrimas se tornariam sorrisos. Nada mais importava no mundo. Ela e Davi eram minha vida.

— Henrique... — Sílvia me chamou.

— Quero que você fique comigo — disse, e ela assentiu, mas continuei. — Completamente, permanentemente e eternamente.

Sílvia arregalou os olhos e pude ver o medo paralisar sua respiração.

— O que você tá me pedindo?

— Chame como quiser. Noivado, casamento, compromisso, união... Eu só quero estar ao seu lado todos dos dias pelo resto da minha vida. Eu amo você, Sílvia, e se me der outra chance, sou capaz de passar cada minuto do meu dia fazendo amor com você, te provando que mereço a sua confiança.

Lágrimas rolaram por seu rosto e desejei com fervor que fosse um choro de felicidade. Eu nunca seria completo sem minha Morena.

Ela sacudiu a cabeça em negativa, e meus pulmões se comprimiram de dor. Vendo minha reação, Sílvia plantou um beijo carinhoso e demorado em meus lábios.

— Eu não preciso te dar outra chance. Eu já fiz isso no exato momento em que nossos olhares se cruzaram no dia do acidente. Naquele instante, eu soube que não poderia mais fugir do nosso amor. Eu te amo, Henrique, amo tanto que confio o meu bem mais precioso a você.

Chorei como se nunca o tivesse feito. Sem medo. Sem vergonha. Sílvia me abraçou.

Quando nos acalmamos, ela pegou o Davi com a Fabiana e, pela primeira vez, dormimos juntos ao lado daquele que era o fruto de um grande e verdadeiro amor.

SÍLVIA

Eu estava em estado de êxtase. Meus olhos, mesmo que cansados, relutavam em manter-se fechados. Não queria deixar de observar as duas pessoas que estavam ao meu lado. Henrique dormia do lado direito da cama, vestindo apenas uma cueca boxer e uma camiseta, como se nunca tivesse saído da minha vida. A outra metade do meu mundo estava no berço, do lado esquerdo. Tão perto de mim que podia ouvir sua respiração.

Pensei em como a vida poderia mudar por completo em tão pouco tempo. Quando havia me apaixonado por Henrique? Quando passara a amá-lo de forma incondicional? O caminho que trilhamos tinha sido cheio de obstáculos e imprevistos. Enzo, Jorge, o preconceito, as desconfianças, meus medos... Tudo contribuía para que eu e Henrique nos afastássemos. Mas quando reconhecemos nosso coração no peito de outra pessoa, a única coisa capaz de nos separar dela somos nós mesmos. E era assim que eu sentia: meu coração batendo no peito do Henrique enquanto o dele pulsava no meu corpo.

Agracia por ele ter aparecido a tempo de salvar a vida do Davi. Henrique me surpreendera com cada gesto, cada palavra, cada ação. Ele estava tão ligado ao filho que me comovia ver os dois juntos. Eu reconhecia aquele olhar. Era o mesmo que meu pai me dava quando criança. Era amor em sua forma mais pura. E se Henrique amava Davi a ponto de largar tudo para estar ao

lado do filho, eu entregaria meu coração mais uma vez a ele. Porque Davi era o meu próprio coração.

Fitei seu rosto iluminado pela luz da lua que invadia o quarto e o admirei. Henrique era lindo, um dos homens mais lindos que eu já vira. Estava abatido, cansado e preocupado, mas nada diminuía o seu encanto. Pelo contrário, ele conseguia estar ainda mais perfeito. Sim, era isso, Henrique era a perfeição em meio ao desastre.

— Acho que devia dormir, daqui a pouco alguém vai gritar por você.

Sua voz sonolenta penetrou nos meus ouvidos, me fazendo tremer de excitação. Lembrei do amor que fizemos e minha pele se arrepiou. No começo, foi desconfortável, é claro, mas ele foi tão gentil e me amou tão devagar que meu corpo não sentiu mais nada. Era como se ele tivesse feito amor com a minha alma. O orgasmo foi tão poderoso e arrebatador que não parecia ser realidade, e sim um sonho. E eu sonhei.

— Estou só observando — respondi.

— Eu me pergunto como ele pode ser tão perfeito.

— Sim, ele é. Mas, na verdade, eu tô observando você.

Seus olhos brilhantes me encararam, aquecendo minha alma. Ele se levantou e sentou ao meu lado na cama. As mãos viajaram até o meu rosto e o seguraram, acariciando.

— Eu amo você, Henrique. Amo porque você não desistiu. Amo porque você me encontrou. — Fiz uma pausa, controlando a respiração e segurando o choro. — Amo porque você foi o único que encontrou o caminho. Amo porque me fez entender que as pessoas se perdem e que os erros são inevitáveis, mas a vontade e o amor sempre serão maiores.

Uma lágrima solitária rolou pelo meu rosto, mas não caiu,

porque o Henrique não permitiu. Sorri com seu gesto e me delicieei com suas palavras.

— Não posso prometer que você nunca mais vai chorar, mas posso jurar que as suas lágrimas nunca mais vão cair. Eu sempre vou estar aqui para secar. Até que eu pare de respirar.

E me beijou.

É, Sílvia, lembra dos contos de fadas? Pois é, eles acontecem. Nem sempre é como nos livros e filmes, mas sim da maneira que tem que ser.

Os dias seguintes foram de adaptação. Tentava me encaixar naquele novo mundo, mas tudo era delicioso. Cada nova descoberta era prazerosa. Pietra e Lucas vieram nos visitar duas vezes. Ela ficou radiante com as confissões que fiz, chorando e sorrindo ao mesmo tempo. Pietra era uma dessas amigas dispostas a viver suas alegrias e dividir suas tristezas, a alma mais linda que eu conhecia. Linda e teimosa, porque sua insistência para que eu voltasse para a fazenda era assustadora. Falava na minha volta a cada dez minutos durante os dois dias em que ficou na cidade. Toda vez que ela tocava no assunto, Ranger gargalhava, e eu sentia que Henrique se retraía.

No fim do segundo dia, antes dos nossos amigos partirem, escutei Henrique e Lucas conversando. Ele estava preocupado com como se manteria na cidade, pois não encontrara emprego. Aquela revelação me pegou de surpresa, eu sequer sabia que o Henrique estava em busca de trabalho.

Meu mundo desmoronou. Na felicidade de ter o Henrique ao meu lado, eu sequer pensara em como seria a vida dele. Como ele estava se sentindo? O que tinha deixado para trás para estar ali? Senti que eu era uma filha da puta egoísta, mas não sabia o que fazer. Apesar de acreditar que o Henrique nos protegeria, eu

não conseguiria viver perto do Enzo. Tinha certeza absoluta de que o silêncio do coronel não significava que ele se dera por vencido. E o Henrique também pensava a mesma coisa. Apesar de não ter tocado mais no nome do pai, eu percebia sua preocupação.

Uma tarde, entrei na sala segurando Davi nos braços e escutei o Henrique ao telefone, no jardim. Ele não percebeu a minha presença.

— Não, eu não sinto muito, eu não vou voltar — dizia ele.

Uma pausa e ele tornou a falar.

— O que ele fez não tem perdão, Pâmela.

Meu coração disparou no mesmo instante. *Pâmela...* O que ela queria?

Davi resmungou e eu o sacudi de leve, implorando para que fizesse silêncio.

Vamos, meu filho, estamos em uma missão de espionagem.

— Eu disse pra ele, Pam. Disse que ele morreria sozinho. Eu não vou voltar. Não me importa se ele tá no hospital. Enzo fez a escolha dele. Escolheu o preconceito. E eu fiz a minha: escolhi a minha família. A Sílvia e o Davi são tudo pra mim.

O meu peito se encheu de um orgulho que eu nunca havia sentido. Mas percebi a tristeza na voz do Henrique. Nenhum filho gostaria de perder o pai, mesmo que ele fosse o pior crápula do mundo. Eu sabia que ele estava sofrendo, ainda mais por ter certeza de que tentara de tudo para se aproximar do pai e mudar sua visão de mundo. Desde o início, Henrique deixara claro que não concordava com as atitudes de Enzo. Mesmo quando fingira não me conhecer, no posto de gasolina, o fizera para me proteger. Abandonou tudo que estava construindo para ficar ao nosso lado. E chegara a hora de eu retribuir, mesmo

que para isso tivesse que enfrentar o meu pior medo.

Entrei no jardim e o Henrique me olhou surpreso, ainda segurando o celular. Ele havia encerrado a ligação, mas ainda mantinha o olhar preso ao aparelho, como se estivesse absorvendo as palavras que acabara de ouvir. Seus olhos tristes me fitaram, e eu senti sua dor. Era como se ele me pedisse desculpas por algo pelo qual não tinha culpa.

— Nós vamos — afirmei.

— Você ouviu a minha conversa? — Balancei a cabeça, confirmando. — Parece que ele já sabia, mas escondeu de todo mundo que tinha poucas semanas de vida. Eu não sabia. A Pâmela ligou contando que ele tá na UTI e não para de perguntar por mim.

Caminhei em sua direção e Henrique pegou o Davi dos meus braços. Toquei seu rosto, exigindo que olhasse para mim. Ele o fez, e vi todo o amor que transmitia com o olhar. Era por isso que seus olhos brilhavam tanto.

— Você vai se despedir dele, e vamos com você.

— Não precisa fazer isso. Você não deve nada a ele, pelo contrário, ele que deveria vir até você.

Agradei pelo que ele dizia, mas estava disposta a manter a minha decisão.

— Você precisa perdoar ele para viver bem consigo mesmo, mesmo que isso não mude em nada as convicções do seu pai. Mas faça isso pela sua consciência. Talvez seu pai esteja te esperando pra morrer. — Era uma coisa tão fria de se dizer, mas era a verdade.

Henrique balançou a cabeça e se aproximou, dando um beijo na minha testa.

— Obrigado por ter esse coração maravilhoso e mais ainda

por entregá-lo a mim.

— Te amo, Galego.

— Amo mais, Morena.

SÍLVIA

— Tem certeza que não quer ir direto pra Girassol? Posso te deixar lá e depois voltar.

Havíamos chegado ao hospital e Henrique insistia que eu poderia me encontrar com a Pietra enquanto ele visitava o pai.

— Não tem necessidade. Eu e o Davi vamos ficar com você — respondi pela última vez.

Ele fechou a cara e eu não pude deixar de sorrir. Henrique ficava ainda mais lindo quando era contrariado. Assim que estacionamos, ele foi direto à recepção. Não me surpreendi quando encontramos Pâmela no hospital. Ela parecia ainda mais linda do que da última vez em que a vi. Seus olhos se iluminaram quando pousaram no Henrique, e eu não tinha nenhuma dúvida sobre os seus sentimentos. Olhei para o Henrique e observei sua reação: não vi nada além de gratidão.

— Que bom que você mudou de ideia. Seu pai vai ficar feliz — ela disse.

Fiquei calada, apenas escutando.

— A Sílvia me convenceu.

Pâmela sorriu. Não sabia se aquilo era bom ou ruim, diante de tudo que eu via no seu olhar.

— Que bom que ele te encontrou. Fico feliz em ter ajudado de alguma forma e também sinto muito pelo que aconteceu.

Oi? Alguém me explica o que está acontecendo?

Não fazia ideia do que ela estava falando, mas não deixei minhas dúvidas transparecerem.

— Obrigada! — Foi tudo que consegui dizer.

Ela olhou para o Davi e se aproximou do nosso filho. Em um primeiro momento, meu corpo enrijeceu e tive vontade de me afastar, mas essa atitude nada tinha a ver com a Pâmela. Tive tanto medo porque ainda não estava acostumada a conviver com outras pessoas.

— Ele parece com você. — Dei um sorriso tímido, mas confesso que fiquei feliz com suas palavras. — Mas os olhos são do Henrique.

Sim, ele tinha os olhos do pai.

Pâmela então se voltou para o Henrique e explicou tudo que havia acontecido desde que ele deixara a cidade. O pai piorara e, depois de ser internado, recusara-se a qualquer tratamento. Enzo também se negara a procurar o Henrique, sua única família, e também proibira qualquer um de contar o que estava acontecendo. Por um tempo, Pâmela seguira suas orientações, mas nos últimos dois dias o estado dele piorara muito, e a única coisa que dizia era o nome do Henrique.

Depois de explicar a situação, Pâmela deixou o hospital. Recebi dela um sorriso genuíno e de fato parecia que estava sendo sincera. Henrique se apresentou para a equipe médica e recebeu autorização para entrar na UTI.

— Já volto. — Ele beijou a mim e ao Davi antes de sair.

Me acomodei com Davi em um dos sofás da recepção e fiquei esperando. O clima do hospital não me trazia boas lembranças. Respirei fundo e tentei manter a calma. Davi estava bem, sua recuperação estava sendo maravilhosa, surpreendendo até aos médicos. Eu não tinha com o que me preocupar. Enviei uma

mensagem para a Pietra avisando que estávamos chegando, e minha amiga respondeu com uma empolgação que me deixou mais leve. Seria bom ir à fazenda de novo e ver todo o fruto do nosso trabalho no Creg.

Ainda estava com o celular na mão quando o Henrique saiu do quarto. Não podia ser. Não haviam se passado nem vinte minutos. Era impossível que tivesse sido tempo suficiente para uma conversa tão séria como aquela. Levantei depressa e fui ao seu encontro. Henrique tinha lágrimas nos olhos e uma tristeza de cortar o coração no semblante. Eu me senti impotente, tudo que queria era curar toda a dor que atormentava sua alma. Mas ele precisava passar pelo sofrimento do luto. Todos precisavam, eu sabia melhor do que ninguém.

— Tá tudo bem... Eu vou falar com o médico e já volto. Tá tudo bem. Ele só não me quer aqui — disse, com a voz entrecortada.

Eu não acreditava no que acabara de ouvir.

Ele saiu e eu fiquei ali, sem saber o que fazer.

Fiquei olhando para a porta de onde ele saíra e percebi que a pessoa que controlava a entrada de visitantes não estava. Era a chance perfeita.

Com Davi no colo, entrei. Meu corpo inteiro tremeu quando pus os pés dentro do quarto. Vacilei assim que vi Enzo. Estava com os olhos vidrados na porta, mas parecia que ainda não tinha notado minha presença. Era como se estivesse perdido nos próprios tormentos. Dei mais alguns passos e enfim ele me notou. Respirava com a ajuda de aparelhos e tinha agulhas em suas veias. Estava mais magro, pálido, os olhos fundos e arroxeados. Um sentimento de compaixão me invadiu. Não por ele, mas pelo Henrique, que vira o pai naquele estado sem ao

menos poder confortá-lo.

— O que está fazendo aqui? — perguntou, como de um sopro.

Respirei fundo, tomando coragem, pois lembrei de tudo que Enzo havia me dito, todas as ofensas e ameaças.

Força, Sílvia. Pelo Henrique. Pelo Davi.

— Trouxe seu neto pra você conhecer. Davi é o nome dele.

Não tinha como começar aquela conversa de outra forma.

— Já disse para aquele idiota que não quero saber de bastardo nenhum.

Meu coração se apertou e minha indignação com suas palavras travou a coragem que antes me movia. Cheguei mais perto da cama e Davi se agitou nos meus braços. Olhei para o meu filho e quase chorei quando ele me encarou com aqueles olhos brilhantes. Os olhos do Henrique.

— Olha pra ele — exigi. Não era possível que ele não fosse sentir nada pelo neto. Eu me recusava com todas as forças a acreditar que ele seria imune ao amor que o Davi emanava. — Olha pra ele. É seu neto. O sangue do Henrique. O seu sangue corre nas veias dele — insisti.

Por alguns segundos, Enzo continuou me ignorando, até que virou o rosto. Ele nos analisou com cara de nojo. A expressão era de mais puro desprezo.

— Ele não é pretinho como você — observou. Sim, ele estava certo. Davi era uma mistura linda da minha cor com a do Henrique. — Mas isso não quer dizer que ele é meu neto. A alma dele é tão negra quanto a sua e isso eu jamais aceitarei. Esse negrinho não é um Montolvani e nunca será.

Suas palavras me machucaram mais do que achei que fariam. Não pelo ataque a mim, mas pela crueldade com a qual tratava

Davi. Percebi então que nada faria Enzo mudar. O racismo o cegava e o preconceito estava tão enraizado que tomara conta de sua alma, apodrecendo seu coração. Nem a solidão, nem o câncer, nem mesmo a morte transformariam aquele homem amargo. Eu achei de verdade que assim que ele pusesse os olhos em Davi, tudo mudaria, mas me enganei. Algumas pessoas não mudam. Nem todas alcançam a redenção, e Enzo era uma delas.

Engoli o choro e respirei fundo. Sabia que aquele encontro fecharia um ciclo da minha vida. Ficar frente a frente com Enzo fez com que eu enfrentasse meus demônios. Estava de alma lavada. Pronta para recomeçar, de uma vez por todas. Mas antes ele teria que me escutar.

— Henrique é um homem maravilhoso. — Seus olhos me encararam com atenção. — Ele é o melhor que eu já conheci. Inteligente, esforçado, humilde, alegre, e também é o melhor pai que o Davi poderia ter. Por um tempo, achei que poderia me afastar dele. Que poderia manter o Davi longe de vocês, mas percebi que não poderia privar meu filho de conviver com um homem tão especial.

Enzo virou a cabeça, desviando o olhar, então continuei.

— Pena que você nunca percebeu isso. Ele precisava de você. Durante toda a vida, o Henrique tentou te agradar e fez de tudo pra ser o filho que você queria, mas você não conseguiu entender que ele era muito mais... — Respirei fundo, emocionada. — O Henrique é muito melhor do que você esperava.

Ele se manteve em silêncio. A verdade era que não havia nada a ser dito.

Segurei Davi contra o meu peito e deixei que ele sentisse meu coração. Era a melhor maneira de mostrar ao meu filho que

nunca lhe faltaria amor. Meu coração e o do Henrique
pulsavam por ele.

HENRIQUE

Três horas depois de sair do hospital, recebi a notícia da morte do meu pai. Estávamos na Girassol quando o médico ligou e disse que ele não havia resistido a uma parada cardíaca. Eu me senti culpado em um primeiro momento. Digamos que minha visita não fora uma das mais amistosas e nossa conversa acabara em discussão, como sempre. Talvez aquilo tenha sido um pouco demais para ele.

Suas últimas palavras ainda estavam cravadas no meu coração, e eu não sabia se um dia seria capaz de esquecê-las.

Quando você nasceu, eu fiquei feliz. Eu fui o homem mais feliz que poderia existir. Mas você foi crescendo e se tornando tão diferente de mim que, cada vez que eu te olhava, eu sentia ódio. Você era o oposto do que eu sonhava, do que eu desejava que um verdadeiro Montolvani fosse. Então passei a odiar a sua mãe, porque foi ela que te transformou no fraco que você é. E agora você vem me dizer que assumiu o bastardo. Eu prefiro morrer a reconhecer o pretinho como meu neto. Ele nunca será um Montolvani e, se pudesse, eu retirava seu sobrenome. Você não merece.

Saí do quarto quebrado, mas prometera que seria a última vez. Só estava ali porque Sílvia havia me convencido de que era o certo. Ela acreditava que meu pai podia se arrepender, que ele se redimiria antes de partir. Mas eu sabia, tinha certeza que nada mudaria o pensamento do velho. Ninguém nasce racista, o preconceito é ensinado. E meu pai já estava tão afundado naquela merda que nada o tiraria de lá. E foi o que aconteceu. Depois de me enxotar do quarto e me humilhar de todas as formas possíveis, meu pai se foi. Mas não morreu sozinho, pois,

infelizmente, Enzo Montolvani tinha a companhia do racismo, do ódio e do preconceito que o acompanharam durante toda a sua vida.

Sílvia insistiu em voltar ao hospital comigo, só que dessa vez não permiti que me acompanhasse. Ela protestou, mas a convenci de que seria melhor manter o Davi longe de tudo aquilo. Eles ficaram na fazenda com a Pietra. Quem esteve ao meu lado durante todo o tempo e me ajudou com os tramites para a liberação do corpo do meu pai foi o Ranger. O Rodrigo chegou logo depois, e também a Pâmela, que parecia abalada. Não a culpei. Na verdade, ela, assim como eu, era uma vítima da mente manipuladora de Enzo. Só não sabia disso.

Acho que, entre todas as coisas ruins pelas quais eu havia passado, a morte do meu pai foi a mais dolorosa. Não por ele, mas pela forma como tudo aconteceu. Não houve choro, lágrimas ou pessoas se lamentando e dizendo o quanto ele havia sido um homem bom. Não houve velório e, se houvesse, acho que ninguém teria ido.

Enterrei meu pai ao lado do túmulo da minha mãe, o que parecia uma blasfêmia, pois ela não merecia ter sua companhia. Mas achei que talvez assim ele encontrasse um pouco de paz. Não acreditava em vida após a morte, mas, se existisse, minha mãe seria a única que poderia salvar a alma do coronel.

Durante todo o processo, não derramei uma lágrima. Ele não merecia a minha tristeza.

O caixão descia devagar e com ele todas as lembranças ruins que eu carregava de Enzo Montolvani. A terra que o coronel tanto amava foi jogada sobre ele pouco a pouco, cobrindo-o para sempre. Enterrei meu pai e, junto com ele, a dor que havia me causado.

Enfim ele não machucaria mais ninguém.

Já era tardezinha quando voltei à Girassol. Procurei pela Sílvia assim que cheguei, mas encontrei apenas Pietra com Davi. Ele dormia em seus braços e ela sorria enquanto o ninava. Tínhamos convidado Pietra e Lucas para serem padrinhos do Davi e eles ficaram radiantes, deixando a certeza de que não poderíamos ter feito escolha melhor.

Perguntei pela Sílvia à Pietra e ela me disse que minha Morena estava no campo de girassóis. Nós dois sorrimos ao compartilhar a lembrança do dia que eu chegara à fazenda feito um louco atrás da Sílvia, logo depois de meu pai insultá-la na minha casa. Naquele dia, soube que estava apaixonado. Pela primeira vez, meu coração havia sido arrebatado por uma mulher.

Dei um beijo no Davi e fui ao encontro da Sílvia pensando em todos os obstáculos que havíamos superado. Eu me fortaleci diante da dor, da saudade e do medo. Conheci o amor mais sublime que poderia existir e via no Davi a esperança de um mundo completamente diferente, sem distinção de raça.

— Oi.

— Oi — Sílvia respondeu com um sorriso.

Fitei seu rosto sereno e descobri que a amava ainda mais. Acho que amar é isto: apaixonar-se todos dias, de uma maneira completamente diferente, pela mesma mulher.

Os últimos raios de sol do dia penetravam entre os galhos da grande mangueira acima de nós e iluminavam Sílvia. Ela parecia um anjo emoldurado pelo pôr do sol.

— Eu poderia ter ido com você — disse ela, ainda um pouco chateada com a minha decisão.

— Eu sei... — Aproximei-me e a puxei para um abraço.

Precisava sentir seu corpo, seu cheiro, seu calor. — Mas você estava comigo. Aliás, vocês estarão sempre comigo.

— Sinto muito — lamentou. — Sinto muito por tudo que passou.

Continuei segurando-a contra mim, como se ela fosse meu porto seguro.

Eu também sentia.

Com Sílvia em meus braços, olhei para as centenas de girassóis que nos rodeavam. Diz a lenda que eles acompanham o sol, buscando seu calor e sua luz. Fechei os olhos e me dei conta de que o meu sol era o nosso amor.

HENRIQUE

Alguns anos depois

— Já disse que qualquer assunto referente à fazenda deve ser tratado com o Conrado. Não insista.

— Mas...

— Nem mas, nem meio *mas*. Conrado é o único a tomar as decisões por lá. Ele é da minha inteira confiança e o que decidir será minha resposta final.

Desliguei o telefone um pouco mais estressado do que de costume. Não sabia por que esses fornecedores insistiam em falar comigo. Eles realmente acreditavam que eu passaria por cima de uma decisão do Conrado, mas isso não aconteceria. A ligação que recebera, por exemplo, era do responsável de um frigorífico que recebera um senhor *não* do meu gerente. Então acreditou que, conversando direto comigo, conseguiria alguma coisa. *Coitado!* Mal sabia ele que eu sequer sabia do que se tratava. Desde a morte do meu pai, Conrado era o único a cuidar da fazenda e estava fazendo muito bem. Ou seja, eu não meteria os dedos sujos de graxa em suas decisões.

Voltei a me enfiar embaixo de um carro para fazer o que eu fazia melhor.

A oficina crescera muito, acompanhando o crescimento da cidade. Ia muito bem. Eu até já tinha concorrência, mas nada

que me preocupasse, porque todos conheciam meu excelente trabalho. Carlito infelizmente nos deixara havia dois anos. Acho que senti mais sua partida do que a do meu pai. Fiquei no hospital com ele todo o tempo. Segurei sua mão quando olhou para mim pela última vez. Eu o confortei até seu último suspiro.

— Você é o filho que eu nunca tive — sussurrou antes de morrer.

Também queria dizer o mesmo. Que ele era o pai que eu nunca tivera, mas aquilo não era verdade. Eu tive um pai, mas ele nunca se comportou como tal.

— Vá em paz, meu amigo.

Então ele se foi.

Naquele dia, senti de verdade a dor da morte e a tristeza do luto. Carlito fora muito mais para mim do que um sócio. Como não havia nenhum familiar vivo, a parte da oficina que cabia a ele ficou para mim, e eu prometi cuidar dela com todas as minhas forças. Afinal, aquela oficina também me salvara.

Por incrível que pareça, meu pai não me deserdera, como ameaçara durante toda a sua vida. Pelo contrário, herdei toda a sua fortuna. Não sabia se era um presente ou uma maldição. Relutei muito em ficar com a fazenda, mas depois de muito conversar com a Sílvia, eu o fiz pelo Davi e também pela minha mãe. Tudo que Enzo conquistara tinha sido ao lado dela, essas memórias deviam ser preservadas.

Não nasceu em mim um súbito interesse por ser fazendeiro. Não sentia a menor vontade de lidar com a fazenda, então fiz do Conrado o gerente. Ele sabia de tudo. Estava a par de cada boi que saía ou entrava nas nossas terras, não havia homem melhor para o cargo. Contratamos também um administrador para

ajudar a tocar os negócios.

Sílvia voltara a trabalhar no Creg e estava mais feliz do que nunca. Era emocionante ver como cuidava dos pacientes. Tinha um puta orgulho da minha Morena, mal cabia no meu peito. Mesmo depois de muitos anos, ainda acreditava que poderia me apaixonar por ela todos os dias. E era o que acontecia. Cada vez que eu a via sorrindo para uma criança, cada vez que me contava sobre a melhora de um paciente, cada vez que se entusiasmava com algo que acontecera no seu dia, meu coração era reconquistado.

A noite já se aproximava, era hora de voltar para casa. Não havia nada no mundo que me fizesse ficar mais tempo longe da minha família. Eles sempre seriam minha prioridade.

Sempre...

No caminho para a fazenda, lembrei de quando decidira voltar a morar lá. Demorou um tempo até que eu conseguisse. Não queria voltar para o lugar em que passara boa parte da minha vida sendo humilhado pelo meu pai. Sílvia também não se sentia confortável. Por isso, quando voltamos para a cidade, ficamos um tempo na minha antiga casa. Mas quando Davi começou a crescer, percebemos que o lugar era pequeno demais para uma família.

Cogitamos comprar uma casa maior na cidade, mas desistimos por Davi. Ele amava a fazenda mais do que tudo. É incrível como nosso filho é ligado aos animais e às plantas. Ele se tornou totalmente diferente de mim e mais parecido com o avô do que eu gostaria. Tivemos medo no início, mas depois nos demos conta de que o Davi amava a terra, assim como Enzo, mas essa era a única coisa que havia herdado do avô. Ele era o menino mais generoso e amoroso que poderia existir.

Estacionei a caminhonete e avistei o carro da Sílvia na garagem. Sorri com a expectativa de encontrá-la depois de um dia inteiro sem ver o seu sorriso. Subi os degraus da escada correndo. Senti um cheiro delicioso vindo da cozinha e já sabia onde encontraria minha mulher. Assim que entrei, vi Sílvia de costas para mim. Caminhei em silêncio, tentando surpreendê-la, mas foi em vão.

— Eu sinto seu cheiro, Galego. — Os meus ombros caíram, derrotados. — Senti assim que você pôs os pés dentro de casa.

Soltei uma risada e abracei Sílvia por trás. Meu corpo relaxou no momento em que ela apoiou a cabeça no meu ombro. Os cabelos cacheados roçaram no meu pescoço, arrepiando minha pele.

— Cheiro de graxa? — Brinquei com ela.

— Cheiro do meu Galego. — Ela virou o corpo para mim, encarando-me. Era incrível como as labaredas ainda queimavam em seus olhos.

— Todo seu!

Beijei seus lábios e me delicieei com o gosto da sua boca. Sua língua me invadiu possessiva, e as mãos delicadas me puxavam, deixando o beijo ainda mais intenso. Pressionei seu corpo contra a pia e gemi quando ela mordeu meu lábio inferior. Segurei forte em sua cintura e rocei meu pau contra ela. Sílvia riu. Era sempre assim: ela me provocava até que minha ereção explodisse em minhas calças e depois dizia que eu era um tarado. Eu até poderia ser um perverso, mas minha Morena estava longe de ser uma santa. Aliás, ela gostava mais daquele jogo do que eu.

— Você vai me matar uma hora — disse, gemendo em seu ouvido.

— Já são nove anos e você ainda não morreu. Não tenho mais com que me preocupar.

Sua risada ecoou nos meus ouvidos. Eu amava aquela mulher com cada célula do meu corpo.

Nossas respirações ficaram ofegantes, mas as mãos da Sílvia no meu peito serviam como um aviso para que parássemos por ali, o que era muito difícil com uma mulher tão gostosa como a minha. Mas fiz o meu melhor para me controlar. Até ela se virar, ficando de costas para mim...

— Ah não! — gritei, levando as mãos ao rosto quando ela empinou aquela bunda gostosa na minha direção. — Golpe baixo, Morena. Golpe muito, muito baixo. — Ela não respondeu, mas seus ombros sacudiam com a risada descontrolada que enchia toda a cozinha.

— Onde tá o Davi? — perguntei, tentando esquecer a bunda da Sílvia dentro do jeans apertado.

— Adivinha?

Deixei Sílvia na cozinha e fui atrás do meu filho. Eu podia ouvir vozes no barracão ao lado da casa. Uma era do Conrado e a outra era do anjo que chegara na minha vida havia oito anos, virando meu mundo de cabeça para baixo. Davi estava sentado em cima da cerca, observando com atenção Conrado alimentar os cavalos. Cheguei a sentir uma pontinha de ciúme, mas sabia que era um sentimento idiota.

— Desse jeito o Conrado não trabalha — disse, ao entrar.

Meu amigo sorriu, enquanto Davi pulava de onde estava e corria até mim para me abraçar. Ele sempre me recebia com um sorriso, um abraço e um beijo. Meu amor por ele era incondicional.

— Tio Conrado me mostrou o bezerrinho que nasceu, pai. A

mãe dele não tem leite, então o Conrado e eu demos mamadeira pra ele — contou, entusiasmado. Seus olhos brilhavam diante da nova aventura e era emocionante ver sua empolgação.

— É mesmo? — Davi sacudiu a cabeça. — Hoje já tá um pouco tarde, mas amanhã você me mostra? — Ele abriu um sorriso, assentindo. — Agora vai tomar banho, sua mãe já tá louca atrás de você.

Ele obedeceu prontamente. Despediu-se do Conrado e saiu correndo para a casa grande. Fiquei olhando até que entrasse em casa e só depois me virei. Conrado estava ao meu lado, também observando Davi.

— Você tem um futuro fazendeiro aqui.

— É... temos — concordei.

— Nunca vamos entender as voltas que a vida dá.

Apenas sacudi a cabeça.

Tudo poderia ter sido diferente se não fosse o racismo do velho. Davi era tudo que ele queria que um Montolvani fosse. Amava cada canto da fazenda, cada animal, cada pé de soja que florescia no campo. Se dependesse dele, ficaria o tempo inteiro atrás do Conrado. Davi era o que nunca fora, e meu pai sentiria orgulho do neto se o preconceito idiota não tivesse dominado seu coração.

— Como vai a Raquel?

Mudei de assunto, tentando enterrar o passado.

— Na correria com a organização da festa. Coitados dos funcionários que trabalham com ela. Raquel é fogo e, quando se propõe a fazer algo, não tem nada que a impeça de dar o seu melhor.

O orgulho emanava das palavras do Conrado. Ele e a Raquel estavam casados desde antes do Davi nascer, mas não tiveram

filhos.

— Deve ser cansativo mesmo nessa reta final.

Caminhamos para a saída do barracão enquanto falávamos da Exposol. Raquel fora eleita a presidente da festa e estava fazendo um belo trabalho. A comemoração incluía exposição de produtos locais, rodeios, bailes, comida típica, shows e, o principal, apresentação artística das crianças e adolescentes do Centro de Reabilitação Girassol. A ideia tinha partido da Pietra e fora bem recebida por todos os moradores da região. A festa era uma homenagem ao Creg e ao fato de a Girassol ter se tornado a maior produtora da flor no estado.

— Falando em reta final, desfiz o contrato com um dos nossos frigoríficos. Mandeí o Luan visitar o lugar e ele voltou horrorizado com a falta de estrutura. Nem te consulteí, mas como sei que você e o Lucas nunca aceitariam uma situação dessas, não pensei duas vezes.

Estava explicado por que havia recebido aquela ligação mais cedo.

— Já disse que você tem carta-branca por aqui. E tá certíssimo na sua decisão. Não aceitamos mesmo. Lucas tem um infarto se descobrir que nossos animais estão passando por algum tipo de sofrimento desnecessário.

Conrado sorriu.

Ranger era um defensor dos animais, o que parecia hipocrisia aos olhos de algumas pessoas. Para muitos, principalmente ativistas, não vale de muita coisa o fato de defendermos o bem-estar animal desde o transporte até o momento do abate. Mas acreditávamos que sim, que podíamos fazer a diferença evitando que os animais sofressem crueldades.

— Ah, ele tem mesmo. Abate humanitário é uma exigência

do nosso veterinário.

Nos despedimos e desviei um pouco do meu caminho, buscando a lateral da casa. O jardim da minha mãe estava ainda mais lindo, se é que aquilo era possível. Sílvia cuidava de cada roseira como se elas fossem joias preciosas. Plantara novos tipos. Toda elas floriam de uma forma espetacular. Não sabíamos como, mas sempre havia beleza naquele lugar. De certa forma, eu acreditava que tinha o dedo da minha mãe. Era como se dissesse que sempre estaria comigo.

Respirei fundo e deixei que meus pulmões se enchessem com o perfume das flores. A melancolia tomou conta de mim, mas de uma forma boa, com lembranças felizes. Senti mãos envolverem minha cintura e me abraçarem. Ficamos em silêncio por alguns minutos, até que a voz da Sílvia ecoou pela noite.

— Vamos jantar? — perguntou, gentil. Sua doçura era a paz que meu coração sempre necessitava. — Davi já tá esperando ansioso. Aliás, ele tá eufórico, disse que vai te levar pra ver o bezerrinho que nasceu.

Virei e abracei Sílvia. Ela descansou a cabeça no meu peito e meu coração se alegrou, quase saltando do peito.

O que define uma pessoa?

A classe social?

A aparência?

O sobrenome?

A cor da pele?

Sílvia me ensinara que o que define uma pessoa é o que ela traz no coração.

Dei um beijo em sua testa e a puxei pela mão, entrelaçando nossos dedos.

— Espera — disse ela, fazendo com que eu parasse.

Sílvia voltou ao jardim e segundos depois os holofotes se acenderam. O lugar se iluminou com luzes coloridas, o que o deixava ainda mais deslumbrante.

— Vamos lá, meu Galego.

Seus dedos voltaram a encontrar os meus, em uma união perfeita. Como dois jovens que acabavam de se conhecer, caminhamos sorrindo até a casa, onde o nosso maior presente nos esperava.

SÍLVIA

Apesar de não ter sido feliz a vida inteira, eu me sentia orgulhosa por ter superado todos os obstáculos. Eu estava feliz. Mais que isso, eu estava completa.

Voltar a trabalhar na Girassol foi uma decisão importante e fácil de ser tomada. Tudo que eu tinha sonhado para a minha vida profissional estava naquela fazenda. Eu já não podia dizer o mesmo sobre a mudança para a fazenda de Enzo. Foram necessárias muitas conversas com o Henrique até chegarmos à conclusão de que não poderíamos deixar que as lembranças amargas guiassem nossa vida. Davi amava a fazenda e eu acreditava que a melhor forma de seguir em frente seria mostrar que a maldade e o racismo de Enzo não interferiam nas nossas escolhas. Claro que, na prática, foi mais difícil do que eu imaginava, mas nos adaptamos, no fim.

Henrique, por sua vez, estava radiante com a oficina. Ele fazia o que gostava e tinha se encontrado na profissão que escolhera. Eu tinha muito orgulho dele. Mais do que cabia no meu peito.

Ele me contou, um tempo depois da morte do pai, como a Pâmela o ajudara a me encontrar. Fiquei muito surpresa com a revelação. Surpresa e com ciúme, porque ele também admitiu que fizera isso depois de os dois terem quase transado. No início, fiquei chateada, mas não tinha o direito de julgá-lo, eu o abandonara e a Pâmela ficara ao seu lado, dando todo o apoio

de que ele necessitava. No fim, deixamos o passado para trás e seguimos nossas vidas. Inclusive tive a oportunidade de agradecer à Pâmela por seu gesto. Ela respondeu que havia feito aquilo pelo Henrique. Claro! Ela o amava e queria vê-lo feliz. Fazia todo sentido.

Nunca mais me encontrei com o Jorge. A última notícia que recebera fora um e-mail, meses depois do nascimento do Davi, no qual ele pedia desculpas mais uma vez e me parabenizava pela chegada do meu filho. Não respondi! Achei que não era necessário.

Antes de ir para o Creg, deixei o Davi na escola. Como sempre, Vitor e Melissa esperavam por ele. Eles eram melhores amigos, assim como seus pais. Lucas e Pietra tiveram Vitor menos de um ano depois do nascimento do Davi. Já Melissa, filha do Pedro e da Mari, era dois anos mais nova que meu filho. A caçula da turma, Lilian, ainda não estava na escola. Era a *potranquinha* do Ranger.

Assim que estacionei a caminhonete na entrada da Girassol, meu celular tocou. Era a minha irmã.

— Oi, mana.

— Tô grávida! — ela gritou.

Quase perdi o ar. Depois de dois anos casada, minha irmã e o Antônio ainda não haviam conseguido engravidar. Ela estava muito frustrada diante da possibilidade de não poder ter filhos. Depois de diversos exames, descobriram que o problema era do meu cunhado. Então decidiram fazer uma inseminação artificial.

— Não vai falar nada? — questionou, diante do meu silêncio. Estava muda sim, mas era de alegria.

— Isso é maravilhoso, Fabi! Fico muito, muito feliz em saber

que o sonho de vocês vai ser realizado. Você vai ser uma excelente mãe, e o Antônio vai ser o pai mais babão de todos.

— Obrigada por estar sempre ao meu lado. Você foi a melhor mãe que eu poderia ter, a irmã mais incrível que existe e a amiga mais fiel.

Droga! Fiquei emocionada com suas palavras. Lágrimas nublaram meus olhos, então pisquei várias vezes para me livrar delas.

— Você merece!

Nos despedimos e segui para o trabalho com um sentimento de dever cumprido. Fabiana fora a minha primeira grande responsabilidade, e o orgulho que sentia dela deixava claro que meus esforços não haviam sido em vão.

Quando cheguei à fazenda, procurei pela Pietra para contar a novidade. Ela, como sempre, estava no escritório trabalhando. Seu sorriso assim que me viu iluminou ainda mais meu dia. Pietra sempre estava ao meu lado. Contei a ela sobre a Fabiana e ela ficou eufórica, assim como eu.

Passei toda a tarde trabalhando com um sorriso bobo no rosto. Era mãe, madrinha do Vitor e agora seria tia. Meu Deus, quanta alegria!

Eu e o Henrique não pensávamos em ter um segundo filho. Achamos por bem ficar apenas com o Davi. Uma escolha difícil, mas decidimos que seria o melhor. Assim como decidimos que o casamento não seria necessário para oficializarmos nossa união. O que nos unia era o amor. Entretanto, por motivos práticos e legais, havíamos casado no civil fazia três anos. Claro, Ranger e Pietra estavam lá como testemunhas, assim como Carol e Rodrigo.

Quando voltei para casa, no fim da tarde, Henrique já havia

pegado o Davi na escola. Os dois estavam na sala, jogando videogame. Henrique era muito presente na vida do nosso filho. Não sei se a relação com o pai interferira na forma de educar o Davi, ou se era apenas a sua maneira de ser pai, mas eu o amava muito por isso.

Entrei devagar em casa, observando com atenção os dois homens da minha vida.

— Você vai perder, papai — provocava Davi.

— Que nada! Eu sou fera nesse negócio de... de... de...

— *Minecraft*. — Meu filho gargalhou diante da confusão do pai. — É um jogo antigo. Já tá ultrapassado — desdenhou.

Já tá ultrapassado? Fiquei pensando na expressão que ele acabara de usar. Ele tinha crescido tão rápido. Bem que as pessoas avisaram para aproveitar cada momento, pois eles deixavam de ser bebês em uma velocidade impressionante. Eu segui o conselho à risca, mas mesmo assim ainda sentia que não aproveitara o suficiente.

No tempo que passei observando os dois, Henrique olhou o relógio duas vezes, provavelmente preocupado por eu ainda não ter chegado. Então me aproximei. Davi parou o que estava fazendo e correu na minha direção, pulando no meu pescoço. Ele sempre nos recebia assim, era muito carinhoso.

De onde estava, Henrique nos fitou, seus olhos brilhantes me seduzindo e me aprisionando a ele. Davi voltou para o seu lugar, ao lado do pai.

— Teve um bom dia? — perguntou Henrique.

Dei um beijo casto em seus lábios, e ele sorriu.

— Melhor impossível! — Havia muitas coisas que gostaria de contar a ele, e sabia que ele me ouviria com atenção, como sempre fazia, mas, naquele momento, tudo que eu queria era

sentar entre os dois.

— É a vez da mamãe — disse.

Davi me estendeu um controle.

— Que bom, pois o papai é péssimo nesse jogo.

Olhei para o Henrique, que deu de ombros, sorrindo.

Antes de começar a jogar, meus olhos passearam pela sala como se eu fosse uma telespectadora da cena que protagonizávamos. Amava o Henrique de uma maneira tão plena que nunca mais me sentira sozinha. Claro que tínhamos dias ruins, como todos os casais, mas não havia palavras que pudessem explicar quanto o amor pelo Henrique transformara minha vida.

O preconceito de Enzo serviu apenas para que eu pudesse me fortalecer. Sabia que ele não havia sido o primeiro e, infelizmente, não seria o último a me julgar pela minha cor, mas, desde que fora vítima da sua crueldade, entendera que nada deve parar a nossa luta pela igualdade. Eu quase desisti do Henrique pelo medo do que o pai dele poderia fazer comigo, mas compreendi, tempos depois, que fugir não seria a solução. Eu achava que era empoderada, que sabia sobre os meus direitos, mas na primeira grande dificuldade que encontrei, na primeira luta que travei, pensei que fugir seria a solução. Engano meu!

A batalha estava apenas começando, mas eu tinha certeza de que muitas conquistas seriam alcançadas.

Um dia eu poderei dizer ao meu filho que as únicas cores importantes no mundo, aquelas que de fato fazem a diferença em nossas vidas, são *as cores do amor*, sejam elas quais forem.

Epílogo

DAVI

Minhas mãos suavam frio. Aliás, meu corpo inteiro tremia de tanto nervosismo. Sentia que meu coração sairia do peito e pularia pela janela da caminhonete, embrenhando-se no meio da soja.

Por que diabos eu não havia puxado o meu pai?

Tudo seria mais fácil se a timidez não me perseguisse desde que eu me entendia por gente. Todos me diziam que eu era quieto demais, que eu quase não conversava e que era muito diferente do meu pai quando ele era adolescente. Isso não ajudava muito, porque eu sentia ainda mais medo de me aproximar das pessoas. Era uma pressão muito grande ser filho de Henrique Montolvani, mesmo que meu pai não tivesse culpa nenhuma disso. Eu me esforçava o máximo para dar orgulho a ele e à minha mãe, eles eram as melhores pessoas que eu conhecia na vida. Era impressionante ver o amor dos dois e como se olhavam apaixonados. Eu admirava de verdade a relação deles, ainda mais depois que me contaram sobre todos os problemas que enfrentaram para ficar juntos.

Eram vencedores, e eu era o cara mais sortudo de tê-los na minha vida.

— Você tá nervoso? — perguntou meu pai, vendo que eu estava prestes a ter uma crise de ansiedade.

— Um pouco.

Estávamos a caminho da fazenda dos meus padrinhos Lucas e Pietra. De lá, sairíamos a cavalo para uma festa. Era uma festa típica do interior chamada cavalgada. Meu cavalo estava na Girassol porque havia sido tratado pelo tio Lucas recentemente.

— É a tal garota?

Dei de ombros, e ele entendeu que sim.

Meu pai estava curioso, sabia que eu tinha um encontro naquela noite, mas não fazia ideia de com quem seria. Ninguém sabia, na verdade. Eu mesmo não acreditava que ela me convidara para irmos à festa juntos, como um casal. Eu me apaixonei por aquela morena na primeira vez em que olhara para uma mulher com segundas intenções. Desde então, ela estava nos meus pensamentos, não me deixava por um segundo. Mas sempre fomos apenas amigos. Bons amigos. Por isso, quase tive um ataque cardíaco de tanta alegria quando recebi a mensagem da Lilian. O problema, que agravava ainda mais minha situação, era que ela era a filha de dezessete anos dos meus padrinhos, e eu estava muito ferrado. Com o ciúme que o tio Ranger tinha da filha, ele cortaria meu pescoço assim que soubesse que eu estava a fim dela.

— Queria ser você, pai.

Imediatamente, ele parou a caminhonete. Ainda não havíamos chegado, por isso estranhei sua súbita reação. Olhei para ele, esperando uma explicação.

— E quem disse que isso é bom? Quem disse que você precisa ser como eu? — Mesmo mantendo um tom de voz baixo, sabia que meu pai estava irritado.

Sequei as mãos suadas na calça jeans e voltei a olhá-lo.

— É só que... eu não sei como chegar nas meninas. Fico travado, não sei o que dizer, como fazer. Você foi o melhor

nisso, que eu sei. Mas é muito difícil pra mim.

Meu pai me encarou. Ele não aparentava ter a idade que tinha, ainda era jovem e animado. Éramos bons amigos, acima de qualquer coisa. Ele deu um sorriso e tocou meu ombro.

— Nunca mais fale isso, meu filho. — Sua voz grossa soou autoritária. — Você não tem que ser igual a ninguém, muito menos se culpar por não ser parecido comigo. Seja você, Davi. Isso é o mais importante. É o conselho que te dou: seja você!

Eu sabia do que meu pai falava. Ele sofrera a vida inteira com o meu avô, por não ter sido o que ele esperava. Também sabia que Enzo havia separado minha mãe dele. Tudo isso porque ela era negra. Durante muito tempo, não consegui entender tamanha maldade. Eu me perguntei por muitos anos se aquilo era mesmo possível: odiar outro ser humano por causa da cor da pele. Mas, infelizmente, sabia que era verdade. O racismo do meu avô morrera com ele, mas não morrera no mundo, o que me deixava ainda mais puto. Eu não o conhecera, também não o odiava, apenas sentia pena, pois ele não soube reconhecer as pessoas maravilhosas que eram meus pais. Não soube enxergar além da cor da pele da minha mãe.

Respirei fundo, absorvendo mais uma vez as palavras do meu pai. Não era a primeira vez que ele me dizia aquilo. Ele sempre me deixara livre para que eu fizesse minhas próprias escolhas. Foi assim quando optei pela faculdade de Zootecnia, e era assim sempre que eu pedia seus conselhos.

Assenti com a cabeça, e ele deu partida mais uma vez.

— E você puxou minha beleza. Ninguém resiste a um Montolvani gostosão como nós. Ainda mais no alto de seus vinte e dois anos.

Só pude rir das suas palavras. Esse era o meu pai, e eu

entendia completamente por que minha mãe ainda olhava para ele como se fosse a primeira vez.

Ele me deixou na Girassol e foi para a oficina. Antes de entrar na casa grande, ajeitei a roupa.

— Vamos lá, Davi. Sem medo — murmurei.

Assim que entrei, minha madrinha veio me cumprimentar. Ela era a melhor amiga da minha mãe desde que me entendia por gente.

— O Vitor ainda tá se arrumando — disse ela.

— Não esquenta, dinda. Ele é mais enrolado que a Lilian pra se arrumar — respondi.

Não sei se era impressão minha, mas ela sorriu quando eu toquei no nome da Lilian. Deus, será que ela tinha contado à mãe que teríamos um encontro naquela noite? Será que a dinda Pietra já tinha contado para o meu padrinho? Se isso fosse verdade, eu praticamente estava sentenciado de morte. Iria direto para a forca.

Voltei a suar ainda mais.

Minha madrinha ficou me encarando por alguns segundos, até que o Vitor surgiu no alto da escada.

— Nada disso. Já tô pronto. — Ele pulou os degraus, chegando aonde estávamos, e envolveu a mãe em um abraço. — Que bom que você chegou, cara. Vamos encilhar os cavalos antes das meninas descereem.

Vitor era o oposto de mim. O que eu tinha de tímido, meu melhor amigo tinha de *safado*. Ou seja, ele entrava e saía de qualquer situação sem nem mesmo ficar vermelho. Além de ser o maior pegador da cidade. Acontece que eu conhecia um lado do Vitor que mais ninguém conhecia. Ele tinha um amor proibido. Um pelo qual se lamentava quando ninguém, a não

ser eu, estava por perto. Ele estava mais fodido que eu.

Fui com ele até o barracão e deixamos os cavalos prontos. Quando voltamos para a casa, Lilian e Melissa já estavam à nossa espera. Meu coração disparou quando vi minha morena descendo as escadas. Vestia uma calça jeans apertada e uma camisa que desenhava seu corpo com perfeição. O cabelo longo e preto estava amarrado em um rabo de cavalo, mostrando todo o seu rosto delicado. Os olhos azuis emoldurados por sobrancelhas perfeitas ficaram ainda mais destacados com a maquiagem. Os lábios estavam pintados de rosa, como sempre. Eu queria aquela boca mais do que qualquer coisa, ansiava por beijá-la havia muito tempo. Quase acontecera algumas vezes, mas hesitamos, não sabíamos muito por quê. A situação entre nós estava cada vez mais difícil de suportar.

Tentei disfarçar o meu desejo por ela.

Melissa também vestia jeans e camisa xadrez e, assim como Lilian, calçava botas. Tinha os cabelos compridos e os olhos escuros, como os da mãe. Ela também tinha sua beleza, mas nada que se comparasse à da minha morena.

— Droga de festa que vai me dar dor de cabeça. Não sei por que aceitei ir nessa merda e ainda levar as meninas. A Mel vai me provocar até não querer mais e eu vou ser um filho da puta se não quebrar a cara de pelo menos dois esta noite. — Vitor resmungava, para que apenas eu pudesse ouvir.

— Segura sua onda. Você não se decide, então não pode cobrar nada dela.

— Besteira. Não vejo você tomando decisões. Então não vem me dizer o que fazer.

Ele tinha razão. Não era o melhor cara para dar conselhos.

— Pelo menos não me mete em encrenca. Minha mãe me

mata se eu chegar com outro olho roxo.

Ele riu, sabia que era impossível. Vitor e eu éramos inseparáveis. E isso incluía lutar as batalhas um do outro. Era assim desde o primário. Eu o defendia e Vitor estava na minha sombra. Como bons amigos, ou mais que isso, como irmãos.

Melissa se despediu do tio Pedro e da tia Mari. Lilian fez o mesmo e depois caminhou na minha direção.

— Oi — seu sorriso me desmontou.

— Oi — gaguejei.

Lilian me deu um beijo no rosto que fez todo o meu corpo pegar fogo e, para minha total surpresa, pegou minha mão, entrelaçando os nossos dedos. Ela me puxou para a saída e eu a segui, mas, antes de estarmos do lado de fora da casa, escutei um grito que me fez parar, estático.

— Opa! Opa! — Era o dindo Ranger. Eu ia morrer, ali e agora.

— Vamos bater um papinho antes de saírem.

— Pai, que mico. — Lilian bradou.

Ela cruzou os braços na frente do corpo e eu tentei achar minha voz para responder ao meu padrinho. Acho que ele já estava acostumado com as atitudes da filha. Todos estavam, ela era um furacão ambulante. Já metera eu e o Vitor em mais problemas do que poderíamos contar.

Lilian saiu batendo as botas, um pouco brava. Eu observei enquanto descia as escadas. Senti uma mão no meu ombro e cheguei à conclusão de que talvez um ataque de ansiedade não fosse tão ruim. Talvez eu pudesse enganá-lo e evitar a morte lenta e dolorosa. Quando virei o rosto, encontrei meu padrinho me encarando. *Que Deus tenha piedade da minha alma!* Se antes eu suava, naquele momento quase jorrava água pelos poros.

— Quer dizer que vocês vão juntos? Tipo... juntos?

Apontou para mim e para a Lilian, que já estava sobre o cavalo.

Eu assenti.

— Aham! — Foi o máximo que consegui dizer.

— Se você magoar ela, eu torço o seu pescoço como o de um frango. Estamos entendidos? — Mais uma vez minha cabeça balançou, concordando com ele. A última coisa que eu faria na vida seria magoar minha morena. — Espero que você não seja como o safado do seu pai...

Neguei com a cabeça.

— Não, senhor.

— Duvido muito.

Meu pai não tinha boa fama mesmo. Ele só sossegara quando encontrara minha mãe. Antes disso, era um pegador de primeira. Todo mundo não se cansava de repetir, e o dindo já tinha me contado várias histórias dos dois.

— Cuida da Mel, Vitor — escutei o tio Pedro dizer para o meu amigo, antes de sairmos. — Confio em você, hein.

— Pode deixar, tio Pedro. — Então se virou para a prima. — Ordens do seu pai, Melzinha. Vou ficar de olho em você a noite toda.

Melissa lançou um olhar mortal para o Vitor, mas ele não recuou. Na verdade, parecia feliz com a missão.

— Obrigada, pai — disse ela, irônica. — O Vitor já não larga do meu pé mesmo sem você pedir, imagina agora. Por que não me tranca em casa? Acho que me divirto mais do que com esse insuportável na minha cola.

Não era possível que ninguém percebesse que aqueles dois viviam em pé de guerra por um único motivo: eram apaixonados um pelo outro. Melissa era a grande paixão do

Vitor e também seu maior tormento. Ele nunca aceitara o que sentia e, por isso, reprimia havia muito tempo o amor que nutria pela prima de segundo grau — a tia Mari, mãe da Melissa, era prima do padrinho Lucas, o que complicava tudo ainda mais. Os sentimentos dela também não passavam despercebidos. *E eu que achava que minha situação era difícil...*

Mel passou por nós como um furacão, juntando-se a Lilian, que já esperava impaciente. Eu e o Vitor descemos logo em seguida e montamos em nossos cavalos.

Passamos ao lado da plantação de girassóis. Eram tantas flores que os olhos não podiam enxergar o fim. Naquele dia não havia quase ninguém na fazenda, mas, durante a semana, ela era tomada por pacientes, crianças e adolescentes, que usufruíam do tratamento oferecido pelo Centro de Reabilitação Girassol, um dos mais conceituados centros de equoterapia do país.

Em certo momento, Lilian estendeu a mão e passamos a cavalgar lado a lado. Eu a seguia, sentindo a paixão inflamar meu peito.

Lembrei dos meus pais. De como se amavam. A imagem da minha mãe sorrindo enquanto meu pai a abraçava inundou a minha mente. Sabia que meu pai dissera que eu não precisava me parecer com ninguém, mas se podia desejar algo nessa vida, era um amor como o deles. Se eles haviam conseguido superar todos os obstáculos para viver esse sentimento, eu também o faria. Lutaria pela Lilian, esquecendo minha timidez, o fato de sermos amigos desde criança e de nossos pais serem quase irmãos. Eu a amava e, se havia algo que aprendera com Henrique e Sílvia, é que o amor é o único sentimento realmente capaz de transformar o mundo.

Agradecimentos

Terminar um livro nunca é fácil, sempre me pergunto se estou no caminho certo e se minhas palavras conseguirão tocar o coração de alguém. Fico apreensiva, ansiosa e aflita pela resposta de vocês, leitores. E quando ela vem, *uau!*, meu coração explode de alegria. As críticas, os comentários, os elogios e os incentivos são o que me fazem querer continuar. O amor de vocês por minhas histórias é o que mantém viva essa chama em meu coração.

Escrevo por vocês e para vocês. E sempre será assim.

Agradeço, mais uma vez, ao meu time do coração, que caminhou junto com Henrique e Sílvia: Karol Oliveira, Luziana Lima, Vanessa Fiorio e Giseli Bernardes.

Meu muito obrigada aos autores Danilo Barbosa e Manu Torres.

Agradeço aos blogueiros, pelo apoio em todos esses anos. Assim como aos livreiros, aqui representados por Daniel Machado.

Roberta Pantoja, obrigada por não me abandonar. Meus sonhos seriam apenas sonhos se não fosse sua fé em mim.

Pai, Mãe, Naninha e Paulo, obrigada por aquecerem meu coração com o mais puro amor.

Apollo, meu maior desejo é que, um dia, você sinta orgulho de mim.

Mamãe te ama.



ROSANIA ALVES PIMENTEL
SOLINSKI/ESTÚDIO FOTO NOVA COLOR

CAMILA MOREIRA tem 29 anos, é taurina e mãe do Apollo. Goiana de nascimento e mato-grossense de coração, formou-se em direito e começou a escrever nas horas vagas, no final de 2013. Estreou no mundo literário com *O amor não tem leis* e *O amor não tem leis — O julgamento final*, que tiveram repercussão internacional: Camila foi citada pelo jornal americano *The Washington Post* como referência da nova literatura erótica brasileira. Em 2015, lançou *8 segundos* e, em 2016, *Minha melodia*. Camila vive em Lucas do Rio Verde com o “namorado” e o filho.

Copyright © 2017 by Camila Moreira

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA Thiago de Barros

IMAGEM DE CAPA Jacoblund/ iStock

PREPARAÇÃO Natalia Engler

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-438-1035-5

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

Autora do
best-seller
TODA SUA

SYLVIA DAY

Um beijo selvagem

EXCLUSIVO PARA E-BOOK;
SÉRIE RENEGADE ANGELS

1 1 1 1

Um beijo selvagem

Day, Sylvia

9788580869774

61 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novela gratuita da série Renegade Angels, de Sylvia Day, autora best-seller do New York Times e da Veja e que já vendeu mais de 12 milhões de exemplares.

O vampiro Raze perdeu suas asas por ser um grande sedutor. E é o único dos Caídos que nunca encontrou uma parceira. Mas ter conhecido Kimberly McAdams parece ter mexido com ele. Ela é inteligente, linda, rica e, por algum motivo

inexplicável, se interessa por Raze.

Depois de passarem uma noite inesquecível juntos, ele percebe que encontrou em Kim algo de especial. Será que este amor será maior do que as diferenças que existem entre eles?

[Compre agora e leia](#)

para as
SOLTEIRAS,
com amor

(PORQUE TODO MUNDO JÁ FOI UM DIA)

JULIA FARIA

Para as solteiras, com amor

Faria, Julia

9788543810614

280 páginas

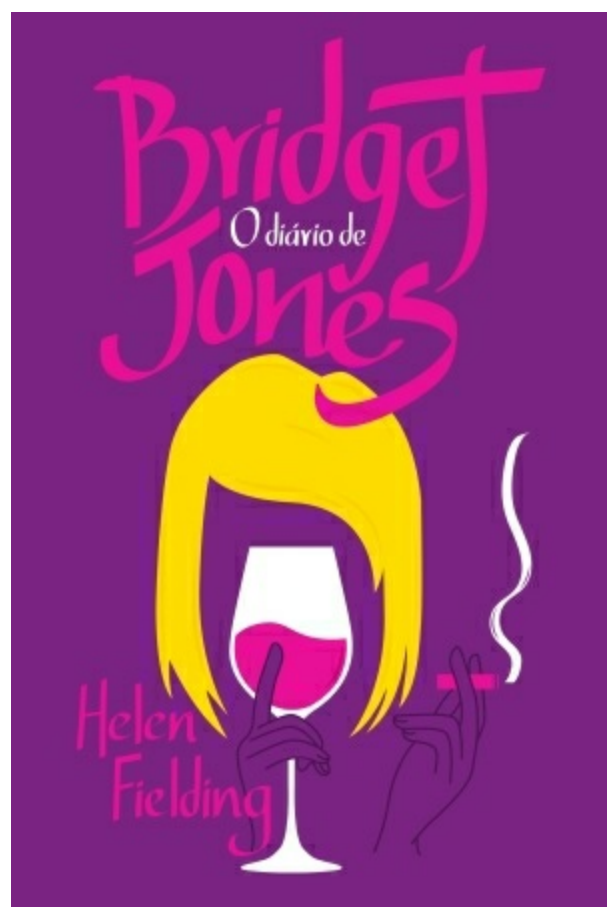
[Compre agora e leia](#)

**Quem mergulha dentro de si
emergir; mais completo, pronto para viver
uma linda história de amor com outra
pessoa ou no aconchego da própria
companhia.**

Estar solteira
pode ser muito divertido e libertador, mas muitas
mulheres deparam com diversos tipos de
insegurança quando estão sozinhas.
Neste seu primeiro livro, a atriz e digital influencer
Julia Faria defende que o foco principal delas
nesse momento precisa ser conhecer melhor a si
próprias, e não outras pessoas.

Sô assim conseguirão encontrar suas caras-metades (se assim desejarem).
Os delicados textos aqui reunidos ajudam a refletir sobre o que esperar de um relacionamento e a lidar com o fim inevit&acut;vel de alguns deles. Sempre com bom humor, a autora faz uma necess&acut;ria investigação do mundo do flerte e seus c&ocut;digos.
Mais do que um livro para quem est&acut; (ou esteve) solteira, a estreia de Julia Faria &eacut; uma defesa da autoestima feminina. Sem ela, mostra a autora, não existe final feliz.

[Compre agora e leia](#)



O diário de Bridget Jones

Fielding, Helen

9788543806792

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Bridget Jones j´ ´ uma personagem querida por milhões de leitores. Seja pelas desventuras amorosas ou pelos problemas com os pais, ´ muito fâcil se identificar (e se encantar) com a personagem criada por Helen Fielding. Nesta nova edição comemorativa dos vinte anos de lançamento do primeiro livro, os fãs antigos terão a chance de reencontr´-la e os novos leitores descobrirão uma paixão por este cl´ssico!
Bridget continua atual e

afiada como nunca: uma personagem tão
perfeitamente imperfeita para ajudar todos
aqueles que já se sentiram incapazes de
tomar as rédeas da própria vida.

[Compre agora e leia](#)



FERNANDO
FERNANDES

COM PABLO MIYAZAWA

INQUEBRÁVEL

A história do atleta
que se reinventou
depois de perder
o movimento
das pernas

Inquebrável

Fernandes, Fernando

9788543810041

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Diante de uma tragédia, existem pessoas que transformam um golpe brutal em suas existências numa oportunidade de se reinventar.

Julho de 2009. Prestes a embarcar para a Itália, onde desfilaria como modelo por uma grife de luxo, Fernando Fernandes sofreu um acidente de carro. Como consequência, ele quebrou a coluna e perdeu os movimentos das pernas.
Agosto de 2010, pouco mais de um ano e um mês depois do acidente. Fernando sagrou-se campeão mundial de paracanoagem na

Polônia.
Escrito com o jornalista Pablo Miyazawa, este livro é um relato emocionante que mostra como um jovem apaixonado por esportes não se deixou abater por uma tragédia e se transformou num exemplo nacional. Incluindo trechos impactantes do diário que Fernando escreveu no hospital dias depois da batida de carro, Inquebrável é uma hist&oria de resiliência, fé e, sobretudo, confiança no pr&oprio potencial.

[Compre agora e leia](#)



TRABALHANDO JUNTOS

HOMENS E MULHERES
INTELIGENTES,
COLABORANDO E VENCENDO

BARBARA ANNIS
& JOHN GRAY

DO AUTOR DE
"HOMENS SÃO
DE MÃRTEZ
MULHERES
SÃO DE VÊNUS"

Trabalhando juntos

Gray, John

9788580868692

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Muitas vezes, as mulheres sentem que precisam trabalhar mais do que os homens para provar seu valor. Já os homens acham que as mulheres perguntam muito, são sensíveis demais e atrapalham as decisões. Em *Trabalhando juntos*, John Gray (autor de *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*) e Barbara Annis analisam de forma clara e objetiva os pontos cegos entre homens e mulheres no ambiente de trabalho. Você poderá dar uma espiada na mente do sexo oposto e descobrir a raiz de tantos equívocos e mal-entendidos, aprendendo a

eliminar os ruídos e a transmitir sua mensagem com eficiência máxima.

[Compre agora e leia](#)